

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**MATHIAS INACIO SCHERER**

**"CONSTRUÇÃO E REFORMA: VIVA A COPA E ADEUS AO TORCEDOR!  
MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS EM PORTO ALEGRE EM TEMPOS DE  
POLÍTICAS NEOLIBERAIS, 1989-2011"**

Orientador: Professor Doutor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**MATHIAS INACIO SCHERER**

**"CONSTRUÇÃO E REFORMA: VIVA A COPA E ADEUS AO TORCEDOR!  
MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS EM PORTO ALEGRE EM TEMPOS DE  
POLÍTICAS NEOLIBERAIS, 1989-2011"**

Dissertação de mestrado apresentada  
ao Programa de Pós-graduação em História da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial para obtenção de  
grau de Mestre em História.

Orientador: Professor Doutor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**MATHIAS INACIO SCHERER**

"CONSTRUÇÃO E REFORMA: VIVA A COPA E ADEUS AO TORCEDOR!  
MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS EM PORTO ALEGRE EM TEMPOS DE  
POLÍTICAS NEOLIBERAIS, 1989-2011"

Banca Examinadora:

---

Profº. Drº. Gilmar Mascarenhas de Jesus.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

---

Profº. Drº. Gerson Wasen Fraga.

Universidade Federal da Fronteira Sul / Campus Erechim

---

Profº. Drº. Arlei Sander Damo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

Profº. Drº. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (Orientador).

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### CIP - Catalogação na Publicação

Scherer, Mathias Inacio  
"Construção e Reforma: viva a copa e adeus ao torcedor! Modernização dos estádios em Porto Alegre em tempos de políticas neoliberais, 1989-2011" / Mathias Inacio Scherer. -- 2017.  
239 f.  
Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. História Social do Futebol. 2. Estádios de futebol. 3. Modernização. 4. Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense . 5. Sport Club Internacional. I. Guazzelli, Cesar Augusto Barcellos, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

*É raro o torcedor que diz: “Meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje”.  
Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que  
empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores  
sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música.*

**EDUARDO GALEANO. O torcedor.**

*Quem tem consciência para ter coragem  
Quem tem a força de saber que existe  
E no centro da própria engrenagem  
Inventa contra a mola que resiste  
Quem não vacila mesmo derrotado  
Quem já perdido nunca desespera  
E envolto em tempestade, decepado  
Entre os dentes, segura a primavera*

**SECOS E MOLHADOS, Primavera nos Dentes**

## RESUMO

A partir das décadas de 1980-90, os estádios de futebol começaram a passar por profundas transformações arquitetônicas na Europa; nos anos 2000, essas transformações também começaram a ocorrer nos estádios brasileiros, principalmente por conta dos Mega-eventos que o país sediaria. Estas transformações nos estádios, a partir de reformas ou novas construções, buscando a chancela da FIFA para um dito padrão de qualidade (Padrão FIFA), acaba por influenciar em uma mudança do perfil do público frequentador dos estádios e conseqüentemente, a alteração da maneira de torcer. Para tanto, procurou-se focar a lente de análise nos estádios dos dois principais clubes de Porto Alegre, *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* e *Sport Club Internacional*, buscando-se perceber o processo de elitização dentro desses espaços, assim como as mudanças no comportamento de seu público frequentador, decorrentes das transformações em seus equipamentos.

**Palavras Chaves:** História Social do Futebol, estádios de futebol, Modernização, Processo Civilizador, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional.

## ABSTRACT

From the 1980s and 1990s, football stadiums began to undergo profound architectural changes in Europe; in the 2000s, these transformations also began to occur in the Brazilian's stadiums, mainly due to the Mega-events that the country would host. These transformations in the stadiums, starting with reforms or new constructions, seeking the seal of FIFA's standard of quality (FIFA Standard), ends up influencing a change in the profile of the public of the stadiums and consequently changing the way of supporting their teams. In order to do so, we sought to focus the analysis lens in the stadiums of the two main clubs of Porto Alegre, *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* and *Sport Club Internacional*, searching to understand the process of elitisation within these spaces, as well the changes in behavior of its public, resulting from the changes in its equipment.

**Key Words:** Football History, Stadiums, Modernization, Civilizing Process, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense and Sport Club Internacional.

## AGRADECIMENTOS

Primeiro, quero agradecer às seguintes instituições: a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), agência que financiou a realização desta pesquisa, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade, no qual desenvolvi toda minha trajetória intelectual e acadêmica desde a graduação em História.

Agradeço aos membros da banca, professor Arlei Damo e Gerson Fraga, que fizeram valiosas críticas e indicações ainda na etapa de qualificação; ao professor Gilmar Mascarenhas, que prontamente aceitou fazer parte da avaliação desta pesquisa. Este último, que ajudou a dar o pontapé em minha trajetória de pesquisa sobre os estádios, quando respondeu a um questionamento que fiz ao final de uma palestra em 2009. Por último, respeitando a distância, como diria o professor Guazzelli, agradeço a ele, que abriu espaço para a pesquisa, me orientando e aconselhando desde os tempos de graduação, quando iniciei a caminhada como seu bolsista de Iniciação Científica. *Muchas gracias* Guazzelli.

Aos meus familiares, principalmente aos meus pais, Luiz Inácio, Mônica Clotilde (em memória) e Maria Verônica, que deram todo o suporte possível e imaginável para meu desenvolvimento. À tia Cata, para qual não existe tempo ruim.

Aos jogadores e companhas do Heródoto Futebol Clube/07, com os quais pude viver as maiores glórias futebolísticas dentro das canchas, valeu: Bob, Gamba, Pablito, Samuel, Gaulês, Raul, André e Alemãozinho.

Aos companheiros e companheiras que encontrei durante este longo caminho da universidade, alguns já estão distantes, outros nem tanto. Todo mundo com quem convivi dentro do Projeto de Educacional Alternativa Cidadã, aqueles e aquelas que lutam e acreditam em uma Universidade cada vez mais plural e popular, em especial ao Zé Humberto.

Ao trio especial: Samuel, que mesmo distante me faz muito bem com sua amizade; ao Antônio “Topinho”, como grande goleiro, ajudou e ajuda a segurar todas broncas (im)possíveis; e ao Alejandro, que nos últimos tempos tornou-se o mais próximo amigo, de quem tenho muito orgulho de dizer que conheço, não tenho palavras ou gestos pra agradecer pelos últimos auxílios principalmente na revisão da pesquisa. Muito obrigado por compartilharem suas vidas comigo.



A Livia Gallo, que me chamou para dançar naquela manhã de 2013, e que desde então, como na música, “só sei dançar com você”. Tu és fundamental e indispensável, nossa convivência é preciosa, obrigado por tudo.

Enfim, são muitas e muitos que de alguma forma fizeram parte deste trabalho. Cabe apenas um grande obrigado.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. <i>Campo da Baixada</i> .....	148
Imagem 2. <i>Segundo pavilhão do estádio da Baixada entre 1918-1944</i> .....	149
Imagem 3. <i>Vila Caiu do Céu ficava no lugar do futuro Olímpico</i> .....	153
Imagem 4. <i>Inauguração do Olímpico em 1954</i> .....	155
Imagem 5. <i>Planta Estádio Olímpico</i> .....	157
Imagem 6. <i>Estudo de revitalização da área do estádio Olímpico</i> .....	163
Imagem 7. <i>Setores da Arena</i> .....	166
Imagem 8. <i>Estádio dos Eucaliptos</i> .....	174
Imagem 9. <i>Construção do estádio Beira-Rio</i> .....	178
Imagem 10. <i>Charge sobre a Coréia</i> .....	179
Imagem 11. <i>Primeira imagem do projeto de modernização</i> .....	183
Imagem 12. <i>Arquibancadas do Projeto Gigante para Sempre</i> .....	195
Imagem 13. <i>Mapa da setorização do Beira-Rio</i> .....	196
Imagem 14. <i>Visão do setor Popular Gigantinho</i> .....	205
Imagem 15. <i>Visão do setor Popular Placar</i> .....	206

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Valor da Cota de transmissão do Campeonato Brasileiro</i> .....	143
Tabela 2. <i>Brasil. Salário mínimo nominal e necessário</i> .....	198
Tabela 3. <i>Grêmio: valores dos ingressos Campeonato Brasileiro</i> .....	202
Tabela 4. <i>Internacional: valores dos ingressos Campeonato Brasileiro</i> .....	203
Tabela 5. <i>Grêmio: Relação salário mínimo com ingresso mais barato</i> .....	209
Tabela 6. <i>Internacional: Relação salário mínimo com ingresso mais barato</i> .....	210

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. <i>Receita Bruta 2005 – Internacional</i> .....	133
Gráfico 2. <i>Receita Bruta 2006 – Internacional</i> .....	134
Gráfico 3. <i>Receita Bruta 2007 – Internacional</i> .....	134
Gráfico 4. <i>Receita Bruta 2008 – Internacional</i> .....	135
Gráfico 5. <i>Receita Bruta 2009 – Internacional</i> .....	135
Gráfico 6. <i>Receita Bruta 2010 – Internacional</i> .....	136
Gráfico 7. <i>Receita Bruta 2011 – Internacional</i> .....	136

Gráfico 8. <i>Receita Bruta 2006 – Grêmio</i> .....	137
Gráfico 9. <i>Receita Bruta 2007 – Grêmio</i> .....	137
Gráfico 10. <i>Receita Bruta 2008 – Grêmio</i> .....	138
Gráfico 11. <i>Receita Bruta 2009 – Grêmio</i> .....	138
Gráfico 12. <i>Receita Bruta 2010 – Grêmio</i> .....	139
Gráfico 13. <i>Receita Bruta 2011 – Grêmio</i> .....	139
Gráfico 14. <i>Distribuição de rendimentos médios</i> .....	198
Gráfico 15. <i>Preço médio do ingresso mais barato Campeonato Brasileiro</i> .....	200
Gráfico 16. <i>Arrecadação com bilheteria Campeonato Brasileiro</i> .....	201
Gráfico 17. <i>Público total em milhões</i> .....	202
Gráfico 18. <i>Preço do ingresso mais barato Campeonato Brasileiro</i> .....	204
Gráfico 19. <i>Ingresso mais barato</i> .....	207

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1. ECONOMIA S.A.: NEOLIBERALISMO, ECONOMIA DO ESPORTE E ESTÁDIOS .....</b>	<b>32</b>
1.1. Neoliberalismo: mercantilização da vida .....	32
1.1.1. A mercadoria e seu Deus .....	36
1.1.2. Financeirização da economia .....	37
1.1.3. Balanço do modelo .....	40
1.2.1. A Federação Internacional .....	41
1.2.2. Prazer, Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange .....	43
1.2.3. O patrimônio da Empresa .....	46
1.2.4. Megaeventos e Meganegócios .....	48
1.3.1. Esporte, futebol e economia .....	51
1.3.2. A mídia entra em cena .....	54
1.3.3. Brasil entra em campo .....	57
a) Propaganda na Camiseta .....	58
b) Clube dos 13 e o Campeonato de 1987 .....	60
c) Ministros camisa 10: Lei Zico e Lei Pelé .....	62
d) Campeonato Brasileiro de Futebol: era dos pontos corridos .....	65
<b>CAPÍTULO 2. VELHOS E NOVOS ESTÁDIOS NOVAS E VELHAS EMOÇÕES?</b>	<b>70</b>
2.1. Um Histórico dos Estádios .....	70
2.1.1. Do estádio moderno ao padrão FIFA .....	74
2.1.2. Estádios Brasileiros .....	80
2.1.3. O Estádio como local de experiência, memória, história .....	85
2.2. Modernizar as antigas catedrais .....	95
2.2.1. Caderno de Encargos da FIFA .....	101
2.2.2. Estatuto do Torcedor e Código de Defesa do Consumidor .....	103
2.2.3. Relatório Paz no Esporte .....	108
2.2.4. Juizados Especiais Criminais JECrim .....	111
2.2.5. Restrição de Bebida nos Estádios .....	116
2.3. O espetáculo futebolístico como ritual .....	119
2.4. Torcedor, espectador, frequentadores, assistente: O que é o Torcer? .....	122

2.5. O torcedor, torce! O sócio participa! E sócio torcedor? .....	127
2.5.1. Novos Torcedores .....	130
2.5.2. Dinheiro da televisão .....	131
2.5.3. Televisão Fechada .....	140

**CAPÍTULO 3. GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE E SPORT CLUB INTERNACIONAL .....** 143

3.1. “ATÉ A PÉ NÓS IREMOS”: Arena do Grêmio .....	145
3.1.1. Fortim da Baixada .....	146
3.1.2. Estádio Olímpico, o Monumental .....	150
3.1.3. Arena do Grêmio .....	158
3.2. “LEVAS ÀS PLAGAS DISTANTES, FEITOS RELEVANTES”: O Gigante Para Sempre, novo Gigante da Beira-Rio .....	169
3.2.1. A chácara dos Eucaliptos .....	169
3.2.2. O Beira-Rio: a boia cativa .....	176
3.2.3. “O Gigante Para Sempre” .....	180
3.3. PREÇOS DOS INGRESSOS: A Dupla Gre-Nal .....	197
3.3.1. A expansão da base: alguns apontamentos sobre a pirâmide social brasileira durante décadas de 1990 e 2000 .....	197
3.3.2. Quanto custa o jogo .....	199

**CONSIDERAÇÕES FINAIS .....** 211

**FONTES .....** 216

**BIBLIOGRAFIA .....** 225

## INTRODUÇÃO

Os anos de transição entre a década de 1980 e 1990 foram marcados por um movimento de reformas ou construções de estádios ao redor do mundo, inicialmente desenvolvidos nos centros mais ricos do futebol europeu. Estas construções foram guiadas a partir de um novo conceito para os espaços do futebol, o conceito de arenas multiuso. Este movimento de renovação estava colocado no bojo de uma complexa transformação “relacionada a mudanças mais amplas da sociedade capitalista, que propuseram novas formas de organização social e concepções sobre a sociedade”.<sup>1</sup> O trabalho desenvolvido e agora apresentado está inserido dentro destes processos.

A presente pesquisa pretende fazer uma análise sobre as mudanças ocorridas nos estádios de futebol brasileiros no período de 1989 até 2011, estudando os casos do estádio Beira-Rio, do Sport Club Internacional e Arena, do Grêmio Football Porto Alegre. A investigação busca responder as seguintes questões: como os processos de modernização e a mudança do público frequentador, influenciados pelas políticas neoliberais, colocaram em curso um *processo civilizador* nos estádios de futebol do Internacional e do Grêmio?

Ademais, outros objetivos mais específicos compõem a estrutura da pesquisa: analisar os processos de transformações arquitetônicas do estádio Beira-Rio 1989-2011; relacionar os projetos da Arena e do Beira-Rio (Gigante para Sempre) dentro da lógica das novas diretrizes da FIFA para Copa do Mundo; analisar a partir dos novos modelos de estádios um novo comportamento e mudança de hábitos dos seus frequentadores; analisar a mudança do perfil do público frequentador dos estádios antes da reforma no caso Beira-Rio e do novo estádio da Arena.

Um dos pontos principais é o entendimento do futebol como um importante agente no processo civilizador<sup>2</sup>, pois através das transformações dos estádios conseguimos compreender uma série de movimentos que expressam tensões internas e externas ao estádio, ou seja, vivências tanto das pessoas quanto da sociedade, e que refletem sua influência no futebol, tensões internas e externas ao estádio.

O futebol moderno, assim como o conhecemos hoje, é um esporte inglês por excelência, e seu contorno foi dado ainda no século XIX, quando os próprios súditos da rainha institucionalizaram suas regras e práticas, integrando a Associação de Futebol

---

<sup>1</sup> CRUZ, Antônio Holzmeister Oswaldo. **A virada econômica do futebol**. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010, p.15.

<sup>2</sup>ELIAS, Norbert. Introduccion. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio em El proceso de La civilizacion**. Fondo de Cultura Económica. México. 1992.

(Football Association), e submetendo o jogo a uma racionalização e organização de torneios que inicialmente se restringiam aos meios escolares, logo após espalhando-se por outras regiões e nações<sup>3</sup>, levados principalmente pela força do imperialismo inglês. O esporte conquistou diversos adeptos, não apenas na Europa, mas também nos países da América do Sul, como o Uruguai, a Argentina e o Brasil. No nosso país, não restam dúvidas quanto ao triunfo do esporte, que costuma ser conhecido mundialmente como o “país do futebol” ou, como definiria o escritor Nelson Rodrigues, “a pátria em chuteiras<sup>4</sup>”.

O esporte bretão tornou-se um importante fenômeno social da contemporaneidade. A partir do estudo do futebol enquanto fato social, logo, objeto da história e ciências sociais, podem ser percebidas quantidades significativas de mudanças e transformações político-culturais. Há muito a perspectiva do futebol enquanto objeto de alienação ou como “ópio do povo” já foi defrontada e derrotada. Em recente artigo, Giglio e Spaggiari conseguiram mapear e catalogar uma intensa e variada produção acadêmica das ciências sociais sobre futebol no Brasil, durante 1990-2009, com 52% dos trabalhos de mestrado e doutorado cerrados nas áreas da Educação Física (83), Ciências Sociais (69) e História (36).<sup>5</sup> Isso sem contar os inúmeros livros, artigos, dossiês temáticos e grupos de pesquisa que são desenvolvidos nas universidades brasileiras<sup>6</sup>.

Os estádios de futebol, objeto da pesquisa aqui proposta, “são os centros nevrálgicos das tardes de domingo<sup>7</sup>”, palco do espetáculo e dos acontecimentos onde ocorre a junção das mais diferentes camadas, da estratificação social da cidade, tais como o comerciante, o operário ou o aposentado, que se tornam espectadores, integrando-se enquanto torcedores por tomarem conjuntamente o espaço das arquibancadas durante o tempo que antecede, constitui e sucede a partida. Porém, nele também estão colocadas as divisões sociais e contradições econômicas da sociedade. Os estádios são o local privilegiado quando se tenta traçar uma história do futebol – eles estão presentes nas paisagens das cidades assim como as escolas, hospitais, praças e igrejas. São as próprias “catedrais de nossos tempos<sup>8</sup>”. Além do mais, são extraordinários espaços de

---

<sup>3</sup>GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo, Nova Alexandria, 1999.

<sup>4</sup>RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

<sup>5</sup>GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. **A produção das Ciências Humanas sobre futebol: um panorama (1990-2009)**. Revista de História (USP), v. 163, p. 293-350, 2010, p. 309.

<sup>6</sup>Ibidem, p. 296-297.

<sup>7</sup>MARCOS, Ruth. **Impacto de las grandes construcciones deportivas en las ciudades**. In: [http://www.ub.edu/escult/Water/waterf\\_06/W06\\_05.pdf](http://www.ub.edu/escult/Water/waterf_06/W06_05.pdf) n. 6, setembro 2004. p. 386-425. Acessado em 11/11/2013. p. 8.

<sup>8</sup>BALE, John. **Sport, space and the city**. London: Routledge, 1993.

sociabilidade entre torcedores dos clubes e de seleções. Como destaca o historiador Christopher Gaffney:

Os estádios nos são importantes porque são lugares onde compartilhamos nossas emoções em comum em um lugar em comum e em um limitado espaço de tempo. Entretanto, estádios também já foram lugares de tragédias, assassinatos e repressão. Eles representam e reproduzem desigualdades políticas e econômicas<sup>9</sup>.

Todavia, nos últimos anos, os estádios, no Brasil e no mundo – assim como o futebol em seu todo – passam por uma grande transformação de concepção, deixando este último de ser apenas uma prática esportiva, um objeto de lazer ou fuga nos finais de tarde para os trabalhadores. Desde a década de 1980, “[...] o futebol tem se transformado em uma rentável indústria, está experimentando um crescimento constante nas suas finanças e lucros”<sup>10</sup>. Não por acaso, temos neste período a ascensão de duas importantes marcas para consolidação do esporte bretão como produto, a partir da noção dos espetáculos esportivos como um produtos da cultura de massa e é moldado como esporte-espetáculo<sup>11</sup> em um momento da criação de um consenso neoliberal e pelo qual o esporte passa por uma “virada comercial”, que é a fase em que agentes e agências passam a perceber o futebol como uma mercadoria altamente vendável e lucrativa e que se pode criar todo um mercado em seu entorno.

Para esta conjunção de transformações temos alguns elementos fundamentais que precisam ser analisados. Primeiro temos o de fundo mais conjuntural, que é a ascensão de uma doutrina conhecida como neoliberalismo e que será “transformada na diretriz central do pensamento e da administração econômica”<sup>12</sup>. O neoliberalismo teve como uma das principais marcas “um amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida a indústrias básicas como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e a água<sup>13</sup>”. Na América Latina, buscou incessantemente privatizar os mais básicos e essenciais direitos dos cidadãos e, ao conseguir fazer isso com a saúde e a

---

<sup>9</sup>GAFFNEY, Christopher. **Temples of the Earthbound Gods: Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires**. USA: University of Texas Press, 2003, p. 03.

<sup>10</sup>CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. **A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, p. 77.

<sup>11</sup>PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa**. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, p. 15.

<sup>12</sup>HARVEY, David. **O Neoliberalismo história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 12.

<sup>13</sup>ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo, in: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Orgs.). **Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, p. 03.



educação, não teve dificuldades maiores em tornar o esporte das multidões um produto também monopolizado. E é sobre isto que se refere o segundo ponto.

A partir da década 1980, a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) impulsionada principalmente pelo seu novo presidente, o brasileiro João Havelange<sup>14</sup> (presidente da entidade de 1974 até 1998), resolveu iniciar uma “nova cruzada” pelo mundo, na tentativa de comercializar o futebol para todos os cantos do globo. Ou, nas próprias palavras do mandatário, “vender um produto chamado futebol”<sup>15</sup>. Deste modo, a FIFA buscou ser, simultaneamente a entidade que administra a regra do jogo e supervisiona a sua correta aplicação. É a maior promotora do crescimento econômico do futebol, fazendo principalmente com que ele se torne o mais lucrativo possível<sup>16</sup>. A expressão mais bem-acabada da tentativa de venda deste “produto chamado futebol” é a Copa do Mundo de Seleções Nacionais, um megaevento esportivo de uma única modalidade, “altamente lucrativo para as agências que as promovem ou, em sentido inverso, são promovidas com esta convicção”<sup>17</sup>. A Copa ocorre de quatro em quatro anos rodando o mundo atrás de novos mercados. Produziu assim um novo tipo de difusão do futebol, baseado em interesses políticos e principalmente comerciais<sup>18</sup>.

Seguindo o modelo de rotatividade dos países-sede para Copa do Mundo FIFA, a entidade anunciou, em março de 2003, que o torneio seria realizado na América do Sul. Em abril de 2007, a Federação Colombiana de Futebol enviou carta à FIFA renunciando da decisão de se lançar como país-sede. A primeira desistência foi em 1982, para sediar o mundial de 1986 (Colômbia havia sido escolhida como sede no congresso da FIFA de setembro de 1974 em Frankfurt), após o país não aceitar as exigências da FIFA, que queria que o país disponibilizasse 12 estádios com capacidade mínima de 40 mil lugares para jogos da primeira fase, 60 mil para a segunda e 80 mil para a final. O Estado colombiano prevendo que não teria condições financeiras para arcar com as exigências declinou, e em

---

<sup>14</sup>João Havelange promoveu durante seu período da presidência da FIFA o aumento no número de seleções na disputa de seu principal campeonato. A partir da Copa do Mundo de 1998 na França, o certame sofreu um inchamento de seleções de vinte e quatro para trinta e duas com aumento substantivo da participação de representantes do continente asiático e africano, onde, respectivamente, ocorreu o aumento de três para cinco e de duas para quatro seleções.

<sup>15</sup>GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2004, p. 143.

<sup>16</sup>CRUZ, Antônio Holzmeister Oswald., Op. Cit.

<sup>17</sup>DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006, p. 39.

<sup>18</sup>MASCARENHAS, Gilmar. Cultura, globalização e futebol: comentários a partir do filme A copa. In: MELO, Victor Andrade de; ALVITO, Marcos. (orgs.). **Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

seu lugar o México assumiu a sede do mundial de 1986. Na segunda ocasião, em que desistiu da candidatura para 2014, a Colômbia apoiou à candidatura brasileira. Após a desistência, o Brasil passou a ser o único candidato e foi oficialmente escolhido como sede da competição em outubro do mesmo ano.

É neste contexto que se inserem os dois principais objetos da pesquisa. O primeiro estádio, Beira-Rio, do Sport Club Internacional, inaugurado em 06 de abril de 1969, que passa por um processo de modernização. Para se transformar no Gigante para Sempre, e assim estar apto para atender as demandas da FIFA para receber jogos da Copa do Mundo. A modernização foi desenvolvida pelo clube em parceria com a construtora Andrade Gutierrez, multinacional brasileira com negócios em variados ramos da economia. O segundo é a Arena, o recém-inaugurado (2012) estádio do Grêmio Football Porto Alegrense, que foi construído em substituição da sua antiga casa – o Olímpico Monumental, inaugurada em 19 de setembro de 1954 – através de uma parceria entre o clube e a construtora OAS (OAS Arenas), conglomerado brasileiro com atuação em construção civil nos continentes americano e africano.

Sem dúvida, o futebol é o esporte de maior aceitação entre os brasileiros, mas mesmo isso não foi suficiente para afastar as polêmicas sobre a sua prática. O futebol produziu opiniões controversas entre intelectuais brasileiros do início do século XX. Enquanto o escritor Graciliano Ramos afirmava contundentemente que o “futebol é fogo de palha<sup>19</sup>” ou “o futebol não pega, tenham certeza”, o seu contemporâneo, o escritor paraibano José Lins do Rego, afirmava: “o conhecimento do Brasil passa pelo futebol”. Ao que parece a primeira hipótese foi desmantelada e a segunda é a que talvez ainda deva ser “comprovada” pelas pesquisas nos mais diversos campos do conhecimento.

Nos últimos anos, a temática esportiva e, sobretudo, a futebolística, vem ganhando cada vez mais destaque dentro da agenda acadêmica. A produção de trabalhos de mestrado e doutorado sobre o assunto aumentou expressivamente a partir dos primeiros anos do século XXI<sup>20</sup>, quebrando assim uma hegemonia de “trabalhos da literatura de memorialistas e curiosos que sem deixar de ter sua importância, produzem uma visão permeada de subjetividade acrítica e de reprodução de mitos<sup>21</sup>”, e por isso acabam deixando de lado o rigor científico e a análise crítica do objeto.

---

<sup>19</sup>A frase aparece no texto *Traços a Esmo*, de 1921, publicado em *O Índio*, do município de Palmeira dos Índios-AL. Graciliano utilizou o pseudônimo de J. Calisto.

<sup>20</sup>GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico., Op. Cit., p. 313.

<sup>21</sup>RIBEIRO, L. C. **O futebol no campo afetivo da história**. Movimento (UFRGS), Porto Alegre, v. 10, p. 99-111, 2004, p. 100.

Na atualidade, podemos extrapolar a proposição de José Lins do Rego e dizer que o conhecimento do mundo em tempos de globalização passa por um estudo mais refinado e sensível do futebol. Este é, afinal, o produto esportivo dominante da indústria do espetáculo, que alcança todo o planeta e faz aproximadamente um bilhão de pessoas pararem em frente a uma tela para assistir a uma partida de final de Copa do Mundo. Conforme destacam Drummond e Alvito, o futebol é hoje uma chave de apreensão “de questões tão variadas quanto a identidade nacional, a questão racial, a cultura operária, a religião, a sexualidade e as questões de gênero, o novo capitalismo e o império da mercadoria”<sup>22</sup>. Isso demonstra o quão imbricado ele está na sociedade e quão ampla é a gama de abordagem que ele proporciona ao ser tomado como objeto de estudo<sup>23</sup>. Para a discussão deste farto campo, sejam em aspectos teóricos ou metodológicos, é preciso impreterivelmente passarmos pela interdisciplinaridade<sup>24</sup>.

Como afirma o escritor uruguaio Eduardo Galeano:

“Um vazio assombroso: a história oficial ignora o futebol. Os textos de história contemporânea não o mencionam, nem de passagem, em países onde o futebol foi e continua sendo um símbolo primordial de identidade coletiva”<sup>25</sup>.

É a partir dessa reflexão que entendo o quão importante e necessário se faz pensar a história do Brasil tendo o futebol como objeto de análise. O historiador Eric Hobsbawm definiu o futebol como um “produto cultural mundial” e que “foi o esporte que o mundo tornou seu”<sup>26</sup>. O futebol no Brasil precisa deixar de ser apenas jogado, utilizado como meio de diversão e competição e, começar a ser pensado<sup>27</sup>. Sonegar esta lacuna do conhecimento histórico coaduna-se com um vazio explicativo que respalda e propicia a manutenção da passividade social perante processos elitizantes, antidemocráticos e excludentes.

O sociólogo Mauricio Murad, apresenta o futebol

como segmento da cultura, é a síntese dinâmica da estrutura social maior e, portanto, uma via de acesso privilegiada para a investigação sociológica acerca das forças sócio históricas dominantes na realidade brasileira. É eloquente objeto de estudo e caminho direto para a compreensão da lógica interna da rede

---

<sup>22</sup>Victor Andrade de Melo (Org.) ; ALVITO, Marcos (Org.), Op. Cit., p. 07.

<sup>23</sup>RIBEIRO, L. C., Op. Cit., p. 99.

<sup>24</sup>Ibidem, p. 104.

<sup>25</sup>GALEANO, Eduardo., Op. Cit., p. 256.

<sup>26</sup>HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O Breve Século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 197.

<sup>27</sup>FRANCO JR., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007, p. 11.

de relações que forma a vida brasileira. Por isso, a Universidade não pode continuar distanciada deste (e de outros também) notável laboratório de análise, sem o que fica difícil eliminar sua mácula ideológica mais perversa<sup>28</sup>.

A partir dos parâmetros expostos por Murad, compreendemos o futebol como uma importante ferramenta não apenas para investigação sociológica, mas especialmente para a investigação histórica do Brasil, ou como destaca Norbert Elias, “*Nosotros estábamos muy conscientes de que el conocimiento acerca del deporte lo era también de la sociedad.*”<sup>29</sup>. Através da gênese do futebol, ou do esporte, podemos ter uma visão mais ampla das mudanças ocorridas nos hábitos sociais dos povos e das sociedades que os formam sendo ele uma parte importante do processo civilizador<sup>30</sup>. Segundo Richard Guilianotti: “no mundo contemporâneo do futebol as mais importantes questões políticas de espaço dizem respeito ao acesso e ao controle dos espaços que se realizam os jogos<sup>31</sup>”.

É partido disto que pretendo estudar a “virada econômica” pela qual passou o futebol nos anos 1980, não apenas no Brasil, mas também no mundo, por meio da qual os estádios acabam servindo como um espaço privilegiado de análise, pois eles são um dos melhores exemplos a transformação: que mercantilizou o futebol como um produto de alto valor de mercado<sup>32</sup>.

Nas últimas décadas, os estádios foram afetados pela mentalidade mercadológica que dominou o futebol. É nestes espaços que a Copa do Mundo FIFA tenta explorar ao máximo o potencial consumidor do torcedor. Os próprios clubes vislumbram o estádio como uma futura fonte de renda. Esta visão não pode conceber os estádios como um simples palco de massas e emoções, ele se coloca além. De acordo com Ruth Marcos,

*Dejando el punto romántico de estas grandes construcciones deportivas, se puede afirmar, sin duda, que el estadio hoy en día es una máquina generadora de consumo y de riqueza, para los que viven del estadio y para los que acuden cada fin de semana. Muchos negocios giran alrededor de los estadios, desde los más sencillos puestos de comida o textiles con la marca del equipo, hasta los grandes centros comerciales, pasando por hoteles, gimnasios, parkings e etc.*<sup>33</sup>

---

<sup>28</sup>MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça. Elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 61.

<sup>29</sup>ELIAS, Norbert, 1992a, Op. Cit., p. 31.

<sup>30</sup>Idem

<sup>31</sup>GIULIANOTTI, Richard., Op. Cit., p.107.

<sup>32</sup>FRANCO JR., Hilário., Op. Cit., p. 125.

<sup>33</sup>MARCOS, Ruth., Op. Cit., p. 09.

No Brasil, “o processo da ‘virada dos 80’, período da inserção plena do esporte ao capitalismo<sup>34</sup>”, foi acentuado principalmente a partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000, momento no qual as entidades esportivas como o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e governos municipais se candidataram como sedes de grandes eventos esportivos e conquistaram o direito de sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007, os Jogos Olímpicos de 2016 e a Copa do Mundo FIFA de 2014. Estas ações de candidaturas devem ser compreendidas para além de tentativas isoladas de entidades de organizar estas grandes competições. Existe uma meta clara de política pública dos governos no Brasil neste início de século que é a de sediar, organizar e promover estes grandes eventos esportivos<sup>35</sup>. Os grandes eventos esportivos receberam muitos incrementos durante as últimas décadas, eles estão na ordem do dia. A luta para conquistar o direito de sediar certames esportivos tem envolvido esforços monumentais de atores públicos e privados na constituição de projetos audaciosos e grandiosos que sejam capazes de tornarem as cidades e países grandes centros globais por determinado período. “Sem dúvida, organizar megaeventos esportivos tornou-se, neste início de século, uma meta explícita de política pública no Brasil<sup>36</sup>”.

Os grandes eventos esportivos, ou megaeventos esportivos, fez parte da sociedade brasileira por mais de uma década, um ciclo que se iniciou com o Pan-Americano de 2007 e só foi finalizado em 2016 com os Jogos Olímpicos de verão. Porém, se levarmos em conta o período anterior, o de candidatura, mais o posterior, alguns anos após 2016, a palavra megaevento possivelmente reverberará e principalmente influenciará o cotidiano de pelo menos uma geração de brasileiros. A sua organização envolve um emaranhado contingente de agentes e instituições, de instâncias públicas e privadas, sem contar as volumosas quantias de dinheiro público e privados que afluirão como causa ou consequência destes grandes negócios impulsionados pelo esporte que prometem deixar muitos legados futuros para o país-sede.

A História não deve se furtar de exercer sua análise e crítica sobre o tema. Este não pode ser negligenciado, mesmo sendo esta uma temática da atualidade. O historiador é dono de uma abordagem própria, a qual dotará o processo de uma temporalidade, irá

---

<sup>34</sup>MASCARENHAS, Gilmar. **Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje.** in: DEL PRIORI, Mary e MELO, Victor Andrade de. (orgs) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.** São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 506.

<sup>35</sup>Idem.

<sup>36</sup>MASCARENHAS, Gilmar, BIENENSTEIN, Glauco e SANCHEZ, Fernanda (org). **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades.** Rio de Janeiro: ed. Uerj, 2011, p. 19.

relacioná-los com eventos precedentes e contribuirá à temática com a especificidade de sua análise. Cabe à História do Tempo Presente – história do nosso próprio tempo, do tempo do historiador<sup>37</sup> – fazer seus apontamentos claros, sempre utilizando os conhecimentos e ferramentas característicos do historiador.

O recorte temporal da pesquisa corresponderá aos anos de 1989 até 2011. A primeira data guarda dois fatos fundamentais, neste ano ocorreu o Consenso de Washington, um programa de ações de reforma que visavam um rigoroso programa de ajuste econômico para sanar a crise da dívida externa, onde os países periféricos contraíam empréstimos, condicionados a partir da adesão de ajustes macroeconômicos e estruturais da economia, com organismos internacionais como FMI (Fundo Monetário Internacional), Departamento de Estado dos EUA e outros, mesmo que muitos países tenham assistido um crescimento acentuado da sua dívida pública (EUA passou de 35% em 1975 para 70% do PIB em 1995<sup>38</sup>).

Após uma série de encontros e reuniões entre políticos, economistas latino-americanos, diretores do FMI, Banco Mundial, Tesouro Americano e Banco Interamericano de Desenvolvimento, foram estabelecidas diretrizes como: disciplina fiscal, reforma tributária, diminuição dos gastos públicos, privatizações de empresas estatais, liberalização da economia, reforma cambial, abertura para o capital estrangeiro, desregulamentação da economia e uma série de outras medidas características do neoliberalismo<sup>39</sup>. Usando a expressão de David Harvey, o mundo capitalista mergulhou na “neoliberalização” como resposta para a crise capitalista que iniciou nos anos setenta após os choques do petróleo no Oriente Médio<sup>40</sup>.

O segundo fator é que 1989 foi ano ímpar para as mudanças de diretrizes dos estádios. Em abril deste mesmo ano ocorreu o desastre de Hillsborough, que vitimou aproximadamente uma centena de torcedores do Liverpool Football Club (a equipe disputava partida válida pela semifinal da Taça da Inglaterra), esmagados contra as grades de proteção do estádio. Uma das consequências dessa tragédia foi a organização de uma investigação e de um documento, conhecido como Relatório Taylor. Este tentava estabelecer as causas do acontecido e principalmente recomendações futuras nas

---

<sup>37</sup>HOBBSAWM, Eric. O presente como história. In: HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>38</sup>PIRES, Marcos Cordeiro. **A nova ordem mundial e o "Consenso de Washington"**. Revista Novos Rumos, São Paulo, v. 1, p. 20-29, 2006, p. 22.

<sup>39</sup>Idem, p. 26-27.

<sup>40</sup>HARVEY, David, 2005, Op. Cit.,

instalações dos estádios, sendo um dos estopins na transformação dos mesmos: “o período pós-Hillsborough foi parte de uma conjuntura mais ampla e mais pró-europeia do futebol do Reino Unido e das políticas em geral<sup>41</sup>”.

Quanto a 2011, corresponde ao ano do projeto da Arena, o moderno estádio do Grêmio, construído com todos os predicados exigidos pela FIFA em suas novas arenas multiusos, a primeira do país. Há também neste ano a edição de um documento por parte do Ministério do Esporte, *o guia de recomendações de parâmetros e dimensionamentos para segurança e conforto em estádios de futebol*, que recomenda como os estádios devem ser construídos. Este documento e o projeto da Arena serão utilizados como fontes primárias para o trabalho.

No Brasil, os estudos relacionados à história do esporte, podem ser divididos em cinco fases. A primeira ocorre ainda na virada do século XIX para o XX, onde os trabalhos são esforços de preservação da memória, redigidos por ex-praticantes ou jornalistas e adeptos que acompanharam o desenvolvimento de algumas modalidades como o turfe, onde a análise crítica não se fazia tão presente. O segundo momento contempla o período entre 1920-1930, quando surge uma inquietação com a história da educação física e da ginástica. A terceira fase abrange os decênios de 1940-1980, quando ocorre um aumento da produção, com destaque para Inezil Penna Marinho<sup>42</sup>, que escreve a história a partir dos padrões da escola metódica, e ficou marcado pelo seu investimento especial na história do Brasil, emprego de fontes diversificadas e sua erudição característica. O quarto momento abarca a década 1980 e é marcado pela inspiração marxista, tendo como característica a crítica e redimensionamento dos estudos anteriores. Por último, temos a quinta fase, a partir da década de 1990, momento em que ocorre uma maior sistematização e institucionalização das pesquisas e estudos com uma configuração melhor definida da história do esporte como um campo de investigação autônomo<sup>43</sup>.

O importante livro do jornalista Mario Filho<sup>44</sup>, “O negro no futebol brasileiro”, escrito em 1947, dentro da terceira fase, pretendia fazer a genealogia do esporte no Brasil e explicar a forma como negros ingressaram no futebol carioca do início do século 20,

---

<sup>41</sup>GIULIANOTTI, Richard, Op. Cit., p. 116.

<sup>42</sup>Reconhecido como um dos maiores intelectuais da educação física brasileira.

<sup>43</sup>MELO, V. A.; COSTA, M. S. D. ; Fortes, Rafael ; SANTOS, J. M. C. M. **Pesquisa Histórica e história do esporte**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 32-35.

<sup>44</sup>RODRIGUES, Nelson. Op. Cit..

desenvolvendo uma forte interação com as reflexões de Gilberto Freyre sobre uma possível singularidade do jeito brasileiro de jogar futebol<sup>45</sup>.

Um exemplo recente de livro que aborda a história do futebol no Brasil é *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*, livro resultante da tese de doutorado do historiador Leonardo Pereira<sup>46</sup> que aborda o início da história do futebol no Rio de Janeiro nos anos referidos, escrevendo sobre a chegada do esporte ao Brasil, passando pela sua aceitação e sedimentação entre a população. Em suma: a passagem do Football - um jogo estrangeiro e de elite, para o futebol – um esporte de massa praticado pela população brasileira em geral.

A obra *A dança dos Deuses*, do historiador medievalista Hilário Franco Junior, é tida como uma das melhores obras sobre futebol, e é dividido em duas partes. A primeira é uma divisão histórica, onde em quatro capítulos são abordados aspectos da formação e desenvolvimento do futebol na Europa e no Brasil. A segunda é centrada na história temática com ênfase em aspectos religiosos, psicológicos, sociológicos, antropológicos e linguísticos. Destaco os subcapítulos da primeira parte que fazem uma análise histórica e econômica dos períodos do início dos anos 90 em diante, pois é neste momento que as políticas neoliberais são pautadas na Europa e no Brasil. Segundo o autor, é neste mesmo momento que o futebol é transformado em “um negócio mundial”, sujeito às mesmas lógicas de mercado e às “flutuações”<sup>47</sup>, como qualquer negócio.

*Veneno Remédio; o futebol e o Brasil*, do professor de literatura da USP, José Miguel Wisnik<sup>48</sup>, é um livro sofisticado sobre futebol. Ele é dividido em quatro capítulos, sendo o segundo e o terceiro os mais significativos para a presente proposta de pesquisa. Nestes tópicos ele faz uma discussão sobre a história do futebol e sobre o futebol brasileiro. É no último capítulo que ele desenvolve a ideia de uma “futebolização do mundo”<sup>49</sup>. A partir dos anos noventa o futebol entra em uma nova época conjuntamente com a história; a globalização faz com que o esporte ganhe presença mundial, e de grande atração, virando um “veículo ideal da mercadoria”<sup>50</sup>, ou seja, chegar a todos os lugares do globo torna-se um importante produto de venda: “Mais do que todos os outros

---

<sup>45</sup>MELO, V. A.; COSTA, M. S. D. ; Fortes, Rafael ; SANTOS, J. M. C. M., Op. Cit., p. 35.

<sup>46</sup>PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

<sup>47</sup>FRANCO JR., Hilário., Op. Cit., p. 120.

<sup>48</sup>WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>49</sup>Ibidem, p. 356.

<sup>50</sup>Ibidem, p. 351.



fenômenos de massa, o futebol é centrífugo e centrípeto: atinge as bordas mais distantes e reporta-se ciclicamente a ritos centralizados, em escala regional, nacional e mundial<sup>51</sup>”.

Uma das melhores contribuições sobre o estádio de futebol nos seus aspectos gerais é o texto do historiador norte-americano Christopher Gaffney<sup>52</sup>: *Temples of the Earthbound Gods: Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*, fruto da sua tese de doutoramento. Gaffney faz uma análise geral, tenta pensar e problematizar os estádios tanto na teoria quanto na prática. Coteja as remodelações feitas nos estádios, a partir dos anos noventa, com as adoções do “modelo de estádio *all-seater* que foi adotado tanto pela FIFA como pela UEFA em 1995”, arquétipo no qual todos os torcedores deverão assistir sentados às partidas, o que possibilitaria um maior “controle da multidão<sup>53</sup>”. Este novo modelo está sendo disseminado pelo mundo inteiro, tendo sua origem na Europa, principalmente na Inglaterra e EUA, em virtude da Copa do Mundo de 1994 e Eurocopa de 1996, chegando aos estádios da Ásia, África e América do Sul, logicamente influenciados pelos eventos internacionais realizados pela FIFA.

Cabe ainda citar algumas obras acadêmicas, como a tese do historiador Marcelo W. Proni<sup>54</sup>, *Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa*, que aborda a transformação do futebol após a adoção de métodos empresariais na gestão do futebol profissional, questão fundamental da transformação do mundo esportivo, sendo isto produto da indústria do entretenimento e da globalização.

Os trabalhos do historiador Antônio Holzmeister Oswaldo Cruz, tanto a sua dissertação<sup>55</sup> quanto a sua tese<sup>56</sup> são importantes para compreender a nova fase do futebol mundial e brasileiro, tanto a inserção do futebol no mercado como um bem passível de lucro, quanto os novos modelos de estádios que estão sendo construídos mundialmente, bem como as mudanças estruturais pelas quais estão passando, principalmente em países como Brasil, Argentina e Alemanha, destacando uma nova fase, “o estádio não é mais uma arena esportiva, mas sim um vetor de consumo<sup>57</sup>”.

Por último, cabe mencionar duas pesquisas de menor fôlego, trabalhos de conclusão de curso, mas não menos importantes, sobre os estádios e mudanças ocorridas

---

<sup>51</sup>Ibidem, p. 351.

<sup>52</sup>GAFFNEY, Christopher. Op. Cit.

<sup>53</sup>Ibidem, p.12.

<sup>54</sup>PRONI, Marcelo Weishaupt., 1998, Op. Cit.

<sup>55</sup>CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo, 2005, Op. Cit.

<sup>56</sup>CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo, 2010, Op. Cit.

<sup>57</sup>Ibidem, p.15.

no futebol durante as últimas décadas. O Trabalho de Eduardo Minossi de Oliveira<sup>58</sup> sobre geografia urbana e intitulado: *Do campo à arena : a transformação do papel dos estádios de futebol na dinâmica urbana em Porto Alegre, dos anos 1950 aos dias de hoje*, e de Delene de Souza Gastal<sup>59</sup>, no campo da história e intitulado: *Clubes, estádios e torcidas : a elite e o “povão” na história do Sport Club Internacional*.

No primeiro, o geógrafo busca analisar como o futebol se consolida como produto principal da indústria internacional do entretenimento, bem como a necessidade dos governos promoverem a organização de megaeventos para reestruturar as cidades. Observa mudança de função dos estádios durante a primeira metade do século XX e seu deslocamento geográfico e de função no início do século XX, principalmente a partir das arenas multiuso.

Quanto ao segundo trabalho, a pesquisadora direcionou seus esforços com o intento de traçar um possível processo de reelitização do futebol brasileiro, utilizando o Sport Club Internacional e seu estádio Beira-Rio como estudo de caso. Através da pesquisa, a autora busca compreender as modificações pelas quais o futebol brasileiro está passando, processo este que teria se iniciado na Europa durante as décadas de 1980 e 1990.

Esses autores são parte importante para o desenvolvimento da pesquisa, pois suas obras possibilitam o vislumbre e problematização de questões sobre o futebol e os estádios que ainda estão silenciadas ou pouco esclarecidas. Eles servem de ponto de partida para a futura investida sobre um estudo mais detalhado acerca das mudanças e modernizações que ocorreram durante a década de 1980 e 2000 no futebol e principalmente nos estádios.

Para o desenvolvimento da pesquisa, três conceitos são fundamentais: Neoliberalismo, Modernização e Processo Civilizador. Este trio, à primeira vista, pode não se conectar, porém, com um exame um pouco mais apurado, é possível perceber uma intensa ligação. Quando analisamos as transformações ocorridas nos estádios durante as últimas décadas, percebemos que o discurso que impulsiona a *modernização* dos estádios está diretamente relacionado à conjuntura política e econômica do período, o

---

<sup>58</sup>OLIVEIRA, Eduardo Minossi de. **Do campo à arena: a transformação do papel dos estádios de futebol na dinâmica urbana em Porto Alegre, dos anos 50 aos dias de hoje**. Porto Alegre. Monografia (Graduação) – Bacharelado em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

<sup>59</sup>GASTAL, Delene de Souza. **Clubes, estádios e torcidas: a elite e o “povão” na história do Sport Club Internacional**. Porto Alegre. Monografia (Graduação) – Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

*neoliberalismo*. E, por conseguinte a modernização e a modernidade dialogam com a ideia de um *processo civilizador*.

Quanto ao neoliberalismo, utilizarei o conceito desenvolvido por dois autores: Perry Anderson e David Harvey. Para Anderson, o neoliberalismo “nasceu no pós-segunda guerra sendo uma reação ao Estado intervencionista e de bem estar social”, entretanto, suas ideias só começaram a ganhar força após a crise do modelo econômico de 1973, mais precisamente em 1979, com Thatcher na Inglaterra, em 1980 com Reagan nos Estados Unidos da América, e na América Latina, com o governo Pinochet nos anos 70. Se estendeu pelas décadas de 1980 e 1990 com características comuns, tais como desregulamentação, desemprego massivo, repressão sindical, políticas de incentivo fiscal e privatizações. O processo de privatização pelo qual o próprio futebol passa ocorre neste período, onde a FIFA passa a deter a exclusividade dos direitos de quase todos os campeonatos de futebol, a única exceção sendo os campeonatos feminino e masculino de futebol olímpico.

David Harvey compartilha do conceito de neoliberalismo formulado por Anderson, sobre sua origem, desenvolvimento, localização e características, colocando ainda o neoliberalismo associado ao ideal de *globalização*. Esta conceituação contribui para compreender o momento temporal e espacial de onde estas políticas econômicas foram efetuadas, uma vez que são harmônicas com o tempo e espaço do presente objeto de análise.

Os autores franceses Pierre Dardot e Christian Laval, que apresentam o neoliberalismo “como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência”<sup>60</sup>. Onde ainda o neoliberalismo não sendo apenas uma ideologia ou um exemplo de política econômica, mas fundamentalmente uma racionalidade que procura ao mesmo tempo organizar as atuações dos governantes e a comportamento dos governados.<sup>61</sup> Tal qual “um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e todas as esferas da vida”<sup>62</sup>.

Quanto ao conceito de modernização, Marshall Berman, no livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, propõe um estudo entre a dialética da modernização e do

---

<sup>60</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016, p.17.

<sup>61</sup> Idem

<sup>62</sup> Ibidem

modernismo. Ele divide a modernidade em três fases: a primeira do início do século XVI até o fim do século XVIII; a segunda começa com a onda revolucionária de 1790 até final do século XIX; e a terceira e última fase corresponde ao século XX. Segundo Berman: “é neste período que a modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento”<sup>63</sup>. É durante o século XX que ocorre o desenvolvimento do futebol, ele se transforma num esporte de massa e é transportado do continente europeu, disseminando-se pelo mundo. Sendo este o espaço temporal em que a pesquisa está delimitada. Como podemos observar, o fenômeno de modernização dos estádios iniciou-se na Europa para só depois chegar à América no princípio da década de 90, concomitantemente ao pensamento neoliberal instaurado pelos governos dos países da América do Sul.

Berman constantemente compara a modernidade e seus efeitos atuais com a modernidade do século XIX, pois esta volta ao passado é ao mesmo tempo uma forma de crítica às modernidades atuais assim como uma fé nas modernidades e nos homens e mulheres modernos. Segundo ele, é importante, para entendermos a modernidade do século XX, estarmos atentos ao que ocorreu durante o XIX, propondo assim uma continuidade entre a modernidade.

Um século depois, quando o processo de modernização desenvolveu uma rede da qual ninguém pode escapar, nem no mais remoto canto do mundo, podemos aprender de maneira considerável com os primeiros modernistas, não tanto sobre o seu, mas sobre o nosso próprio tempo.

Conforme Berman, a modernização assume diferenças entre o ocidente desenvolvido e o oriente, e em países de terceiro mundo, sendo que nestes últimos a modernização é truncada e não consegue se desenvolver plenamente. Ele faz referência a Paris de Baudelaire e São Petersburgo de Dostoievski. Podemos pensar isso para o Brasil e, mais claramente, para o presente objeto de pesquisa (estádio). O autor usa o Palácio de Cristal, onde as pessoas jogariam todas suas esperanças, sonhos e fantasias, como se essa construção fosse a linha divisória entre o antigo e o moderno. Isto é, muito parecido com o esperado para os estádios, onde após mudanças estruturais e com a modernização uma série de problemas enfrentados, principalmente pelos clubes e torcedores, serão resolvidos. Quando retratadas pelos principais órgãos da mídia, elas são apresentadas

---

<sup>63</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que e solido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1997, p. 09.

como transformações benéficas para o clube e os torcedores. Por exemplo: o clube poderá arrecadar mais verbas com estacionamentos, lojas, restaurantes e outros pontos de consumo. E para os torcedores termos locais mais seguros e espaços mais confortáveis.

As mudanças vão além dos próprios estádios, elas atingirão a cidade e o país como um todo. Desde as Olimpíadas de 1992 na cidade de Barcelona, ocorreu a formação de um consenso sobre os benefícios e modernização que poderão ser alcançados com competições esportivas de grande vulto. As realizações dos Megaeventos são “tomadas como alavancas para a dinamização da economia local e sobre tudo, para redefinir a imagem da cidade no competitivo cenário mundial”<sup>64</sup>. O legado de Barcelona em 1992 é justamente calcado em modelos que juntam grandes empresas privadas com governos locais, legitimando parcerias público-privadas (PPPs), que buscam fortalecer um modelo de Estado e gestão municipal diretamente ligado à experiência catalã, experiência esta que referencia um modelo de planejamento e desenvolvimento das cidades baseados na lógica de mercado. Giddens propõe a modernidade como tendo caráter institucional, sendo constituída pelo capitalismo, industrialismo, controle da informação, supervisão social e do poder social. Estes seriam os agentes constitutivos da modernidade. Esta definição se coloca importante para o desenvolvimento da pesquisa porque entendo que a modernização levada a cabo é fortemente influenciada pelo capitalismo, no caso as políticas neoliberais. Para Giddens “uma das principais consequências da modernidade é a globalização”<sup>65</sup>.

O sociólogo Norbert Elias propôs um estudo das relações humanas de forma processual, tanto em micro quanto em macro social, sem deter uma visão estática das configurações sociais, sempre procurando percebe-las em processo de formação e transformação. Segundo Elias, as sociedades ocidentais europeias passaram por um longo “processo civilizador”, que foi marcado por um vasto conjunto de mudanças pelos quais as estruturas sociais e os *habitus* dos seus membros transformaram-se no que são atualmente.

“a norma social de conduta e de sentimentos, sobretudo em alguns círculos das classes altas, começou a mudar de maneira bastante pronunciada a partir do século XVI e em uma direção muito concreta. A regulamentação da conduta e dos sentimentos tornou-se mais estrita, mais diferenciada e abrangente, mas também mais equilibrada e moderada, pois eliminou os excessos de autocastigo e autoindulgência. Esta mudança achou expressão em um novo termo cunhado por Erasmo de Roterdã e que se empregou em muitos outros

---

<sup>64</sup> MASCARENHAS, G. . **A cidade e os grandes eventos olímpicos: uma geografia para quem?** . Lecturas Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. Año 8, n.78, 2004.

<sup>65</sup> GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991

países como símbolo do novo refinamento de costumes: o termo civilidade que logo deu origem ao verbo civilizar. Investigações posteriores assinalaram como provável o fato de que os processos de formação dos Estados\*, os agrupamentos de nobres nas cortes dos países europeus estivessem relacionados de alguma forma com essa mudança no código sentimental e de conduta.”<sup>66</sup>

Neste sentido, Elias, em seu conceito de *processo civilizador*, entende processo como uma transformação contínua e de longo prazo, no jeito de pensar, atuar e de sentir das pessoas. É justamente um longo caminho onde ocorrem mudanças na maneira dos indivíduos de se portar em comunidade, que acabam se arraigando no inconsciente dos mesmos, de tal modo que sua execução acaba por se tornar algo natural. Essas mudanças de comportamento se deram principalmente na tentativa de represar os próprios instintos e impulsos, primeiramente através da coerção externa e logo depois passando para uma coerção interna. Sucede durante o “processo civilizador uma mudança muito específica nos sentimentos de vergonha e delicadeza. Muda o padrão do que a sociedade exige e proíbe. Em conjunto com isto, move-se o patamar do desagrado e medo, socialmente instilados”<sup>67</sup>.

As mudanças comportamentais advindas deste novo momento dos estádios já são perceptíveis, uma vez que podemos perceber algumas transformações de comportamento e de conduta dos frequentadores dos estádios. Segundo Giulianotti, “os estádios foram pioneiros na utilização de câmeras para vigilância do público”, deste modo, as autoridades conseguiam fiscalizar e reprimir os torcedores que cometiam atos considerados impróprios. Uma das principais maneiras de torcer e comemorar no ambiente das torcidas é através de gritos, urros e cânticos, todos em movimentação e principalmente em pé e aos pulos. Uma das principais características impostas pela FIFA aos novos estádios é a colocação de cadeiras em todo o estádio, impondo novas maneiras de comportamento durante as comemorações.

Conforme destaca Jacques Le Goff, o historiador do tempo presente precisa se preocupar metodologicamente com as seguintes operações: avaliar o acontecimento com profundidade histórica, revelar criticidade e os métodos adequados sobre as fontes; e precisa não apenas contar e descrever os fatos, mas sim explicá-los, hierarquizá-los e integrá-los numa longa duração e em uma problemática. O historiador deve utilizar uma

---

<sup>66</sup> ALVITO, Marcos. **Norbert Elias, quem diria, explica o futebol parte I – O processo civilizador**. Novembro de 2015. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/norbert-elias-quem-diria-explica-o-futebol-parte-i-o-processo-civilizador/>

<sup>67</sup> Elias, Norbert. **O Processo Civilizador – Uma História dos Costumes (vol. 1)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 14.

perspectiva global e de processo histórico, assim abrangendo a história como um processo e não apenas um fragmento isolado. Daí decorre o fato de utilizarmos fontes da FIFA e documentos europeus (Relatório Taylor) cruzando-os com documentos brasileiros para entender as modificações dos estádios como uma questão global, que transborda para o continente americano e conseqüentemente para o Brasil, sempre referenciando o período das fontes, o momento histórico no qual cada material foi produzido.

Metodologicamente, serão utilizados documentos oficiais produzidos tanto pelas agências do futebol (FIFA e CBF) como pelo governo brasileiro. Sobre o processo de modernização dos estádios são utilizados documentos oficiais gerados pela FIFA, como *Estádios de Futebol: Recomendações e Requisitos Técnicos* de 2011 e *Football Stadiums Technical Recommendations and Requirements* de 2007; documentos confeccionados pelo Ministério do Esporte, como o *Guia de Recomendações de Estádios* e o relatório desenvolvido pela Comissão Paz no Esporte, denominado *Preservar o Espetáculo, Garantindo a Segurança e o Direito à Cidadania*, que ficou a cargo de Marco Aurélio Klein. Esta comissão foi fruto do esforço conjunto do Ministério da Justiça e do Ministério dos Esportes e criada em 2004, a partir de decreto do ex-presidente Luís Inácio “Lula” da Silva, que origina a inicialmente denominada “Comissão Nacional de Prevenção da Violência para a Segurança dos Espetáculos Esportivos”.

Através destas serão perceptíveis mudanças nas recomendações de como construir um estádio, principalmente as diretrizes visando a Copa do Mundo. Com os projetos dos clubes, será possível analisar o quanto foram influenciados pelas novas imposições da FIFA. Para o estudo de caso sobre o processo de transformação do estádio Beira-Rio e a construção da nova Arena, serão utilizados como base projetos arquitetônicos do novo Beira-Rio “Gigante para Sempre” e projeto “Arena do Grêmio, 2011”.

As implementações de leis sobre o esporte no cenário nacional são interessantíssimas para notarmos tendências mundiais de modernização que chegam ao país e são introduzidas via Estado. Sobre a legislação nacional acerca do esporte, e mais especificamente do futebol, existem a Lei nº 8.672/93 (Lei Zico), Lei nº 9.615/1998 (Lei Pelé) e Lei nº 10.671/2003 (Estatuto do Torcedor). As duas primeiras leis serviram para adaptar o futebol brasileiro às necessidades da mundialização do futebol capitaneadas pela FIFA e para subsidiar o futebol aos anseios empresariais do capital industrial e financeiro, nacional e internacional.

A década de 1990 foi caracterizada pela dominação imposta pelo mercado sobre os setores que gerenciavam o futebol brasileiro. Conjetura esta que ficou nítida a partir da formulação da Lei Zico (nº 8.672/93) e da Lei Pele (nº 9.615/1998), pois elas destinavam-se a arrebentar os obstáculos que haviam sido desenvolvidos pelo Estado com o intuito de abrir o futebol aos interesses do mercado de capitais financeiros. Aqui vemos aquela premissa do neoliberalismo atacar sorrateiramente o mito do Estado mínimo, o Estado se mostrou forte e presente, tendo ação fundamental para catapultar a “modernização esportiva”, abrindo o futebol para a lógica de mercado.

O material da imprensa escrita será utilizado como O material da imprensa escrita será utilizado como documentação complementar para a pesquisa. Esses documentos serão utilizados como fontes para cruzar informações e adicionar detalhes temporais sobre as transformações dos estádios, além de acrescentar elementos próprios da pesquisa em imprensa escrita. Os periódicos consultados dão conta de informações como, por exemplo, os resultados de alguns jogos, valores dos ingressos e quantidade de público por partida. Será feito o levantamento dos valores de ingressos, principalmente a sua variação absoluta durante o período e a variação por setores. Outro dado importante é a quantidade de ingressos para cada setor do estádio e a respectiva mudança durante os anos, identificando em quantos setores eram divididos os anéis superiores e inferiores do estádio. O levantamento de preços é recolhido com base nos valores dos ingressos do primeiro jogo em Porto Alegre de cada campeonato brasileiro.

Ao trabalhar com jornais é preciso ter alguns cuidados, assim como qualquer outro tipo de fonte. Deve-se proceder uma leitura cuidadosa e intensa sobre a fonte, examinar vários números de exemplares, procurando a repetição de ideias no decorrer do material, “buscando aquilo que, pela repetição de suas aparições ao longo dos textos, se ressalte como significativo e exemplar para sua análise”. Faz-se necessário a utilização concomitante de outra fonte junto ao jornal, na tentativa de testar, e principalmente com o uso de bibliografia, ajudar a contextualizar os fatos. A notícia no jornal não pode ser creditada como verdade absoluta, é preciso ter clareza que “ela é uma leitura feita por alguém sobre um fato acontecido”<sup>68</sup> e está carregada de subjetividades do autor. Portanto é mister tentar notar as ausências e principalmente fazer a leitura da notícia nas entre linhas, isto é, buscar pela subjetividade.

---

<sup>68</sup> FRAGA, Gerson Wasen. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2009, p.17.



## CAPÍTULO 1

### ECONOMIA S.A.: NEOLIBERALISMO, ECONOMIA DO ESPORTE E ESTÁDIOS

Neste primeiro capítulo será apresentada a relação entre o momento histórico da crise estrutural do capitalismo, a partir de meados da década de 1970, e o conseqüente desenvolvimento do neoliberalismo em esfera mundial como cenário propício para a emergência da mercantilização do futebol, coadunado com os esforços promovidos pela FIFA e o então presidente da entidade, o brasileiro João Havelange, que através de parcerias com a televisão e outras empresas patrocinadoras, potencializou a transformação do futebol em produto rentável e o advento dos megaeventos.

Após, será feita a discussão sobre a importância da economia do esporte e nos movimentos que levam ao seu crescimento, sobretudo questões relativas ao futebol e o papel exercido pela mídia. Prossigo discutindo e inserindo o futebol brasileiro dentro destas mudanças rumo a uma mercantilização do futebol a partir da década de 1980.

#### 1.1. Neoliberalismo: mercantilização da vida

Em meados da década de 1970, após a ocorrência de uma crise estrutural<sup>69</sup> do capitalismo, entramos em um novo momento histórico, “época da globalização ou mundialização do capital, caracterizada pelo predomínio de políticas neoliberais”<sup>70</sup>. Sempre é temerário tentar delimitar a origem de um fenômeno complexo como o neoliberalismo. Contudo, o ato político conhecido como “golpe de 1979”, quando Paul Volcker, que recém tinha assumido a presidência da Reserva Federal dos Estados Unidos (FED), tomou uma série de medidas, tais como aumento da taxa de juros<sup>71</sup>, entre outras que buscavam combater a inflação, independentemente das conseqüências, principalmente referentes às taxas desemprego<sup>72</sup>, marca esse início.

A ideia e vocábulo “reforma” sempre teve a sua essência ligada aos embates dos subalternos, os debaixo, que buscavam transformar a sociedade e, por conseguinte, foi apropriada politicamente num sentido fortemente progressista e de esquerda. Porém, o ideário neoliberal se apropriou da noção de “reforma”, rompendo com o seu antigo sentido progressista. As medidas propostas e implementadas foram retratadas falsamente

---

<sup>69</sup> MÉSZÁROS, István. A crise estrutural do capital. São Paulo: Boitempo, 2009.

<sup>70</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. **A época neoliberal: revolução passiva ou contra-reforma?**. (In) Novos Rumos. Marília, v. 9, Nº 1, P: 117 a 126, Jan-Jun, 2012, p.117.

<sup>71</sup> DUMENIL, Gerard e LEVY, Dominique. **Neoliberalismo – Neo-imperialismo**. Economia e Sociedade, Campinas, v.16, n.(1). p. 1-19, abr. 2007, p. 01-02.

<sup>72</sup> HARVEY, David, 2005, Op. Cit., p.11.

como reformas, como um contraponto da forte presença do Estado (tanto na socialdemocracia europeia como na alternativa comunista) que seria a principal causadora da crise mundial. O que anteriormente era entendido como avanços, aumento de direitos, proteção social, controle e regulação do mercado, foi degenerado para supressão de direitos, restrições, ajustes, cortes.<sup>73</sup>

As chamadas “reformas” da previdência social, das leis de proteção ao trabalho, a privatização das empresas públicas etc. – “reformas” que estão atualmente presentes na agenda política tanto dos países capitalistas centrais quanto dos periféricos (hoje elegantemente rebatizados como “emergentes”) – têm por objetivo a pura e simples restauração das condições próprias de um capitalismo “selvagem”, no qual devem vigorar sem freios as leis do mercado.<sup>74</sup>

No período posterior ao final da Segunda Guerra Mundial (1945-1973), a economia capitalista passou por um período nomeado como “anos dourados”, ou, “décadas de ouro”, ou ainda, “era de ouro do capitalismo”<sup>75</sup>, momento caracterizado pelo crescimento e estabilidade econômica dos países de capitalismo avançado, em especial os países do centro da Europa, onde as políticas da socialdemocracia alcançaram importantes vitórias, tendo os trabalhadores, através de suas organizações, atingido forte incidência na correlação de forças entre o capital e o trabalho. Porém, os anos que se seguiram ao ano de 1973, após o primeiro choque do petróleo (símbolo máximo da crise de acumulação de capital<sup>76</sup>) levou a economia capitalista mundial a uma severa crise e instabilidade quase que estrutural, que culminou no aumento do desemprego e aceleração da inflação, tanto que os 1980 levaram a pecha de década perdida. Na América Latina, a conjuntura econômica se apresentou perdida: estagnação econômica e instabilidade política<sup>77</sup>, causadas principalmente pelo duplo peso imposto pela dívida e, principalmente, pela necessidade de os Estados adotarem a cartilha de políticas de ajustes impostas pelo FMI.<sup>78</sup>

“As crises financeiras dos anos 80 diferem profundamente daquelas que os países vão sofrer nos anos 90. As primeiras se explicam essencialmente pela amplitude do serviço da dívida externa e pela obrigação dos países de financiá-

---

<sup>73</sup> COUTINHO, Carlos Nelson, Op. Cit., p.122

<sup>74</sup> Ibidem, p.123.

<sup>75</sup> HOBBSAWM, Eric, 1995, Op. Cit..

<sup>76</sup> HARVEY, David, Op. Cit., 2005, p.23.

<sup>77</sup> Ibidem, p.98.

<sup>78</sup> CAMARA, Mamadou e SALAMA, Pierre. **A inserção diferenciada – com efeitos paradoxais – dos países em desenvolvimento na mundialização financeira.** Boitempo Editorial, 2005, p. 202.

la com seus próprios recursos. A segunda tem por origem restrições financeiras externas extremamente fortes.”<sup>79</sup>

É em meio a esta crise que volta à cena a figura de Friedrich Hayek<sup>80</sup> representante da escola de economia austríaca e de sua teoria da economia liberal. No pós-Segunda Guerra, a economia capitalista dos países avançados foi caracterizada pelas diretrizes de John Maynard Keynes, onde a reprodução do capital estava regulada por um compromisso entre o capital e o trabalho, que foi definido como o Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*)<sup>81</sup>. Porém, após 1973, as diretrizes de Hayek voltaram à tona como principal remédio para a crise, sob o verniz de neoliberalismo. Esta doutrina teve muita receptividade nos meios acadêmicos, onde foi desenvolvida e aperfeiçoada nas escolas de economia e administração das universidades dos EUA, com especial destaque para a faculdade de economia da universidade de Chicago (Chicago Boys) e na figura de economista estadunidense Milton Friedman<sup>82</sup> a partir das proposições lançadas por Hayek em seu livro *O Caminho da Servidão*<sup>83</sup>. Segundo Laval e Dardot, o momento de nascimento do neoliberalismo ocorreu no Colóquio Walter Lippman, realizado em agosto de 1938, em Paris, na esfera do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. O evento contou com a presença de Friedrich Hayek, Jacques Rueff, Raymond Aron, Wilhelm Röpke. Foi onde, pela primeira, vez tentou-se a organização de uma “Internacional” neoliberal.<sup>84</sup>

Entretanto, o neoliberalismo não pode ser encarado apenas quanto às suas atuações sobre a área econômica, ele é muito mais complexo, conforme Emir Sader defende:

“Me parece que o essencial é caracterizar o neoliberalismo como um modelo hegemônico. Isto é, uma forma de dominação de classe adequada às relações econômicas, sociais e ideológicas contemporâneas. Se bem ele nasce de uma crítica, antes do mais econômica, ao Estado de bem-estar, em seguida foi constituído um corpo doutrinário que desemboca num modelo de relações entre classes, em valor ideológicos e num determinado modelo de Estado.”<sup>85</sup>

---

<sup>79</sup> Ibidem, p. 212.

<sup>80</sup> Ganador do Prêmio Nobel 1974.

<sup>81</sup> AMIN, Samir. **Mundialização, crise e transição**. In. Revista Novos Rumos, v. 30, p. 73-85, 1999, p.01-02.

<sup>82</sup> Aqui cabe destacar que o Prêmio Nobel de Economia foi concedido a Hayek em 1974 e a Friedman em 1976.

<sup>83</sup> RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. **Capítulos sobre a história do século XX**. Porto Alegre: Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2013, p. 265.

<sup>84</sup> DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. Op. Cit., p.71-72.

<sup>85</sup> SADER, Emir. **A trama do neoliberalismo, mercado, crise e exclusão social**. In. SADER, E. S. (Org.) ; GENTILLI, Pablo (Org.) . Pós-neoliberalismo. As políticas sociais e o Estado democrático. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 176.

A solução era convincente, dever-se-ia manter um Estado vigoroso, forte na sua capacidade de destruir os sindicatos (o caso de Thatcher e os mineiros ingleses) e controlar o dinheiro, mas, todavia, era débil na intervenção econômica e nos gastos sociais. A meta era garantir a estabilidade da moeda e controlar a inflação, para isto os economistas defendiam que os governos deveriam gastar menos (cortes de nas áreas de bem-estar) e restaurar os níveis “naturais” de desempregos, fortalecendo o exército de reserva de trabalho, na perspectiva de romper os sindicatos, além de realizarem reformas fiscais que visavam desonerar os impostos sobre a renda e os rendimentos mais altos e consequentemente onerando o consumo.<sup>86</sup>

Esta saída não foi natural ou adotada por acaso, mas sim como resultado de uma ortodoxia ideológica que se alastrou pelo mundo, que expressou a vitória de um projeto reacionário de reorganização do capitalismo, que atraiu todas as forças da burguesia mundial.<sup>87</sup> Ou, conforme tese de Harvey, o neoliberalismo significa a reconstituição do poder de classe, mesmo sem necessariamente recompor o poder econômico das mesmas pessoas<sup>88</sup>, pois a crise estrutural, conjugada com o aumento da inflação, dilapidou a renda e a riqueza da classe capitalista. Se no início dos anos 1970 o 1% das famílias mais ricas dos EUA detinha 30% da riqueza do total da nação, já na metade da década esta porcentagem tinha caído para 22%<sup>89</sup>. As políticas neoliberais vieram justamente com o objetivo de restaurar estes privilégios de classe.

A acumulação por espoliação do período neoliberal possui quatro características principais: a) Privatizações e Mercadificação; b) Financeirização; c) Administração e Manipulação de Crises e; d) Redistribuição via Estado<sup>90</sup>. Para pensar o papel do esporte, e principalmente do futebol durante as últimas décadas, irei priorizar os dois primeiros pontos.

---

<sup>86</sup> ANDERSON, Perry, Op. Cit., p. 11.

<sup>87</sup> BORON, Atílio. **A trama do neoliberalismo, mercado, crise e exclusão social**. In. SADER, E. S. (Org.) ; GENTILLI, Pablo (Org.) . Pós-neoliberalismo. As políticas sociais e o Estado democrático. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 171-172.

<sup>88</sup> HARVEY, David, 2008, Op. Cit., p.40.

<sup>89</sup> DUMENIL, Gerard e LEVY, Dominique. Op. Cit., p.02-03.

<sup>90</sup> HARVEY, David, 2008, Op. Cit., p.171-178.

### 1.1.1. A mercadoria e seu Deus

A única via proposta e colocada no horizonte como expectativa era a vitória do mercado, mas é claro que essa “vitória” carrega e camufla um modo de operação e de dominação política e social muito específica do capitalismo:

“O termo “mercado” é a palavra que serve hoje para designar pudicamente a propriedade privada dos meios de produção; a posse de ativos patrimoniais que comandam a apropriação sobre uma grande escala de riquezas criadas por outrem; uma economia explicitamente orientada para os objetivos únicos de rentabilidade e de competitividade e nas quais somente as demandas monetárias solventes são reconhecidas”<sup>91</sup>

O termo “mercado” concentrou significativa quantidade de capitais industriais e financeiros que centralizou e ditou as regras do jogo<sup>92</sup>. Esta entidade invisível e onipresente, capaz de chegar a todos os lugares do mundo, onipotente e capaz de quase tudo, guiou os seus fiéis. O mercado teria o poder de se autorregular, porém, conforme Chesnais atenta, o Estado teve um papel central sobre o mercado, pois a aparente exterioridade do Estado ao mercado é apenas mais uma vulgata neoliberal, pois “o triunfo atual do ‘mercado’ não poderia ser feito sem as intervenções políticas repetidas das instâncias políticas dos Estados capitalistas mais poderosos”<sup>93</sup>, com especial protagonismo dos países líderes do G7, como EUA e Inglaterra. Não podemos esquecer a atuação de Margaret Thatcher e de Ronald Reagan dos anos 1979-1981, durante a “revolução conservadora”, onde o capital conseguiu soltar-se das amarras “que comprimiram e canalizaram sua atividade nos países industrializados”<sup>94</sup>.

Um dos pilares do pensamento neoliberal é “o pressuposto de que as liberdades individuais são garantidas pela liberdade de mercado e comércio”<sup>95</sup>. O mercado é o único modo de abranger e coordenar todas as trocas e relações sociais, onde o “bem social é maximizado se se maximizam o alcance e a frequência das transações de mercado, procurando enquadrar todas as ações humanas no domínio do mercado”<sup>96</sup>, ou seja, uma constante e insuperável mercantilização das relações humanas, tudo é passível de ser transformado em um produto e conseqüentemente em mercadoria, “a mercadificação

---

<sup>91</sup> CHESNAIS, François. **Mundialização: o capital financeiro no comando**. Revista Outubro, número 5, 2005a, p. 07.

<sup>92</sup> Ibidem, p.08.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>94</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>95</sup> HARVEY, David, 2005, Op. Cit., p.17.

<sup>96</sup> Ibidem, p.13.

presume a existência de direitos de propriedade sobre processos, coisas e relações sociais, supõe que se pode atribuir um preço a eles e negociá-los nos termos de um contrato legal”<sup>97</sup>, logo

“A mercadificação da sexualidade, da cultura, da história, da tradição; da natureza como espetáculo ou como remédio; a extração de renda monopolista da originalidade, a autenticidade e da peculiaridade (de obras de arte, por exemplo) – todas essas coisas equivalem a atribuir um preço a coisas que na verdade jamais foram produzidas como mercadorias. Costuma haver desacordo sobre o que é apropriado tratar como mercadoria (símbolos e eventos religiosos, por exemplo) ou sobre quem deve exercer o direito de propriedade e obter renda (do acesso a ruínas astecas ou da comercialização da arte aborígene, por exemplo).”<sup>98</sup>

Este novo momento é contraditório, pois ao mesmo tempo em que define um mundo cada vez mais vasto, o torna cada vez mais próximo. Contudo, como salienta Amin “As fronteiras estão abertas para as mercadorias e não para as pessoas”<sup>99</sup>. Há a primazia da mercadoria sobre a vida.

Uma característica principal da lógica do capital é eliminar “a integridade de todos os valores de uso e impor o valor de troca a toda produção de valor”<sup>100</sup> ou seja, produzindo uma cultura voltada para o consumo puro e simples, onde reina o fetichismo da mercadoria. Segundo Ahmad, este é o caminho tendencial da lógica do capital de se orientar para o subconsumo dos valores culturais, baseados no fetichismo da mercadoria.<sup>101</sup>

### 1.1.2 Financeirização da economia

Durante o “período de ouro” do capitalismo, após 1945, sinalizou-se uma posição de menor importância para burguesia financeira dentro do quadro geral do capitalismo, pois outras frentes da burguesia exerciam predominância. Isso fica aparente principalmente nas remunerações desvalorizadas das taxas de juros e o controle imposto pelos Estados sobre os capitais especulativos. Entretanto, a fração da burguesia financeira

---

<sup>97</sup> Ibidem, p.178.

<sup>98</sup> Ibidem, p.179.

<sup>99</sup> AMIN, Samir. **Mundialização, crise e transição**. In. Revista Novos Rumos, v. 30, p. 73-85, 1999, p. 02-03

<sup>100</sup> AHMAD, Aijaz. **Pós-Modernismo e Movimentos Populares: Problemas de classe e cultura**. In. WOOD, Ellen e FOSTER, John Bellamy. Em defesa da história. Marxismo e pós-modernismo. Jorge Zahar Editor, 2000, p. 118.

<sup>101</sup> Idem

em busca de recuperar espaço e importância na condução do capitalismo, na transição da década de 1950-1960, procedeu:

“a criação de praça financeira desregulamentada em Londres - CITY Londrina -, o capital portador de juros dá seus primeiros passos. Assim, uma parcela cada vez maior dos lucros das empresas passa a não ser reinvestida na produção, buscando valorizar-se na esfera financeira, como capital de empréstimos. Tal processo é fortemente acelerado a partir dos anos 1970, com o esgotamento da idade de ouro.”<sup>102</sup>

Capital este que “produz” dinheiro dentro da esfera financeira, utilizando-se de empréstimos, dividendos e pagamentos correspondentes de ações, mais precisamente da especulação financeira, dentro do terreno nacional e internacional. Este capital portador de juros alcançou importante status, não apenas por suas ações próprias, mas sobretudo pelo papel político e econômico desempenhado pelos Estados mais ricos a partir do momento em que soltaram as amarras sobre o movimento dos capitais e desregulamentaram seus sistemas financeiros.<sup>103</sup> Nesta nova fase do capitalismo, o valor das ações tornou-se a bússola norteadora das atividades econômicas em detrimento do lugar anteriormente ocupado pela produção.

Porém, não devemos criar uma fronteira inexorável entre a finança e a produção, pois a exploração continua ocorrendo na produção concreta da mercadoria e, no sentido da extração sobre o trabalho dos setores de serviços, o que de fato se verifica “é uma transferência e valorização do valor mediante apropriação de vultosos recursos via mercado financeiro”<sup>104</sup>

Essa divisão que anteriormente era muito bem delimitada, entre o Capital Monetário (financeiro) e o Capital Produtivo (manufatureiro e mercantil) diminuiu drasticamente. Usualmente as corporações que possuíam perdas significativas de capitais na produção conseguiram compensar com ganhos em operações financeiras, como compra e venda de ações<sup>105</sup>.

A) Financeirização da economia, implantada a partir da década de 1980, tem um estilo fortemente especulativo e predatório. O volume de transações via mercado financeiro sofrera grandes incrementos. Se no início da década de 1980 o montante diário

---

<sup>102</sup> MELO, M. P.. **A finança mundializada e a consolidação da hegemonia burguesa na fase atual do capitalismo**. Emancipação (UEPG), v. 9, p. 09-25, 2009, p. 12.

<sup>103</sup> CHESNAIS, F. **O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos**. In: CHESNAIS, F. (Org). A finança mundializada. São Paulo: Boitempo, 2005b, p. 35.

<sup>104</sup> MELO, M. P.. Op. Cit., p. 11.

<sup>105</sup> HARVEY, David, 2008, Op. Cit., p.41.

girava em torno de 2,3 bilhões, estes números cresceram para cerca de 130 bilhões perto de 2001. “A desregulação permitiu que o sistema financeiro se tornasse um dos principais centros de atividade redistributiva por meio da especulação, da predação, da fraude e da roubalheira”<sup>106</sup>

As contradições do sistema “deve[m] ser superada[s] com a financeirização do sistema, criando as oportunidades de investimentos para os capitais excedentes para evitar o que os capitalistas mais ricos mais temem, a desvalorização de seus capitais, abrindo saídas financeiras.”<sup>107</sup>

“Tudo isso se vinculava a forte expansão da atividade e do poder no mundo financeiro. Cada vez mais liberta das restrições e barreiras regulatórias que até então limitavam seu campo de ação, a atividade financeira pôde florescer como nunca antes, chegando a ocupar todos os espaços. Uma onda de inovação ocorreu nos serviços financeiros para produzir não apenas interligações globais bem mais sofisticadas como também novos tipos de mercados financeiros baseados na securitização, nos derivativos e em todo tipo de negociação de futuros. Em suma, a neoliberalização significou a “financeirização” de tudo. Isso aprofundou o domínio das finanças sobre todas as outras áreas da economia, assim como sobre o aparato de Estado e, como assinala Randy Martin, a vida cotidiana.”<sup>108</sup>

O capital financeiro recorre a investimentos fora de suas fronteiras nacionais na procura de taxas de retorno mais elevadas, o que ocasiona muitas vezes a transferência da produção para o exterior, onde buscam menores remunerações da mão de obra, menores preços de matérias primas e consequentes percentuais de lucro mais elevadas<sup>109</sup>. Esta intensa mobilidade geográfica do capital também foi estimulada pela redução dos custos dos transportes e de comunicação, além da paulatina diminuição de barreiras artificiais que dificultavam o movimento do capital financeiro e mercadorias como tarifas, controle do câmbio e abolição de tempo de espera de produtos nas alfândegas.<sup>110</sup>

O modelo de economia financeirizada que se iniciou ainda no final da década 1980, e nomeou o período posterior, teve como resultado o endividamento econômico dos países e estourou em 2008, quando da crise do *suprime*, o que proporcionou um acirramento da disputa por investimentos, ou seja, a busca para assentar este capital

---

<sup>106</sup> Ibidem, p.172-174.

<sup>107</sup> AMIN, Samir, Op. Cit., p. 03.

<sup>108</sup> HARVEY, David, 2005, Op. Cit., p.41.

<sup>109</sup> Idem, p.35.

<sup>110</sup> HARVEY, David, Op. Cit., p.100.



disperso. Uma maneira viável para proporcionar retorno para este capital é justamente investi-lo na produção, ou melhor, no ramo da construção.<sup>111</sup>

### 1.1.3. Balanço do modelo

Como consequência econômica, o neoliberalismo foi hegemônico mundialmente, apesar de ter fracassado no âmbito de revitalizar o capitalismo avançado. Alguns apologistas defendem que economicamente foi possível controlar a inflação e garantir mecanismos de disciplina fiscal, porém, propiciando retrocessos sociais inconcebíveis, como o fim de direitos sociais ligados a saúde, educação, previdência e trabalhistas, marcas indeléveis e históricas da luta dos trabalhadores.

Já na perspectiva social, ele acentuou ainda mais as desigualdades, promovendo ondas de privatizações e desestatizações (dentro de alguns limites). Ideológica e politicamente, ele arrebatou com as possibilidades de pensamento sobre expectativas de alternativas para além do capitalismo e de seus próprios princípios. Foi proporcionada apenas uma opção: adaptar-se a ele.<sup>112</sup>

O pensamento único mostrou-se a via a ser seguida, onde a esperança sobre qualquer alternativa ideológica foi combatida das mais diversas formas. O consenso precisou ser construído como premissa. Para tanto, ratificou-se a nova ordem mundial sob o paradigma da globalização, instante onde o mundo inteiro é tomado por uma única perspectiva, onde as fronteiras se expandem, mas ao mesmo tempo se comprimem, aproximando e facilitando as trocas. Contudo, conforme aponta Ahmad, devemos ser críticos, não apenas à palavra, mas principalmente ao que representa a globalização:

“A palavra globalização é altamente ideológica, acho eu, e, como tal, refere-se, na verdade, a algumas coisas bastante diferentes. Em um nível, significa simplesmente que, com o colapso da União Soviética e do sistema de Estados que ela representava, só há atualmente um único sistema, o do capital imperialista, e será melhor que todos aceitem esse fato. Os que louvam a “globalização” não dizem isso de forma assim tão brutal, mas é o que tem em mente. Em segundo a palavra diz respeito à mobilidade imensa do capital e dos bens; ao papel cada vez maior do comércio de importação/exportação nas contas nacionais; ao poder das comunicações e das tecnologias de transporte – que hoje possuem um alcance global sem paralelo; ao enorme poder do capital financeiro e especulativo sobre e acima do capital industrial, cruzando fronteiras nacionais; à capacidade de bens culturais centralmente produzidos de ladear os sistemas nacionais de educação e informação; à ascensão dos sistemas de produção e administração nos quais o processo de produção em si pode ser fragmentado e localizado em países diferentes e/ou rapidamente

---

<sup>111</sup> FERREIRA, João Sette Whitaker. **Apresentação, um teatro milionário**. In. Brasil jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas. Boitempo e Carta Maior, 2014, p.07

<sup>112</sup> ANDERSON, Perry, Op. Cit., p.23

transferido de um para outro; e assim por diante. Em terceiro, o termo globalização é também um eufemismo para o fato de que um punhado de arranjos institucionais imperialistas – o Banco Mundial, o FMI, o GATT etc. – está agora determinando a formação de políticas nacionais no denominado Terceiro Mundo. Em quarto, a palavra cobre a penetração rápida de todos os tipos de produção do capitalismo – e, portanto, do mercado mundial. O banco mundial calculou que, no final do século XX, apenas 12% da produção econômica do mundo estarão fora do mercado capitalista global como tal.”<sup>113</sup>

Portanto, basicamente, o neoliberalismo pode ser apresentado como uma fase particular do capitalismo, que busca restituir o poder e a renda para uma determinada classe, a burguesia, após um período de depressão, momento no qual a renda financeira alcança hegemonia<sup>114</sup> junto da ordem do mercado.

### 1.2.1. A Federação Internacional

A Federação Internacional de Futebol (Fédération Internationale de Football Association) é mundialmente reconhecida pelo acrônimo de FIFA. A entidade foi fundada em 1904, em Paris, na França, com sede em Zurique, mas, desde 1932, sua sede encontra-se na Suíça, sendo que, anteriormente, esteve em Amsterdam na Holanda<sup>115</sup>. Desde então vem expandindo sua influência e poder pelo globo, no que poderíamos chamar de uma competente corrida imperialista em busca de novos mercados e mão-de-obra, pois hoje a entidade possui o controle de direção da associação de futsal, futebol de areia e o futebol de campo (masculino e feminino). A entidade possui 209 países ou territórios associados<sup>116</sup>, sendo uma das mais importantes instituições internacionais em número de associados, e sem dúvida é uma das entidades por modalidade que mais movimenta capital no mundo.

O sítio da entidade possui quatro idiomas para comunicação, o alemão, o inglês, o espanhol e o francês, além de variações de informações em notícias e informações oficiais em árabe e português. O atual presidente é o suíço Gianni Infantino (2017), o grande mandatário da entidade. Se olharmos mais detidamente para lista de presidentes, perceberemos que quatro dos oitos ficaram treze anos ou mais na presidência, sendo que três dos oito morreram enquanto cumpriam mandato. João Havelange (1974-1998)

---

<sup>113</sup> AHMAD, Aijaz, Op. Cit., p. 110-11.

<sup>114</sup> DUMENIL, Gerard e LEVY, Dominique, Op. Cit., p.02.

<sup>115</sup> DIETSCHY, Paul. ¿Globalizando el fútbol? La fifa, Europa y el mundo del fútbol no europeo, 1912-1974. Revista ISTOR, ano XV, número 57, verão 2014.

<sup>116</sup> Se levarmos em conta que o número de países membros da ONU (193) e ao COI (205) fica demonstrado o poder de influência da entidade, que fica para trás apenas para a Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) que possui 212 membros.

desistiu de concorrer à sétima eleição, apoiando em seu lugar o suíço Joseph Blatter (1998-2015). A argumentação vai ao encontro da pouca rotatividade do poder, pensando que uma da eleição mais disputada (senão a mais) foi em 1974, quando o brasileiro João Havelange (ex-presidente da CBD) derrotou o inglês Stanley Rous (1961-1974). Antes da chegada do brasileiro, “o poder esteve concentrado nas mãos de dois presidentes franceses (35 anos) e três ingleses (31 anos). O restante ficou dividido entre a ausência de um presidente (três anos) e o curto mandato de um belga (apenas um ano)”<sup>117</sup>.

Em um organograma poderíamos dizer que a FIFA encontra-se no topo da hierarquia, tendo nos degraus abaixo respectivamente: Confederações Internacionais, Confederação Sul-Americana de Futebol (acompanhada no mesmo nível das outras confederações continentais), Confederação Brasileira de Futebol, Campeonatos Organizados pela CBF, Federação Estaduais de Futebol, clubes de futebol, empresários e agentes de jogadores e por último na base do organograma, os jogadores e jogadoras de futebol profissional<sup>118</sup>, fazendo com que a FIFA tenha poder de intervenção em qualquer conflito em algumas das instâncias inferiores.

Esta foi uma das principais consequências político-administrativas implantadas com a transferência da hegemonia sobre o esporte das ilhas britânicas<sup>119</sup> para a Europa continental, e principalmente a partir do momento de controle total da FIFA. O conselho administrativo foi transformado, e segundo Giulianotti, ocorreu uma modernização onde:

“Uma pirâmide racionalizada de autoridades controlou a crescente complexidade global do novo cenário do futebol. A Fifa manteve o poder universal do futebol e investiu seus membros de uma autoridade de âmbito nacional. Para facilitar a administração e a organização das competições, a Fifa sancionou a formação das confederações continentais de futebol para funcionarem como níveis médios de controle entre o nacional e o global. Essas confederações deram poder a nações menores em matéria de futebol, como as da África e da Ásia, com direitos de voto em um nível global. Essas confederações deram poder a nações menores em matéria de futebol, como as da África e da Ásia, com direitos de voto em um nível global.”<sup>120</sup>

---

<sup>117</sup> GIGLIO, Sérgio Settani. **COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. 2013. 518 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 99.

<sup>118</sup> Ibidem, p. 89.

<sup>119</sup> Durante a década de 1880 o “controle” do futebol estava nas mãos principalmente da Inglaterra com Associação de Futebol (FA) fundada em 1863, em Londres, Associação de Futebol da Escócia (1873), Associação de Futebol de País de Gales (1876) e a Associação de Futebol da Irlanda (1880).

<sup>120</sup> GIULIANOTTI, Op. Cit., p. 46.

As federações nacionais afiliadas à FIFA são, em sua maioria, também controladoras da organização esportiva nacional, e principalmente das seleções nacionais que representam os países nos respectivos campeonatos da modalidade. Logo, a FIFA tem controle sobre as confederações nacionais que, assim como a maior parte das outras confederações dos países ocidentais, são entidades privadas que administram e organizam o esporte em detrimento do Estado, que abre mão desta função na maior parte das vezes, porém, isso não elimina o suporte financeiro do Estado e outras benesses para estas instituições.<sup>121</sup>

A Copa do Mundo de futebol, disputada pela primeira vez em 1930, é fruto de uma disputa da definição entre a FIFA e o COI sobre amadorismo e profissionalismo que estava colocado para o esporte durante a década de 1920. Resumidamente, as divergências plainavam sobre a remuneração dos atletas durante o período que estavam ausentes do trabalho e sobre seu afastamento laboral. Por trás desta disputa estavam colocados, principalmente, o controle do esporte e de suas regras, pois nem a FIFA queria se tornar uma instituição subordinada ao COI, nem este queria perder o controle sobre esta modalidade para não abrir precedentes para as outras modalidades.<sup>122</sup>

### **1.2.2. Prazer, Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange**

Apesar do nome europeizado, João Havelange é brasileiroíssimo, nascido no Rio de Janeiro. A sua biografia perpassa atividades de atleta profissional de esportes aquáticos (participou das Olimpíadas de 1936 e 1952), empresário sócio da Viação Cometa (ex-presidente), secretário de esportes do governo de Carlos Lacerda, dirigente esportivo onde presidiu a CBD entre 1958-1974 (período no qual o esquadrão brasileiro alcançou o tricampeonato mundial), membro do Comitê Olímpico Internacional de 1963-2012 e principalmente, presidente da FIFA entre 1974 e 1998.

A transição da presidência da CBD para FIFA foi um tanto conturbada, tendo um misto de demissão e renúncia do cargo, Havelange chegou a ocupar a direção nas duas entidades concomitantemente. Segundo Sarmiento, porém, Havelange ocupava uma posição muito cobiçada pelo Governo Geisel (e Golbery do Couto e Silva) que viam o

---

<sup>121</sup> DAMO, Arlei. **O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica.** Razón y Palabra, v. 69, p. 1-25, 2009, p. 09.

<sup>122</sup> GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Katia. **As relações entre o COI e a FIFA e a formação da Copa do Mundo de futebol.** In: Sérgio Settani Giglio; Diana Mendes Machado da Silva. (Org.). O Brasil e as Copas do Mundo: Futebol, História e Política. 1ed.São Paulo: Zagodoni Editora, 2014, v. 1, p. 17-27.

futebol (e principalmente a posição da presidência da CBD) como fundamental para seus projetos políticos. O agravante estava no fato de que Havelange mostrava-se alheio ao governo e principalmente refratário às ordens vindas da presidência. Então, diante da pressão do poder executivo e alegando incompatibilidade entre as duas funções, acabou afastando-se.<sup>123</sup>

O fracasso da Seleção Canarinho no Mundial de 1974, conjugado com denúncias de corrupção e dívidas advindas da organização da Taça Independência (Mini Copa), levaram à saída de Havelange da CBD. O jornalista Juca Kfourri afirmou em entrevista, em 1997, que o General Geisel, então na presidência do país, retirou Havelange do cargo por questões de corrupção.

“(...) o Geisel resolveu tirá-lo da CBD, porque as contas da CBD estavam todas manipuladas, e mandou o Nei Braga, que então era o Ministro da Educação, avisá-lo que ou ele saía ou o governo ia intervir - coisa que o governo não queria fazer porque achava que ia pegar mal internacionalmente, afinal o Havelange era um brasileiro notório. Mas intervieram! Intervieram inclusive pondo o presidente da ARENA do Rio de Janeiro, Almirante Heleno Nunes, na presidência da CBD.”<sup>124</sup>

Uma das primeiras medidas tomadas por Havelange quando assumiu a presidência da FIFA foi aproximar-se dos países periféricos, principalmente os africanos, que estavam descontentes com a política do então presidente Stanley Rous, tanto que em 1972, ao organizar a mini Copa do Mundo, Havelange convidou uma seleção africana formada por atletas de cinco países. Este ato estava ancorado dentro de uma perspectiva de Havelange sobre a FIFA, na qual a entidade deveria ampliar os laços de “solidariedade e irmandade através do esporte”. Este lema, e principalmente o apoio e voto dos africanos<sup>125</sup>, dos países da “Cortina de Aço” (socialistas) e o dos Estados do Golfo Pérsico (o qual já vinha visitando desde 1972), garantiram sua eleição em 1974.<sup>126</sup> Sem dúvida, a Seleção Brasileira recém-tricampeã mundial ajudou bastante, era um excelente cartão de visitas para as “visitas diplomáticas” de Havelange às nações estrangeiras.

Rous estava há doze anos na presidência (segundo maior tempo atrás apenas de Julis Rimet). Ele tinha como política, assim como seus antecessores, um olhar muito eurocêntrico sobre o esporte, e vinha sofrendo forte pressão dos países africanos (forte

---

<sup>123</sup> SARMENTO, C. E. B.. **A Regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2007, p. 139.

<sup>124</sup> Entrevista à “Caros Amigos”, número 1 (KFOURI, 1997).

<sup>125</sup> DIETSCHY, Paul. Op. Cit., p. 49.

<sup>126</sup> JRWP. **O futebol de união. Entrevista com João Havelange. Revista da ESPM**. Maio/Junho, 2009. Disponível em: [http://acervo-digital.espm.br/revista\\_da\\_espm/2009/maio\\_jun/6\\_Havelange.pdf](http://acervo-digital.espm.br/revista_da_espm/2009/maio_jun/6_Havelange.pdf)

movimento independentista africano durante as décadas e 1960 e 1970) que buscavam legitimidade, principalmente no âmbito de participação em campeonatos mundiais<sup>127</sup>. Então, em 1974, no 39º Congresso da FIFA, em Frankfurt, ocorreu o enfrentamento entre Rous e Havelange. Após a segunda rodada de votação e contando com apoio da maioria dos delegados africanos, o brasileiro alcançou a vitória por 68 a 52 votos.

Após eleito, um de seus primeiros movimentos foi procurar parceiros econômicos interessados em investir no plano que a FIFA possuía para o futebol. Segundo Havelange, a sua primeira investida na procura de patrocinadores foi na própria Suíça. Havelange procurou a sede da Nestlé, que negou interesse em investir no esporte. Na sequência, viajou para os EUA para apresentar o programa para a *Pepsi-Cola*, que ficou de responder em 10 dias, porém nunca retornou. Mas, segundo o próprio, a grande parceria surgiu com a Adidas, que mesmo tendo apoiado Rous na eleição, fechou acordo com a administração do brasileiro.<sup>128</sup> Até hoje, a empresa possui acordos com a FIFA, porém não mais como simples patrocinadora, mas sim com uma empresa “parceira”.

O segundo movimento foi de cunho político. O objetivo era conquistar novos países membros para a federação. Para isso não foram poupados esforços, que redundaram no aumento de novos afiliados:

“De 1974 até 2006, houve um crescimento espantoso da Fifa: ela conquistou 72 novos países (um aumento de 53%), enquanto a ONU atingiu mais 61 países (cerca de 46% de acréscimo). Muitos países procuraram primeiro a entidade que decide sobre os rumos do futebol, para só depois pensar se querem fazer parte das Nações Unidas. A Suíça, por exemplo, decidiu integrar-se à ONU apenas em 2002, mas já fazia parte da Fifa desde 1904. Na Oceania, Tonga entrou em 1994 para a Fifa e somente em 1999 para a ONU.”<sup>129</sup>

Além de mais votos, o interesse da entidade ao buscar associados era ter parceiros comerciais e políticos nos mais recônditos locais do planeta, que seguiriam a sua linha de produção. Apesar de receberem apoio financeiro e logístico, as associações precisariam seguir um conjunto de obrigações para com a federação, como seguir a decisões estatutárias, mesmo que contrariassem leis nacionais, e “promover o futebol em sua área de atuação, de acordo com as determinações e interesses da Fifa”<sup>130</sup>. Por meio destes

---

<sup>127</sup> DIETSCHY, Paul. Op. Cit.

<sup>128</sup> JRWP, Op. Cit.

<sup>129</sup> FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. São Paulo. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p. 21-22.

<sup>130</sup> Idem

expedientes, a Federação conseguiu administrar e principalmente distribuir o seu produto da forma mais eficaz possível, onde a uniformidade do produto era garantida pelo “Padrão FIFA”.

Fávero faz uma analogia entre João Havelange e o capital que parece bastante oportuna, guardadas as devidas proporções: apesar das mais de duas décadas que o brasileiro permaneceu no comando da entidade e comandou todo este avanço, à primeira impressão parece que ele seria o sujeito único do processo, mas quando “na realidade ele é sujeitado: o capital precisa personificar nele a necessidade de reprodução em alto grau do mundo da mercadoria”<sup>131</sup>. Contudo, acredito que a partir desta analogia, podemos fazer outra em tom de indagação: até que ponto também a FIFA não seria apenas uma personificação do capital para reprodução do mundo da mercadoria? Pois levando em conta as somas de capitais que a entidade embolsa e a carteira de empresas “parceiras” que possui, até aonde a FIFA tem autonomia e até que ponto ela não é utilizada por aquelas para auferir lucro sobre uma mercadoria que se mostrar extremamente rentável até mesmo em momentos de crise do capitalismo?

O futebol como um dos esportes mais praticado e popular no mundo é de fácil difusão, uma vez que é barato e simples de jogar (forma não profissional), torna-se uma arma substancial para abrir novos mercados e “transcender barreiras culturais e regulatórias ao redor do mundo. O capital encontrou no esporte uma forma de se legitimar e de se camuflar.”<sup>132</sup>

### **1.2.3. O patrimônio da Empresa**

A FIFA, assim como qualquer outra empresa privada, declara suas contas anualmente (ou deveria). Em 2009, a entidade apresentou uma receita bruta que excedeu pela primeira vez U\$ 1 bilhão. Deste montante, 97% derivava dos eventos por ela organizados, sendo a Copa do Mundo o “carro chefe”. A maior parte destes recursos está atrelada à venda dos direitos de transmissão para televisão. O balanço principal, onde ficava caracterizado os lucros mais volumosos, são contabilizados sempre levando em conta o ciclo de quatro anos, abrangendo o ano posterior de uma copa do mundo até o

---

<sup>131</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>132</sup> JENNINGS, Andrew - **A máfia dos esportes e o capitalismo global**. In. Brasil jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas. Boitempo e Carta Maior, 2014.

ano do outro megaevento, por exemplo, 2007-2010, com balanço revelado em 2011, onde abrangeu a Copa do Mundo de 2010 na África do Sul<sup>133</sup>:

“A FIFA teve um período de grande sucesso no ciclo de quatro anos entre 2007 e 2010, com a receita passando de US\$ 2,634 bilhões no ciclo de quatro anos anterior para US\$ 4,189 bilhões. Os custos também cresceram, mas permaneceram firmemente sob controle, permitindo que a FIFA obtivesse um ótimo resultado de US\$ 631 milhões”<sup>134</sup>

O período, destes quatro anos foram financeiramente excelentes, assim a entidade conseguiu alcançar, até o dia 31 de dezembro de 2010, o valor de exatamente US\$ 1,280 bilhão em reservas<sup>135</sup>. Além do valor, precisamos atentar para a questão do momento histórico deste saldo, período em que a economia capitalista passava por uma forte crise mundial, com os principais Estados apresentando crescimentos pífios, quando não negativos, mais uma das dimensões que mostram o sucesso do futebol enquanto mercadoria lucrativa e confiável.<sup>136</sup> Não é por acaso, que a FIFA possuía seis patrocinadores fixos em seu quadro, que são “chamados singelamente de ‘sócios’: Adidas, Coca Cola, Hyundai, Emirates, Sony e Visa. Além deles, a entidade fecha acordos por eventos.”<sup>137</sup> Para efeito de comparação, para a Copa de 1982, a FIFA havia fechado acordo com nove empresas que resultou em US\$ 19 milhões para seus cofres. Já em 2006, a entidade acertou acordo com quinze empresas que pagaram, cada uma, aproximadamente US\$ 35 milhões, apenas para terem vínculo com a marca da entidade e do evento durante a Copa da Alemanha.<sup>138</sup>

Interessante perceber que, dentre estes seis patrocinadores, dois deles (Coca-Cola e Visa) também possuem contratos com o COI.

“Se verificarmos quem são os grandes patrocinadores dos eventos que decorrem sob a égide do COI ou da Fifa, encontraremos os mesmos interesses empresariais. No caso desses dois organismos desportivos internacionais, a estreita ligação entre o poder desportivo e os interesses empresariais vai ao ponto de, eles próprios, terem promovido a cartelização da organização desportiva internacional, através dos interesses que detêm em empresas

---

<sup>133</sup> AGUIAR, Leonel e PROCHNIK, Luisa. **Quanto vale uma partida de futebol? A relação entre televisão e futebol no cenário midiático contemporâneo**. Logos 33, Comunicação e Esporte. Vol.17, Nº02, 2º semestre 2010, p.60.

<sup>134</sup> GIGLIO, Sérgio Settani. Op. Cit, p. 90.

<sup>135</sup> FIFA. **Informe de finanças da FIFA 2010**. Zurique: 2011, p.14.

<sup>136</sup> AGUIAR, Leonel e PROCHNIK, Luisa. Op. Cit., p. 60

<sup>137</sup> CARVALHO, José Eduardo de. **150 anos de futebol: Dinheiro**. Sesi-SP Editora, São Paulo, 2013, p.22.

<sup>138</sup> CRUZ, 2010, Op. Cit., p. 38.



internacionais, às quais são cedidos os direitos de exclusividade na organização dos eventos que decorrem sob a sua responsabilidade.”<sup>139</sup>

Em balanço revelado no início de 2015, a FIFA declarou ter arrecadado durante o quadriênio 2011-2014, a soma de U\$ 5,718 bilhões, e ter tido U\$ 5,380 bilhões em gastos, o que gerou U\$ 338 milhões de lucro no período, que serviram para incrementar as reservas totais que atualmente chegam perto de U\$ 1,523 bilhões.<sup>140</sup>

#### 1.2.4. Megaeventos e Meganegócios

Os megaeventos esportivos (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos) devem ser entendidos para além da sua nomenclatura de “*mega*”. Este prefixo está imbuído de simbolismo e interesses políticos e econômicos que não podem ser encarados de forma isenta ou neutra. A elevação do campeonato mundial de futebol masculino entre seleções, Copa do Mundo, a um megaevento esportivo (lembremo-nos dos Jogos Olímpicos), não ocorreu da noite para o dia, muito menos ocorreu apenas com a mudança do nome. Essa elevação se deu a partir dos esforços do Comitê Olímpico Internacional (COI) e da Federação Internacional de Futebol (FIFA), que, sob o governo de Juan Antônio Samaranch e João Havelange, respectivamente, buscaram promover reprodução exponencial dos recursos econômicos das entidades, a partir de seus principais eventos, com a consolidação de parcerias de marketing e comercialização dos direitos de transmissão.<sup>141</sup>

Conforme destaca Toledo sobre esta transformação terminológica: “diz algo mais para além da adequação aos novos tempos de modernização da indústria do entretenimento numa conjuntura mundializada.”<sup>142</sup>

O que tornam os megaeventos esportivos verdadeiras minas de ouro, para além do lucro aferido pela FIFA e os outros patrocinadores do evento, são as obras que eles alavancam. Os megaeventos resultam em uma eficaz “oportunidade para o novo modelo

---

<sup>139</sup> CONSTANTINO, José Manuel - **Dentro e fora do estádio: o espetáculo, a globalização e o seu significado social**. Revista USP: São Paulo, n. 99, p. 31-44, setembro/outubro/novembro 2013, p. 34.

<sup>140</sup> FIFA. **Informe de finanças da FIFA 2014**. Zurique: 2015, p.18.

<sup>141</sup> MASCARENHAS, G. **O ideário urbanístico em torno do olimpismo: Barcelona (1992) e Rio de Janeiro (2007)**. In MASCARENHAS, G.; BIENENSTEIN, Glauco (Org.) ; SANCHEZ, F. (Org.) . **O Jogo continua: Megaeventos esportivos e cidades**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ - FAPERJ, 2011b, p. 43-44.

<sup>142</sup> TOLEDO, L. H. . **Ritual sem dono, evento sem nome. Os segredos da transformação da Copa do mundo em um Mega Evento**. Revista Coletiva, Recife - PE, 11 set. 2012, p. 02.

de planejamento e gestão das cidades, calcado na lógica do mercado”<sup>143</sup>. Um complexo conjunto de construções e obras desenvolvidas no país sede “exigidas pelos órgãos organizadores em comum acordo com os governos hospedeiros, alimentam os mercados da construção civil, fundiário e imobiliário”<sup>144</sup>, acabando por fortalecer a especulação imobiliária e a disputa pelo solo urbano. Uma das consequências mais perversas desta querela pelo solo são as remoções e deslocamentos de comunidades e famílias dos locais que são “valorizados” pelas reformas<sup>145</sup>, pois a construção dos estádios acaba transformando a geografia da cidade. No perímetro das obras maiores, ocorre o investimento e construção de toda uma ampla gama de ginásios, pavilhões, centros comerciais e residenciais e vias de acesso ao equipamento.<sup>146</sup>

“Revitalização, reabilitação, revalorização, requalificação, reforma, não importa o nome dado ao processo que reúne capitais internacionais “especializados” no urbanismo do espetáculo e que utiliza como álibi megaeventos esportivos, culturais ou tecnológicos: com frequência, são as mesmas instituições financeiras, as mesmas megaconstrutoras e incorporadoras e os mesmos arquitetos do star system que promovem um arrastão empresarial a fim de garantir certas características a um pedaço da cidade que se assemelha, no mais das vezes, a um parque temático.”<sup>147</sup>

O Brasil é um país privilegiado quando o assunto é Copa do Mundo. O país está no rol das nações que sediaram por duas vezes a mais importante das competições de futebol entre seleções nacionais, a primeira vez em 1950 e a segunda vez em 2014. Além, é claro, de ter um interessante retrospecto ao que tange a participação, tendo participado de todas as edições do certame, ainda figurou em sete finais e sagrando-se campeões cinco vezes.

Uma das razões para o Brasil ter sediado a Copa na primeira vez foi a devastação da Europa em consequência da Segunda Guerra Mundial. Agora são outros interesses que norteiam a escolha do país como abrigo do evento. A partir dos anos dois mil, podemos constatar um deslocamento dos megaeventos esportivos para os países emergentes<sup>148</sup>, ou

---

<sup>143</sup> MASCARENHAS, G. **Desenvolvimento urbano e grandes eventos esportivos: o legado olímpico nas grandes cidades**. In MASCARENHAS, G.; BIENENSTEIN, Glauco (Org.) ; SANCHEZ, F. (Org.) . **O Jogo continua: Megaeventos esportivos e cidades**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ - FAPERJ, 2011, p. 27.

<sup>144</sup> FERREIRA, João Sette Whitaker. Op. Cit., p. 09.

<sup>145</sup> SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **Megaeventos esportivos e o urbano: a copa do mundo de 2014 e seus impactos nas cidades brasileiras**. Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho), v. 10, p. 195-214, 2013, p. 204.

<sup>146</sup> FERREIRA, João Sette Whitaker, Op. Cit., p. 10.

<sup>147</sup> MARICATO, Emilia - **A Copa do Mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana**. In. Brasil jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas. Boitempo e Carta Maior, 2014, p.17.

<sup>148</sup> Ibidem, 2014, p.23.

países em desenvolvimento, que além de excelentes índices e expectativa de crescimento, contam com mercados internos consideráveis (China, Brasil e Rússia estão entre as dez maiores populações do mundo) e/ou ainda contam com outra característica fundamental, países com democracias jovens:

“A Copa de 2002 marcou uma transição ao ser coorganizada por um país desenvolvido, o Japão, com um “tigre asiático” em ascensão, a Coreia do Sul. Era o começo de uma movimentação em direção aos países em desenvolvimento. África do Sul, Brasil, Rússia e Catar, com democracias ainda jovens (com exceção do totalitário Catar), foram escolhidos para sediar as Copas de 2010 a 2022. Muitos analistas, dentre os quais me incluo, avaliam que esse deslocamento foi claramente estratégico, devido aos protestos cada vez mais frequentes contra os megaeventos nos países do Norte. Mais do que isso, as estruturas governamentais dos novos anfitriões, geralmente contaminadas por uma corrupção estrutural, são especialmente vulneráveis às pressões exercidas pelos grandes players dos megaeventos, sendo mais fácil dobrar os políticos locais para aprovar leis de exceção, mesmo que representem retrocessos gritantes em suas conquistas sociais.”<sup>149</sup>

Entre os países em desenvolvimento, cabe especial destaque para os países que compõem os BRIC<sup>150</sup>, como Brasil (Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016), China (Jogos Olímpicos de 2008), África do Sul (Copa do Mundo de 2010) e Rússia (Copa do Mundo de 2018). São um grupo político de cooperação que não se caracterizou ainda como um bloco econômico ou uma associação formal de comércio como a União Europeia. Contudo, em conjunto, formaram um banco multilateral, “banco de desenvolvimento dos Brics”, como alternativa para o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, com um aporte financeiro de reserva no valor de US\$ 100 bilhões<sup>151</sup>. Porém, o que os torna convidativos a investimentos é o seu considerável mercado de consumo interno.

Os megaeventos são importantes vitrines mundiais para as nações demonstrarem a sua vitalidade econômica e estabilidade política, visando atrair os mais diversos investimentos externos. Internamente, são muitas vezes nações com graves necessidades logísticas e de infraestrutura, sendo muito mais fácil criar um consenso perante a opinião pública sobre a importância de atrair investidores e parceiros.<sup>152</sup> Os governantes

---

<sup>149</sup> FERREIRA, João Sette Whitaker, Op. Cit., p. 12.

<sup>150</sup> A sigla faz referência a Brasil, Rússia, Índia e China que no cenário mundial seriam países em desenvolvimento

<sup>151</sup> BRICS. **Acordo de Reservas e o Novo Banco de Desenvolvimento: rumo à institucionalização do bloco.** Nota Técnica: Dieese, número 139, Agosto 2014. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/notatecnica/2014/notaTec139Brics.pdf>

<sup>152</sup> FERREIRA, João Sette Whitaker, Op. Cit., p. 12.

percebem os megaeventos como uma “janela de oportunidade” para suas nações<sup>153</sup>; logo o Estado desempenha o papel fundamental de garantir as megaoperações das construções, através de flexibilização das diretrizes urbanísticas, do financiamento das obras (sejam públicas ou privadas), criando ou adaptando leis gerais ou específicas, como a do Regime Diferenciado de Contratação (RDC)<sup>154</sup>, que conferiu “privilégios à Fifa e a seus membros, parceiros, difusores, prestadores de serviço e associados, como subvenções, isenção de tributos ou monopólios de venda.”<sup>155</sup>

### 1.3.1. Esporte, futebol e economia.

Falar de economia do esporte poderia causar estranheza, pois parece inconcebível falar de esporte (futebol) e de números que não sejam relacionados às estatísticas do jogo, parece que ambos são assuntos distintos e distantes. Em um cálculo aproximado, o desporto gera cerca de 2% do PIB mundial<sup>156</sup>, em uma soma composta pela indústria do esporte e do turismo conjugados com os grandes eventos esportivos. A crescente mercantilização, não só do esporte, mas principalmente dos espetáculos, faz com que as decisões sejam cada vez mais baseadas em fatores comerciais do que propriamente desportivos.<sup>157</sup>

O que faz com que os últimos anos tenham sido de férteis discussões sobre o tema, mesmo que seja uma área de pesquisa pouco prestigiada no Brasil<sup>158</sup>, é o momento pelo qual o país passa ao ser sede dos “Megaeventos esportivos”. Mas claro que os megaeventos não são os únicos produtos esportivos.

“Há três tipos básicos de produtos esportivos (Proni, 1998): a) equipamentos e artigos (calçados, roupas, bolas, raquetes, cronômetros etc.); b) serviços especializados (clubes, academias, escolas de iniciação, personal training etc.) e c) espetáculos (in loco ou mediado por televisão, rádio, jornal, revista, internet).”<sup>159</sup>

<sup>153</sup> SOARES, P. R. R., Op. Cit., 2013, p. 204.

<sup>154</sup> A lei 12.462 de agosto de 2011, foi aprovado pelo Senado por meio do Projeto de Lei de Conversão nº 17/2011, originário da Medida Provisória nº 527-B/2011, instituiu o regime diferenciado de contratações públicas. O projeto inicialmente previa a aplicação do RDC unicamente às licitações e contratos relativos aos Jogos Olímpicos e aos aeroportos da Copa do Mundo. Contudo, o projeto foi alterado para estender sua aplicação a todas as licitações e contratos da Copa do Mundo e a todos os aeroportos das capitais distantes em até 350 km das cidades-sede. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2011/Lei/L12462.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/Lei/L12462.htm)

<sup>155</sup> MARICATO, Emília, 2014, Op. Cit., p. 23.

<sup>156</sup> Parecer do Comité das Regiões – Desenvolver a Dimensão Europeia do Desporto (2012/C 9/14).

<sup>157</sup> CONSTANTINO, José Manuel. Op. Cit., p. 34.

<sup>158</sup> PRONI, M. W. . **Economia do esporte: um campo em expansão**. In: Turtelli, S. R.. (Org.). Esporte em Foco. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, v. 1, p. 01.

<sup>159</sup> Ibidem, p. 02.

Consequentemente, ao proceder uma análise da economia do esporte, passamos a identificar alguns elementos fundamentais para tentar definir o mercado esportivo. Um dos pontos mais importantes é tentar definir o que é o “mercado esportivo” e demonstrar que o mesmo não é um bloco monolítico e que existem diversos mercados esportivos “e cada mercado pode ter suas próprias regras de funcionamento, estar em diferentes estágios de desenvolvimento (nascimento, crescimento, maturação, declínio) e, portanto, apresentar um maior ou menor dinamismo”<sup>160</sup>.

O esporte é um fenômeno social importantíssimo para o mundo contemporâneo, com grande destaque para o futebol, e aqui destaque não apenas os milhares de praticantes, sejam eles profissionais ou amadores, mas também a quantidade de telespectadores que ele consegue atrair. Entretanto, não devemos ser maniqueístas e acreditar que o esporte profissional está manchado pelo individualismo, dinheiro, lucro e outros defeitos, enquanto o outro seja dotado apenas de interesses coletivos e de virtudes. Não que as duas esferas não estejam diretamente conectadas à lógica do mercado, mas para efeitos de análise, escolheremos o referido futebol profissional e sua relação enquanto espetáculo.<sup>161</sup>

É grande porção de pessoas envolvidas que torna o esporte profissional, dentro da lógica do capital, um atrativo campo para a geração de capital. Conforme destacam BOURG e GOUGUET:

“de um ponto de vista econômico, a organização racional do esporte se esboça desde o fim do século 19, prossegue durante os Trinta Gloriosos depois se afirma nos anos 80. O esporte entra resolutamente na era da mundialização e da globalização financeira com riscos de submissão ao reinado do lucro. A permeabilidade do esporte à economia de mercado questiona os valores éticos tradicionais que constituem a própria essência dessa atividade. Os meios (econômicos) suplantam a finalidade (esportiva), o conjunto do sistema se inverte e chega à sua própria negação: carreirismo, doping, corrupção, trapagens...”<sup>162</sup>

Segundo Bourg e Gouguet, o esporte passou por três períodos de mundialização desde a emergência do esporte moderno. O primeiro período seria de 1850 até 1914, momento em que a Inglaterra tem grande influência sobre o esporte, promovendo sua codificação e exportação para o mundo. É quando o esporte é estruturado em clubes,

---

<sup>160</sup> Ibidem, p. 01.

<sup>161</sup> BOURG, Jean-François e GOUGUET, Jean-Jacques. **Economia do Esporte**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p.12.

<sup>162</sup> Ibidem, p. 09-10

federações e reúne seus primeiros campeonatos (Wimbledon 1877, US Open 1881, Jogos Olímpicos 1896, Volta da França 1903 e etc.). O segundo período abrange do entre guerras até o fim dos anos 1970, momento em que os campeonatos esportivos já solidificados se tornam espetaculares e internacionais, momento da remuneração e consequente profissionalização dos atletas, do auge e início do declínio das transmissões radiofônicas. Esta é a fase de transformação entre o declínio dos valores fundadores do esporte para evolução dentro de uma ordem mundial e mercantil. E o último período:

“O terceiro período se abre no início dos anos 80 com uma mudança profunda dos princípios em torno dos quais o esporte de alto nível se recompõe: o objeto dominante torna-se a conquista de faturamento e de lucro, o quadro jurídico da atividade esportiva se comercializa, os aportes da tecnologia e da ciência são determinantes na prestação do atletas, a área de competição é planetária, assim como a midiáticação pela televisão das grandes manifestações.”<sup>163</sup>

No decorrer da década de 1970, à medida em que se manifestava os primeiros sintomas da crise de acumulação, iniciava-se também um processo lento e gradual de profissionalização do esporte, principalmente das modalidades sob domínio do COI, tanto é que o mesmo exclui, em 1978, o termo “amador” do texto da Carta Olímpica. Concomitantemente, a entidade tomou medidas que visavam proteger a sua marca, assinar acordos de exclusividade de transmissão com a televisão e de controle publicitário sobre logomarcas nos equipamentos esportivos.<sup>164</sup>

“Os esportes – e em especial o futebol, o mais popular de todos – tornaram-se uma arma essencial na criação de novos mercados globais e, no âmbito nacional, na penetração de identidades e resistências. O conceito de esportes “universais”, altamente competitivos, nutrido nas nações capitalistas avançadas, foi implantado para transcender barreiras culturais e regulatórias ao redor do mundo. O capital encontrou no esporte uma forma de se legitimar e de se camuflar.”<sup>165</sup>

Período e caminho muito parecido foi percorrido pela FIFA, apesar de a entidade suíça já ter rompido com o paradigma do profissionalismo, foi também durante a década de 1970 que ela promoveu uma virada econômica, baseada principalmente em acordos publicitários com grades marcas que tornaram-se novos parceiros com direitos de

---

<sup>163</sup> BOURG, Jean-François e GOUGUET, Jean-Jacques. Op. Cit., p. 62.

<sup>164</sup> OLIVEIRA, Nelma Gusmão. **Jogo espetáculo, jogo negócio**. In. Brasil jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas. Boitempo e Carta Maior, 2014, p.27.

<sup>165</sup> JENNINGS, Andrew. Op. Cit.,.

exclusividade (Coca-Cola e Adidas) e principalmente através de contratos de exibição exclusiva com as redes de televisão.

Outro ponto, ou melhor, nome, que liga as duas entidades é alemão Horst Dassler, filho de Adolf Dassler, fundador da empresa de material esportivo Adidas. Horst foi decisivo após a eleição de João Havelange como presidente da FIFA em 1974, pois foi importante financiador do brasileiro. Em troca, o alemão queria contratos de exclusividades para vender os direitos da Copa do Mundo para terceiros através da sua empresa de marketing esportivo (ISL), além de dominar os artigos esportivos a partir da Adidas. Acordos semelhantes foram firmados com o COI na figura do presidente em ascensão Juan Antônio Samaranch.<sup>166</sup>

### 1.3.2. A mídia entra em cena.

Atualmente, é inimaginável cogitar a relação entre o esporte-espetáculo sem o seu apossamento pela ação midiática. A formação do mundo contemporâneo guarda íntimas relações ante o aparecimento do esporte moderno e dos meios de comunicação de massa no limiar do século XX, primeiramente na figura do rádio, e já na segunda metade do século, com a televisão.<sup>167</sup> A relação entre a mercantilização do esporte, sobretudo o futebol, é direta e proporcional com a televisão, pois esta associação cria dois tipos de relação mercadológica: uma entre as televisões e os telespectadores (consumidores), e a outra, secundária, mas não menos importante, entre a televisão e o movimento esportivo: clubes, ligas, federações.<sup>168</sup>

Hoje a Copa do Mundo chega aos seis continentes, em 216 países, atingindo cerca de 30 milhões de pessoas. A captação e transmissão das imagens é feita por uma empresa franco-suíça, Host Broadcast Services (HBS)<sup>169</sup>, criada em 1999. Ela se configura como uma agência parceira da FIFA que possui um “braço” para tratar apenas da produção televisiva da Federação, a TV FIFA:

“A TV FIFA12 surgiu em 2008 com finalidade de atender as demandas da convergência comunicacional e as necessidades de conteúdos envolvendo os

---

<sup>166</sup> Idem, p. 52-53

<sup>167</sup> GASTALDO, E. L. . **Uma Arquibancada Eletrônica: reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil**. Campos (UFPR), Curitiba, PR, v. 6, p. 113-123, 2005, p. 114.

<sup>168</sup> BOURG, Jean-François e GOUGUET, Jean-Jacques, Op. Cit., p.17.

<sup>169</sup> AFFINI, Leticia e USHINOHAMA, Tatiana. **Futebol: Mega-evento esportivo e a transmissão televisiva**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010, p. 05.

eventos realizados pela FIFA. A entidade concentrou em seu poder o monopólio das imagens, resultando na padronização das produções audiovisuais e na possibilidade de venda dos direitos de transmissão dos campeonatos. O primeiro grande evento a ser transmitido por esta nova divisão da entidade seria a Copa de Mundo de 2010, mas para isso utilizaria a Copa das Confederações como teste.”<sup>170</sup>

A HBS, por sua vez, é totalmente subsidiada pela empresa de marketing esportivo, *Infront Sports & Media AG*, que detém os direitos de comercializar a imagens e publicidade nos estádios. O presidente da *Infront Sports & Media AG* é Phillipe Blatter, sobrinho de Joseph Blatter. A *Infront*, que tem a sua sede na Suíça, ocupa hoje o mesmo lugar, tanto fisicamente (com seus escritórios), quanto economicamente (contratos e acordos) que a ISL ocupava antes de falir em 2001. Uma vez que os direitos de transmissão são verdadeiras minas, com uma valorização constante “70 milhões de dólares de direitos mundiais de 1986, 150 milhões em 1994, 1.090 milhões em 2002 e 1.330 milhões em 2006”<sup>171</sup>, fica a pergunta: como conseguiram esse incrível negócio?<sup>172</sup>

A mundialização do esporte, ao mesmo tempo em que foi posta em prática pelas principais agências do esporte FIFA e COI, também deslocou o poder de suas mãos, pois o esporte não está mais necessariamente apenas nas mãos destes órgãos, existe outra imensa gama de empresas que de alguma forma controlam o esporte.<sup>173</sup> A exposição do esporte pela televisão também serve aos seus próprios interesses, como aumentar a audiência e os números televisivos, além de ser um chamariz aos consumidores.

Foi exatamente o trio formado pelas corporações midiáticas, organizações esportivas internacionais e nacionais e empresas de materiais esportivos (patrocinadores), coadunando uma grande movimentação de recursos, que tiveram protagonismo na transformação do futebol em mercadoria a partir da década de 1970 e, sobretudo na década de 1980. Este processo foi nomeado por Manzenreiter como “*Sport Industrial Complex*”<sup>174</sup> que influenciou diretamente e indiretamente na economia do esporte, agindo sobre a publicidade e o marketing, venda de produtos esportivos, venda de direitos de transmissão e mobilização de setores secundários afetados pelo esporte.<sup>175</sup>

---

<sup>170</sup> Ibidem, p. 06.

<sup>171</sup> BOURG, Jean-François e GOUGUET, Jean-Jacques. Op. Cit., p. 79-81. p. 25.

<sup>172</sup> JENNINGS, Andrews, Op. Cit., p. 54.

<sup>173</sup> BOURG, Jean-François e GOUGUET, Jean-Jacques. Op. Cit., p. 79-81

<sup>174</sup> MANZENREITER, Wolfram. **The business of sports and the manufacturing of global social inequality**. Esporte e Sociedade ano 2, n.6, Jul.2007/Out.2007, p. 02.

<sup>175</sup> HAGG, Fernanda. **Futebol e o giro neoliberal: apontamentos e o caso brasileiro**. PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 57-80, jan./jun. 2013, p. 67-68



Com a globalização, o esporte teve que enfrentar novos desafios, agora circunscrito a categoria de espetáculo, e conseqüentemente, um produto a ser gerido. “O que é novo é o volume dessa dimensão, reflexo de um aumento exponencial da indústria do espetáculo desportivo num contexto de expressão planetária”<sup>176</sup>, onde os agentes interessados investiam e recebiam cada vez maiores volumes de dinheiro. Ocorreu uma maior racionalização da administração do esporte como um todo, virando sinônimo de negócio, logo sua administração é feita dentro das perspectivas de uma empresa capitalista. Um conjunto complexo de agentes precisou ser profissionalizado: os clubes com suas instancias administrativas, financeiras, órgãos deliberativos, departamento de marketing, gestão da marca do clube, relacionamento do clube com seu público, relações com patrocinadores, entre outros.<sup>177</sup>

Dentro desta nova organização e concepção do esporte, a mídia teve um protagonismo sem tamanho, pois se inicialmente a gestão empresarial era entendida como necessidade, um meio de assegurar o espetáculo, agora ela é compreendida como um fim, a criadora de novas preferências. Conseqüentemente ocorreu uma mudança no perfil dos torcedores para consumidores da modalidade, “a veiculação e a comercialização do espetáculo são consideradas como finalidade da liga esportiva”<sup>178</sup>. A mídia atuou primeiro como agente de exposição do produto, colocando o esporte na vitrine mundial (este mesmo período foi responsável por ações de desregulamentação da mídia e principalmente da privatização de empresas públicas e estatais de comunicação, o que abriu caminho para a organização e desenvolvimento grupos privados com seus canais fechados de esporte), depois teve o papel de principal financiadora e patrocinadora do esporte, seja através das entidades representativas ou dos clubes esportivos.

Hoje a principal fonte de recursos para os clubes advém das receitas da venda dos direitos exclusivos de imagens para os grandes oligopólios de comunicação,

“Os investimentos no desporto passaram a ser inseparáveis da lógica do espetáculo desportivo fortemente mediatizado. O que o tornou um dos maiores mercados publicitários mundiais foi a osmose que se estabeleceu entre um evento desportivo e a sua possibilidade de transmissão televisiva à escala mundial. Só que a televisão, mais do que transmitir um acontecimento, passou a produzir o próprio acontecimento. Crescentemente, são maiores as influências da televisão sobre o produto desportivo do que o seu contrário. É, à escala do desporto, a inversão da tese segundo a qual a comunicação social

---

<sup>176</sup> CONSTANTINO, José Manuel, Op. Cit., p. 35

<sup>177</sup> HAGG, Fernanda. Op. Cit., p. 66.

<sup>178</sup> PRONI, M. W. . 2010, Op. Cit., p. 05.

reflete a sociedade. Cada vez mais a sociedade é o reflexo da comunicação social e particularmente da televisão.”<sup>179</sup>

### 1.3.3. Brasil entra em campo

As transformações da economia brasileira também atingiram em cheio a economia do esporte no país, tendo sido o futebol a principal modalidade afetada. Aceitando as hipóteses de Fernanda Haag, podemos constatar a mudança no futebol brasileiro em dois planos: primeiro um mais geral, permeado justamente pelas mudanças estruturais do capitalismo após a crise de acumulação durante os anos 1970, no Brasil conhecida com Crise do Milagre Econômico, o que atingiu diretamente o esporte e o futebol, necessitando uma remodelação na sua forma de acumulação. E o segundo, de forma mais específica, as transformações ocorridas dentro do próprio campo esportivo<sup>180</sup>, influenciado fortemente por reformas ligadas à suposta crise do futebol, surgida em meados dos anos 1970. O principal objetivo era abrir caminho para adoção do modelo do futebol europeu e modo de gerenciar os esportes conforme os EUA. Conforme assinala Ouriques:

“A partir do final da década de 70, esse surto mercadológico impulsionou os lucros com o futebol mundial e criou o que se convencionou chamar de modelo ideal do futebol europeu. Os reflexos dessa nova situação encontrou impulso no Brasil na primeira metade da década de 80, quando surgem algumas inovações mercadológicas que até então não eram permitidas, como por exemplo, a publicidade nas camisas dos jogadores, a transmissão dos jogos ao vivo, com retorno para os clubes e federações estaduais e CBF, a amplificação das publicidade nos estádios e outras modificações mais.”<sup>181</sup>

Durante os anos 1980, os clubes passavam por severas crises econômicas, fruto da conjuntura econômica nacional e internacional e inabilidade administrativa de seus gestores. Marcos Alvito aponta que naquele momento o futebol era permeado por um “forte controle estatal impedindo inovações, calendário irracionais, federações estaduais controladas pelos mesmos dirigentes há décadas, campeonatos deficitários, violência crescente dentro e ao redor dos estádios”<sup>182</sup>.

O horizonte era o modelo europeu, principalmente o futebol inglês, uma lógica neoliberal de pensar a vida e suas relações correlatas. No campo esportivo, destacando-

---

<sup>179</sup> CONSTANTINO, José Manuel. Op. Cit., p. 36

<sup>180</sup> HAAG, F. R. . Op. Cit..

<sup>181</sup> OURIQUES, Nilso. **O gol contra do rei: a Lei Pele e suas consequências**. Motrivivência. Florianópolis, v.11, n.12, 1999, p. 60.

<sup>182</sup> ALVITO, Marcos. **A parte que te cabe nesse latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização**. Análise Social. Lisboa, v. XLI, 2º trimestre de 2006, p. 458.

se o futebol, houve todo um esforço para sua mercantilização, com estádio modernizado, o clube-empresa com ações na bolsa de valores, ampla carteira de patrocinadores, a televisão com grande influência decisória sobre o esporte, transmissões na televisão ao vivo, mas nos canais fechados.

Os laços que unem os discursos e necessidades da modernização do futebol brasileiro convergiram para a profissionalização dos dirigentes esportivos e transformação do futebol em negócio, logo, o administrador deste negócio deveria ser uma empresa, um “clube-empresa”. A criação dos clubes S.A. aumentou o poder de intervenção do capital privado sobre o futebol; clubes que, como qualquer empresa capitalista, deveriam colocar suas ações na bolsa, buscando valorizar sua marca, tornando-se essencialmente vendedores e compradores de produtos, sejam estes jogadores ou camisetas.

Na década de 1980, ocorreram uma série de mudanças que alteraram a estrutura político e administrativa do futebol brasileiro, o encaminhando para uma transformação dentro da lógica capitalista. Algumas destas medidas aqui entendidas como relevantes para a mudança dos rumos do futebol brasileiro serão apresentadas.

#### **a) Propaganda na Camiseta**

Em 1981, a Deliberação nº 9/81 do Conselho Nacional de Desportos (CND) passou a admitir o uso das marcas dos fabricantes de material esportivo nos uniformes (Topper, Penalty, Adidas e etc.). Apenas a estampa de marcas esportivas era permitida em detrimento de outras marcas comerciais não esportivas. No mesmo ano, a Confederação Brasileira de Vôlei, através do seu presidente Carlos Arthur Nuzman, alegando seguir a tendência mundial, conseguiu a liberação junto ao CND para que empresas associassem o nome de suas marcas ao nome das equipes de vôlei, como o Club Atlético Pirelli. Com o sucesso do voleibol e a crise do futebol, os dirigentes do futebol, perceberam nos patrocínios um caminho a ser trilhado.<sup>183</sup> A regulamentação da propaganda nos uniformes de futebol no Brasil ocorreu em junho de 1982, pelo extinto Conselho Nacional dos Desportos. Um dos primeiros clubes a utilizar propaganda foi o Sport Club Internacional, que estampou a logomarca da Pepsi acima do número da camiseta durante uma partida do Torneio Quadrangular de Verão de Montevideo no dia

---

<sup>183</sup> SANTOS, T. C. **Globalização, mundialização e esporte: o futebol como megaevento.** In: ALABARCES, P. Peligro de gol. Estudios sobre deporte y sociedad em América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2000, p. 64.

16/02/1982, anteriormente à regulamentação da CND. O clube recebeu a quantia de Cr\$ 2 milhões, que poderiam aumentar em mais Cr\$ 1 milhão se o time tivesse passado as finais do certame.<sup>184</sup> Sem embargo, esta transição para o futebol não foi tão natural e vantajosa:

“Todavia, como todo início é penoso, e levando em conta a antiga prática administrativa dos dirigentes e a conseqüente desorganização do futebol brasileiro, os clubes não estavam estruturados profissionalmente como as empresas para entrar neste mercado. Além do mais, a tradição dos clubes, interferindo nos patrocínios, de modo que a marca das companhias só poderia ser usada nas camisas, acarretava uma ação de *marketing* tímida (Brunoro & Afif, *op. cit.*: p. 33).”<sup>185</sup>

Durante a década de 1980, a base esportiva brasileira, influenciada pela ordem de mundialização do futebol, buscava atingir um novo patamar esportivo, baseando-se no modelo europeu, sobretudo o inglês, apostando numa maior autonomia de organização e funcionamento das entidades esportivas nacionais, movimento que foi sendo consumado a partir da década de 1980, com inclusão e aprovação do artigo 217 da constituição federal de 1988, artigo este que regulava o fomento das práticas desportivas formais e não formais no país por ordem do Estado, porém no seu item primeiro garantia autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento.

A CBD (até 1979) e CBF (a partir de setembro 1979) vinham organizando campeonatos extremamente inchados, com média de noventa clubes, tanto é que, durante o período da ditadura civil-militar existia o ditado “onde a Arena vai mal, mais um time no nacional”. Este inchaço de clubes socorreu principalmente a partir da chegada do Almirante Heleno Nunes (Presidente da Arena no Rio de Janeiro) na presidência da CBD em 1975-1980 e do início do processo de abertura “lenta, gradual e segura” do ditador Ernesto Geisel e o seu chefe da casa civil Golbery. Após as eleições de 1974, o regime passava por uma crise de legitimidade, o que colocava em risco o projeto de Geisel e Golbery. Para tanto, os campeonatos nacionais foram utilizados sob o pretexto de servirem para a integração e interiorização do futebol, mas acabaram sendo utilizados

---

<sup>184</sup> Revista Placar. Número 25, 1982

<sup>185</sup> SANTOS, T. C. Op. Cit., p. 64-65.

também para garantir uma variedade de times do interior do Brasil como forma de benesses a aliados políticos.<sup>186</sup>

#### **b) Clube dos Treze e o Campeonato de 1987**

A criação do Clube dos Treze, em 1987, foi importante passo na tentativa de uma gestão empresarial do esporte. A instituição (pessoa jurídica) reunia na época os “treze principais clubes”, clubes melhor ranqueados pela CBF: Internacional-RS, Grêmio, Cruzeiro, Atlético-MG, São Paulo, Santos, Corinthians, Palmeiras, Bahia, Vasco da Gama, Botafogo, Flamengo e Fluminense. Posteriormente outros clubes se agregaram chegando a vinte clubes. O objetivo do Clube dos Treze era defender e administrar os interesses políticos e comerciais dos clubes, ou seja, era principalmente negociar os direitos de transmissão do campeonato brasileiro com os grupos de comunicação.

Em 1986, devido à crise financeira, decidiu-se que o campeonato de 1987 deveria contar com um número menor de clubes. A escolha dos clubes que comporiam o campeonato seria feita a partir da colocação das 24 melhores equipes da segunda fase da Copa Brasil de 1986. Entretanto, além da crise financeira, a entidade era infligida por uma séria crise institucional. Existia uma briga pelo poder político da entidade, entre Octávio Pinto Guimarães (1922-1990) e Nabi Abi Chedid (1932-2006) por conta de uma manobra realizada durante as eleições da entidade em 1986. Chedid, político de longa data, com passagens pelo Partido da Representação Popular, Aliança Renovadora Nacional e Partido Democrático Social, e ex-presidente do Clube Atlético Bragantino (1959-1977) e da Federação Paulista de Futebol (1979-1982), concorreu à presidência da CBF, tendo como vice de sua chapa Pinto Guimarães, dirigente de carreira do Botafogo de Futebol e Regatas, presidente da Federação Carioca de Futebol de 1967 a 1978 e primeiro presidente da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) de 1978 a 1985. Porém, em um prognóstico precipitado nas vésperas da eleição, constatava-se um possível empate de votos com o outro candidato, João Maria Correa Medrado Dias, apoiado pelo então presidente da CBF, Giulite Coutinho (1980-1986). Como o primeiro critério primeiro de desempate era pela idade, Chedid decidiu substituir o seu nome pelo de seu vice Pinto Guimarães, ficando ele com o cargo de vice. A vitória da chapa acabou

---

<sup>186</sup> SANTOS, Daniel de Araujo dos. **Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol**. 148 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. 2012.

se confirmando por um voto, e Guimaraes assumiu a presidência da CBF, o que selou a discórdia dos antigos correligionários, debilitando politicamente a entidade.

Outro ponto de enfraquecimento da Confederação foi que, durante o campeonato de 1986, o Joinville Esporte Clube reivindicou junto ao Conselho Nacional de Desportos (CND) os pontos do empate em 1 a 1 com Club Sportivo Sergipe, afirmando que um jogador do clube nordestino tinha sido pego no exame antidoping. Mesmo contrariando os interesses da CBF, o CND concedeu os pontos a equipe catarinense, o que mudou a classificação do torneio, retirando o Clube de Regatas Vasco da Gama da segunda fase, e consequentemente, impossibilitando-o de participar do campeonato no ano vindouro. O imbróglio foi resolvido: o time carioca e o catarinense não seriam eliminados, e sim outros quatro times elevados: Associação Portuguesa de Desportos, Clube Náutico Capibaribe, Santa Cruz Futebol Clube e Sobradinho Esporte Clube.

Em 1987, após a CBF abrir mão de organizar o campeonato, a tarefa coube ao jovem Clube dos Treze, que realizou um campeonato com Atlético-MG, Bahia, Botafogo, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Santos, São Paulo e Vasco, mais Coritiba, Goiás e Santa Cruz (os últimos três como condição da CBF para tornar o campeonato mais representativo).

Em 1987 ocorreu a Copa União. No dia 05 de setembro a Rede Globo firmou um contrato de exclusividade nas transmissões em um acordo inicial de US\$ 3,4 milhões<sup>187</sup> (aproximadamente 170 milhões de cruzados) junto ao Clube dos Treze. Segundo Barbosa e Ribeiro, a receita anual da Globo naquele ano fora de US\$ 500 milhões.<sup>188</sup> Assim a Rede Globo teria um acordo de cinco anos e com possibilidade de renovação anual. O contrato concedia o direito de transmissão de 37 jogos ao vivo do campeonato (foram 72 jogos ao todo), sendo 3 jogos por semana, um jogo a partir das 21h30 de sexta-feira, outro a partir das 16h do sábado e do domingo. Os espaços publicitários de 15 segundos iriam render em torno de US\$ 1,3 milhões para a Rede Globo.

A empresa Coca-Cola (que mundialmente investia no marketing esportivo desde os anos 1960), a partir da visibilidade trazida pela Rede Globo, aportou US\$ 17 milhões<sup>189</sup>. Assim ela teria o direito de por 5 anos expor sua logomarca pintada no centro

---

<sup>187</sup> Em 08.09.1987 o dólar comercial 48,790 (compra) e 49,034 (venda)

<sup>188</sup> SANTOS, Anderson. **A consolidação de um monopólio de decisões: A Rede Globo e a transmissão do Campeonato Brasileiro de futebol**. Dissertação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2013, 116.

<sup>189</sup> SANTOS, Anderson David Gomes dos. **A Rede Globo e a transmissão do Campeonato Brasileiro**. Revista EPTIC Online, São Paulo, v.15, n.3, p. 205-215, set.-dez. 2013b, p.209.

do gramado, além dos atletas concederem entrevistas na frente de um painel da empresa. Contudo, a FIFA acabou proibindo a propagando no meio do campo, o que faz com que a empresa passasse a pagar apenas 50% do contrato, mesmo explorando a parte detrás das goleiras com sua logomarca e uma garrafa de 1m80. Neste mesmo campeonato nove clubes estamparam em suas camisetas os logotipos da Coca-Cola.<sup>190</sup>

A Editora Abril foi outra empresa que apoiou o campeonato, investindo 28 milhões de cruzados em troca de produzir um álbum de figurinhas.<sup>191</sup> A Editora fazia parte da parte do Grupo Abril de propriedade da família Civita, que editava mais de uma dezena de revistas, dentre elas a Revista Placar, que na capa da edição de 14 de setembro de 1987 anunciava o “Guia da Copa União. O verdadeiro Campeonato Brasileiro”<sup>192</sup>, e em suas páginas internas não poupava elogios ao novo certame “tirada a fórceps, veio à luz bela e viçosa, reunindo a nata do futebol tricampeão do mundo. É bem diferente daquele mostrengo espúrio e inchado que, em 1979, por exemplo, chegou a aglomerar 94 clubes.”<sup>193</sup>

A Varig, empresa de aviação, também entrou como patrocinadora, garantido as passagens aéreas para viagens de deslocamento dos clubes durante as partidas do campeonato<sup>194</sup>.

Segundo o jornalista Juca Kfoury<sup>195</sup>, a junção entre o Clube dos Treze e a realização Copa União “era para ser o embrião da Liga Brasileira de Futebol Profissional. Nasceria cinco anos antes da Liga Inglesa, a famosa Premier League.”<sup>196</sup> A competição foi um sucesso de público, conquistou a marca de 20.800 torcedores em média (segunda maior da história atrás apenas do Brasileirão de 1983) quebrando o mito que a transmissão de jogos ao vivo quebrava o público nos estádios.

### **c) Ministros camisa 10: Lei Zico e Lei Pelé**

Em 1993, quando o ex-jogador Arthur Antunes Coimbra – o Zico – ocupava o cargo de secretário dos esportes do governo federal, foi proposta a Lei nº 8.672/1993.

---

<sup>190</sup> SANTOS, Anderson David Gomes dos. 2013a, Op. Cit., p.138.

<sup>191</sup> Idem.

<sup>192</sup> Revista Placar, Nº 902, 14 de setembro 1987, capa.

<sup>193</sup> Revista Placar, Nº 902, 14 de setembro 1987, página 18.

<sup>194</sup> AGUIAR, Leonel e PROCHNIK, Luisa. Op. Cit., p. 59.

<sup>195</sup> Jornalista que na época era diretor da Revista Placar, uma grande entusiasta da Copa União, tanto que segundo seu próprio relato, foi a revista que encomendou e pagou a taça do certame ao artista plástico Carlos Fajardo.

<sup>196</sup> KFOURI, Juca. Nascimento e agonia do Clube dos 13. 01/03/2011. Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2011/03/nascimento-e-agonia-do-clube-dos-13/>

Dentro de um momento de mudanças na referida atuação do Estado nas entidades e práticas esportivas, foi apresentada alternativas para o cenário do esporte, sobretudo do futebol.

“Em 1990 com o governo Collor ocorreu uma escancarada abertura da economia brasileira, venda de estatais e o processo de desregulamentação das leis de proteção do mercado interno. Esta postura adotada demonstrou a mudança e a opção pelo modelo globalizado. Com a flexibilização das relações profissionais abriu-se caminho para "evoluir" a legislação dos jogadores de futebol. Neste contexto o esporte assumiu uma nova postura, modernizando e melhorando a qualidade dos serviços prestados, assim como maiores incentivos à participação privada, idealizando o futebol-empresa e o marketing esportivo como forma moderna de empreendedorismo esportivo.”<sup>197</sup>

A referida lei procurava sobretudo regulamentar novas formas comerciais no futebol (formalização dos clubes empresas) e rescindir a lei 6.354/76, "lei do passe" e apresentar uma opção ao vínculo contratual aos atletas profissionais com o clube.

Alguns anos mais tarde, em 1996, quando Edson Arantes do Nascimento – o Pelé - outro ex-jogador, ocupava o cargo de Ministro dos Esportes, ocorreu nova proposta de alteração no esporte. A lei previa que, a partir de 1997, os jogadores seriam seus próprios donos, possuindo o direito sobre seus passes, além de legislar sobre a transformação dos clubes de futebol em empresas. Então em setembro de 1997 o governo federal, por meio da Casa Civil, propôs ao Congresso Nacional o Projeto Pelé (alterações do original), que tinha como base pontos que visavam a racionalização administrativa, modernização do gerenciamento: transformação dos departamentos de futebol dos clubes em empresas, fim do passe de jogadores (em 1998 só seriam liberados os passes de jogadores de 30 anos), terceirização dos serviços de arbitragem e proibição das ligas se filiarem às federações.<sup>198</sup>

A Lei Pelé entra em vigor em março de 1998, revogando a Lei Zico. Esta nova lei, em seu artigo 27º, parágrafo 9, estabelece que “é facultado às entidades desportivas profissionais constituírem-se regularmente em sociedade empresária”<sup>199</sup>. Ademais, visou profissionalizar o futebol e acabar com os grandes poderes dos clubes sobre os jogadores. Ao mesmo tempo em que atacava os dirigentes dos clubes em busca de uma democratização e transparência maior dos clubes, abria caminho para ação cada vez maior por parte do mercado sobre o futebol, pois ao profissionalizar o futebol e retirar o passe

---

<sup>197</sup> ALMEIDA, M. A. B.. Discussão sobre as mudanças na legislação desportiva brasileira: caso do futebol e a Lei do Passe. Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 111 - agosto de 2007.

<sup>198</sup> SANTOS, T. C. Op. Cit., p.64-66.

<sup>199</sup> Lei 9616/98.



dos atletas das mãos dos clubes, acabou por jogá-los nas mãos de empresários e empresas que negociam os jogadores.

Além disso, o artigo 42 da lei em seu parágrafo 3º, conceituava “O espectador pagante, por qualquer meio, de espetáculo ou evento desportivo equipara-se, para todos os efeitos legais, ao consumidor”<sup>200</sup> fundamentado nos termos do artigo 2º da Lei nº 8.078, código do consumidor.

Em abril de 1992 ocorreu outro fato que marcou profundamente o futebol brasileiro. Não dizia respeito a nenhuma lei, mas da introdução de uma parceria entre a multinacional Parmalat (produtos alimentícios) e o clube paulista Sociedade Esportiva Palmeiras, com contrato entre 1992-2000. Segundo Santos, este fato, conjugado com a aprovação da “Lei Zico”, mostra uma nova fase para o futebol brasileiro, onde “há uma forte inclinação a se pensar o futebol como um grande negócio e os torcedores como consumidores”<sup>201</sup>. A multinacional também fechou acordo com o Esporte Clube Juventude, time do interior do Rio Grande do Sul, e com Santa Cruz Futebol Clube de Pernambuco.

Estas parcerias abriram caminho para outras iniciativas semelhantes, como as do Banco Excel, com o América Futebol Clube (Mineiro), Botafogo de Futebol e Regatas, e Esporte Clube Vitória e Sport Club Corinthians Paulista. Este último ainda firmou parceria com outras duas empresas. Primeiro em 1999, com a *Hicks Muse Tate and Furst* (HTMF), fundo estadunidense que possuía como uma de suas filiais a empresa brasileira *Traffic* de mídia esportiva. A HTMF adquiriu 49% da *Traffic* como modo de entrar no mercado do Mercosul, além de investir em negócios com a Rede Bandeirantes. A segunda tentativa ocorreu em 2004, com o *Media Sports Investment* (MSI), fundo de investimento britânico e russo com base no Reino Unido. A parceria durou até 2007, após o representante na MSI, Kia Joorabchian e dirigentes do clube terem sido denunciados pelo Ministério Público e terem pedido de prisão expedido pela 6ª Vara da Justiça Federal.

Até a empresa de marketing *International Sports and Leisure* – ISL, (Horst Dassler) recebeu da FIFA, em 1976, licença de comercializar com exclusividade os direitos dos principais eventos esportivos da entidade. A ISL acertou parcerias com Clube de Regatas do Flamengo e Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense em 2000. A parceria que previa uma década e meia de contrato com significativo aporte financeiro acabou durando só até 2001, quando do colapso da empresa.

---

<sup>200</sup> Lei 9.616/98.

<sup>201</sup> Idem, p. 66.

#### **d) Campeonatos Brasileiros de Futebol: era dos pontos corridos**

A partir da Copa União, os campeonatos brasileiros foram realizados majoritariamente pela CBF. A única exceção foi o campeonato de 2000, que em virtude de litígio entre CBF e um o clube do Gama, com diferentes decisões entre a justiça comum e o tribunal esportivo, acabou sendo realizada pelo Clube dos Treze, intitulada Copa João Havelange. Se analisarmos os campeonatos enquanto número de participantes, número de rebaixados, fórmula e período de realização, perceberemos que foram poucas continuidades, em quase todo novo campeonato, algum dos itens acima era mudado. Quanto ao número de participantes, houve campeonatos com 20, 22, 24, 26, 32, 28 e 116. Em grande, parte esta variação se deve à quantia significativa de “viradas de mesa”, quando o resultado de campo é alterado pelos tribunais de justiça (referente aos times rebaixados) que ocorrem nos campeonatos. No período ocorreram significativas “viradas de mesa” entre os campeonatos de 1992-1993, 1996-1997 e 1999-2000.

As fórmulas foram as mais diversas possíveis: enfrentamento de todos contra todos; em turno único ou em turno ou retorno; divisão em grupos, classificando 8 melhores, com uma fase ou duas fases; além de jogos eliminatórios contando com quartas-de-final e/ou semifinal e/ou final. Os certames disputados a partir de 2003 são os que mantem maior uniformidade na fórmula: campeonato de pontos corridos, com enfrentamento de todos contra todos, em jogos de turno e retorno, e o posicionamento por mérito esportivo decidindo além do campeão, as outras equipes classificadas para campeonatos internacionais.

O Campeonato Brasileiro de 2003 talvez seja um dos mais emblemáticos nas relações entre CBF, Clube dos Treze e televisão. Ele foi fruto ainda de discussões iniciadas no ano de 2002. Em 26 de março de 2002 foi criada a Liga Brasileira de Futebol Profissional<sup>202</sup>, que pretendia organizar o campeonato brasileiro daquele ano, tirando esta prerrogativa das mãos da CBF. Contudo, isto colocou os principais clubes do país em rota de colisão com a CBF, que inicialmente não pretendia reconhecer a nova entidade, não aceitando sua filiação. Esta pretensão enfraqueceu principalmente a partir do momento em que os presidentes Mauro Palmeiro (Botafogo), Edmundo Santos Silva (Flamengo), David Fischel (Fluminense) e Eurico Miranda (Vasco da Gama) decidiram ficar ao lado da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)<sup>203</sup>, junto das Federações Estaduais.

---

<sup>202</sup> Correio do Povo, 27 de março 2002, p.23.

<sup>203</sup> Correio do Povo, 23 de abril 2002, p.27, p.23

Entretanto, no início de maio, as duas entidades entraram em um acordo garantindo a realização do campeonato brasileiro daquele ano em coparceira, ficando o campeonato de 2003 aos cuidados da nova entidade. Pouco antes do início do certame existia grande dúvida sobre sua realização em virtude da crise econômica que refletia sobre tudo na alta do preço do dólar, questão que impactava diretamente sobre as verbas da televisão que tinham sido fechadas no ano anterior baseada na moeda estadunidense (contrato válido até 2005). Os clubes, por meio do Clube dos Treze, tinham acordado R\$ 148 milhões, e a televisão apresentara proposta menor de R\$ 136 milhões<sup>204</sup>, que no final foi em R\$ 130 milhões bem inferior aos US\$ 80 milhões do contrato original, que se convertido ultrapassaria os R\$ 230 milhões.<sup>205</sup>

Em 2002, quando do grupo de trabalho sobre futebol organizado pelo Ministério do Esporte, a Rede Globo defendeu um campeonato nacional mais longo, com duração de oito meses, sendo disputado em turno e retorno, com pontos corridos, por achar que motivaria mais o torcedor.<sup>206</sup>

“A proposta de ampliação do Brasileiro-2003 partiu da TV Globo, dona dos direitos de transmissão do torneio, com base em um estudo encabeçado pelo Ministério do Esporte, por meio de uma comissão especial da qual o próprio presidente da CBF fez parte. A ideia da emissora, apoiada pela direção do Clube dos 13, é dar início ao Campeonato Brasileiro ainda em abril. A final do torneio seria disputada em dezembro.”<sup>207</sup>

A TV Globo tinha como preferência de fórmula um campeonato que ocupasse os dois semestres do ano, com enfrentamento de todos os clubes uns contra os outros em turno e retorno, sendo ainda no final do ano disputado jogos eliminatórios entre os times campeões de cada turno e os dois de melhor campanha. O modelo sem finais não era o preferido da emissora carioca, pois entendia que finais com datas definidas era imprescindível para altos pontos de audiência e para angariar contratos de publicidade mais substanciais.<sup>208</sup> Esta proposta também uniria os interesses dos clubes pequenos que com um certame longo teriam todo o seu calendário até o final do ano preenchido com jogos, não apresentando prejuízos por eliminações precoces. A televisão teria ainda

---

<sup>204</sup> Correio do Povo, 14 de julho 2002, contracapa.

<sup>205</sup> Correio do Povo, 20 de julho 2002, contracapa.

<sup>206</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. TV quer tornar Brasileiro mais interessante, 27 de julho 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2707200216.htm>

<sup>207</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. CBF afirma que calendário quadrienal não foi rasgado, 27 de julho 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2707200215.htm>

<sup>208</sup> Revista Placar. Edição 1265, dezembro 2003, p.35

uma quantidade considerável de jogos a serem explorados (46 rodadas com 12 jogos cada uma), podendo aumentar seus lucros, além do que guardaria o suspense das finais sem saber quem seria o campeão, mas sabendo quando, o que para os patrocinadores é importantíssimo.

O campeonato de futebol nacional de 2003 foi o certamente o que teve o regulamento mais simples. O modelo era baseado nos principais campeonatos nacionais europeus, onde todos jogavam contra todos em turno e returno e o que acumulasse mais ponto seria o campeão (campeonato de pontos corridos), modelo de maior duração. As discussões sobre sua fórmula iniciaram ainda em 2002. Em agosto os dirigentes dos clubes que compunham o Clube dos Treze aceitaram o calendário proposto pela CBF, que manteve os campeonatos estaduais, contudo acabava com os regionais e estabelecia o Campeonato Brasileiro com quase nove meses. Com pesos diferentes para cada clube, o presidente do Internacional, Fernando Carvalho votou na proposta da CBF, enquanto o presidente gremista José Alberto Guerreiro votou contra<sup>209</sup>. Segundo Carvalho, o clube gaúcho recebeu R\$ 570 mil mensais durante o torneio Sul-Minas daquele ano, e no Brasileiro iria receber onze cotas de aproximadamente R\$ 1 milhão, justificando sua posição, aparentemente, por questões econômicas e pela necessidade de adequar o calendário, uma vez que com o torneio Sul-Minas as datas ficariam inchadas.<sup>210</sup>

A CBF decidiu oficialmente em setembro de 2002 o seu calendário futebolístico para o ano seguinte, onde o campeonato duraria oito meses e meio, de março a dezembro, extinguindo as copas regionais e revitalização dos estaduais que deviam ser disputados de janeiro a março em 12 datas.<sup>211</sup> Com isso decretado, derrotava de forma avassaladora a jovem Liga Sul-Minas, fundada em 2000. Uma liga que era administrada pelos próprios clubes, presidida por Fernando Miranda, antigo presidente do Internacional. Esta derrota também acarretava danos aos interesses de outros importantes dirigentes do futebol, como Eduardo Viana (Caixa d'Água) presidente da FERJ e de Farah.

A Rede Globo era a empresa que tinha os direitos do campeonato adquiridos em dólar em 2000. O ano de 2002 foi peculiar para uma das maiores empresas brasileiras. Em balanço apresentado em 31 de março de 2002, o Grupo Globo possuía uma dívida externa de US\$ 2,6 bilhões, sendo US\$ 2,2 bilhões em moeda estrangeira. A situação da

---

<sup>209</sup> Os clubes que votaram a favor da proposta da CBF foram Vasco, Botafogo, Flamengo, Fluminense, Palmeiras, Bahia e Sport Recife. Do outro lado, ficaram Grêmio, Cruzeiro, Atlético-MG, Coritiba, Atlético-PR, Goiás, São Paulo e Guarani. Corinthians, Portuguesa, Santos e Vitória não votaram

<sup>210</sup> Correio do Povo, 31 de agosto 2002, p.23.

<sup>211</sup> Correio do Povo, 04 de setembro 2002, p.23.

empresa era tão sensível que um dia após a vitória nas eleições presidenciais de Luiz Inácio Lula da Silva, o diretor-financeiro da empresa, anunciou que a Globo Comunicações e Participação (Globopar), holding da família Marinho, suspenderia o pagamento das suas dívidas por no mínimo de 90 dias para reavaliação de seus negócios.<sup>212</sup> No segundo semestre de 2002, em virtude das eleições presidenciais, o Real teve forte desvalorização frente ao Dólar estadunidense. Em 10 de outubro, a cotação batia o recorde do Plano Real, chegando a R\$ 3,99 para US\$1 em outubro daquele ano, com uma valorização acumulada no ano de 72,28%<sup>213</sup>.

Neste contexto, CBF e Rede Globo se aglutinam para quebrar as Ligas e restabelecer os campeonatos sob o total controle da CBF, mesmo com os clubes insistindo em manter as ligas e forçando a TV Globo cumprir o estabelecido de transmissão dos jogos dos três anos seguintes<sup>214</sup>. O executivo da emissora, Marcelo Campos Pinto afirmara “que os torneios das Ligas não integram o calendário oficial da CBF. Assim, o contrato firmado com a Liga Sul-Minas não precisaria ser cumprido”<sup>215</sup>. Conjuntamente, a TV Globo reduziu em 25% o valor pago pela transmissão de 2003, aportando aos clubes a quantia de R\$ 168 milhões que seriam divididos em quatro faixas distintas, cabendo a cada uma um valor diferente, por exemplo, a dupla Grenal ficou na segunda faixa, junto de Santos, Fluminense, Botafogo, Atlético Mineiro e Cruzeiro, recebendo o total de R\$ 8,7 milhões divididas em onze parcelas.<sup>216</sup>

Contudo, a partir de manobras da Rede Globo e CBF nos bastidores, os clubes decidiram em dezembro daquele ano pela fórmula dos pontos corridos, em votação apertada com resultado de 27 a 25<sup>217</sup>, onde o voto dado por Fernando Carvalho foi decisivo para a nova fórmula. Assim o certame começando no final março e terminando em 14 de dezembro. A renda dos jogos ficava sempre com o clube mandante, o dono da casa. Além disso, foi fixado o preço mínimo de R\$ 10,00 para os ingressos. Os estádios deveriam ter capacidade mínima de 15 mil pessoas sentados<sup>218</sup>.

---

<sup>212</sup> DIAS, Mauricio. Globo em crise. Observatório da Imprensa, novembro 2002. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0611200292.htm>

<sup>213</sup> Correio do Povo, 11 de outubro, capa

<sup>214</sup> Correio do Povo, 21 de novembro 2002, p. 27.

<sup>215</sup> Correio do Povo, 23 de novembro 2002, p. 23.

<sup>216</sup> Correio do Povo, 23 de novembro 2002, p. 23.

<sup>217</sup> Os clubes a favor dos pontos corridos foram: Atlético-MG, São Paulo, Cruzeiro, Vitória, Coritiba, Goiás, Atlético-PR, Internacional, Botafogo, Sport Recife e Portuguesa. Os clubes contra os pontos corridos foram: Santos, Flamengo, Vasco, Fluminense, Corinthians, Palmeiras, Grêmio, Bahia e Guarani.

<sup>218</sup> Correio do Povo, 18 de dezembro 2002, contracapa.

\*\*\*

Neste primeiro capítulo, procurou-se apresentar e analisar alguns pontos que fundamentais para virada econômica<sup>219</sup> pela qual o futebol passou a partir da década de 1980: A implementação da lógica neoliberal ao esporte, principalmente do futebol, através dos esforços da FIFA pelas mãos de João Havelange; como estas transformações ocorrem no Brasil, principalmente a partir da mesma década de 1980; e como a entrada mais agressiva do *marketing* esportivo, a ação da televisão na compra de direitos de transmissão e a legislação, auxiliaram nesta mudança.

---

<sup>219</sup> CRUZ, Antônio, 2010, Op. Cit.

## CAPÍTULO 2

### VELHOS E NOVOS ESTÁDIOS: VELHAS E NOVAS EMOÇÕES?

Neste capítulo foram desenvolvidas discussões acerca dos estádios, a partir do histórico de seus desenvolvimentos, a importância do estádio como local de experiências e história; a transformação pelas quais os equipamentos passam a partir das novas exigências da FIFA e o como isso reflete na constituição de novos tipos de torcedores, onde as antigas culturas torcedoras são condenadas em detrimento da formação de novas práticas de torcer, muito atreladas ao entendimento do esporte futebol e da partida de futebol como produtos e serviços a serem comercializados. Essa transformação recebe respaldo e interferência tanto da televisão, que com a quantidade de capital lançado para compra dos direitos de transmissão acaba por interferir sobre maneira na organização do jogo, quanto do Estado, a partir de uma série de medidas legais, como Estatuto de Defesa do Torcedor, JECrim, proibição de consumo de bebidas alcoólicas, que interferem na organização do jogo, na construção dos estádios e conseqüentemente na formação do frequentador; além dos próprios clubes, que a partir de uma nova configuração econômica e administrativas acabam chancelando as novas exigências.

#### 2.1. Um histórico dos estádios

O estádio está presente no cotidiano há muito mais tempo do que imaginamos. Segundo Gaffney, a palavra estádio é de origem grega (*estadion*), reporta aos postes que demarcavam o início e o final geográfico das corridas helênicas, e com o decorrer do tempo foi ampliado para nomear qualquer estrutura que estivesse no perímetro das pistas de corrida. Além disso, os estádios eram utilizados para celebrações religiosas e competições atléticas, locais de interação entre o terreno e o divino. Os romanos possuíam o Coliseu, construção com capacidade de 50 mil pessoas, construído no século I d.c., para abrigar as corridas de biga e competição entre gladiadores. Locais onde a elite imperial romana controlava a produção dos espetáculos públicos. Os povos das sociedades pré-colombianas da América Central, por sua vez, também possuíam campos para jogos de bola.<sup>220</sup>

O geógrafo John Bale desenvolveu um modelo de quatro fases ideais para analisar a evolução e as mudanças nas concepções arquitetônicas e estruturais dos estádios<sup>221</sup>. O primeiro momento é quando ainda não havia ocorrido a chamada *esportificação* (sem

---

<sup>220</sup> GAFFNEY, Christopher, Op. Cit.

<sup>221</sup> BALE, Jonh, Op. Cit., 1993, p. 11-18.

regras definidas, sem definição formas de disputa e organização) dos esportes, onde não existiam estádios, mas sim locais sem limites definidos e em espaços irregulares. Geralmente a não delimitação sensível do espaço do jogo proporcionava grande interação entre os participantes e observadores, quando não a sua troca de posições.

O segundo momento inicia-se propriamente com a esportização dos jogos. Uma das consequências foi justamente a criação de espaços exclusivos para prática do esporte, com locais específicos dentro da cidade industrial inglesa, dentro de uma lógica de lazer nas horas livres dos trabalhadores da sociedade industrial<sup>222</sup>, o que representou o ordenamento de limite entre o campo de jogo e os expectadores, proporcionando a segregação espacial entre os jogadores e observadores, impedindo qualquer interação entre as partes.

Com a separação nítida entre os praticantes e os observadores, inicia-se o terceiro período, marcado pela maior preocupação com a acomodação dos torcedores nas arquibancadas. O futebol se aproximava cada vez mais de uma encenação onde o relevante não está no jogo, mas sim no espetáculo.<sup>223</sup> Deste momento em diante acentuou-se as divisões e hierarquizações nas arquibancadas com fim da livre circulação e a cobrança de ingressos com valores distintos.<sup>224</sup>

“com a criação de setores exclusivos para a boa sociedade inglesa - arquibancadas de madeira cobertas, protegidas dos humores do clima, invariavelmente erguidas na lateral oeste para evitar a incidência direta do sol poente no verão, dentro das quais poderiam socializar entre si e com as diretorias dos clubes, sem se misturar com torcedores comuns da classe trabalhadora. A estes restava pagar um ingresso mais barato e assistir a partida dos terraços (*terraces*) elevados, constituídos na maior parte das vezes de escombros e dejetos, erguidos em geral atrás de cada gol; ou então tentar assistir aos jogos de algum ponto avantajado porém fora do terreno que compreendia este incipiente estádio de futebol: um prédio mais alto, postes ou, mais comumente, árvores.”<sup>225</sup>

Segundo Cereto, os estádios (principalmente destinados aos esportes olímpicos) construídos a partir do século XIX, após longo hiato das competições esportivas internacionais, são equipamentos que se caracterizam por retomarem a tipologia dos anfiteatros, porém com outra conotação. No programa dos estádios, as tipologias foram estabelecidas a partir do retorno à antiguidade clássica “mesmo processo de leitura efetuada pelo *neoclassicismo* da tipologia do anfiteatro – a mais similar estrutura para

---

<sup>222</sup> ELIAS, Norbert., 1992, Op. Cit.

<sup>223</sup> CRUZ, Antonio, 2010, Op. Cit., p. 67.

<sup>224</sup> BALE, John. Op. Cit.,

<sup>225</sup> CRUZ, Antônio, 2010, Op. Cit., p.68.



adaptar as necessidades olímpicas e da prática do futebol”<sup>226</sup>. A tipologia de valorizar o anfiteatro estava calcada no intuito de valorizar a condição atlética, sendo a pista de corrida, “com dois arcos plenos em sua cabeceira ligados por retas no sentido longitudinal configurando a parte interna resultante”<sup>227</sup> de dez metros, contendo oito raias cada uma com 1,25 metros, resultando um total de 400 metros pelo eixo da raia interna como base, inicialmente baseada na distância da corrida grega.

Quando o futebol começou a se disseminar, passou a necessitar de acomodações e o jeito encontrado foi acomodar no interior da pista atlética o campo de futebol:

“sendo assim a dimensão da pista olímpica no eixo longitudinal atinge até 100 metros iniciando o arco pleno nas cabeceiras nos dois lados. Desta forma o que difere uma pista da outra é o raio dos arcos que definirá uma reta maior ou menor. A necessidade do campo retangular fez que este formato esteja configurado pela dimensão longitudinal até o limite da dimensão da reta, indicando assim uma grande variedade de tamanho de campos. Tanto os campos para a prática do futebol, como as pistas de atletismo tem dimensões diversas, mas os campos devem estar configurados de acordo com uma dimensão mínima, enquanto as pistas deverão ter quatrocentos metros”<sup>228</sup>.

Sobre o programa, um ponto importante diz respeito ao público. Este, assim como em um teatro, está dividido entre a plateia e o palco, “com acessos independentes e programas diferenciados”<sup>229</sup>. Referenciando também as diferenças dos grupos sociais, a plateia (arquibancada) dará a forma da edificação, pois, por mais sedutor que pareça a ideia de tomar o estádio como um local democrático, sem divisões e sem conflito de classes, “o espaço dos torcedores é hierarquicamente dividido em setores mais caros, mais baratos e setores para os quais apenas convidados têm acesso”<sup>230</sup>, ou seja, ao invés de diluir possíveis contraste, acaba por reforçá-los. Além disso, a imprensa é a mediadora entre os atletas e os espectadores. E por último, as áreas em anexos que servem de auxílio tanto para o público assistente (bares e sanitários) quanto para os atletas, os vestiários (os árbitros possuem vestiários independentes) e, claro, o campo (palco) parte exclusiva dos atletas.

---

<sup>226</sup> CERETO, M. P.. **Arquitetura de Massas: o caso dos estádios brasileiros**. Porto Alegre, RS, 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 30.

<sup>227</sup> Ibidem, p.31.

<sup>228</sup> CERETO, M. P., Op. Cit., p. 32.

<sup>229</sup> Idem, p.32.

<sup>230</sup> CURI, Martin. Espaços da emoção: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública. 2012. 317 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012, p. 124.

Quanto à forma, os estádios basicamente podem ser de estruturas abertas ou fechadas. A primeira apresentava como objetivo dialogar com o espaço ao redor mantendo uma continuidade na estrutura. Assim o público podia inicialmente se dispor em uma das encostas dos morros e posteriormente em degraus instalados nas encostas que melhoravam a acomodação, por último foi preciso instalar as arquibancadas dos dois lados. Atenas foi o primeiro local que apresentava a forma de ferradura “fechando o estádio em uma cabeceira com um arco pleno (como o teatro grego) deixando a outra extremidade aberta para estabelecer relação visual com o entorno”<sup>231</sup>. A estrutura fechada é apresentada pelo estádio de Olímpia (Grécia) onde as arquibancadas ocupavam a periferia das pistas de corrida formando um gigantesco retângulo.

Os tipos de estádios mais utilizados no futebol são o modelo retangular paralelo às metas do campo, além de modelos em formato U (ferradura), elipse e o semicircular. O tipo misto<sup>232</sup> (elíptico e semicircular), que serve tanto para o futebol quanto para o atletismo, geralmente apresenta problemas de visibilidade (famosos pontos cegos).

Quanto à acomodação dos espectadores, antes das diretrizes da FIFA dos anos 1990, com a modelagem *all-seater* (todos sentados), existiam acomodações no estádio onde o público ficava em pé e outra onde podia ficar sentado. A primeira era caracterizada pelo modelo de patamar<sup>233</sup> e rampa<sup>234</sup>, pelo problema de visibilidade estes modelos precisavam ficar o mais próximo do campo de jogo possível, e mesmo assim a vista da meta oposta do campo ficava prejudicada (espaços das antigas gerais ou *Coréia* no caso do estádio Beira-Rio).

As acomodações dos espectadores sentados eram inicialmente estabelecidas de duas formas: em cadeiras e em arquibancadas. As cadeiras eram colocadas sobre as arquibancadas configurando um espaço numerado. As arquibancadas (degraus em T ou L) eram um espaço por assim dizer misto, pois era possível assistir aos jogos sentados,

---

<sup>231</sup> CERETTO, M. P., Op. Cit., p. 33.

<sup>232</sup> O State de France na comuna de Saint-Dennis ao norte da cidade de Paris na França é um dos mais modernos do mundo construído para a Copa do Mundo de 1998. Estádio de tipologia mista possui arquibancadas retrateis que se sobrepõe a pista de atletismo em momentos de jogos de futebol. Assim as arquibancadas durante os jogos de futebol ficam com as laterais arqueadas e o fundo reto, enquanto que para eventos de atletismo fica em modelo semicircular.

<sup>233</sup> A acomodação em patamares, segundo Ortner, é caracterizada por dois modelos: patamar com circulação e patamar sem circulação. Este tipo de acomodação melhoraram a questão da visibilidade mas ainda apresentam problemas de segurança para os espectadores.

<sup>234</sup> “A acomodação em rampa está caracterizada por Ortner com 5 metros de comprimento não excedendo 10% de inclinação evitando assim a fadiga nos pés. Este tipo de acomodação acomoda 5 pessoas por m<sup>2</sup>, estabelecendo problemas graves para segurança das pessoas, haja vista a inexistência de área de circulação e o perigo de esmagamento junto a barreira na parte mais baixa da rampa” (CERETO, p. 37).

porém em jogos com maior lotação, ou momentos de maior tensão da partida, era quase impossível permanecer sentado, uma vez que se a pessoa da frente resolvesse levantar a visão ficava totalmente comprometida.

“A altura do degrau será definida pela linha de visibilidade que define a máxima distância entre o espectador sentado no degrau mais distante de uma arquibancada e o campo, definindo a medida de 15 centímetros de defasagem evitando que este espectador não esteja sendo obstruído pelo espectador da frente e assim por diante. Este mesmo é recurso utilizado no projeto da plateia do teatro”<sup>235</sup>

Segundo Cereto, em estudos anteriores ficou balizado que as arquibancadas teriam em torno de 80 centímetros de largura e 60 centímetros de altura, e o espelho da arquibancada teria suas alturas condicionadas pela posição do patamar do campo.<sup>236</sup>

### **2.1.1. Do estádio moderno ao padrão FIFA:**

Durante a primeira década do século XX em diante, sobretudo no Reino Unido, destacou-se a figura do arquiteto Archibald Leitch (1865-1939) como um dos principais projetistas e construtores de estádios ingleses. Introduziu a padronização e uniformização dos projetos, e sua marca foi a funcionalidade dos estádios. Basicamente, os seus estádios eram baseados no modelo retangular, paralelo às metas do campo sem pista de atletismo, onde haviam quatro bancadas geralmente separadas entre si. Com três arquibancadas abertas com um ou dois anéis dependendo da necessidade, as arquibancadas posicionadas atrás do gol eram denominadas *ends* ou *kops*, elas, conjuntamente aos *terraces*, eram os locais com ingressos mais baratos, que acomodavam os torcedores mais fanáticos e a classe operária. Por fim, havia uma grande arquibancada coberta com duas fileiras em volta do gramado (*mainstand*)<sup>237</sup>.

A partir da década de 20, verifica-se o desenvolvimento e difusão do esporte, principalmente através da radio difusão, realização das Olimpíadas de 1924 e 1928, que representou a afirmação dos jogos, e o futebol começava a dar os primeiros passos para competições internacionais no início da década de 1930. O grande marco do período foi a construção do estádio de Wembley de 1923.

Durante as décadas de 1931 e 1940, com a consolidação das Olimpíadas e as duas primeiras edições da Copa do Mundo, entra em cena o arquiteto suíço Le Corbusier,

---

<sup>235</sup> CERETO, M. P., Op. Cit., p. 38.

<sup>236</sup> Ibidem, p.39.

<sup>237</sup> CRUZ, Antônio, 2010, Op. Cit.

pseudônimo de Charles Edouard Jeanneret-Gris. Um dos primeiros pontos levantados por ele foi a necessidade de alinhar o estádio à orientação solar, no sentido sudeste-noroeste, fazendo com que as arquibancadas funcionassem como quebra-sol, coadunando-se com marquises que cobrissem as arquibancadas. O arquiteto concebeu estádios com capacidade de mais de cem mil pessoas, onde o espaço é percebido para além da assistência ao esporte, é entendido como um local para manifestações de massa exalando as mais diversas necessidades da sociedade<sup>238</sup>.

“O anfiteatro moderno deveria atender as necessidades olímpicas, através do estádio evidenciando o espetáculo competitivo, mas também na implantação com toda a estrutura para a formação de jovens através da educação pela prática física. As atividades cívicas teriam um palco colocado do outro lado das arquibancadas possibilitando uma ampla visualização dos espectadores. A utilização também como um grande cinema ao ar livre era proposta de Corbusier assim como o teatro. A proposta também propunha o uso para manifestações e festas populares evidenciando o caráter simbólico de um local público”<sup>239</sup>.

De 1941 a 1950 foi a fase de confirmação do futebol em relação ao seu papel para as nações. O continente europeu estava mergulhado nas agruras da Segunda Guerra Mundial, com o cancelamento de eventos esportivos e dificuldades financeiras para reconstrução, fazendo com que um contingente importante de intelectuais da arquitetura e urbanismo migrassem da Europa, sobretudo para o continente americano.

Os anos cinquenta representaram a grandiosidade e magnitude dos projetos propostos para os estádios, onde estes muitas vezes acabaram apresentando problemas de escala com o restante das construções urbanas, um exemplo notório é o Maracanã no Rio de Janeiro. Tanto que as construções da década de 1960 buscaram fazer uma releitura da composição do estádio, pois aqueles equipamentos gigantes acabaram provocando problemas de ordem urbana, além de ineficientes do ponto de vista funcional e estético.

O período de 1961-1970 foi marcado pela preocupação com o terreno de implantação dos projetos, “a partir de agora o terreno é visto não apenas quanto a área para locar atividades, mas também como o estádio se adaptará as condições locais”<sup>240</sup>. Os estádios passaram a ser encarados dentro de uma relação direta com a cidade e a região, não mais sendo entendidos como um objeto estranho ou isolado de um todo. A partir desta década ocorreu “um verdadeiro ‘boom’ na construção de grandes arenas “indoor”,

---

<sup>238</sup> CERETO, M. P., Op. Cit., p.54.

<sup>239</sup> Ibidem, p.55

<sup>240</sup> CERETO, M. P., Op. Cit., p. 64.

trazendo embutidos conceitos que iriam influenciar decisivamente o planejamento e a construção das instalações esportivas do futuro”<sup>241</sup>. Período também no qual os eventos internacionais de futebol começaram a ser televisionados ao vivo para todas as partes do globo. Logo a arquitetura dos estádios deveria se readequar às demandas do período. Os grandes estádios tiveram o seu fim. O novo modelo foi baseado no conforto para os espectadores (surgimento dos camarotes), conseqüente valorização dos ingressos. As cabines de transmissão de rádio precisavam ser adaptadas às necessidades da televisão (posição privilegiada para as câmeras e protegidas dos raios solares), o campo principalmente deveria contar com melhor iluminação, “o esporte definitivamente entrava num novo espaço na sociedade, profissionalizando por completo os atletas e as competições”<sup>242</sup>.

Apenas os estádios construídos a partir dos anos 1960 se preocupam em acolher em sua arquitetura espaços para os equipamentos de televisão.<sup>243</sup>

“O que se entende é que, até então, as instalações e a estrutura de espaços eram pouco especializadas, fazendo com que o estádio fosse basicamente dividido entre: (a) assentos para o público; (b) campo de jogo; (c) vestiários; (d) cabines de imprensa. Não havendo maior separação de fluxos, menor era a quantidade de circulações e maior a necessidade de se instalarem barreiras improvisadas, como os alambrados, para que a hierarquia entre usuários fosse definida.”<sup>244</sup>

As décadas de 1970 e 1980 serão decisivas para o processo de construção de novos equipamentos. Momento nos quais diversas arenas, sobretudo nos EUA, serão edificadas e dotadas de tecnologia imprescindível para as atuais arenas. O teto retrátil foi fundamental, pois foi possível fazer com que campos de grama natural dos mais variáveis esportes pudessem abrigar outros tipos de eventos em seu interior. O primeiro centro esportivo a contar com teto retrátil foi *Civic Auditorium* (1961), atualmente *Civic Arena* em Pittsburgh nos EUA. Construção que lembra o formato de um iglu, foi originalmente construído para abrigar a Opera Cívica de Pittsburgh, pois o grupo sofria constantes adiamentos de suas apresentações em razão das intempéries do tempo, já que utilizava um estádio aberto. O equipamento era utilizado principalmente para jogos internos como basquete, *lacrosse* e hóquei no gelo, sendo a sede da equipe de hóquei *Pittsburgh*

---

<sup>241</sup> ARAÚJO, R. **Arenas esportivas: do Conceito Básico ao Estado da Arte**. In: RODRIGUES, R. P. (Org.). *Legados de Megaeventos esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008, p.554

<sup>242</sup> CERETO, M. P., Op. Cit., p.64.

<sup>243</sup> BARRETO, Túlio Velho; NASCIMENTO, C. F. B. do . **Os espaços físicos e o habitus dos torcedores brasileiros em estádios de futebol**. In: 35º Encontro Anual da Anpocs, 2011. Anais do 35º Encontro Anual da Anpocs, 2011. v. 35, p.06

<sup>244</sup> *Ibidem*, p.06

*Penguins* e com capacidade de aproximadamente 17 mil pessoas. Já o Estádio Olímpico de Montreal foi o primeiro grande estádio a receber o teto retrátil construído para os Jogos Olímpicos de 1976. O estádio só recebeu o telhado em 1987, e apenas um ano depois, em 1988, que a cobertura se tornou retrátil. A Amsterdam Arena, em 1997, foi a primeira arena europeia a contar com teto retrátil, e no ano posterior, com arrojado projeto de campo deslizante, tornando assim o local receptivo as atividades não esportivas sem que com isso o campo de grama natural fosse danificado<sup>245</sup>.

Doravante a indústria especializada na construção (especialização de projetos) e fabricação de aparelhos para grandes arenas sofreu significativo incremento com o desenvolvimento de equipamentos eletrônicos, aparelhos de som (melhoramento da acústica), maior controle de bilhetagem e etc.<sup>246</sup>

“A grande revolução aconteceu na Inglaterra no final dos anos de 1980. Alguns acidentes envolvendo o público evidenciaram que as arenas precisavam se adaptar aos novos tempos. Medidas governamentais foram aprovadas obrigando os velhos estádios, bem como os futuros, a eliminar elementos que pusessem em risco a segurança dos torcedores, entre eles a proibição de assistir aos jogos de pé. A Europa passou então por uma verdadeira revolução na construção de arenas de última geração. Uma arena não é mais entendida como um mero estádio para uma determinada prática esportiva. Sua construção envolve muitas vezes a revitalização de grandes áreas urbanas degradadas, envolvendo o desenvolvimento agregado de outros empreendimentos, como Shopping Centers, Escritórios, Hotéis, Centros de Convenções, Anfiteatros, Centros gastronômicos, e outras formas de espaços culturais e de lazer”<sup>247</sup>.

As arenas multifuncionais (várias funções) levam este nome porque, além de possíveis templos de consumo, também acabam com o tempo ocioso durante o período que não são disputados jogos no local. Levando em conta que um time de futebol profissional no Brasil realize aproximadamente setenta jogos durante o ano<sup>248</sup>, podemos aventar que, conforme os campeonatos disputados, a metade deles sejam jogados em seu estádio, algo próximo a trinta e cinco. A pergunta é: o que fazer no restante de 330 dias em que o estádio não está sendo utilizado? Segundo Rufino “a palavra-chave é multifuncionalidade”<sup>249</sup> ou seja, o estádio deve ter utilidade para além de receber jogos de futebol, “assim, por que não aproveitar esse espaço para oferecer mais serviços e produtos, inclusive colocando-os à disposição fora dos períodos em que se realizem os

---

<sup>245</sup> ARAÚJO, R., Op. Cit., p.556.

<sup>246</sup> Ibidem, p.554.

<sup>247</sup> ARAÚJO, R. Op. Cit., p.554-555.

<sup>248</sup> Somando os jogos de Campeonato Estadual, Campeonato Brasileiro e Copa Libertadores da América e levando em conta que o time chegue em todos os jogos possíveis.

<sup>249</sup> RUFINO, Andressa. **Arena Multiuso: um novo campo de negócios**. São Paulo: Trevisan Editora Universitária, 2010, p.19.

jogos?”<sup>250</sup>. Aqui os serviços e produtos extrapolam o esporte, o entendimento é de utilizar o espaço da arena para alocar salas de cinema, salas de reuniões, restaurantes, lojas comerciais e etc.

“Resumindo, pode-se dizer que foi detectada uma oportunidade de otimizar o espaço, transformando um local que atrai muitas pessoas em um centro comercial e de entretenimento, com acesso não apenas de torcedores mas diversos públicos e clientes. Basicamente, na mente de bom empreendedor criou-se valor agregado ao espaço esportivo. Diferenciais como esse proporcionam um ganho para o consumidor, o que no mundo dos negócios significa vantagem competitiva. Os que investem e observam potencial na indústria do esporte possuem um conhecimento de mercado apurado. Dessa forma, podem monitorar e controlar tendências, antecipando-se aos competidores e sempre trazendo novidades para o consumidor”<sup>251</sup>.

Ou seja, os novos equipamentos precisam estar aptos a receber atividades de entretenimento como shows, cinemas, teatro e etc., comércio com lojas de material esportivo, comércio de alimentação com redes de *fast food*, restaurantes requintados e bares temáticos, hospedagem com hotéis, educação com escolinhas de futebol e oficinas de outros esportes e estacionamento. Um estádio de 60 mil lugares deve ter, segundo a FIFA, pelo menos 10 mil vagas para carros, quinhentos para ônibus e mais oito vagas de carro e duas de ônibus para as delegações, e mais espaço para caminhões da mídia e veículo de pronto socorro. O estacionamento pode estar até 1,5 km de distância do estádio.

Atualmente o modelo a ser seguido de arena de multifuncionalidade é o *Madison Square Garden (MSG)*, inaugurada em 1968, que possui 250 datas reservadas em sua agenda durante os 365 do ano para as mais diferentes atividades. O MSG serve de sede para pelo menos times três profissionais: *New York Knicks* (time de basquete masculino), *New York Liberty* (time de basquete feminino) e o *New York Rangers* (time de hóquei masculino). Para além dos jogos como mandantes destas equipes, o complexo é palco de festivais de arte, apresentação de circo, shows musicais, feiras de negócios, convenções políticas, que garantem a sustentabilidade econômica do local.<sup>252</sup> Outro exemplo entre os estádios de futebol é o *Emirate Stadium*, estádio do Arsenal Football Club, tradicional equipe do norte de Londres.

Os estádios/arenas utilizados na Copa do Mundo do Brasil de 2014 não tiveram como padrão contemplar nenhum projeto para a prática do atletismo, sendo destinados

---

<sup>250</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>251</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>252</sup> ARAÚJO, R. Op. Cit., p. 554.

exclusivamente para o futebol. Mirar o atletismo seria um modo inteligente de oferecer novas possibilidades de agenda para o novo equipamento, pois existe uma variedade significativa de esportes olímpicos que podem ser praticados (tanto em competições quanto treinos), em um estádio com pista olímpica, com atenuante de que os equipamentos necessários na sua maioria são de fácil montagem e desmontagem. Porém, a única sede que, de algum modo, possui proposta para o atletismo, é da cidade de Fortaleza, que além do estádio propôs a construção de um centro olímpico, com pista de atletismo, quadras de tênis e outros espaços poliesportivos que visam o benefício geral do esporte.<sup>253</sup>

Aqui encontramos uma obstrução importante para a incorporação de outros esportes que não o futebol nas novas arenas multiusos. Segundo o manual técnico da FIFA (Exigências e Recomendações Técnicas para Estádios de Futebol) de 2009, todos os equipamentos multiusos construídos precisam estar muito atentos para construção de pistas de corrida no entorno do campo, pois estas podem prejudicar a proximidade dos espectadores com o campo, ou ainda alterar o tamanho do campo, tornando-o maior para contemplar outros esportes. Segundo a FIFA, estas ações podem “resultar em perda para os espectadores de futebol e reduzir a emoção, o sentimento de participação e o envolvimento com o jogo”<sup>254</sup>. Não devemos perder de vista que o objetivo principal do estádio/arena são os jogos de futebol, porém nada impede que ele seja usado em outros fins para aperfeiçoar a viabilidade econômica.

O *Naming Rights*, ou o Direito de Arena, consiste em um acordo entre o clube e uma empresa para comprar o direito de nomear um local (estádio/arena) por um tempo determinado em contrato. Esta é uma prática recorrente na Europa e Estados Unidos<sup>255</sup>, onde temos o Allianz Arena (empresa de Seguros) em Munique, Emirates Stadium (empresa de aviação) em Londres, a Pepsi Arena (empresa de refrigerantes) em Varsóvia, Mercedes-Benz Arena (empresa de automóveis) em Stuttgart, que são apenas alguns exemplos. Porém, nem sempre a aceitação da compra do nome pela empresa é tranquila, visto que primeiramente lida com uma questão sentimental do ponto de vista dos torcedores, e segundo que um dos grandes objetivos, ao comprar o direito de nomear um

---

<sup>253</sup> OLIVEIRA, Lilian. **O atletismo perante 2014 e 2016**. Disponível em: <http://www.portal2014.org.br/blog/arquibancada/index.php/2009/10/10/o-atletismo-perante-2014-e-2016/>

<sup>254</sup> FIFA 2009

<sup>255</sup> Nos EUA o estádio Sunlife (empresa de investimentos financeiros), da equipe de futebol americano Miami Dolphins está em seu quinto nome diferente desde a fundação em 1987, anteriormente foi nomeado Joe Robbie Stadium (nome do fundador), Pro Player Stadium, Dolphins Stadium e Land Shark Stadium (empresa cervejeira)



estádio, é promover um nome e uma marca. Este é o momento em que a televisão, que deveria ser uma das maiores aliadas, se torna a maior inimiga. Na maioria das vezes, durante a transmissão de uma partida, não menciona o nome atual do estádio para não fazer propaganda de determinada empresa. No Brasil esta prática ainda é tabu. Exemplo crasso disso foi quando as Organizações Globo (principal conglomerado de meios de comunicação e detentora dos direitos televisivos dos campeonatos de futebol) tem como política para os seus canais não mencionar os nomes dos patrocinadores de estádios, ginásios e equipes esportivas.

### **2.1.2. Estádios brasileiros**

Os estádios no Brasil podem ser divididos entre públicos e privados. Os públicos começaram a ser construídos a partir do governo Vargas, e até 1950 apresentavam uma estrutura formal aberta (Pacaembu<sup>256</sup> e Fonte Nova<sup>257</sup>) para depois passarem para estruturas fechadas (Maracanã<sup>258</sup>, Vivaldão<sup>259</sup> e Serra Dourada<sup>260</sup>). Os estádios privados, na sua grande maioria, foram construídos para atenderem estritamente ao futebol. A estrutura formal deles, até os anos 1950, era aberta (Laranjeiras<sup>261</sup> e São Januário<sup>262</sup>, Independência<sup>263</sup>), porém após os anos 1950, principalmente influenciados pela construção do Maracanã, passaram a apresentar sua estrutura formal fechada (Olímpico e Beira-Rio)<sup>264</sup>.

Um dos primeiros estádios, ou melhor, espaço com capacidade de acolher espectadores de jogos de futebol, foi o Velódromo de São Paulo ainda em 1901. O primeiro equipamento com características do estádio moderno para suportar quantidade considerável de espectadores foi o estádio das Laranjeiras do Fluminense Football Club, com estrutura aberta, específico para futebol e de modelo retangular incompleto e ao nível do terreno, inaugurado em 1914, que serviu para o terceiro Campeonato Sul-Americano

---

<sup>256</sup> Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, Pacaembu, inaugurado em 1940 em São Paulo-SP.

<sup>257</sup> Estádio Otávio Mangabeira, Fonte Nova, inaugurado em 1951 em Salvador-BA.

<sup>258</sup> Estádio Jornalista Mário Filho, Maracanã, inaugurado em 1950 no Rio de Janeiro-RJ.

<sup>259</sup> Estádio Vivaldo Lima, Vivaldão, inaugurado em 1970 em Manaus-AM.

<sup>260</sup> Estádio do Governo do Estado de Goiás, inaugurado em 1975 em Goiânia-GO.

<sup>261</sup> Estádio Manoel Schwartz, inaugurado em 1914 no Rio de Janeiro-RJ.

<sup>262</sup> Estádio Vasco da Gama, São Januário, inaugurado em 1927 no Rio de Janeiro-RJ.

<sup>263</sup> Estádio Raimundo Sampaio, Independência, inaugurado em 1950 em Belo Horizonte-MG.

<sup>264</sup> CERETO, M. P., Op. Cit., p.68.

de seleções disputado na cidade do Rio de Janeiro. Outro marco na construção dos estádios também se deu na então Capital Federal<sup>265</sup>.

O estádio de São Januário, em 1927, no Rio de Janeiro pertencente ao Clube de Regatas Vasco da Gama, de estrutura aberta, com tipo misto para jogos de futebol e práticas olímpicas e em modelo de ferradura, no período se caracterizou por ser o maior estádio particular da América Latina. Ele foi construído após a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos vetar o clube de participar da liga oficial de futebol carioca, argumentando que o clube não possuía um estádio próprio, uma vez que utilizava o campo do Andaraí para mandar seus jogos.

“Contudo, a verdadeira razão desta exclusão estava presente no estatuto da nova entidade, onde ficava clara a não aceitação de elementos que não fossem “sãos e puros”. Assim, comunicava-se ao Vasco que sua inclusão só seria aceita caso o clube excluísse de seus quadros doze jogadores, que por sinal eram os negros e operários do time. O então presidente do Vasco, José Augusto Prestes, rejeitou a proposta em carta ao presidente da AMEA”<sup>266</sup>.

A sua construção precedeu um importante movimento de construção de novos estádios na região centro-sul do país, tanto que São Januário só perdeu seu status de grandeza nacional em 1940 com a construção do Pacaembu, em São Paulo, e a hegemonia na cidade em 1950 quando ocorreu a construção do Maracanã.

Estes dois estádios fazem parte daqueles planejados e executados pelo Estado, característica principal na construção após a década de 1930. O Pacaembu foi planejado e construído no auge da política Vargasista do Estado Novo (1937-1945). Desde a década de 1920, o futebol já mostrava importância dentro da sociedade paulista, que lotava os jogos, principalmente entre o Paulistano, o Corinthians Paulista e o Palestra Itália,

“as multidões que invadiam esses estádios a cada partida decisiva, de um lado mostravam como o gosto pelo esporte bretão havia aumentado muito; por outro lado, parecia inevitável a necessidade de se pensar na construção de um novo estádio para a cidade; um estádio que fosse compatível com o que São Paulo havia crescido e se transformado”<sup>267</sup>.

---

<sup>265</sup> LOURENÇO, M. A. D. **Entre estádios e arenas: as Copas do Mundo no Brasil**. In.: GIGLIO, Sérgio Settani (Org.) ; SILVA, Diana M. M. (Org.) . O Brasil e as Copas do Mundo: Futebol, História e Política. 1. ed. São Paulo: Zagodoni Editora, 2014. v. 1, p.134.

<sup>266</sup> BANCHETTI, L. Deppa; MACHADO, F. M. . **O futebol rouba cena! O "estádio-monumento" enquanto palco de tensões sociais: o caso do Pacaembu**. Projeto História (PUCSP), v. 40, p. 447-459, 2010, p. 455.

<sup>267</sup> NEGREIRO, P. J. C. **O estádio do Pacaembu**. Lecturas: Educacion Fisica y Deportes, Buenos Aires; ano 3, n. 10, maio 1998.

O município necessitava de um equipamento capaz de suportar a demanda, e os estádios existentes na cidade eram insuficientes e precários, pois dependiam apenas do dinheiro dos clubes que não possuíam capacidade de construir um grande estádio, esforço que coube ao poder público.

A pedra fundamental do estádio foi lançada em 1936, pelo então governador Armando Salles de Oliveira e o prefeito Fábio Prado, em um terreno de 50.000 m<sup>2</sup> doado “pela Cia. City of São Paulo & Freehold Limited – Companhia City ao estado de São Paulo que repassaria para a prefeitura no vale do Pacaembu”<sup>268</sup>. Porém, no ano seguinte, o presidente Getúlio Vargas desvelou um golpe de Estado e outorgou uma nova constituição que deu início à ditadura do Estado Novo, e uma das primeiras medidas foi nomear como interventor para o estado de São Paulo Adhemar de Barros e Prestes Maia para o paço municipal. Este último possuía uma visão diferenciada sobre o espaço urbano, o que proporcionou novo fôlego para a construção do estádio, que agora começava a ser compreendido para além unicamente da prática esportiva e começava a ser assimilado como um significativo espaço para concentração de massas<sup>269</sup>. O equipamento projetado em 1936 e finalizado em 1940 passou por alterações no projeto inicial, tendo as acomodações do estádio aumentado com a construção de piscina, estacionamento, palco de apresentação, salão de festas e ginásio e etc. a inauguração do equipamento foi um marco de referência para a cidade, para o Brasil e para a América do Sul, sendo desbancado apenas com a construção do Maracanã.

O Pacaembu foi construído em forma de estrutura aberta, em modelo de ferradura, tipo misto, destinado para à pratica do futebol e modalidades olímpicas, em uma de suas extremidades possuía uma Concha Acústica que servia para amplificar o som das apresentações culturais no palco. Este seria um caso exemplar conforme destaca Lourenço:

“para compreender a interpretação do Estado acerca do papel do futebol. Embora mantenha a hierarquização do público nas arquibancadas, o Pacaembu é elaborado e reelaborado no “modelo em U”, e sinaliza um tipo de monumentalização do aparelho esportivo que estará presente na construção da maior parte dos estádios na chamada “era de ouro” do futebol, romantizada a partir de sua construção, em 1940”<sup>270</sup>.

Aqui é importante atentar que “tanto no regime militar como hoje, estádios brasileiros são objetos geográficos estrategicamente disseminados pelas cidades de médio

---

<sup>268</sup> CERETO, M. P. Op. Cit., p.103.

<sup>269</sup> NEGREIRO, P. J. C., Op. Cit.

<sup>270</sup> LOURENÇO, M. A. D.. Op. Cit., p. 136.

e grande porte, como verdadeiros monumentos que celebram o prestígio e o poder desse jogo”<sup>271</sup>. No período fica evidente, pelo posicionamento tomado por Adolf Hitler durante os Jogos Olímpicos de 1936 (Estádio Olímpico de Berlim) e de Benito Mussolini na Copa do Mundo de 1934 (Estádio Olímpico de Roma) e mais tardiamente na América Latina, o posicionamento adotado por alguns dos principais ditadores militares de países como Brasil, Chile e Argentina.

Em 1938 o Brasil candidatou-se para sediar a Copa de 1946, uma vez que a de 1942 que seria na Alemanha (porém a Segunda Guerra impediu a realização dos Mundiais). Para tanto, seria construído um estádio nacional, após uma discussão sobre a sua localização, entre a promissora baixada de Jacarepaguá (defendido por Carlos Lacerda) e o local do antigo Derby (defendido por Ary Barroso) que possuía localização especial por contar com excelentes redes de transportes, em especial de trem.

A característica fundamental destas primeiras épocas era a localização de suas construções, geralmente edificadas em zonas centrais ou já solidificadas da cidade. Os torcedores se caracterizavam por serem moradores próximos aos estádios, clubes de bairro, levando em conta o incipiente desenvolvimento do transporte público no período.

A maior parte dos estádios no Brasil foi edificada durante os anos que separam a década de 1930 até a década de 1970, pois foi justamente após os anos 1940 que ocorreu uma explosão na construção dos estádios, com destaque especial para o período após 1964, da ditadura civil-militar, momento no qual a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) estava sob controle do Estado e acabou por promover intensas transformações, tanto nos campeonatos<sup>272</sup> no sentido de deslocar o futebol do eixo Rio-São Paulo, quanto no incentivo da construção de estádios. Os estádios construídos durante a década de 1970 configuravam-se como um eficiente instrumento de propaganda ufanista sobre o “milagre econômico” que se configurou num momento de ampla intervenção estatal, principalmente sobre obras de infraestrutura.<sup>273</sup>

Os estádios no Brasil estão inseridos em uma “tradição política brasileira de investimento governamental na construção das praças esportivas, sejam elas públicas ou

---

<sup>271</sup> GAFFNEY, Christopher ; MASCARENHAS, G. . **O estádio de futebol como espaço disciplinar**. In: Hollanda, B.B.B.; BURLAMAQUI, L. (Org.). *Desvendando o jogo: nova luz sobre o futebol*. 1ed. Niterói: Editora da UFF, 2014, v. 1, p. 86.

<sup>272</sup> A comissão militar que aparelhava a CBD incentivou e criou campeonatos que se pretendiam nacionais: Taça Brasil (1959-68), seguida pela Taça Roberto Gomes Pedrosa (1968-1970) e por último desde 1971 o Campeonato Brasileiro.

<sup>273</sup> CRUZ, Antônio, 2010, Op. Cit., p. 120-121.

privadas”<sup>274</sup>. Porém, gostaria de acentuar a seguinte questão, deixando para um segundo plano a questão do regime político e sua relação com o esporte: do ponto de vista econômico (do capital), quem e/ou quais empreiteiras se beneficiaram com a construção dos estádios durante o período da ditadura civil-militar? Porque, se os campeonatos do final dos anos 1970 contavam com quase uma centena de clubes, isso representava quase uma centena de estádios. Por exemplo, o estádio Parque do Sabiá em Uberlândia, com capacidade para 53 mil pessoas (o maior estádio do interior de Minas Gerais e o segundo maior do estado), casa do Esporte Clube Uberlândia, time que tem como maior glória a conquista do campeonato da segunda divisão brasileira de 1984<sup>275</sup>. A cidade possuía, segundo o IBGE, cerca de 240 mil habitantes em 1980, dois anos antes da inauguração do estádio, ou seja, cabia no estádio entorno de 22% da população. Comparando com Porto Alegre em 1969, quando da inauguração do Beira-Rio e conjuntamente ao estádio Olímpico, os dois estádios tinham capacidade para abrigar cerca de 11% da cidade<sup>276</sup>.

Após a explosão da construção de equipamentos nos anos 1970, o país assistiu, a partir do final da década de 1990, um novo modelo de estádio. O ponto inicial foi a construção do estádio da Arena da Baixada (Clube Atlético Paranaense) concluído em 1999. A primeira arena do país contava com capacidade inicial de 32 mil lugares;

“... Sua importância na história dos estádios brasileiros se dá pelo fato de ter sido o primeiro construído a partir das concepções de arenas multiuso esportivas, que preconizam o futebol como uma mercadoria a ser oferecida a um consumidor, em um local específico de consumo, entre outras tantas em oferta ao indivíduo. Neste sentido, deixa de ser somente um palco esportivo, e passa a ser um vetor de consumo”<sup>277</sup>

\*\*\*

Segundo o Cadastro Nacional de Estádios de Futebol de 2014<sup>278</sup>, elaborado pela CBF, o Brasil dispõe de 782 estádios, sendo 60 (7,7%) na região Norte<sup>279</sup>, 238 (30,4%) na região Nordeste<sup>280</sup>, 83 (10,6%) no Centro-oeste<sup>281</sup>, 256 (32,7) na região Sudeste<sup>282</sup> e

---

<sup>274</sup> LOURENÇO, M. A. D. Op., Cit., p. 139.

<sup>275</sup> CRUZ, Antônio, 2010, Op. Cit., p.124.

<sup>276</sup> FRANCO JR, Hilário, Op. Cit.

<sup>277</sup> CRUZ, Antônio, 2010, Op. Cit., p. 215.

<sup>278</sup> CBF. CNEF. Disponível em: [http://cdn.cbf.com.br/content/201410/20141024155740\\_0.pdf](http://cdn.cbf.com.br/content/201410/20141024155740_0.pdf)

<sup>279</sup> Região composta pelos estados de Roraima, Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins.

<sup>280</sup> Região composta pelos estados de Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

<sup>281</sup> Região composta pelos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e pelo Distrito Federal.

<sup>282</sup> Região composta pelos estados Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

145 (18,6%) na região Sul<sup>283</sup>. Segundo o relatório, o número de estádios privados é de 34,1%, enquanto 65,9% são públicos (59,6% municipais, 5,8 estaduais e 0,5% federais). Como podemos perceber, a maior parte dos estádios está localizada no eixo sul-sudeste-nordeste, com especial concentração quando levado em conta o número de unidades da federação para o eixo sul-sudeste. Em uma média aritmética entre o número de estádios por unidade da federação, temos aproximadamente 48 estádios na região sul, 64 estádios na região sudeste e 26 estádios na região nordeste.

O número de estádios no país, com capacidade igual ou maior a de 40 mil espectadores (capacidade mínima para sediar um jogo de Copa do Mundo) é de 24. No Norte são dois, no Nordeste seis, no Centro-oeste três, no Sudeste nove e no Sul quatro. Já para o Campeonato Brasileiro, a capacidade mínima é de 15 mil espectadores sentados<sup>284</sup>, e dentro dessa limitação o país possui 103 estádios. No Norte são cinco, no Nordeste são vinte e dois, no Centro-Oeste são dez, no Sudeste são quarenta e nove e no Sul são vinte e quatro. Aqui mais uma vez temos a prevalência dos estádios com maior capacidade na região Sudeste, seja de 15 ou 40 mil. Enquanto que a segunda posição fica com o Nordeste, com 40 mil, e Sul com 15 mil.

A relação entre as regiões e o número de estádios privados e públicos também é interessante de se observar. Podemos perceber que todas as regiões, com a exceção da região Sul, possuem mais estádios públicos do que privados. Na região Sul, o estado do Rio Grande do Sul se destaca como o estado da região com mais estádios (50%) e como a segunda (9%) unidade da federação em número de estádios ficando atrás somente de São Paulo (15%). No Rio Grande do Sul a porcentagem de estádios particulares é de 82%, o que em números totais dos estádios particulares no Brasil equivale aproximadamente 22%. O Estádio Olímpico Monumental é de tipo misto, modelo elíptico coberto e projetado para 85 mil pessoas, o arquiteto foi Plínio Almeida; já Estádio José Pinheiro Borda (Beira-Rio) é de tipo misto, modelo elíptico semicoberto e com capacidade projetada de 100 mil pessoas.

### **2.1.3. O Estádio como local de experiência, memória e história**

O estádio é o palco de grandes e emocionantes decisões do futebol, e pode ser entendido das mais variadas e diversas formas, desde um lugar de encontro em que

---

<sup>283</sup> Região composta pelos estados Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

<sup>284</sup> Capítulo VI DAS DISPOSIÇÕES FINAIS, Art. 19 - As partidas do Campeonato somente poderão ser jogadas em estádios cuja capacidade mínima de público seja de 15 mil espectadores sentados.

peças desconhecidas partilham sentimentos em comum, lugar de encontro para observar o jogo, lugar para assistir um grande espetáculo. O estádio, contudo, é um lugar social que engendra “uma atmosfera ritualística que envolve as partidas, algo que eleva o estádio à posição de um verdadeiro templo onde os torcedores se dedicam a cultuar os deuses da bola”<sup>285</sup>.

Os estádios de futebol são as “catedrais modernas”<sup>286</sup> do mundo, são importantes espaços de poder, são os “centros nevrálgicos”<sup>287</sup> das tardes de domingo, são “*los foros de las metrópolis*”<sup>288</sup>, ou seja, guardam importante significado simbólico, são espaço de compartilhamento coletivo de emoções. Por muito tempo representaram as maiores construções de uma cidade, um gigantesco conglomerado de concreto.

A importância dos estádios para as sociedades se manifesta também como unidade de medida<sup>289</sup>. Muitas vezes quando nos referimos à necessidade de dimensionar algum objeto ou imóvel grandioso, utilizando a metáfora de “que tal objeto é do tamanho de tantos campos de futebol”. Ou seja, estádios são uma famosa unidade de medida de grandiosidade.

O escritor uruguaio Eduardo Galeano já indagou, em seu célebre livro já mencionado quanto a um estádio de futebol vazio: “Você já entrou alguma vez em um estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo, e escute. Não há nada menos vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém”<sup>290</sup>. Talvez mais que provocar sobre o silêncio contido dentro de um imenso aparelho esportivo, ele poderia corroborar com a afirmação de Marcos sobre os estádios: “Los estadios son construcciones vacías de sentido y de representación hasta que el público toma el estadio y transforma su significado”<sup>291</sup>.

Adquire-se o significado de casa e lar, tanto para a equipe quanto para os torcedores, representa um grupo, uma cidade (Maracanã), um bairro (La Bombonera no Bairro de “La Boca”), uma comunidade inteira, seja real ou imaginada, “uma série de fatores podem contribuir para a geração de sentimentos de topofilia ou topofobia em

---

<sup>285</sup> BANCHETTI, L. Deppa; MACHADO, F. M., Op. Cit., p. 448.

<sup>286</sup> BALE, John, Op. Cit.

<sup>287</sup> MARCOS, Ruth, Op. Cit., p. 387.

<sup>288</sup> Ibidem, p. 387.

<sup>289</sup> Ibidem, p. 392.

<sup>290</sup> GALEANO, Eduardo, Op. Cit., p. 26.

<sup>291</sup> MARCOS, Ruth, Op. Cit., p. 392.

relação ao estádio de futebol”<sup>292</sup>. São locais de interação entre a comunidade e onde questões indenitárias são afloradas semanalmente, onde ocorrem conflitos ritualizados<sup>293</sup>.

Eles são lugares de encontros e desencontro de seus frequentadores, locais de compartilhamento de sentimentos e lembranças, seja a derrota da final da Copa de 50 no Maracanã, seja o primeiro título de seu time, ou a primeira ida ao estádio ou a última

“Em Wembley ainda soa a gritaria do Mundial de 66, que a Inglaterra ganhou, mas aguçando o ouvido você pode escutar gemidos que vêm de 53, quando os húngaros golearam a seleção inglesa. O Estádio Centenário, de Montevideo, suspira de nostalgia pelas glórias do futebol uruguaio. O Maracanã continua chorando a derrota brasileira no Mundial de 50. Na Bombonera de Buenos Aires, trepidam tambores de há meio século. Das profundezas do estádio Azteca, ressoam os ecos dos cânticos cerimoniais do antigo jogo mexicano de pelota. Fala em catalão o cimento do Camp Nou, em Barcelona, e em euskera conversam com as arquibancadas do San Mamés, em Bilbao. Em Milão, o fantasma de Giuseppe Meazza mete gols que fazem vibrar o estádio que leva seu nome. A final do Mundial de 74, ganho pela Alemanha, continua sendo jogada, dia após dia e noite após noite, no estádio Olímpico de Munique. O estádio do rei Fahd, na Arábia Saudita, tem palco de mármore e ouro e tribunas atapetadas, mas não tem memória nem grande coisa que dizer”.<sup>294</sup>

Os estádios são locais de memórias, são mais que apenas gigantes monumentos de concreto, são espaços fundamentais de experiência, e podem guardar, conforme Sigmund Freud, “visões do sagrado (...) o formato circular” das grandes arenas nos evocaria o eterno retorno dos tempos, exercício facilmente associado ao ciclo das temporadas esportivas”<sup>295</sup>. Contudo são também espaços que garantem a exacerbação do profano. Muitas vezes guardam e excretam aqueles sentimentos mais sórdidos e vis da humanidade, é um espaço onde sentidos de preconceito e intolerância são demonstrados de forma quase que natural, o ódio parece ser a regra. A repetição de nossas feridas cotidianas como do machismo, da homofobia, do racismo que em um tempo de irracionalidade berrão cotidianamente em nossa sociedade, acabam por fortalecer todo este tipo de escarnio ao outro (diferente).

Dáí justamente a inclinação do estádio e do futebol de expressar os dramas cotidianos e as contradições sociais. Conforme aponta Guazzelli, aproximadamente cem mil pessoas em 1972 no Beira-Rio, durante a ditadura civil-militar e no auge do ufanismo, promoveram uma ação de “rebeldia” quase inconcebível naquela conjuntura, quando

---

<sup>292</sup> CRUZ, Antônio, 2010, Op. Cit., p.155.

<sup>293</sup> GAFFNEY, Christopher, Op. Cit..

<sup>294</sup> GALEANO, E. Op. Cit.,

<sup>295</sup> MASCARENHAS, G.. **Do Campinho ao grande estádio: lugares e expressões na cultura do futebol.** Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares (Impresso), v. 4, p. 57-68, 2007, p.61.



além de vaiarem a execução do hino nacional, asfixiando o som, promoveram a queima de bandeirolas brasileiras na partida entre o selecionado brasileiro e selecionado dos jogadores que jogavam no Rio Grande do Sul. Ainda que a motivação inicial tenha sido desencadeada pela não convocação de jogadores gaúchos para compor a equipe nacional, algo diretamente ligado a questões esportivas e regionalistas, não deixa de marcar as potencialidades políticas e de afronta a ditadura<sup>296</sup>.

Ou quando multidões parecem suspender o tempo exterior criando uma nova temporalidade interna, ignorando o que se passa no exterior. Não é só ganhar, não é só a vitória, não são apenas os três pontos, um jogo vai para além do seu resultado exclusivo, o que isso muda no campeonato, as vezes perder é bom. Às vezes ganhar o jogo de 1 a 0 é melhor, mais excitante que vencer de goleada, é um espaço de experiências individuais que se conformam em coletivas, ou vice-versa.

Outro aspecto fundamental é não esquecer que o estádio de futebol tem seus espaços de sociabilidade para além de sua circunscrição arquitetônica, ele expande seu espaço de vivência e experiência fora de seu corpo. O seu exterior, as suas vias de acesso, que representam as primeiras ou últimas fronteiras, as linhas de defesa que marcam o território, espécie de limes do “Império”, os estacionamento informais, que marcam a ação dos “flanelinhas”<sup>297</sup> que se apossam das ruas, que ao mesmo tempo, são assentos para os vendedores informais de ingressos, bebidas alcoólicas, comidas típicas de cada região (caso do feijão tropeiro em Belo Horizonte), de indumentárias ligadas ao clube (procedência duvidosa). Ainda na área externa, os pátios são locais fundamentais de trocas, de encontros. No espaço exterior é onde os torcedores marcam seus encontros, os famosos “concentra”, em nítida alusão a ideia de concentração pré-jogos, de onde partem com seus rituais já iniciados para mais tarde levar para as arquibancadas. Marcando a experiência de frequentar o estádio uma complexa relação de sons, cheiros, cores, convertendo

“Toda a riqueza dessa territorialização, dentro e fora do espaço do estádio, momento e lugar da reprodução social, estava repleta de conteúdos criativos, imaginativos, expressão do desejo de festa coletiva. O estádio popular como uma forma de fazer cidade, de ter direito a festa, ao encontro, inventividade coletiva.”<sup>298</sup>

---

<sup>296</sup> GUAZZELLI, Cesar A. B. **500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “Província de Chuteiras”**. Anos 90, revista do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, 11, p.21–50, julho de 1999.

<sup>297</sup> Guardador de automóveis em espaços públicos, geralmente não legalizados.

<sup>298</sup> MASCARENHAS, Gilmar. **Não vai ter arena?: Futebol e Direito à Cidade**. Advir (ASDUERJ), v. 32, p. 24-38, 2014, p. 31.

O processo de transformação dos estádios em arenas ou o que valha, quer não apenas promover a modificação arquitetônica do equipamento, busca também trocar o espectador, o torcedor por um consumidor. Este novo tipo de frequentador tem a passividade como tônica de seu comportamento, o objetivo ao ir ao estádio é assistir confortavelmente e sentado um grande espetáculo ou apresentação. O velho torcedor já não mais cabe neste espaço fortemente fragmentado, vigiado, que impossibilita deslocamentos, e busca impedir o protagonismo conjunto da arquibancada através de possíveis gritos, reclamações, reivindicações, de uma arquibancada que possa entender ter direitos para além dos estabelecidos pela relação econômica a qual lhe concede o papel de consumidores. Apesar disso, seus atos não são balizados pelo código do consumidor e sim por um código próprio que pode – assim como o consumidor – ser insensível, principalmente a questões externas ao jogo jogado. Este torcedor torna-se cada vez mais controlável e domesticável aos interesses dos proprietários do espetáculo.

Os novos estádios, ou as Arenas Multiusos, que se balizam pelo modelo *world class*, ou ainda o difundido *Padrão FIFA*, escancaram transformações profundas nas sociabilidades dos torcedores. São vários termos utilizados para justificar e convencer das transformações como Requalificação, modernização, renovação, gentrificação, elitização, reconversão, higienização, adequação<sup>299</sup>.

“A Copa do Mundo de 2014 certamente atuou como fenômeno acelerador de certas tendências neoliberais já em curso no futebol brasileiro. Particularmente, enquanto evento que inscreveu em nosso território uma nova paisagem futebolística, com as novas “arenas”. Tais objetos não são absoluta novidade em nosso país, já que desde o final dos anos 90 iniciamos nossa onda de “modernização” dos estádios, seguindo os ditames da FIFA e as novas tendências de converter o público ruidoso, móvel e imprevisível em massa comportada, fixada em seus assentos”<sup>300</sup>.

Entre 2007 (ano que o Brasil foi oficializado como sede da Copa do Mundo de 2014) até 2014, ocorreu uma significativa inflação dos preços na produção de equipamentos baseados nas perspectivas do “Padrão FIFA”. Neste período levando em conta os estádios construídos ou em vias de construção tivemos, além dos doze estádios sedes, a Arena do Grêmio (2010-2012), Arena Alviázul (2009-2011), Arena Condá (2008-2014), Arena Joinville (2004-2007), Arena Barueri (2006-2010), Arena Castelão

---

<sup>299</sup> MASCARENHAS, G. **O direito ao estádio**, 2015. Disponível em: <https://medium.com/puntero-izquierdo/o-direito-ao-est%C3%A1dio-ae73eb43848f#3afvkocgp>

<sup>300</sup> MASCARENHAS, Gilmar, 2014, Op. Cit., p. 31-31.

(2011-2013), Allianz Parque (2010-2014), Arena do Juruá (2009-2010), além do Engenhão, inaugurado em junho de 2007 para os jogos Pan-americanos daquele ano.

A questão não é idealizar o antigo como modelo e demonizar o novo, não é cair em uma armadilha ingênua da memória que busca transformar um passado glorioso de que aquele espaço não fosse segregador ou higienizado do ponto de vista de contradições de classe, raça e gênero da sociedade

“Por outro lado, não concordamos com a imposição arbitrária do novo modelo, nitidamente elitizado, engessado e voltado para o consumo passivo do espetáculo. O velho estádio abrigava amplas possibilidades de uso criativo e de apropriação coletiva, gerando assim espaços culturais e lúdicos de intensa referência popular”<sup>301</sup>.

Os primeiros estádios que rompem a elitização dos estádios e modificam o propósito de sua utilização é São Januário no Rio de Janeiro em 1927 e o Palestra Itália em São Paulo em 1933, estes com capacidade aproximada de 30 mil pessoas, se propunham a incorporar as massas em seu interior. Dentro deste mesmo estilo de equipamentos de massa, ocorreu a partir de 1940 a construção do Pacaembu em São Paulo e a edificação em 1950 do Estádio Nacional, o Maracanã, já com grande interferência do poder público.

A partir da década de 1990 a imposição da FIFA, de sua cartilha e diretrizes para guiar um padrão em comum fortalecia um modelo de estádio para realização de suas partidas e campeonatos oficiais, onde o objetivo central gira em torno do fato de que “uma vez que o argumento do controle da violência não se dava por uma motivação moral, mas para viabilizar sua rentabilidade financeira, construindo uma imagem de entretenimento organizado e sadio para os consumidores, mídia em geral e investidores/patrocinadores”<sup>302</sup>

Segundo Mascarenhas, este novo protótipo de estádio apresentado e defendido pela empresa que detém o monopólio do negócio espetáculo de futebol,

“representa uma faceta do assalto neoliberal sobre a cidade, incidindo diretamente sobre a cultura do futebol. Ele priva, agride e exclui, podendo então ser pensado como retrocesso na luta pela construção do direito à cidade, não obstante esse circunscreva um restrito âmbito da vida urbana ligado à cultura, e não aos elementos mais importantes e essenciais da sobrevivência material, tais como habitação, saneamento, transporte coletivo, saúde pública etc”<sup>303</sup>

---

<sup>301</sup> MASCARENHAS, G., 2015, Op. Cit.,

<sup>302</sup> SANTOS, I. S. C. . **For the love, not the money: futebol, produção do comum e direito à cidade..** Lugar Comum (UFRJ) , v. 48, p. 120-144, 2016, p.127

<sup>303</sup> MASCARENHAS, Gilmar, 2014, Op. Cit., p. 26.

O equipamento deve seguir a mesma lógica de uma cidade produto, onde o seu acesso está regulado pela possibilidade de compra. Este entendimento defendido pela FIFA, está balizado na possibilidade de diversos tipos de público que frequentam os estádios, encontrar neles espaço de entretenimento,

“Estes públicos (espectadores, telespectadores, ouvintes, leitores, internautas etc.), por seu número e seus investimentos econômicos e emocionais, fazem com que as instalações esportivas se tornem um local que possui uma ligação emocional, funcional, cognitiva, simbólica, espiritual e/ou afetiva com os consumidores”<sup>304</sup>

Como consequência ocorre a expulsão de um determinado público que frequentava os estádios substituindo-se por um outro perfil de frequentador que pode garantir maiores vantagens aos administradores do equipamento. O interesse não é apenas apresentar o jogo, ou apenas vendê-lo, existe todo um outro conjunto de negociações que podem e devem ser feitas em paralelo ao jogo, desde o estacionamento, a lanchonete, o restaurante, o fardamento, o local diferenciado, para tanto o valor do ingresso é apenas mais um elemento de seleção dos novos escolhidos. O seu correlato pode ser visto nas grandes cidades a partir do que vem sendo apresentado principalmente pelos comerciantes imobiliários e governos locais, através da *city marketing* de projeto de revitalização de determinada área urbana. Quando zonas, distritos ou bairros urbanos sofrem na verdade um processo de “gentrificação”<sup>305</sup>, essencialmente ocorre um enobrecimento e revalorização econômica de um determinado espaço urbano, no qual geralmente um território central ou mais antigo da urbe, tem seus elementos históricos e culturais apagados, alterando significativamente tanto objetiva quanto subjetivamente a paisagem do local, o reestruturando e promovendo a expulsão dos antigos moradores que nutriam alguma relação direta com aquele espaço, o que eminentemente acontece a partir de uma prática mercadológica.

A questão a ser refletida é sobre por que e como ocorreu a transição dos antigos “estádios de massa” para estas novas posturas, pois como coloca Mascarenhas, a presumida “falência” daquele antigo estádio não suscitou nenhum tipo de debate sobre o

---

<sup>304</sup> CARVALHO, M. DE; SCHEERDER, J.; BOEN, F.; SARMENTO, J. P. **What brings people into the soccer stadium? (Part 1) The case of Belgium from a marketing perspective.** Leuven: Policy in Sports & Physical Activity Research Group, Department of Kinesiology, KU Leuven, 2013. IN: ROCCO JR., Ary José e MAZZEI, Leandro Carlos. **Os novos estádios e arenas do futebol brasileiro, o padrão Fifa e o consumidor do esporte: o legado da Copa do Mundo 2014 e suas aproximações com o entretenimento.** IN. p. 02-03

<sup>305</sup> SANTOS, I. S. C., Op. Cit., p.139.

novo tipo, que talvez pudesse buscar romper preconceitos diversos, ser mais receptivo com crianças, mulheres, idosos, deficientes físicos, buscando acolher mais pessoas e não expulsando as classes populares que tinham fundamental importância na elaboração do uso daquele espaço<sup>306</sup>.

Movimento exemplificador do que Harvey, apresenta como mecanismo de acúmulo por espoliação<sup>307</sup> (Harvey utiliza este termo para se referir a uma das características do capitalismo contemporâneo, que consiste em uma forma predatória da acumulação primitiva, esta que conforme Rosa Luxemburgo é de natureza permanente), fundado junto a formação da moderna cidade capitalista, que busca através da espoliação dos mais diversos terrenos da vida social se apossar e acumular, processo ao qual Estado está diretamente relacionado. Pois, segundo Harvey, a acumulação a partir da espoliação necessita do Estado enquanto agente ativo do processo.

“O Estado, com seu monopólio da violência e suas definições de legalidade, tem papel crucial, no apoio e na promoção desses processos, havendo, consideráveis provas de que a transição para o desenvolvimento capitalista dependeu e continua a depender de maneira vital do agir do Estado. O papel desenvolvimentista do Estado começou há muito tempo, e vem mantendo as lógicas territoriais e capitalistas do poder sempre interligadas, ainda que não necessariamente convergentes”<sup>308</sup>.

No futebol a agenda capitalista encontrou na construção dos estádios um espaço a ser usurpado, onde o antigo equipamento que era tido como um espaço de uso das massas urbanas, vai dando lugar a um espaço para o consumo, mas também atrelando questões simbólicas à capacidade de compra. A partir disso os espaços populares dos estádios passam a ser entendidos não mais como um local de referência dentro da cultura futebolística e sim, apenas percebidos como um recurso a ser utilizado para a reprodução do capital, dentro da lógica de uma visão capitalista do espaço, em que todo território é virtual ponto de exploração na busca de ser mercantilizado.

A perspectiva aqui exposta é, seguindo a proposta de Gaffney, pensar o estádio e os significados que este apresenta. Sua história está intimamente ligada aos locais onde estão situados, e a partir disso podemos pensar a realidade para além deles.

“Como elementos fundamentais da paisagem cultural urbana, estádios comunicam mensagens ideológicas envolvidas em estruturas discursivas que, por sua vez, são informadas por processos geográficos multiescalares. Isto é, quanto mais olhamos e pensamos sobre os estádios, mais complexos eles se tornam. Usando os estádios como lentes para observar culturas, examinamos

---

<sup>306</sup> MASCARENHAS, 2015, Op. Cit.,

<sup>307</sup> Uma vez que parece inadequado chamar um processo em curso de “primitivo” ou “original”, eu irei de agora em diante substituir estes termos pelo conceito de “acumulação por desapossamento”.

<sup>308</sup> HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2005b, p. 121.

processos históricos, econômicos, políticos, socioculturais, tecnológicos e globalizantes na medida em que são expressos no nível local.”<sup>309</sup>

Os estádios no Brasil e na América Latina possuem características peculiares, segundo Gaffney, pois podem ser caracterizados como “*quase-públicos*”, uma vez que permitem o acesso do grande público sob condições temporais e sociais específicas determinadas pelos seus interesses<sup>310</sup>. Comumente, os estádios pertencem a entes privados, e mesmo quando de posse do poder público, existem limitações a sua utilização, geralmente de tipo econômica, que delimitam uma periodicidade determinada, muitas vezes reduzida.

Em quinze de maio de 2003 é decretado pelo Congresso Nacional, e sancionado pelo então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, a lei 10.671<sup>311</sup>, conhecida como o Estatuto do Torcedor. A lei estabeleceu normas de proteção e defesa ao torcedor de futebol. O seu artigo primeiro é muito similar ao também primeiro do Estatuto de Defesa do Consumidor (Lei 8.078/1990)<sup>312</sup>. Em julho de 2010, o Estatuto do Torcedor foi alterado (Lei 12.299), dispondo sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência ocasionados por ocasião de competições esportivas.

Entre os anos de 2005 e 2006, através de um decreto do Presidente Lula de 2004, foi criada a Comissão Nacional de Prevenção da Violência para a Segurança dos Espetáculos Esportivos, conhecida como Comissão Paz no Esporte, uma ação conjunta entre o Ministério do Esporte e Ministério da Justiça, que veio a público com um relatório intitulado: Preservar o Espetáculo, Garantido a Segurança e o Direito à Cidadania”<sup>313</sup>, coordenado por Marco Aurélio Klein, sociólogo com especialização em administração e marketing e antigo executivo da área financeira, na época era professor da FGV, atual secretário nacional da Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD).<sup>314</sup>

O relatório brasileiro teve como embasamento o Relatório Taylor, produzido pelo juiz inglês falecido em 1997, Peter Murray Taylor (Baron Taylor of Gosforth): “a mais importante fonte de conhecimento e referência deste trabalho, bem como inspiração de

---

<sup>309</sup> GAFFNEY, C., Op. Cit.,

<sup>310</sup> Idem, p. 28

<sup>311</sup> BRASIL. Lei 10.671 de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.671.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.671.htm)

<sup>312</sup> BRASIL. Lei 8.078 de 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18078.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18078.htm)

<sup>313</sup> BRASIL. Relatório da Paz no Esporte. Brasília: Ministérios do Esporte e da Justiça, 2006. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/institucional/relatorioFinalPazEsporte.pdf>

<sup>314</sup> ABCD, Secretário Nacional – Marco Aurélio Klein. Disponível em: <http://www.abcd.gov.br/aceso-a-informacao/69-quem-e-quem/149-marco-aurelio-klein> .

forma e conteúdo deste documento: o Relatório Taylor”<sup>315</sup>. O Relatório Taylor foi encomendado pelas autoridades inglesas durante o governo de Margareth Thatcher, após a tragédia ocorrida em 1989 no estádio de Hillsborough, num jogo entre o Liverpool Football Club e Nottingham Forest Football Club, onde 96 pessoas perderam a vida e cerca de 800 ficaram feridas. Os resultados apresentados pelo relatório serviram como estopim para uma reformulação geral do futebol na Inglaterra, que iniciou no âmbito dos estádios e depois se estendeu pela administração e gerenciamento dos clubes e dos campeonatos e destes com a televisão.

Em 12 de setembro, David Cameron veio a público desculpar-se por uma falta histórica cometida pelo Relatório Taylor em 1989, ou o que ele nomeou como uma “dupla injustiça”. Pois as vítimas do acontecido em Hillsborough foram acusadas de pertencerem à torcida organizada do Liverpool, causando a tragédia. Os boletins apresentados pelos policiais que estavam no estádio foram adulterados, visando esconder comentários prejudiciais às ações das forças policiais. Esta omissão teve principalmente o objetivo de colocar os torcedores do Liverpool como responsáveis pela tragédia, na tentativa de criminalizar a torcida e isentar a ação da polícia.<sup>316</sup>

Segundo Giulianotti “nesse período, disseminou-se uma ecologia do medo em muitos campos ingleses, que passaram a ser vistos como espaços públicos caóticos tofóbicos que ameaçavam os torcedores”<sup>317</sup>, onde tragédias nos campos de futebol eram encaradas por parte dos governos como consequências exclusivas das ações dos *hooligans*. Embora incidentes envolvendo estes torcedores já se faziam presente anteriormente (por exemplo, entre os anos 1946 e 1959, aproximadamente 138 incidentes já haviam sido registrados nos estádios da Inglaterra), a década de 1980 mostrou uma magnitude até então inexplorada, os hooligans e o hooliganismo foram encarados como um problema social do país<sup>318</sup>.

Em 1985 o estádio Bradford’s Valley Parade, durante um jogo da terceira divisão (Bradford x Lincoln City), sofreu com incêndio em algumas de suas principais cabines, resultado, ao que consta, de um fósforo ou uma ponta de cigarro mal descartado que acabou por queimar uma pilha de entulhos, ocasionou a morte de 56 pessoas. Conforme

---

<sup>315</sup> BRASIL, 2006, Op. Cit., p. 04.

<sup>316</sup> BBC. Hillsborough papers: Cameron apology over 'double injustice'. 2012. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/uk-england-merseyside-19543964>

<sup>317</sup> GIULIANOTTI, Richard. Op. Cit., p. 102.

<sup>318</sup> AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ, MAUAD, 2002, p. 234.

consta, muitas pessoas ficaram presas no estádio em virtude dos seus portões estarem trancafiados. Em maio de 1985, em um jogo da Taça dos Campeões Europeus pela temporada 1984/1985, entre o próprio Liverpool e a Juventus Football Club (equipe italiana), no estádio de Heysel na Bélgica, houve uma tragédia onde morreram 29 pessoas, com aproximadamente 600 feridos. Estes eventos, principalmente o em Valley Parade, motivaram o Relatório Popplewell, de 1986 (juiz britânico Oliver Bury Popplewell), que recomendava ações relativas à segurança dos estádios, como banir o uso de tabaco em arquibancadas. “Uma delas referia-se à utilização de circuito fechado de televisão para o monitoramento de torcedores dentro do estádio”<sup>319</sup>. O pensamento de Popplewell “[...] refletia o dominante espírito thatcherista que pairava no ar”<sup>320</sup>, contudo o relatório não tocava em questões como a infraestrutura deficiente dos estádios no que concerne as arquibancadas decadentes ou a utilização de grades e cercas para controlar a torcida.<sup>321</sup>

O relatório brasileiro apresenta os seguintes elementos da situação atual do esporte: violência, impunidade, desconforto, despreparo do RH, insegurança, alto risco, desrespeito ao Estatuto do Torcedor, baixos índices de ocupação, perda de receitas e perda de oportunidades. Um dos últimos movimentos produzidos foi a necessidade de modernizar os estádios de futebol brasileiros, justificativa fortemente sustentada pela necessidade advinda da organização da Copa do Mundo de 2014.

## 2.2. Modernizar as antigas catedrais

A transição da designação de estádios para *arenas* não deve ser encarada de forma isenta ou involuntária. Para além de uma alteração semântica, “aponta para a ocorrência de uma mudança dos modos de se comportar e de se pertencer ao lugar”<sup>322</sup>. A problematização sobre este processo deve incidir sobre

“a relação estabelecida entre sujeito e espaço, ou neste caso, entre torcedor e estádio/arena, no novo cenário que se desenha a partir da construção de uma espacialidade distinta (que sugere um modo de se comportar igualmente distinto). Aspectos pontuais, como preço dos ingressos arquitetura opressora, novos códigos de apropriação do lugar, dentre outros, indicam uma leitura mais ampliada e crítica do processo”<sup>323</sup>.

---

<sup>319</sup> AMARAL, Cacilda Mendes dos Santos; BASTOS, Flávia da Cunha. **Processo de modernização dos estádios de futebol**. Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires), v. 15, p. 1, 2011.

<sup>320</sup> GIULIANOTTI, Richard. Op. Cit., p. 103.

<sup>321</sup> Ibidem, p. 103.

<sup>322</sup> SOUTTO MAYOR, S. T.; SOUZA NETO, G. J.; SILVA, S. R. **Dos novos e velhos territórios no futebol: interstícios reflexivos do torcer na transição estádio/arena**. Espaço Plural (Unioeste), v. XIV, p. 193-218, 2013, p.195.

<sup>323</sup> Idem, p.195-196.



Dentro deste contexto está colocada a ideia de *modernização*. Este vocábulo polissêmico muitas vezes se confunde com “modernidade” e “moderno”. Estes conceitos muitas vezes são mascarados na tentativa de se mostrarem neutros, ou apenas técnicos, simbolizando avanços, progressos, melhoramentos, toda nova sorte de novidades que nos libertarão do atraso.

Os conceitos de modernidade, modernização e moderno são amplamente discutidos com rigor acadêmico dentro das ciências sociais, no entanto são palavras que há muito já romperam o meio acadêmico e são apropriados como discursos políticos, midiáticos e cotidianos, chegando ao senso comum. Estes conceitos, notadamente o de modernidade e modernização tem a sua propagação diretamente ligada aos grandes eventos do século XVIII: Revolução Industrial e Revolução Francesa, as quais em síntese expressaram a vontade ideológica da burguesia europeia em detrimento das bases de estabelecimento do Antigo Regime.<sup>324</sup>

Conforme Simon Schwartzman a “Biblioteca do Congresso americano aponta a existência de 1.455 livros com a palavra “modernidade” no título e de outros 1.599 com a palavra “modernização”<sup>325</sup>. Já o geógrafo Denis Castilho no mesmo rastro de Schwartzman apresenta que são mais de 76.900 resultados para a palavra “modernização” em busca na página do Google Acadêmico em 2010.<sup>326</sup> Apenas isto já nos concede uma amostra da potencialidade e das possíveis diferenças e divergências que podem envolver os entendimentos sobre este conceito.

Portanto, a noção de modernização precisa ser utilizada com cuidado, para que não sejamos enredados por uma noção que toma a modernização como um fato natural, indispensável ou inevitável ao desenvolver do processo histórico. Cabe as ciências sociais apresentar suas armas críticas e buscar “compreender a complexidade desse processo ao mesmo tempo em que se veem diante da naturalização do conceito sem uma crítica à forma como é produzido”<sup>327</sup>.

Cabe perceber outra questão pertinente a modernização, que é seu caráter ideológico, pois ela não pressupõe apenas transformações nos meios materiais de produção ou nos eixos técnicos e científicos, ela compreende todo um complexo de

---

<sup>324</sup> CASTILHO, Denis. **Os sentidos da modernização**. *Boletim goiano de geografia*. Goiânia, v. 30, n. 2, p. 125-140, julho/dezembro, 2010, p. 126.

<sup>325</sup> SCHWARTZMAN, S. **Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo**. São Paulo: Augurium, 2004, p. 10.

<sup>326</sup> CASTILHO, Denis., Op. Cit., p. 137.

<sup>327</sup> CASTILHO, Denis., Op. Cit., p. 127.

valores, defendidos por determinada classe social, assim sendo ela expõe um forte caráter ideológico<sup>328</sup>.

Portanto, o processo de modernização está diretamente ligado a expansão geográfica, ou seja, a chegada dos interesses da burguesia em determinados locais, pois a burguesia enquanto classe hegemônica, necessita constantemente “revolucionar” seus instrumentos de produção, transformando as relações de produção e conseqüentemente as relações sociais. Assim sendo, esta expansão geográfica consolida o que denominamos de modernização, termo que expressa teoricamente a imposição das relações sociais de produção burguesa.<sup>329</sup>

Esta modernização apresenta interesses de classe e de regiões bem definidos, os projetos de modernização impostos no Brasil, são programas estrangeiros defendidos e aplicados por agentes internos. Milton Santos aponta “as vicissitudes do desenvolvimento ‘moderno’ dos países com baixo desenvolvimento econômico estão diretamente ligadas às necessidades dos países industriais”<sup>330</sup>.

“Portanto, não é possível chegar à compreensão da complexa realidade do mundo pela separação dos fenômenos, mas considerando-os a partir de uma unidade contraditória, mas não separada. Assim dito, a crítica deve, também, caminhar no sentido de questionar a quem serve o modelo de modernização que se expande pelo Brasil. É preciso falar de processos, mas também nomear seus atores”<sup>331</sup>.

Por conseguinte, o projeto de modernização deve ser lido dentro do processo de expansão territorial da modernidade e/ou do modo de produção capitalista. Isto impõe conceber a modernização desde a,

“Formação territorial (processual) que engloba a ação de atores sociais, das grandes empresas capitalistas, sobretudo do Estado por meio dos seus programas, projetos e políticas públicas. Este caminho pelos processos pode não só conduzir a uma compreensão mais dinâmica da complexa trama espacial induzida pela modernização como também chamar a atenção para o cuidado político e ideológico sem cair nas dualidades e sem representar a realidade espacial de maneira separada e fragmentada”<sup>332</sup>.

Através destes movimentos reais em prol da modernização, perpetrados tanto pela iniciativa privada quanto pelas iniciativas estatais que é possível compreender como ela é realizada espacialmente. Assim dois aspectos devem ser analisados e abrangidos quando

---

<sup>328</sup> Idem, p. 128-129.

<sup>329</sup> Ibidem, p. 128.

<sup>330</sup> SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

<sup>331</sup> CASTILHO, Denis., Op. Cit., p. 133.

<sup>332</sup> CASTILHO, Denis., Op. Cit., p. 135.

se trabalha com o conceito de modernização, um conectado à ideologia e à política e um outro conectado ao desenvolvimento dos meios de produção e das melhorias das infraestruturas locais<sup>333</sup>.

O seu aspecto ideológico e político, fica evidente quando da utilização descomedida da palavra, até de seu uso irrestrito gerando sua banalização, equivalendo a uma naturalização da modernidade como fenômeno histórico que coloca a modernização como algo necessário ao desenvolvimento social. ” Desta forma percebermos que o conceito de modernização consegue atingir receptividade em grande parcela da sociedade.<sup>334</sup>

A modernização se trata de uma ideologia que segundo George Oliven “postula um modelo histórico e linear de mudança social baseado num determinismo cultural”<sup>335</sup>, ela não é natural ou inocente.

“Ela é operacionalizada através de uma dicotomia que dá uma visão dualista de fenômenos que em verdade são bem mais complexos e dinâmicos. Este modelo tem um forte viés etnocêntrico e raramente é utilizado para estudar o nível de consciência das classes sociais ou suas práticas e representações face às orientações culturais associadas com o desenvolvimento do capitalismo. Do modo como é utilizado pela maioria de seus teóricos, o modelo da modernização não passa de uma ideologia que procura mascarar as causas da situação dos países subdesenvolvidos, propondo características culturais como sendo responsáveis por seu atraso<sup>336</sup>.

Raymundo Faoro diferencia a modernização da modernidade da seguinte forma, a modernização divide a ideologia da sociedade.

“Diga-se, por enquanto, que a modernidade compromete, no seu processo, toda a sociedade, ampliando o raio de expansão de todas as classes, revitalizando e removendo seus papéis sociais, enquanto que a modernização, pelo seu toque voluntário, se não voluntarista, chega à sociedade por meio de um grupo condutor, que, privilegiando-se, privilegia os setores dominantes. Na modernização não se segue o trilho da " lei natural", mas se procura moldar, sobre o país, pela ideologia ou pela coação, uma certa política de mudança”<sup>337</sup>.

Contudo, conforme adverte Carvalho, devemos tomar cuidado, e principalmente investigar criticamente o modo como estas palavras são empregadas:

“Assim, ao longo dos séculos XIX e XX, o termo modernização encampou ideias, práticas, representações e projetos de modernidade apropriados de maneira ideológica e aplicados pragmaticamente na tentativa de equiparar povos e nações que em contextos históricos específicos eram tomados como

---

<sup>333</sup> Idem, p. 136.

<sup>334</sup> Ibidem, p. 134.

<sup>335</sup> OLIVEN, R. G.. **A Ideologia da Modernização**. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Ufrgs, Porto Alegre, v. 5, p. 157-161, 1977, p.33.

<sup>336</sup> OLIVEN, R. G.. Op. Cit., p.33.

<sup>337</sup> FAORO, Raymundo. Estudos avançados, 6 (14), 1992, p. 8

modelares do que seja a modernidade, em termos econômicos, políticos e/ou sociais”<sup>338</sup>.

Logo, para exercer uma crítica contundente e fundamentada quanto à ideia de modernização, é preciso colocá-la no tempo e no espaço. É indispensável historicizar radicalmente o modo como ela é apropriada e utilizada, buscando compreender os significados que ela adquire em determinada época ou sistema de pensamento, rompendo assim com as tentativas tacanhas de “neutralizar” seu conteúdo.<sup>339</sup> Por último, Carvalho propõe ainda que os termos que possuem mais de uma única significação sejam analisados “como sendo emergentes e dinâmicos, guardando, portanto, séries de componentes que se conectam em ambientes locais, os quais estabelecem uma dinâmica de redes de relações específicas, fazendo emergir seu significado, cuja propriedade inequívoca é ser sempre contextual.”<sup>340</sup>

Os estádios contemporâneos podem ser caracterizados levando em conta três elementos primordiais: inexistência de objetos físicos separando os setores (muros, grades, fossos), a observação do jogo ativa e passiva (observar e ser observado) e a utilização do espaço do estádio para atividades que não necessariamente estejam atreladas ao jogo de futebol (restaurantes, salas comerciais, cinemas e etc.)<sup>341</sup>.

As críticas e reprovações contra os antigos estádios brasileiros estão atreladas a questões de falta de conforto e segurança daqueles equipamentos /construídos na sua maior parte a partir da segunda metade do século XX.

Os acidentes ocorridos nos estádios brasileiros a partir dos anos 1990 não são fartos a pesar de serem emblemáticos. Em 1992, no campeonato brasileiro em jogo entre Flamengo e Botafogo, as grades que ficavam no primeiro degrau das arquibancadas cederam ocasionando sete vítimas fatais. Em 2000, na final da Copa João Havelange o alambrado da arquibancada de São Januário cede devido a superlotação e centenas de pessoas caem para dentro do campo, resultando em aproximadamente duas centenas de feridos. Em 2007, ocorreu em Salvador o desabamento de parte da arquibancada do

---

<sup>338</sup> CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. **Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias**. p. 9, sd., p.09.

<sup>339</sup> Idem, p.12.

<sup>340</sup> Ibidem, p.12.

<sup>341</sup> BECK, Matheus. **Estádios pós-modernos para um futebol hiper-real: análise comparativa das arenas para a copa do mundo de 2014**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Especialização em Jornalismo Esportivo, 2012, p. 16.

estádio Fonte Nova que resultou na morte de sete pessoas levando a interdição imediata do estádio pelo poder estadual.<sup>342</sup>

A outra ponta corresponde a constante crítica às ações das torcidas organizadas, os atos de vandalismo dentro dos estádios e os atos de violência fruto de confronto contra torcidas organizadas adversárias fora dos estádios.

O papel que a violência cumpre dentro da sociedade capitalista é indiscutível seja ela simbólica ou física, ainda mais no Brasil que possui um dos maiores índices de desigualdade social do planeta, logo o futebol não está isolado desta realidade, ele é assim tomado por manifestações culturais de violência. Desde o confronto físico dentro do campo de jogo entre jogadores, nas arquibancadas entre as torcidas, entre as torcidas e a polícia ou ainda as tragédias advindas de desastres envolvendo a armação física do estádio.

“há a necessidade de a polícia agir, preferencialmente como agente preventor da violência entre os torcedores, evitando, assim, a necessidade de reprimir os mesmos. Tal medida, conseqüentemente, evita que a polícia acabe atuando como órgão gerador de violência entre os torcedores, o que ocorre quando não há preparo técnico e psicológico, nem experiência por parte dos policiais para atuar neste tipo de evento”<sup>343</sup>.

Porém, conforme aponta o inglês Bryan Drew, que dirigiu a Unidade de Policiamento do futebol, órgão do Serviço Nacional de Inteligência do Ministério do Interior britânico, onde tratava diretamente com os casos de violência envolvendo os “*hooligans*”. A principal preocupação quanto aos episódios de violência deve ser justamente fora dos estádios, pois Drew, aponta que “muitas das brigas acontecem longe dos estádios, em bares, estações de trem, lugares assim. Então é preciso uma visão ampla, não se preocupar só com os estádios<sup>344</sup>. Além disso, Drew defende que a segurança deva ser um instituto de preocupação dos clubes. Cabendo a estes pagar pela segurança privada<sup>345</sup>.

Os meios de comunicação, através dos seus mais diversos campos, muitas vezes super dimensionam os fatos de violência que ocorrem no futebol. Stuart Hall, em 1978<sup>346</sup>, analisou o papel desempenhado pela imprensa na fabricação de uma espécie de “pânico

---

<sup>342</sup> Correio do Povo, 27 de novembro 2007, contracapa.

<sup>343</sup> AMARAL, Thiago Trindade. **A Violência Entre as Torcidas da Dupla Gre-Nal**. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do RS; 2008, p. 18.

<sup>344</sup> SEIXAS, Fabio. **Clubes devem bancar polícia, defende xerife anti hooligan**. Entrevista Folha de São Paulo, 31 de outubro de 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3110200518.htm>

<sup>345</sup> Idem.

<sup>346</sup> Citado por Elias e Dunning, p. 365

moral” concernente a atuação dos *holligans* no futebol, ou seja, os meios de comunicação, majoritariamente a televisão, ocuparam-se dos casos de violência ocorridos nos estádios, elevando sua relevância, de forma conexa à crise econômica britânica no período, numa estratégia de “policiamento da crise”, fazendo com que o medo do hooliganismo se disseminasse e produziu-se um sentimento de ansiedade pública acobertando os olhares para os reais problemas das sociedade e economia da Grã Bretanha<sup>347</sup>.

Alguns parâmetros guiam a construção das novas arenas ou a remodelação antigos estádios. Caderno de encargos da FIFA. Código de Defesa do Torcedor (Consumidor), estatuto do torcedor, relatório paz no esporte, JECrim, proibição bebida, Lei Geral da Copa.

### 2.2.1. Cadernos de Encargo FIFA

O documento conhecido como Requisitos e Recomendações Técnicas ou Caderno de Encargos da FIFA é o manual primário com recomendações para construção de estádios padronizados pela entidade que popularmente levam a alcunha de “padrão FIFA”. Em 2011, foi lançada a quinta edição, com 346 páginas de recomendações, a qual serviu de base para a Copa do Mundo de 2014. O manual possui 10 requisitos básicos que devem ser levados em conta na hora da construção dos equipamentos.

O primeiro é sobre as decisões *pré-construção*, versa sobre a localização do estádio, “localização perfeita seria provavelmente um local em um grande centro urbano com bom acesso ao transporte público, ruas largas e rodovias e estacionamento que pudesse ser usado para outros fins quando não houvesse jogos.”<sup>348</sup> com estudo de impacto e viabilidade da construção, conhecimento do mercado no que tange os frequentadores, é recomendado “atrair VIPs ou consumidores que estejam dispostos a pagar muito mais que o preço regular dos ingressos é essencial para o sucesso financeiro do estádio moderno.”<sup>349</sup> Sobre a capacidade do equipamento recomenda-se o mínimo de 30 mil para jogos internacionais, 50 mil para final da Copa das Confederações e 60 mil para a final da Copa do Mundo. Recomenda-se por último a construção de estádios multifuncionais

---

<sup>347</sup> LAGEMANN, Frederico. **Análise do sentimento de segurança dos torcedores no estádio de futebol : um estudo a partir da instituição do JECrim no Estádio Olímpico Monumental**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Ciências Sociais: Bacharelado. 2010, p. 27.

<sup>348</sup> FIFA. Estádios de Futebol Recomendações e requisitos técnicos, 5ª edição, 2011, p.32.

<sup>349</sup> Idem, p.31.

que possam abrir outros eventos esportivos e de entretenimento, melhorando a viabilidade financeira.<sup>350</sup>

O segundo é sobre *segurança*, e é um dos pontos mais especificados, com questões sobre sinalizações, plano de escoamento dos frequentadores, garantia de segurança física e patrimonial dos frequentadores<sup>351</sup>. Sala de controle com visão panorâmica e circuito fechado com câmeras de segurança e centro médico para o público (com recomendações de construção).

O terceiro ponto é sobre a orientação do campo e estacionamento, a qual coloca orientação ideal como norte/sul, podendo mudar por especificidades regionais. O estacionamento de um estádio de 60 mil lugares “deve comportar 10.000 carros. Deve haver local próprio para o estacionamento de ônibus e deve haver estacionamento para aproximadamente 500 ônibus”<sup>352</sup>. Além de um estacionamento específico para os torcedores VIPs e imprensa, que deve ter acesso exclusivo, sala de imprensa com 30 m<sup>2</sup>. Além disso, deve existir espaço suficiente nas áreas adjacentes do estádio para pouso de helicóptero.

O quarto é sobre a área de jogo, que deve ter preferencialmente 105 m de comprimento por 68 m de largura (11.200 m<sup>2</sup>), sem especificação de espécie de grama, apenas especificando questões atinentes se for grama natural ou sintética. É apresentado os cuidados relativos à aplicação das placas de publicidade para não ocasionar pontos cegos, e permitindo amplo acesso de veículos de emergência. Contudo, aponta que o ideal sobre a separação do gramado com as arquibancadas não seja feito através de barreiras físicas, porém, para evitar invasões que seja utilizado seguranças privados, assentos adaptados com altura superior ao nível do gramado. Por último é apresentado a utilização de fossos, que apesar de recomendados recebem uma porção de reservas a sua implementação,

o recurso a fossos deve ser considerado somente em campos grandes e espaçosos. Para um estádio de futebol típico, com uma configuração relativamente limitada, os fossos não representam uma proposta realista, uma vez que aumentam a distância entre o campo e os espectadores”<sup>353</sup>.

O quinto é sobre os *vestiários*, com acesso exclusivo para jogadores e árbitros. O vestiário do visitante deve ter no mínimo 150 m<sup>2</sup>, além do espaço de aquecimento com

---

<sup>350</sup> Ibidem, p.43.

<sup>351</sup> Ibidem, p.50.

<sup>352</sup> Ibidem, p.58.

<sup>353</sup> FIFA. Estádios de Futebol Recomendações e requisitos técnicos, 5ª edição, 2011, p.87.

outros 100 m<sup>2</sup>. Nas arenas multiuso, a FIFA exige ao menos 4 vestiários. O túnel que liga os vestiários ao campo precisa ter o mínimo de 4 metros de largura e 2,4 metros de altura.

O sexto item é sobre o *conforto dos espectadores*, cabendo cobertura em regiões com incidência de raios solares, clima úmido e frio. O equipamento deve apresentar cadeiras individuais fixas a arquibancada com 45 cm de largura mínima (o recomendado é 50 cm), com encostos com 30 cm de altura, e distância de 80 cm de encosto para encosto, todas muito bem identificadas. É incisivamente salientado que “bancos e áreas de pé são inaceitáveis sob quaisquer circunstâncias para Copa do Mundo FIFA”<sup>354</sup>. Para os assentos VIPs e VVIP, a largura mínima é de 60 cm e conforto superior aos demais, além de apresentarem descansos para os braços, verdadeiras poltronas.

Sobre os sanitários é recomendado a proporção de, o mínimo de 28 sanitários e 14 pias para cada mil mulheres e três sanitários, quinze mictórios e seis pias para cada mil homens. Para as áreas VIP e VIPP deve ser observada proporção maior.<sup>355</sup>

O sétimo item, aborda a *hospitalidade*, relativa as áreas corporativas, sobre acesso, localização e especificidades dos espaços VIP e VVIP. Espaços para as autoridades esportivas e membros do Comitê Organizador Local.

O oitavo ponto é relativo a *mídia*, a definição de tribunas para mídia e posição de comentaristas em localização central com amplo acesso a linhas de telefone, internet e energia elétrica. A sala de conferência de imprensa (com no mínimo 200 m<sup>2</sup> com 100 assentos), zona mista (com no mínimo de 200 m<sup>2</sup>, sendo 2,5 m<sup>2</sup> por jornalista) e posição para entrevistas rápidas. Os estúdios de televisão (são no mínimo três estúdios de 25 m<sup>2</sup> para jogos mais importantes) e apresentação também se fazem necessários.

A nona recomendação é referente a iluminação, onde a FIFA recomenda todos os modelos e locais de refletores que devem constar nos estádios conforme cada necessidade. Além da obrigação do estádio ter gerador próprio com a possibilidade de um sistema de alimentação alternativo com autonomia de 3 horas de duração.

Por último, é apresentado as recomendações sobre *comunicação*, onde são apresentados os requisitos de comunicação como os tipos de conexão de internet, salas de comunicação, quantidade e local dos telefones.

## **2.2.2. Estatuto do Torcedor e Código de Defesa do Consumidor**

---

<sup>354</sup> Idem,.109.

<sup>355</sup> Ibidem, p.112.



Em 2002, foi proposto pela Comissão de Educação, Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados como Projeto de Lei 7.262/02 e no Senado, tramitou como Projeto de Lei 1/03, sendo sancionado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em março de 2003. O Estatuto aparece em uma conjuntura no mínimo conturbada no início dos anos 2000,

“Os desmandos do futebol brasileiro, evidentes no excesso de poder da CBF e das federações estaduais – principalmente na organização de seus respectivos campeonatos, com o predomínio de descompromisso com o público, verificado pela falta de divulgação dos regulamentos das competições, constantes mudanças de regras de acesso e decesso nos principais campeonatos até 2003 –, levaram o Congresso Nacional, após o encerramento da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) CBF-Nike sobre o futebol (Rebelo; Torres, 2001), a tramitar e aprovar o Estatuto de Defesa do Torcedor (lei n. 10.671, de maio de 2003), também conhecido como a “lei de moralização do futebol”.<sup>356</sup>

Uma das fundamentações para a criação do Estatuto do Torcedor foi a “necessidade de aperfeiçoar as normas de sociabilidade nos espaços públicos e privados das diferentes práticas esportivas que congregam um público elevado”<sup>357</sup>.

O Estatuto do Torcedor é um código de 2003, com aproximadamente 45 artigos em 12 capítulos, que disciplinam normas sobre a proteção e defesa do torcedor. I- Disposições Gerais, II- da transparência na organização, III do regulamento da competição, IV- da segurança do torcedor partícipe do evento, V- dos ingressos, VI- do transporte, VII- da higiene, VIII- da relação com a arbitragem esportiva, IX- da relação com a entidade de prática desportiva, X- das penalidades, XI- dos crimes e XII - disposições finais e transitórias. Assim fica evidente que a despeito de não reduzir seu texto ao futebol, a grande parte é voltada a ele, sobretudo na disciplinarização, vigilância e sanção de infratores. Uma vez que, são ao menos 16 artigos que refletem sobre estes temas.<sup>358</sup>

Logo no artigo segundo já é definido quem é o torcedor perante a lei: “Torcedor é toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva”<sup>359</sup>, uma definição bem ampla e larga.

O artigo 13, apresenta a seguinte questão “o torcedor tem direito a segurança nos locais onde são realizados os eventos esportivos antes, durante e após a realização das

---

<sup>356</sup> REIS, Heloisa. **O espetáculo futebolístico e o Estatuto de Defesa do Torcedor**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, n. 3, p. 111-130, maio 2010, p. 114.

<sup>357</sup> SILVA, Sílvia Ricardo da (et al). **As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo**. In Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 30, n.1, p. 9-24, set. 2008, p.12.

<sup>358</sup> SILVA, Sílvia Ricardo da (et al)., 2008, Op. Cit., p.13

<sup>359</sup> Lei 10.671/2003

partidas”<sup>360</sup>. E esta segurança deve ser garantida pela entidade que possui o mando de jogos e dos seus dirigentes (no caso dos campeonatos nacionais é obrigação da CBF), que terão ainda requerer junto ao poder público a presença de agentes públicos de segurança os quais ficarão responsáveis pela segurança dos torcedores nas dependências internas e externas aos locais de realização do evento esportivo, além de informar aos órgãos públicos competentes sobre local, horário de abertura do estádio, capacidade e expectativa de público; é dever dos mesmos órgãos garantir ainda que o direito do torcedor enquanto consumidor não seja atingido, e quando este se sentir lesado deve ser providenciado o repasse das reclamações tanto para o ouvidor da entidade como para os órgãos de defesa e proteção do consumidor.

Ainda em relação às questões do que é pertinente aos estádios, segundo o artigo 18º, “Os estádios com capacidade superior a dez mil pessoas deverão manter central técnica de informações, com infraestrutura suficiente para viabilizar o monitoramento por imagem do público presente”<sup>361</sup>. No artigo 23º é apontada a necessidade de “realização dos laudos técnicos expedidos pelos órgãos e autoridades competentes pela vistoria das condições de segurança dos estádios a serem utilizados na competição”<sup>362</sup> este artigo só foi regulamentado em 2009, a partir do decreto número 6.795, no que tange o “controle das condições sanitárias e de segurança dos estádios a serem utilizados em competições desportivas”<sup>363</sup>.

O artigo 22 garante ao comprador de ingresso “que todos os ingressos emitidos sejam numerados; e II – ocupar o local correspondente ao número constante do ingresso.”<sup>364</sup>. Dentro da mesma lógica das recomendações da FIFA, com lugares unitários e individuais, contudo ainda continha brecha para acomodações em pé, “§ 1º O disposto no inciso II não se aplica aos locais já existentes para assistência em pé, nas competições que o permitirem, limitando-se, nesses locais, o número de pessoas, de acordo com critérios de saúde, segurança e bem-estar”<sup>365</sup>

O Estatuto reconhece a possibilidade da judicialização das disputas envolvendo os ditos torcedores. Conforme o artigo 40º “ a defesa dos interesses e direitos dos torcedores em juízo observará, no que couber, a mesma disciplina da defesa dos

---

<sup>360</sup> Idem.

<sup>361</sup> Ibidem.

<sup>362</sup> Ibidem.

<sup>363</sup> BRASIL, Decreto Nº 6.795, DE 16 DE MARÇO DE 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2007-2010/2009/Decreto/D6795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2009/Decreto/D6795.htm)

<sup>364</sup> Lei 10.671/2003.

<sup>365</sup> Lei 10.671/2003.

consumidores em juízo de que trata o Título III da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990”. A referida lei, é conhecida como Código de Defesa do Consumidor, que dispõe sobre a proteção do consumidor (código do consumidor), o “consumidor é toda pessoa física ou jurídica que adquire ou utiliza produto ou serviço como destinatário final”<sup>366</sup>, consoante o artigo 2º.

Tanto que no artigo 6º, está presente a possibilidade de recorrer ao ouvidor em caso de reclamações que não necessitam ser judicializadas. O ouvidor seria responsável por fazer a intermediação entre as reclamações e sugestões dos torcedores para com os administradores do serviço. Uma atividade muito próxima a desempenhada pelo Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC) fornecido pelas empresas quando da necessidade de reclamação de um produto ou serviço pelo consumidor.<sup>367</sup>

Assim, através de noções de consumo e violência, que são a tônica do documento, é possível perceber uma dualidade de entendimentos sobre as formas de apresentação da “proteção e defesa” pelo código. Ao mesmo tempo que o torcedor é uma vítima em potencial da “violência” e, portanto, carece de “proteção”, o torcedor também é um consumidor, o que lhes confere deveres e direitos semelhantes.<sup>368</sup>

Segundo Elias, a “desportivização” desenvolve “o caráter de impulso civilizador”<sup>369</sup>, inserindo a norma, o autocontrole, e o domínio das práticas esportivas durante o lazer. O estatuto notadamente busca justamente exercer o controle nas disputas existentes nos frequentadores dos jogos e da regulamentação do jogo. Tentando assim, castrar qualquer tipo de manifestação ou ato que exacerbe violências na forma individual ou coletiva. No entanto, também acaba por impedir outros tipos de comportamento e rituais ligados a cultura torcedora. Pois, dentro da sua categoria de torcedor, o estatuto acaba diferenciando os torcedores, através de mecanismos de controle, existem dessa maneira os torcedores ordeiros – que seriam os consumidores ideais – o os desordeiros, onde os primeiros devem ser defendidos e os) e segundos eliminados<sup>370</sup>.

A erradicação dos atos violentos atende à demanda dos códigos do esporte na medida em que identifica qual seria o modelo de torcedor para os esportes modernos. Por meio de uma série de mecanismos de controle percebemos que o EDT pretende instaurar um novo ethos no esporte brasileiro, especialmente no futebol, na medida em que pretende restringir ou modificar os comportamentos do torcedor. O EDT normatiza os códigos do esporte

---

<sup>366</sup> Lei 8.078/1990

<sup>367</sup> CURI, M.; et. al. . **Observatório do Torcedor: o Estatuto**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, p. 25-40, 2008, p.28.

<sup>368</sup> SILVA, Sílvia Ricardo da (et al)., Op. Cit., p.14.

<sup>369</sup> ELIAS, Norbert., 1992, Op. Cit., p. 224.

<sup>370</sup> SILVA, Sílvia Ricardo da (et al)., Op. Cit., p.15.

moderno, cumprindo um papel semelhante ao Código Penal e ao Código de Defesa do Consumidor. Afeito à lógica da sociedade de consumo, o EDT revela quais são as expectativas (ou parâmetros) em relação ao comportamento dos torcedores adequando-os a um modelo de “torcedor-consumidor”. Aqui é importante salientar que o EDT tenta educar o “torcer” no espaço de futebol, isto é, o EDT teria como objetivo sociabilizar uma nova geração de torcedores, educando-os aos códigos do esporte moderno e à ordem de uma sociedade de consumo, considerando que os comportamentos entendidos como éticos, ou corretos, são determinados historicamente a partir dos valores que são considerados significativos para as culturas”<sup>371</sup>.

O Estatuto, sofreu alteração sensível, pela lei nº 12.299 de 2010<sup>372</sup>, sancionada também pelo Presidente Lula, onde foi ampliado, possibilitando a sua adequação aos novos princípios esportivos, sendo a sua alteração motivadora por abarcar novas especificidades do esporte em sentido lato. Conforme aponta Hollanda,

“a pressão de sediar os dois maiores eventos internacionais desportivos levou o governo federal a sancionar em 2010 a Lei 12.299 que promoveu algumas modificações no Estatuto de Defesa do Torcedor (Lei 10.671/03), documento central na regulamentação e promoção do esporte no país. Os dispositivos inseridos versam especificamente sobre as torcidas organizadas. Em síntese, de acordo com os artigos 1-A; 2-A; 39-A e 39-B, estes agrupamentos passam a ser responsabilizados pelos danos provocados por seus membros dentro e fora dos estádios. Em contrapartida, o Ministério do Esporte passou a realizar seminários regionais e nacionais com os representantes das torcidas organizadas, sinalização política importante que revela “ um movimento institucional no sentido do reconhecimento da existência das mesmas” (HOLLANDA 2014, 153)”<sup>373</sup>.

Assim, a lei aplicou a responsabilidade de prevenção da violência ligada ao esporte para o poder público, e todas outras pessoas jurídicas de caráter privado que promovem ou organizam o esporte, como federações, confederações, clubes e etc. Além disso, definiu as torcidas organizadas no artigo 2-A: “Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta Lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade”<sup>374</sup>. A partir dos artigos 39-A e 39-B, a lei apresentava a tipificação dos crimes, os quais as torcidas organizadas sofreriam enquadramento, como questões subjetivas como incitar violência ou promover tumulto, além de atos mais objetivos como praticar violência, invadir campo de jogo ou outro espaço restrito e a suas conseqüentes penas.

---

<sup>371</sup> Idem, p.15.

<sup>372</sup> O relator da lei nº 12.299/10 foi o Senador José Perrella de Oliveira Costa “Zezé Perrella”, PDT-MG, empresário e dirigente histórico do Esporte Clube Cruzeiro.

<sup>373</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; TEIXEIRA, R. C. . **Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo**. ESPORTE E SOCIEDADE, v. 11, p. 1-26, 2017, p. 12-13.

<sup>374</sup> Lei 12.299/2010.

### 2.2.3. Relatório Paz no Esporte

Um outro documento importante para percebermos os intentos do governo numa mudança geral de perspectiva do futebol e dos estádios foi o Relatório *Paz no Esporte*. Nos anos de 2005 e 2006 foi publicado o relatório formulado a partir da Comissão Paz no Esporte<sup>375</sup>, composto pelos Ministérios do Esporte<sup>376</sup> e Justiça, denominado *Preservar o Espetáculo, Garantido a Segurança e o Direito a Cidadania*. O principal articulador e formulador do relatório foi Marco Aurélio Klein<sup>377</sup>. O modelo assumido pela comissão para confecção do relatório seria o da Inglaterra. Os problemas apresentados neste país, na década de 1980, e os principais resultados das mudanças, já nos agradecimentos Klein deixa claro a importância que o Relatório Taylor possuiu para a formulação do documento da Comissão:

“Finalizo fazendo um registro muito – muito especial – para a mais importante fonte de conhecimento e referência deste trabalho, bem como inspiração de forma e conteúdo desde documento: o Relatório Taylor, do juiz inglês (falecido em 1996) Peter Taylor”<sup>378</sup>.

O Ministério do Esporte instituiu uma Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espectáculos Esportivos - CONSEGUE<sup>379</sup>, com objetivo “de apoiar e acompanhar a implantação da política nacional de prevenção da violência e segurança nos espetáculos esportivos.”

O Relatório é composto por 105 páginas e está esquematizado da seguinte forma; Parte I (A Comissão Paz no Esporte): com capítulos 1 até 5. Parte II (Passado, Presente

---

<sup>375</sup> Em 2004, a partir do decreto do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi criada a Comissão Nacional de Prevenção da Violência para a Segurança dos Espectáculos Esportivos. Em 2005, foi instalada através de Portaria Interministerial.

<sup>376</sup> Agnelo Queiroz (PCdoB-DF) era o então Ministro do Esporte, na qual instalou e coordenou a comissão em toda a sua Fase I, até deixar o cargo em 2006, e dar lugar ao Ministro Orlando Silva Jr (PCdoB-SP).

<sup>377</sup> Coordenador- Executivo e autor do Relatório Final da Comissão Paz no Esporte (2005-2007). Sociólogo, com especialização em Administração e Marketing, foi professor da Fundação Getúlio Vargas 2001-2009.

<sup>378</sup> Relatório Paz no Esporte, 2006, p. 04.

<sup>379</sup> A CONSEGUE foi composta por dois representantes do Ministério do Esporte (Marco Aurelio Ravanelli Klein Diretor de Programa da Secretaria Executiva Francisco Xavier da Silva Guimarães Consultor Jurídico), dois representantes do Ministério da Justiça (Cel Aurélio Ferreira Rodrigues - Coordenador-Geral de Planejamento Estratégico em Segurança Pública, Programas e Projetos Especiais José Hilário Nunes Medeiros - Coordenador-Geral de Ações de Integração de Segurança Pública), um representante do Conselho Nacional de Defesa Civil – CONDEC (Paulo Roberto Feregueti Góes - Diretor do Departamento de Minimizações de Desastres da Secretaria Nacional de Defesa Civil) e mais cinco representantes da sociedade civil organizada (Francisco Horta - Presidente de Honra do Fluminense Futebol Clube do Rio de Janeiro Ricardo Adriano Vasconcelos Dias - Presidente da Torcida Ativa de Minas Gerais (ONG) Rodrigo Terra - Promotor do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro Muniz Gonçalves Ferreira - Professor da Universidade Federal da Bahia UFBA Tem. Cel. Marcos Cabral Marinho de Moura - Polícia Militar do Estado de SP) com experiência e atuação no campo de segurança nos estádios

e Futuro) com capítulos 6 até 9. Parte III (Síntese da Análise das Recomendações) com capítulos 10 até 13. Parte IV (Minudências) com capítulo 14. Parte V (Recomendações complementares) com capítulos 15 e 16. Parte VI (Projeto Piloto SP) com capítulos 17 e 18, além dos Anexos.

A missão era preservar o espetáculo, garantindo a segurança e o direito à cidadania. O relatório apresentava a situação atual, “violência, impunidade, desconforto, despreparo do RH, insegurança, alto risco, desrespeito ao Estatuto do Torcedor, baixos índices de ocupação, perda de receitas Perda de oportunidades”<sup>380</sup> e a partir de uma pesquisa do Lance-IBOPE de 2004 o que afastava a sociedade do estádio era a violência (79%) e falta de conforto (14%).<sup>381</sup>

Conforme a Comissão Paz no Esporte, foram assumidos dezessete conceitos para o evento de futebol: segurança, conforto, acesso, entorno, iluminação e sinalização, limpeza e higiene, alimentação, bilheteria, cambismo, vias e controles de acesso, meios de transporte, pontos de embarque, áreas de estacionamento, definição de responsabilidade, procedimentos operacionais, comportamento dos atletas e procedimentos de segurança.

Na parte I, o capítulo 1 aborda os objetivos da Comissão “pode ser resumido no estudo e entendimento destas questões como um todo, permitindo sugerir um conjunto de medidas integradas de modo a conter a violência, ao tempo em que recupera e/ou propõe novas formas de natureza legal e administrativa para garantir as melhores condições possíveis na realização do espetáculo futebol, dentro das mais modernas técnicas para grandes eventos, assegurando, assim, condições básicas de conforto e segurança para todos, torcedores e não torcedores.” O capítulo 2 é sobre o histórico de formação da Comissão e no capítulo 3 são apresentados todos os nomes que compõe a Comissão. No capítulo 4 é apresentada a metodologia de trabalho que contou com reuniões plenárias, com visitas técnicas à estádios brasileiros e estrangeiros, conversas com especialista, visita a Inglaterra, consulta a leis do Brasil, Alemanha, Bélgica, Espanha, Holanda, Inglaterra e Portugal, além de materiais de outras entidades e instituições europeias como INTERPOL. Com o capítulo 5, encerrando a parte I, trazendo os documentos e fontes consultadas.

---

<sup>380</sup> Relatório Paz no Esporte, 2006, p. 05.

<sup>381</sup> Idem.

Na parte II, o capítulo 6, apresenta as lições do passado, sobre qual era a relação do futebol dentro da sociedade a partir do final da década de 1950. O capítulo 7, “entendendo o presente”, onde é apresentada a situação social atual “Hoje, só no shopping são muitas as atrações de entretenimento de boa qualidade, com segurança e conforto”<sup>382</sup> em contraposição ao estádio de futebol que virou “terra de ninguém”, legislação atrasada que permite a violência, dificuldade de compra de ingresso e equipamentos velhos.

No capítulo 8, tarefas para o futuro, são apresentadas as transformações necessárias para o futebol. Pois no entender dos autores, a partida futebol no Brasil, precisa ser visto como um evento grandioso.

“Á medida que se modernizaram em termos de conforto e segurança, outros setores da indústria do entretenimento, como o cinema, o teatro e as casas de show, o entretenimento na área esportiva começou a perder espectadores em todo o mundo. Foi necessário reinventar o próprio conceito de espetáculo esportivo para mudar e reverter este quadro. Melhorar a infra-estrutura de ginásios e estádios e as práticas operacionais é mandatório.”<sup>383</sup>

No capítulo 9, evidenciamos referências mais importantes. São anotados os modelos de organização mais importantes a serem espelhados pelo futebol brasileiro. São apresentados os casos de organização da NBA, das transformações ocorridas no futebol inglês, dos modos de se relacionar com o cliente das salas de teatro e de cinema.

A parte III, inicia com o capítulo 10, situação atual, onde são apontadas a questão da violência nas grandes cidades e nos estádios e a conseqüente impunidade, a insegurança fora e dentro do equipamento e o desconforto ao assistir ao jogo, o clima de guerra (fruto da ação das torcidas organizadas), baixo índice de ocupação média do estádio brasileiro, em torno de 20%.

No capítulo 11, o que fazer para mudar? partindo do entendimento de estratégias para manter o pontos fortes, reduzir a intensidade de pontos fracos, aproveitando as oportunidades e se protegendo de ameaças. No capítulo 12, os cinco pontos básicos, pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças. No qual dentro das ameaças é apontado a falta de vontade política

“Mudar a situação atual implica em mudanças significativas na cultura brasileira sobre a operação de espetáculos esportivos, bem como no padrão de comportamento dos torcedores. Não são - e não serão mudanças fáceis. Os exemplos internacionais de sucesso registram isto. Mudar implica grandes transformações em usos e costumes. Implica investimentos. Implica responsabilidades. Implica vontade política de governo, entidades esportivas e sociedade”<sup>384</sup>.

---

<sup>382</sup> Relatório Paz no Esporte, 2006, p. 19.

<sup>383</sup> Idem, p.21.

<sup>384</sup> Relatório Paz no Esporte, 2006, p. 36.

No capítulo 13, conceitos e recomendações: 1. Legislação, 2. Responsabilidade, 3. Inteligência, 4. Sistematização, 5. Excelência. A parte IV, o capítulo 14, estádios, traz questões relativas à segurança no equipamento e assim como o modelo inglês que é desenvolvido a partir o Guia Verde (Green Guide). Assim é apresentada a legislação a ser seguida, plano de contingência, a criação da figura do Comissário de Estádio (previsto no Estatuto do Torcedor), este ajudaria na circulação e acomodação dos espectadores, reduzindo a desordem e auxiliando em momentos de emergência.

A parte V, o capítulo 15, torcidas organizadas, onde elas são entendidas a partir da premissa de que “estão inequivocamente ligadas à violência e basta acompanhar o noticiário ou, pior, basta ir a certos jogos para ser ter certeza”<sup>385</sup>, contudo a Comissão Paz no Esporte adverte que as torcidas organizadas “voltem para o estádio; sim, voltem como torcedores que são; respeitando as regras de convivência entre iguais e entre contrários. Regras para tornar o estádio outra vez à casa da alegria do futebol brasileiro”<sup>386</sup>.

O capítulo 16, grupo de trabalho e prazos, apresenta os seis grupos (Banco de Dados, Fontes de Financiamento, Legislação, Operações do Estádio, Projetos Pilotos e Torcidas Organizadas) e seus prazos. Na parte VI, capítulo 17, conceitos e abrangências, apresenta um projeto piloto desenvolvido no Estado de São Paulo.

#### **2.2.4. Juizados Especiais Criminais JECrim**

Os Juizados Especiais Criminais foram criados a partir da Lei 9099/95, e segundo as disposições gerais da lei (artigos 1º e 2º) o JECrim seria um órgão da justiça ordinária, criadas pela União, no Distrito Federal e nos Territórios, e pelos Estados, para conciliação, processo, julgamento e execução, nas causas de sua competência, sendo que o processo orientar-se-á pelos critérios da oralidade, simplicidade, informalidade, economia processual e celeridade, objetivando, sempre que possível, contravenções penais e os crimes a que a lei comine pena máxima não superior a 2 (dois) anos, cumulada ou não com multa. Ele tem competência para a conciliação, o julgamento e a execução das infrações penais de menor potencial ofensivo, ou seja, contravenções penais e os crimes a que a lei comine pena máxima não superior a 2 (dois) anos, cumulada ou não com multa.

“Depois do cometimento, em tese, de uma infração deste porte, não é necessário um Inquérito Policial (IP), próprio das polícias judiciárias. Basta que seja realizado pela

---

<sup>385</sup> Idem, p.69

<sup>386</sup> Ibidem, p.69



polícia militar (no RS, Brigada Militar) um termo circunstanciado (TC), que contém o boletim da ocorrência policial, com o nome do(s) envolvido(s), e o termo de remessa para o juiz do JECrim competente. Não há, neste TC, produção de provas”<sup>387</sup>.

A ideia principal destes juizados é aplicação de penas alternativas e não punições voltadas para a privação da liberdade do réu, ou ainda a suspensão condicional do processo. Assim sendo uma das justificativas para a brevidade do processo.<sup>388</sup>

Segundo o Estatuto do Torcedor em seu artigo 39 no parágrafo 3º propõe o julgamento do comportamento do público frequentador dos estádios através das sentenças dos Juizados Especiais Criminais. Segundo o Estatuto o JECrim não é uma obrigação, apenas uma sugestão, motivo provável pelo qual a instalação destes não foi correlata a instituição da lei. Fruto de uma ação conjunta do Grupo Permanente de Prevenção e Combate à Violência nos Estádios (criado em decisão plenária do Conselho Nacional de Procuradores Gerais de Justiça do Ministério Público dos Estados e da União em 2006)<sup>389</sup> e da CBF após reunião em Florianópolis (SC) em setembro de 2007 foi formalizado um Protocolo de Intenções<sup>390</sup>, com vinte cláusulas, que tinha como objetivos principais tomar ações em parceria, tendendo a prevenir e combater atos de violência dentro dos estádios e em suas adjacências, através das instalação dos JECRIM, previstos nas cláusulas sétima e oitava.

“Cláusula Sétima: Os MPE designarão promotores de Justiça para atuarem no combate a violência nos estádios, bem como enviairão os esforços necessários para a criação e implantarão de Juizados Especiais Criminais (JECRIM) nos estádios de futebol.

Cláusula Oitava: A CBF recomendará às federações a necessidade de instalações adequadas para o funcionamento, nos estádios, dos Juizados Especiais Criminais (JECRIM)”<sup>391</sup>

Inicialmente foram estabelecidos nas cidades do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, posteriormente em São Paulo no estádio do Morumbi.<sup>392</sup> Já no Rio Grande do Sul,

“Somente em abril de 2008 que os maiores estádios de futebol privados do Rio Grande do Sul (Olímpico Monumental e Beira-Rio) instalaram o juizado, em parceria com o Poder Judiciário, Ministério Público e Defensoria Pública. Tal medida foi tomada em virtude de uma divulgada e midiaticada elevação das taxas de violência nos estádios e de alguns incidentes de grande repercussão como, por exemplo, o caso da queima

<sup>387</sup> LAGEMANN, Frederico. Op. Cit., p. 43

<sup>388</sup> AMARAL, Thiago Trindade. Op. Cit., p. 17

<sup>389</sup> CNPG. Histórico, 2013. Disponível em: <http://www.cnpg.org.br/index.php/prevencao-e-combate-a-violencia-nos-estadios/3327-historico>

<sup>390</sup> CONSELHO Nacional de Procuradores Gerais do Ministério Público dos Estados e da União. Protocolo de Intenções entre CNPG e CBF. Rio de Janeiro, 31 ago. 2007. Disponível em: [http://www.cnpg.org.br/arquivos/ProtocoloIntencoes\\_CBF\\_Assinado.pdf](http://www.cnpg.org.br/arquivos/ProtocoloIntencoes_CBF_Assinado.pdf)

<sup>391</sup> Idem.

<sup>392</sup> REIS, Heloisa. Op. Cit., p. 123.

dos banheiros químicos pelos torcedores do Grêmio no Beira-Rio durante um Grenal”.<sup>393</sup>

No estádio Olímpico, o juizado foi inaugurado dia 09 de abril de 2008, na partida de inauguração houve o registro de seis casos. Dois referentes a desentendimento entre as partes, outros dois por porte de entorpecentes e dois últimos por porte de fogos de artifício.<sup>394</sup> O JECrim no estádio Beira-Rio foi inaugurado dia 23 de abril de 2008, o espaço ficava localizado entre os portões 7 e 8 do estádio, o acesso se dava lado da bilheteria D.<sup>395</sup>

A instalação do juizado foi fruto de projeto da Corregedoria-Geral de Justiça em parcerias entre o Ministério Público, Defensoria Pública, Brigada Militar, Polícia Civil Empresa Pública de Transporte e Circulação e os clubes envolvidos que cederam espaços públicos para instalação dos juzizados. Apesar dos estádios da dupla Grenal terem sido os primeiros a acolherem fisicamente o Jecrim, o juizado foi espalhado para cidades do interior do Rio Grande do Sul como Caxias do Sul, que acolhe duas importantes entidades futebolistas (Esporte Clube Juventude e Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul) e seus respectivos estádios, o Alfredo Jaconi, e Francisco Stédile, conhecido como Centenário.

O lugar ocupado pelo juizado consiste em uma sala que fica no exterior do estádio, não tendo nenhuma ligação física com o interior do mesmo, ainda conforme Lagemann:

“Na sala existe uma pequena mesa, com um computador e uma impressora, que são manuseados por um assistente, espécie de escrivão, que é quem redige os acordos e procura, através do sistema integrado da justiça, se os réus são reincidentes. Também apresenta uma mesa maior, com oito cadeiras, onde sentam o juiz, o representante do ministério público, o(s) defensor(es) – normalmente dois, para os casos que envolvem conflitos de interesses -, o(s) réu(s), eventuais testemunhas - apesar de não termos visto nenhuma - e vítimas. Dois juízes, assim como diferentes defensores e promotores se revezam, mês a mês, entre o Olímpico e o Beira-Rio.”<sup>396</sup>

Lagemann descreve ainda que, quando o réu ingressa na sala do juizado, uma de suas principais garantias constitucionais é infringida, pois não é observado o direito ao réu de entrar em contato com seu advogado (defensor público). Um dos primados é a celeridade do processo, para tanto se o mesmo possui bons antecedentes e é réu primário, logo lhe é oferecido o estatuto da transação, mesmo que não seja observado o direito de oitiva para a defesa, sendo negado a segunda garantia constitucional, o contraditório.

---

<sup>393</sup> LAGEMANN, Frederico. **Op. Cit.**, p. 11.

<sup>394</sup> Correio do Povo, 10 de abril 2008, p. 27.

<sup>395</sup> Correio do Povo, 23 de abril 2008, p.23.

<sup>396</sup> LAGEMANN, Op. Cit., p.46.

Logo o juiz oferece o acordo da transação, em forma de advertência, onde o réu agora transacionado rubrica o termo em formulário padrão e recebe uma guia para o quitar sua transação, uma vez que muitos dos delitos cometidos são revertidos no pagamento de algum valor ou então se de uma sanção “mais grave” para o torcedor ele tem proibido o seu direito de frequentar o estádio. Sintetizando, Lagemann afirma que: “presenciamos muitas audiências onde o defensor não defende, o promotor não promove e o juiz não julga, apenas aplica sanção”<sup>397</sup>.

Conforme destaca Lanfredi, a instalação do Jecrim nas praças esportivas segue o estatuto estabelecido pela lei 9099/95 que busca inaugurar um novo proceder:

“Na verdade, o referido diploma legislativo, para além de contemplar um novo procedimento criminal, a que denominou de sumaríssimo, edificou um novo conceito de justiça criminal, fundando-a em critérios de oralidade, informalidade, economia processual e celeridade, já que voltada para a busca, sempre que possível, da reparação dos danos sofridos pela vítima e a aplicação de pena não privativa de liberdade”<sup>398</sup>.

As autoridades policiais presentes na segurança pública dos jogos ficam responsáveis por distinguir todas as infrações cometidas no interior do estádio ou ainda exterior em um limite pré-estabelecidos e categorizá-las como de “menor potencial ofensivo”, em seguida “lavrará um termo circunstanciado, encaminhando imediatamente o autor do fato e a vítima (quando houver) ao JECRIM, o que dispensa a respectiva autuação em flagrante delito do infrator”<sup>399</sup>. Já os delitos que não se enquadrarem nesta categorização passam para a Delegacia de Polícia (crimes mais graves necessitam a abertura de inquérito policial) e futuro encaminhamento ao Fórum<sup>400</sup>.

Conforme levantamento realizado pela Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul (AJURIS) no ano de 2011<sup>401</sup>, o JECrim atuou em 71 partidas, sendo 70 em Porto Alegre, oficiais no RS, com 243 ocorrências no total, média de 3,4 por jogo. O mais interessante sobre a qualidades dos episódios registrados: 170 foram pertinentes à posse de entorpecentes, ou seja 70% do total e o restante envolvendo desacato à autoridade, posse de objetos proibidos (sinalizadores) e brigas entre torcedores. A posse entorpecente resultava em transação penal com pagamento de multas. Ao que pode ser percebido, a maior parte das ocorrências recebidas pelo JECrim não pode ser enquadrada enquanto

---

<sup>397</sup> Idem, p. 47-48.

<sup>398</sup> LANFREDI, Luís Geraldo Sant’Ana. **Justiça desportiva no brasil os juizados especiais criminais dos estádios de futebol exemplos de ação coordenada na busca da intangibilidade do fenômeno esportivo.** Revista do Ministério Público do RS Porto Alegre n. 66 maio 2010 – ago. 2010 p. 101-120, p. 114.

<sup>399</sup> Idem., p. 117.

<sup>400</sup> LAGEMANN, 58

<sup>401</sup> AJURIS, Jecrim faz balanço da atuação nos estádios em 2011. Disponível em: <http://www.ajuris.org.br/2012/01/13/jecrim-faz-balanco-da-atuacao-nos-estadios-em-2011/>

violenta. No total, do período de instalação do JECrim em abril 2008 até o final de 2011 foram registrados na capital gaúcha 727 ocorrências com 373 casos no Beira Rio e 354 no Olímpico<sup>402</sup>.

### 2.2.5. Restrição de Bebida nos Estádios

O consumo e comercialização de bebidas alcoólicas nos estádios (e ginásios esportivos) do Rio Grande do Sul foi proibido em abril de 2008, a partir de lei específica, lei n. 12.916 de 2008<sup>403</sup>. O projeto de lei foi apresentado em 2007 pelo deputado estadual Miki Breier (PSB), em março de 2008 foi aprovado na Assembleia Legislativa, e no mês seguinte foi sancionado pelo vice-governador em exercício Paulo Afonso Feijó (PFL). O consumo de bebidas alcoólicas, sobretudo de cerveja, enquanto se observa uma partida de futebol, seja ao vivo ou pela televisão, em casa, no bar, ou nos estádios é um hábito historicamente presente na cultura torcedora no Brasil e no Mundo<sup>404</sup>.

A lei com apenas quatro artigos, nos apresenta um de caráter, no mínimo, controverso, conforme o artigo 2º, no seu inciso II “os jogos e os campeonatos amadores, municipais ou regionais promovidos por entidades, ligas, associações, municípios e/ou federações de futebol amador, que reunirem público inferior a cinco mil pessoas<sup>405</sup>”. Por exemplo, a capacidade do estádio do Ypiranga Futebol Clube, de Erechim, era de 30 mil pessoas, mas tinha média de público baixa, enquanto dos clubes da série A do estadual, Futebol Clube Santa Cruz de Santa Cruz e o Clube 15 de Novembro de Campo Bom, possuía estádio com capacidade reduzida, recebendo público inferior a cinco mil<sup>406</sup>.

Em nível nacional, a CBF vedou o consumo de álcool por meio da Resolução n.01 de 2008<sup>407</sup>, nos estádios em partidas válidas em competições por ela comandada (Campeonato Brasileiro e Copa do Mundo). Medida tomada após ação em conjunto com o CNPG (através de discussão do seu Grupo Permanente de Prevenção e Combate à Violência nos Estádios) que propôs a assinatura de um adendo<sup>408</sup> ao Protocolo de

---

<sup>402</sup> TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO RIO GRANDE DO SUL. JECRIM nos estádios: balanço da atuação em 2011, 16 de janeiro 2012. Disponível em: <https://tj-rs.jusbrasil.com.br/noticias/2987535/jecrim-nos-estadios-balanco-da-atuacao-em-2011>

<sup>403</sup> Lei 12.916/2008. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.916.pdf>

<sup>404</sup> ALVITO, Marcos. **A rainha de chuteiras: um ano de futebol na Inglaterra**. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

<sup>405</sup> Lei 12.916/2008. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.916.pdf>

<sup>406</sup> Correio do Povo, 1º de abril 2008, p.19.

<sup>407</sup> CBF. Resolução nº 01 de 2008. Disponível em: [http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/resolucao\\_cbf.pdf](http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/resolucao_cbf.pdf)

<sup>408</sup> CNPG. Termo de adendo ao protocolo de intenções celebrado Entre o conselho nacional dos procuradores-gerais do Ministério público dos estados e da união e a confederação Brasileira de futebol,

Intenções entre o CNPG e a CBF, na data de 25 de abril de 2008. A proibição conforme o CNPG deveria se estender não apenas aos jogos válidos por competições promovidas pela CBF, assim como em jogos agenciados por todas as vinte e sete Federações dos Estados através do Regulamento Geral das Competições.<sup>409</sup>

A justificativa para tal foi baseada na determinação imposta pela FIFA, que proibia a venda e o consumo de bebidas alcoólicas no interior dos estádios durante os eventos por ela realizados (tanto que, conforme o artigo 19º do seu caderno de Diretrizes de Segurança, a pessoa flagrada consumindo bebida alcoólica dentro do estádio deve ser imediatamente retirada do local)<sup>410</sup>. Além do Decreto Federal 6.117 de 2007 que instituiu a Política Nacional sobre o álcool que previa medidas de redução do uso indevido da substância e sua consequente associação com a violência e criminalidade.

Esta proibição está ligada a máxima que vincula o consumo de álcool a atitudes violentas, portanto o principal objetivo desta restrição era o de diminuir a violência dentro dos estádios durante a realização das partidas.

“Sem dúvida reduzir as raízes e causas da violência ao consumo de bebida alcoólica é um reducionismo inaceitável e uma explicação sociológica inconsistente. No entanto, compreendendo a problemática da violência em torno do futebol, principalmente aquelas manifestadas nas grandes cidades em dias de jogos de futebol profissional entre equipes arquirrivais como um problema complexo e multifatorial, pode-se sim incluir entre os fatores geradores de violência o uso abusivo de álcool pelos jovens espectadores de futebol”<sup>411</sup>

A bebida alcoólica também foi abolida nos estádios ingleses a partir da conjuntura de combate ao *hooliganismo* imposta no país. Em 1985, *Sporting Events (Control of Alcohol) Act*<sup>412</sup>, buscou combater o consumo de bebidas alcoólicas por parte dos torcedores ingleses<sup>413</sup>. A Inglaterra adota um sistema misto para o campeonato nacional (Premier League), na teoria a venda é proibida, contudo os estádios possuem licenças especiais que permitem a venda 15 minutos antes de iniciar o jogo, 15 minutos antes de encerrar o primeiro tempo e 15 minutos após o início da segunda etapa, e o consumo

---

2008. Disponível em: [http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/cnpg\\_minuta\\_proibicao\\_bebida\\_alcoolica-1.pdf](http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/cnpg_minuta_proibicao_bebida_alcoolica-1.pdf)

<sup>409</sup> Idem

<sup>410</sup> Ibidem

<sup>411</sup> REIS, H. H. B.. **Lei Geral da Copa e o processo de criação da legislação sobre violência**. Movimento (UFRGS. Impreso), v. 18, p. 69-99, 2012, p. 80.

<sup>412</sup> Sporting Events (Control os Alcohol etc.) Act 1985. Disponível em: <http://hillsborough.independent.gov.uk/repository/docs/LJT000000190001.pdf>

<sup>413</sup> Para uma crítica sobre a proibição de consumo de bebidas alcoólicas nos estádios. Ver: PEARSON & SALE "On the Lash": revisiting the effectiveness of alcohol controls at football matches" in: Policing & Society, Vol. 21, No. 2, June 2011.

apenas em locais onde não se tem a visão do jogo, áreas dos bares. Já na Alemanha a venda de bebida é liberada em todos os jogos do campeonato nacional, na Itália já vigora a proibição total da comercialização de bebidas em jogos de futebol. Na Espanha, a proibição de entrada e venda de todos tipos de bebidas alcoólicas em celebração e competições esportivas foi chancelada pelo artigo 67 da “Ley de Deporte 10/1990”<sup>414</sup>

Alguns pontos devem ser levantados a partir de tais medidas, o primeiro é que apesar da venda de bebidas alcoólicas estar proibida no interior do estádio isto não torna o seu consumo nulo, uma vez que pode entrar bebida de forma escondida. Além do fato de que no interior dos camarotes continua ocorrendo o seu consumo por parte dos que lá frequentam, num claro recorte de classe.

Outra questão refere-se à eficácia da lei, apenas proibir o consumo interno não torna findo consumo de álcool por parte das pessoas que frequentam as partidas, já que quem quiser consumir o fará de qualquer modo, principalmente no período imediatamente anterior aos jogos. Os encontros nos bares e nas redondezas vem aumento sensivelmente. O que acaba por fortalecer o famoso “aquece”, prática fortemente enraizada principalmente nas torcidas organizadas. Este grupo teoricamente os mais “visado” pela proibição do consumo nos estádios, já que são fortemente associados aos atos de violência.

Em estudo realizado por Rodrigues e Sarriera, sobre o padrão do consumo de álcool por jovens torcedores de futebol residentes no Rio Grande do Sul, identificados como torcedores de Grêmio e Internacional nos é de especial interesse. A pesquisa foi feita de forma eletrônica com um universo de 1.130 pessoas, de ambos os sexos, sendo que destas 181 se auto identificaram como de torcida organizada. Onde as questões se relacionavam ao consumo que “fazem de álcool e outras drogas tanto no contexto relacionado ao futebol, quanto as relacionadas ao uso habitual.”<sup>415</sup> A pesquisa obteve ainda resultados segundo os quais o uso cotidiano de álcool (festas, encontros ou outros espaços de sociabilidade) por parte dos torcedores pouco difere do consumo por ensejo de jogos de futebol. O número de 25,2% dos torcedores afirma consumir álcool às vezes, sempre ou quase sempre em dias de jogos. Contudo, especificamente dentro do espaço

---

<sup>414</sup> REIS, H. H. B.. **Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico.**.. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. 17, n.2, p. 85-92, 2003, p.86.

<sup>415</sup> Rodrigues, A.L. ; Sarriera, Jorge . **Padrões de Consumo de Álcool e Drogas em Jovens Torcedores de Futebol.** Psicologia: Teoria e Prática (Impresso), v. 17, p. 52-65, 2015, p. 60.

amostral dos membros de torcida organizada, existe um aumento na média do consumo de álcool em dias de jogos quando comparado com o consumo habitual<sup>416</sup>.

O momento mais atribulado quanto ao consumo de álcool em estádios, foi o de início da preparação da Copa do Mundo de 2014. A FIFA, enquanto entidade promotora do evento, exigia a comercialização de bebidas durante os jogos do certame. O que abriu grande discussão principalmente pela necessidade de revogar ou arranjar as exigências da FIFA, com as leis locais, fossem estaduais ou municipais. O estado de São Paulo pioneiro neste quesito, já proibia bebidas alcoólicas desde a Lei estadual 9.470/1996<sup>417</sup>, a cidade de São Paulo a partir da lei municipal no. 14.726 de 15 de maio de 2008, o estado do Rio de Janeiro a lei 2.991/98, vedava a venda de bebidas destiladas, no estado de Pernambuco a Lei ordinária n. 13.748/2009<sup>418</sup>.

O então secretário extraordinário da Copa, o vice-prefeito de Porto Alegre, José Fortunati (PDT)

“Durante o seminário do Comitê Organizador da Copa/2014, realizado nesta semana no Rio de Janeiro, foi recomendado às 12 sedes que revisassem as legislações que proíbem o consumo de bebidas alcoólicas nos estádios. A determinação da Fifa, aplicada em todos os países que foram sedes da Copa do Mundo, é de que seja permitido o consumo apenas durante o período em que ocorre o evento. De acordo com o secretário extraordinário da Copa de 2014, José Fortunati, não será necessário revogar a lei em vigor no Estado. “É preciso apenas fazer uma alteração para que a venda e o consumo sejam permitidos somente durante a Copa. Após os jogos e em outros torneios, a lei segue sem qualquer modificação.” **Lembrou que o público que costuma frequentar a competição é composto principalmente por famílias, sem as rivalidades que marcam os campeonatos locais.** O secretário enfatizou que é a favor da atual lei no contexto futebolístico brasileiro. “Medidas de intervenção nas torcidas organizadas, a criação de delegacias especiais nos estádios, a punição mais severa dos baderneiros e a questão do consumo das bebidas alcoólicas foram importantes em um momento de crescente violência nos estádios. A Copa do Mundo, contudo, é uma situação extraordinária, completamente distinta”, explicou. A alteração na lei deve ocorrer por iniciativa da própria Assembleia Legislativa ou do governo estadual.”<sup>419</sup>

A questão da bebida talvez possa ser percebida como a idealização dos culpados pelos atos de violência em estádios de futebol. Como se o álcool fosse o ponto central para adequação das condutas e comportamento nos estádios. A bebida até pode fazer parte

---

<sup>416</sup> Idem

<sup>417</sup> Após o episódio de confronto entre as torcidas de São Paulo e Palmeiras na final da Copa São Paulo de Futebol Júnior de 1995.

<sup>418</sup> REIS, H. H. B., Op. Cit., p. 80.

<sup>419</sup> Correio do Povo, 13 de junho, 2009, p.23.

do problema mas não é o centro disparador, até porque “afinal, há torcedores violentos que não bebem e torcedores pacíficos que bebem muito”<sup>420</sup>.

### 2.3. O espetáculo futebolístico como ritual

Apesar da dificuldade de definir a noção de ritual, uma vez que possui uma polissemia conceitual e certa heterogeneidade, pode significar a apreensão de fenômenos relativos a cerimônias, festas, costumes ou espetáculos, além deste conceito ter sido estudado por intelectuais variados que fizeram seu uso para a construção de diversas teorias

“Sob uma perspectiva funcionalista, ritual pode então ser definido como um conjunto de crenças e práticas que permitem a determinado grupo enfrentar os grandes problemas da vida humana (cf. Ynger cit. in Rivière e Piette, 1990: 204). Numa perspectiva simbolista o ritual pode ser entendido como um código de comunicação de tipo linguístico implicando mesmo o conhecimento e a aceitação, por parte dos participantes do mesmo, das regras do referido código. Os rituais servem assim para comunicar informação. Tal comunicação é essencialmente expressiva e simbólica podendo ser efetuada por palavras, gestos, vestimentas, etc. (cf. Sindzingre, 1993: 69 e Leach, 1979: 385-387). Próxima desta abordagem está a perspectiva estruturalista desenvolvida por Lévi-Strauss. Segundo esta, o ritual pode ser entendido como um sistema de homologias, oposições e inversões, participante na organização do significado da realidade percebida. Assim, o ritual apresenta-se como um sistema semiológico ou código articulador de signos, ou seja, uma linguagem (cf. Baztán, 1993: 540). A perspectiva pragmática procura tratar as ações rituais, não como um código de comunicação, mas sim como uma forma de este "fazer qualquer coisa". Esta perspectiva baseia-se na ideia de que a prática de um ritual produz determinados efeitos ((cf. Sindzingre, 1993: 70-71) ”<sup>421</sup>.

Algumas características nos autorizam identificar o futebol como um ritual secularizado onde despontam determinados aspectos do sagrado e até do religioso. A secularização pode ser qualificada como uma face da modernidade.

O processo de secularização pode ser entendido como uma progressiva emancipação da ciência, do sector económico com o desenvolvimento capitalista, da política; em relação as instituições religiosas. A secularização parece assim conduzir a uma diferenciação das instituições no sentido da sua autonomização e especialização libertando-as da influência do modelo obrigatório inerente a religião. Todavia, a secularização parece ser responsável por uma série de valores idealizados que conduziram a comportamento simbólicos e ritualizados. Pode-se desta forma concluir que o processo de secularização não eliminou o sagrado tendo antes originado uma deslocação

---

<sup>420</sup> Reis, Heloisa Helena Baldy; LOPES, F. T. P. ; MARTINS, M. Z. . **As explicações de Eric Dunning sobre o hooliganismo à luz do contexto brasileiro: uma reflexão crítica.** Movimento (Porto Alegre. Online), v. 21, p. 617-632, 2015, p. 619.

<sup>421</sup> SEABRA, Daniel e RODRIGUES, Joana. **Futebol como um Ritual.** Revista Antropologias, nº 2, 1998, p. 17



do mesmo para outros objetos, atitudes, seres ou instituições (cf. Maisomeuve, 1988: 64 e Rivière e Piette, 1990: 8,20,209).<sup>422</sup>

O jogo de futebol, assume um paralelo religioso quando consegue juntar esta mesma multidão em um mesmo local para uma experiência comungada exterior ao tempo profano e cotidiano. O estádio que assume às vezes de santuário, de templo religioso possui uma delimitação física bem definida, conseguindo isolar os participantes da cerimônia do restante dos crentes, dividindo o mundo em duas partes, onde uma só entra em contato com a outra certificando sua pertença àquele espaço através de elementos simbólicos como as cores dos uniformes, ou concretos como um ingresso ou carteira de associação.

De tal modo, com a entrada e participação em cerimônias religiosas pressupõe-se a aceitação de determinadas regras de convívio entre os indivíduos que, ao adentrarem os estádios, estão expostos a assentirem com determinadas regras que imperam no espaço. Em dia de jogo fazer a passagem do lado de fora para dentro do estádio significa romper um espaço tempo e adentrar em “outro mundo”, fazendo uma passagem de uma situação social para outra” e procedendo um conjunto de ritos, como respeitar a hierarquia dos movimentos durante os ritos da solenidade, manifestando de forma metódica todo seu respeito frente a celebração. Através de todo um código gestual, pular, ficar na ponta dos pés, elevar os braços; e verbal, através de gritos, urros e cânticos, que busca expressar toda a complexidade do ato de torcer. Pode se realizar a comparação a uma espécie de liturgia religiosa que tem seus movimentos e ações análogas aos ritos dos jogos. Como se as condutas e ritos desenvolvidos no decorrer do jogo dentro do estádio fosse análogo aos acontecimentos de uma cerimônia religiosa que busca alcançar o sagrado.

Além disso, o altar do santuário guarda intensa semelhança ao campo de jogo, sendo inviolável e devendo ser guardada uma distância adequada onde só podem adentrar aquelas pessoas que possuem algum tipo de credencial para ali estar, seres diferenciados dos demais fieis, sejam os jogadores, técnicos ou corpo de árbitros. Onde o lance máximo, do orgasmo individual e coletivo futebolístico é atingido através do gol.

A partida de futebol, pode ser assim entendida como um grande ritual, mas rituais sem exegese, ou seja, não existe dentro da prática do futebol algo que possa ser interpretado como sobrenatural ou sagrado, por isso não deve ser encarado como um ritual tradicional, como uma celebração religiosa, enquanto que, por outro lado, os próprios

---

<sup>422</sup> Idem, p. 21

participantes do espetáculo não se concebem fazendo parte de um ritual. Ainda assim apresenta nítidos sinais como: a repetição, a reunião, o fervor, a devoção à ídolos que substituem os santos e onde a divindade é trocada pela adoração a um time.

Conforme aponta Bromberger, o estádio foi muitas vezes apresentado como a grande catedral do mundo industrial, podemos observar que isto não é apenas um recurso metafórico, pois se observamos com cuidado os sentimentos e atitudes que o estádio provoca<sup>423</sup>, a cancha de jogo possui um vínculo que a une com os torcedores assim como o campanário da igreja unia ao campesinato. O gramado ostenta uma natureza quase de terra santa para os torcedores, ao passo que percebemos a importância que alcança pedaços dos gramados entre os aficionados, no momento de uma reforma (troca) do gramado ou mesmo a desativação de um estádio. Ter a posse, poder levar para casa e guardar um pedaço da grama<sup>424</sup> ou de qualquer outra parte do estádio toma sentido parecido a de um cristão católico em possuir uma relíquia religiosa ou santificada.

Segundo Bromberger, o interior do estádio com suas divisões e distribuições do público, acaba por representar muitos aspectos da rigorosa divisão ocorrida durante as grandes cerimônias religiosas. As regulações das distribuições das pessoas neste espaço são guiadas primeiramente por aspectos da hierarquia social, onde os mais importantes ocupam um lugar de destaque em tribunas e camarotes, quando não no próprio palco. Depois é verificada ainda uma organização baseada na ordenação do próprio mundo futebolístico, onde os dirigentes dos clubes e das federações, torcedores e outros, também estão em cada lugar conforme a sua importância dentro de uma escala do torcer, e onde os mais devotos e fieis (geralmente as torcidas organizadas) que empurram o time, se localizam atrás das goleiras<sup>425</sup>.

Para além da similaridade da ocupação espacial existe ainda uma similaridade comportamental, onde os primeiros chegam próximo ao início dos trabalhos e os torcedores mais aficionados chegam bem antes promovendo um “aquecimento” e deixam o espaço somente um bom tempo após o término da partida.

“El tercer rasgo que podríamos retener es el comportamiento de la masa, que también tiene un aspecto ceremonial; los fieles, donde los más fervientes están reagrupados en cofradías, (las peñas o las barras bravas según los barrios y las

---

<sup>423</sup> BROMBERGER, Christian. **Las multitudes deportivas: analogía entre rituales deportivos y religiosos**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 6 - N° 29 - Enero de 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd29/ritual.htm>

<sup>424</sup> O gramado do estádio Olímpico foi vendido em quadrados de 10cm por 10cm ao valor de 209,99. <https://www.foxsports.com.br/videos/320433219766-gremio-colocara-a-venda-pedacos-do-gramado-do-olimpico>

<sup>425</sup> BROMBERGER, 2001, Op. Cit.

idades), comulgan como oficiantes encargados de la ejecución del "sacrificio", bajo la dirección de un garante que es el árbitro, garante de la regularidad de las operaciones. Los fieles expresan su fervor emocional a través de la intensa participación corporal que también es la marca de toda actividad ritual. Y acompañan afirmando la acción o el desarrollo del juego a través de palabras, o cantos convencionales. No existe un ritual que se desarrolle sin una expresión cantada. El comienzo del ritual, lo que permite entonces delimitar un partido de fútbol por su carácter ritual es esta presencia del canto colectivo, esta compañía obligatoria de todo acontecimiento ritual. También existen gestos y actitudes codificadas: uno se sienta y se para en momentos muy determinados del partido. También existe como en los rituales más tradicionales, vestimentas y materiales específicos, que contribuyen a esta metamorfosis de las apariencias que es característica de todo ritual. Y como en toda ceremonia digna de este nombre, existe un idioma especial con su vocabulario técnico específico"<sup>426</sup>.

O futebol representaria uma grande religião universalista, que possui uma forte hierarquia administrativa desde a FIFA até os clubes profissionais, com regras em comum que são aplicadas nas mais diferentes localidades, que serve de regulamento do jogo. Possui, assim como a Igreja, uma forma de organização nacional que rompe com as barreiras políticas dos Estados, sendo a própria Copa do Mundo um exemplo quando várias equipes do Reino Unido (Inglaterra, Irlanda do Norte, País de Gales e Escócia) disputam os jogos, por exemplo.

#### **2.4. Torcedor, espectador, frequentadores, assistente: O que é o torcer?**

O futebol profissional enquanto esporte de alto rendimento é extremamente excludente, são apenas alguns poucos que chegam a ocupar espaços nos plantéis dos principais clubes do país. Contudo, o futebol é compreendido enquanto esporte da massa da população brasileira principalmente pela capacidade que ele tem de aglutinar aficionados, denominados amplamente de “torcedor”.

No Brasil o futebol inicialmente esteve ligado às práticas de lazer da aristocracia. Este novo esporte ganhou espaço junto às grandes transformações do século XX, onde o esporte deveria ser praticado e apreciado somente por aqueles que compartilhassem de um *ethos* da modernidade.<sup>427</sup> Estava dentro de uma lógica aristocrática onde o frequentador estava balizado por um papel passiva.

A partir da profissionalização do esporte na década de 1930, ocorreu a construção dos estádios de grande porte. Sem referenciais anteriores ou linguagem própria a crônica

---

<sup>426</sup> BROMBERGER, 2001, Op. Cit.

<sup>427</sup> SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Tensões na consolidação do futebol nacional**. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 181

esportiva associava o frequentador a uma figura de um espectador do esporte, algo semelhante a um espectador nas artes<sup>428</sup>. O termo assistência foi utilizado no Brasil sobretudo pela imprensa esportiva durante os anos 1930 para definir aquele torcedor mais popular e humilde, que era diferente do sócio (sujeito com laços mais estreitos, podendo até ser parente, dos integrantes dos clubes)<sup>429</sup>. Este assistente possuía características passivas de apenas observar o jogo. Contudo, a partir de uma maior participação e atuação do público com gritos, assobios, abano de lenços, aplausos que esta condição de passividade foi modificada. Na década de 1920 que apareceu pelas primeiras vezes a palavra “torcedor”<sup>430</sup>. O termo cunhado pelo cronista carioca Coelho Neto, designava aquele ou aquela que torce, em alusão ao lenço que portavam em mãos, que dobrava e apertava das mais diferentes formas o tecido durante os momentos mais tensos da partida. Na sequência começam a surgir os representantes dos torcedores, os chefes. Em uma clara tentativa de enquadramento e disciplinarização, dentro de um contexto rígido de controle comportamental e moral durante a Era Vargas<sup>431</sup>, a figura de um “Chefe de torcida” às vezes assume metaforicamente o papel de um embaixador, com frequência sendo eleito por votação por leitores de jornais, o que cancelava seu envio como representante da torcida na Copa do Mundo<sup>432</sup>

No início da década de 1940, esses líderes se institucionalizam. O decênio assinala a aparição das Charangas e das Torcidas Organizadas. Neste momento, o representante da torcida passa a ser chamado de “chefe” pela imprensa. Tal nomenclatura era uma extensão das figuras de autoridade e disciplina presentes em outras esferas da sociedade naqueles tempos: chefe de polícia, chefe de família, chefe de Estado, chefe de repartição, entre outros nomes correntes. 373

Os chefes das torcidas precisavam cumprir uma tarefa dupla: ajudar a polícia na organização das massas nas arquibancadas e representar o melhor da pureza amadora em um futebol em constata profissionalização e mercantilização. Todavia, a partir da década de 1960, este representante vai perdendo espaço, em uma conjuntura de início dos campeonatos brasileiros, televisionamento e aparecimento das torcidas jovens, como fruto dos movimentos de 1968.

---

<sup>428</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980)**. Brasília, v. 5, p. 367-404, 2016, p. 371.

<sup>429</sup> TOLEDO, L. H.. **Torcerc: metafísica do homem comum**. Revista de História (USP), v. 163, p. 175-189, 2010, p. 177.

<sup>430</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de., 2016, Op. Cit., p. 372.

<sup>431</sup> TOLEDO, L. H.. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

<sup>432</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de., 2016, Op. Cit., p. 373.

As Torcidas Jovens fizeram parte da conjuntura social e política do período. Foi quando as antigas charangas<sup>433</sup> dão lugar a um movimento de perfil juvenil e estudantil, que elas rompem o monopólio das torcidas tradicionais<sup>434</sup>. No rastro dela vão aparecer uma série de outras torcidas durante a década 1970. A partir da década de 1980, a representação frente à torcida passou por mudança significativa.

“as torcidas se distanciam do modelo reivindicativo e passam a ser associadas a grupos de vândalos e bárbaros, a gangues juvenis, na linguagem do jornalismo, não apenas esportivo, como de âmbito mais geral. O aumento da criminalidade urbana na cidade do Rio de Janeiro vai elevar o “pânico moral” da sociedade como um todo, com a difusão de notícias alarmantes sobre o crescimento da violência. No futebol, os jornalistas vão fazer das torcidas organizadas o bode expiatório para as práticas violentas e a crise no futebol. O estigma se revelará a partir daí forte e duradouro, com uma onda de distúrbios, vandalismos e violentos encontros premeditados entre os integrantes das Torcidas Jovens”<sup>435</sup>.

Estas torcidas passaram, a partir da década de 1980 e 1990, a carregar consigo uma imagem de violência e atos de vandalismo. Que as tornaram ponta de lança numa cruzada principalmente por parte dos meios de comunicação e autoridades policiais, “classificados como “delinquentes” e “vândalos” (por se ferirem fisicamente, incluindo o uso de armas de fogo), sendo responsabilizados por disseminar a insegurança e o medo”<sup>436</sup>. Isso gerou grande criminalização destas organizações que passaram a serem tratadas como caso de polícia.

Talvez um dos eventos mais emblemáticos foi uma verdadeira batalha campal, entre os torcedores (de torcidas organizadas) do Palmeiras e São Paulo, em 1995, num jogo entre estes clubes no estádio Pacaembu, envolvendo times juniores dos dois clubes pela final Supercopa São Paulo de Futebol Júnior com transmissão ao vivo pela televisão. Após um empate em tempo normal a partida encaminhou-se para o gol de ouro, famosa “morte súbita”<sup>437</sup>, foi quando o atacante palmeirense Rogério fez um gol encerrando a partida e consequentemente provocando a conquista do título para o Palmeiras. Os torcedores palmeirenses na comemoração do título invadiram o campo e a partir daí entraram em conflito com torcedores adversários, o resultado foi mais de uma centena de

---

<sup>433</sup> Espécie de torcida musical, composta por um grupo musical.

<sup>434</sup> Ver HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

<sup>435</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de., 2016, Op. Cit., p. 387.

<sup>436</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. 2016, Op. Cit., p. 12.

<sup>437</sup> A “morte súbita”, ou *Golden goal*, era um método utilizado no futebol para decidir o vencedor das partidas realizadas em sistema de eliminatória que terminam em empate. Consistia em acrescentar dois tempos extras de 15 minutos cada ao final do tempo regulamentar de 90 minutos. Onde a vitória ficava com primeira equipe que marcasse um gol durante este período, o que acarretava no termino imediato da partida.

feridos e a morte de Márcio Gasparin da Silva, um jovem de 16 anos. Naquele dia 20 de agosto o estádio do Pacaembu passava por reformas na parte do chamado Tobogã (arquibancada atrás de uma das goleiras com capacidade aproximada de 10.000 pessoas). Os materiais de construção que estavam no estádio ampliaram o confronto, pois pedras, materiais de madeira e metálicos foram utilizados como armas pelos torcedores.

As discussões sobre violência no futebol e torcidas organizadas constituem um tema bastante amplo, complexo e longo. Porém, cabe ressaltar apenas que muitas vezes tenta-se tomar a parte pelo todo, como se todo o torcedor fosse violento ou apenas as organizadas. Contudo, conforme acentua Holanda, “a cada nova tragédia a sociedade é instada a se mobilizar e a expiar os seus “bodes”. Quase sempre, a pedra de toque para a solução do problema recai na interdição das torcidas, por meio da simples extinção jurídica ou da proscricção dos assim chamados “baderneiros”. Como se isto fosse apenas uma questão de *norma* e não, principalmente de *costume*”<sup>438</sup>.

Seja qual for a segmentação do enquadramento através dos quais uma pessoa que frequente uma partida de futebol possa ser inserida, o ato em si de torcer é bastante complexo, uma atividade emocionalmente intensa, onde o partícipe, julga ser fundamental para o desenrolar do resultado, e, não à toa, é chamado de décimo segundo jogador, e para isso acontecer não precisa estar perto do campo, pode estar no sofá de casa ou na mesa do bar assistindo pela televisão, ou escutando do rádio.<sup>439</sup>

“O universo espetacular e especular do torcedor de futebol pode ser compreendido como uma espécie de prisma por onde milhões de aficionados projetam e refratam infinitas frações de si mesmos uns sobre os outros. A partir dos incontáveis jogos vivenciados, interiorizando práticas num redemoinho vastíssimo de experiências compartilhadas, as potências do torcer talvez sejam aquelas que mais escapam às análises totalizantes e aos arranjos explicativos normativos, quer dos especialistas do metiê esportivo que, muitas vezes, sentenciam o comportamento torcedor a partir de um simplismo argumentativo próprio do meio, quer dos especialistas que enfrentam o assunto – historiadores, sociólogos, psicólogos, antropólogos – que acabam muitas vezes objetivando e capturando em cômodos modelos o frescor fugidio de tais experiências. Encerradas nas performances corporais, fruto dos estímulos e situações experimentadas ad hoc, as disposições para o torcer freiam a linearidade argumentativa. Porque torcer é antes de tudo vivenciar uma interação que parece menos dependente das determinações últimas que divisam classificações seguras e preestabelecidas”<sup>440</sup>.

---

<sup>438</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Torcidas, hooligans e ultras: paralelos da problemática torcedora no Brasil e na França**. In: Bernardo Borges Buarque de Holanda; Heloisa Helena Baldy dos Reis. (Org.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p.155

<sup>439</sup> FRANCO, Op. Cit., p. 31.

<sup>440</sup> TOLEDO, L. H., 2010, Op. Cit., p. 177.

Além disso, alguns outros elementos ligados à prática do futebol fora do mundo competitivo ajudam a promover este entre seus espectadores. Para existir um jogo precisa não mais que duas pessoas (isso quando a prática não acontece solitariamente a partir de acrobacias, simulação de dribles e fintas, ou dos repetitivos chutes contra uma parede), uma bola que muitas vezes não necessariamente precisa ser mais do que ser apenas qualquer objeto que lembre o formato de uma bola, e alguns outros objetos para demarcar as goleiras no chão.

O torcedor é aquele indivíduo que proporciona alma ao jogo, que dá a razão para o espetáculo de alto rendimento. Ele acompanha o time dentro e fora do estádio, em vitórias e derrotas ou “nas boas e nas ruins”, é aquele ser que possui, à primeira vista, uma identificação e uma paixão para além da explicação racional, contudo a lealdade ao clube pode ser entendida

“Em linhas gerais, a contrapartida da fidelidade clubística se manifesta na liberdade com que cada fiel torcedor tece a história da agremiação à qual torce e, ao tecê-la, toma-se parte dela. Ou seja, o torcedor pertence ao clube da mesma forma que o clube lhe pertence. Assim, pode-se afirmar que "você é o clube para o qual torce" desde que se tenha em mente que a intensidade deste "torcer" pode variar também de acordo com as circunstâncias e com a importância que cada sujeito concede ao esporte, ao futebol e a seu "clube do coração"<sup>441</sup>.

Contudo algumas explicações racionais ajudam a identificar o início e o decorrer desta paixão. Geralmente ligado ao âmbito do privado, como um legado familiar, transmitido por figura de referência, que é construída por uma narrativa a qual fundamenta, pretensamente baseada na história do clube, nas conquistas fundamentais do time, mas também em momentos tensos, de derrotas emblemáticas. As noções de malogro e insucessos são constituintes fundantes dentro de uma lógica de fidelidade torcedora, pois por mais duro e tropeçante que seja a caminhada, permanecer junto ao clube e não carregar a chaga de “virar casaca”; sofrer junto do clube é fundamental. No espanhol, o torcedor incondicional, torna-se o aguante, na origem gramatical é aquele que é solidário, que apoia, que suporta. O que torna esta palavra e ação extremamente complexas,

“En la cultura del fútbol, la categoría se carga de múltiples significados, que todos conducen a la puesta en acción del cuerpo. Se puede “poner el cuerpo” de muchas maneras: alentando incesantemente al equipo, yendo a la cancha de local y visitante, soportando las incomodidades de los estadios y los viajes, resistiendo la lluvia, el calor, el frío. Este tipo de aguante es el que reclaman para sí los hinchas militantes. Un aguante que se confirma día a día en los

---

<sup>441</sup> DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.p. 61

sacrificios que estos hinchas realizan en nombre del club cuando tienen que recorrer extensas distancias geográficas para “alentar al equipo aunque no se juegue nada” y “sea un partido en la Antártida”; cuando alientan al equipo más allá de los resultados porque el hincha con aguante es el que sigue y apoya al equipo sin importar si éste gana, pierde o empata; cuando postergan y abandonan compromisos personales y soportan en la tribuna las inclemencias del clima. Parece que existe una regla para el hincha militante: “el aguante” es mayor ante la mayor dificultad atravesada por él y el equipo”<sup>442</sup>

Assim, o torcedor traz em si a capacidade de participar do jogo, no sentido de muitas vezes ser agente fundamental para o resultado, a máxima de “jogar em casa” e “jogar fora de casa” sempre esteve muito presente no futebol enquanto esporte.

Contudo, se faz necessário tomar cuidado para não reificar a figura do torcedor como um ser único, monolítico e capaz de uma única ação. É preciso entender que o estádio guarda as mais distintas formas de torcer. Não podendo cair no senso comum de buscar um torcedor modelo, um tipo ideal que se torne universal. Existem muitos outros aspectos da relação dos torcedores com o clube e o time que podem e são levados em conta para determinar e categorizar o público de um clube ou estádio<sup>443</sup>.

## **2.5. O torcedor, torce! O sócio participa! E sócio torcedor?**

As políticas associativas aos clubes são práticas recorrentes que remontam inicialmente a uma noção aristocrática onde associar-se ao clube futebol estava dentro da perspectiva de associação aos clubes sociais e culturais do início do século XX.

Contudo, a partir do início dos anos 2000, ficou muito mais evidente a necessidade que os clubes tinham em estimular suas rendas advindas do quadro social. Se anteriormente o processo de associação incluía questões de diferenciações social, que teriam como produto o resguardo de melhores e mais confortáveis acomodações, agora apresentava benefícios de outra ordem. Duas leis da década de 1990, são fundamentais para entender o processo de transformação dos clubes empresas à Lei Zico (Lei nº 8.672/93) que procurou induzir os clubes brasileiros a seguirem ornamentos gerenciais e administrativos espelhados em empresas<sup>444</sup>. Depois substituída pela Lei Pelé (Lei nº 9.615/98) que procurava dentre outras coisas regular a profissão de jogador de futebol profissional dentro dos critérios das leis trabalhistas então vigentes no país, rompendo

---

<sup>442</sup> ALABARCES, Pablo, ZUCAL, Jose Garriga e MOREIRA, María Verónica. **El “aguante” y las hinchadas argentinas: Una relación violenta.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 113-136, jul./dez. 2008, p. 117.

<sup>443</sup> DAMO, Arlei Sander, 1998, Op. Cit., p. 65.

<sup>444</sup> TOLEDO, Luis Henrique, 2012, Op. Cit., p.128.



com uma visão patrimonialista onde o jogador é encarado como um pecúlio do clube<sup>445</sup>. Contudo, ambas legislações estavam inseridas dentro da racionalidade governamental neoliberal do daqueles governos<sup>446</sup>.

O sócio torcedor, é um tipo especial de torcedor, é uma modalidade na qual o torcedor contribui financeiramente com o clube, em contrapartida recebe inicialmente o direito de acesso mais facilitado a compra de ingresso, não uma garantia de compra<sup>447</sup>. Esta categoria de associação ainda une a noção de torcedor como um apaixonado pelo clube, explicita seu sentimento frequentando o estádio, sua casa, seu lar. Contudo, ao mesmo tempo, o clube procura inaugurar uma nova racionalidade torcedora, não mais apenas baseada no sentimento para com o clube. Se faz necessário ofertar determinados benefícios, sobretudo econômicos, que não estão diretamente ligados ao time. Visto que, ao assumir uma forma de atuar mais mercantilizada, parecida com uma postura empresarial, o próprio torcedor muda sua forma de relacionamento com o clube<sup>448</sup>.

O Internacional desde início dos anos 2000 incentivara o aumento de seu quadro social, a partir da conquista da Copa do Mundo de Clubes da FIFA, o clube inaugurou a modalidade Sócio Contribuinte Campeão do Mundo, que tinha o objetivo audacioso de chegar ao número expressivo de 100 mil sócios no ano de centenário do clube em 2009. Ao mesmo tempo encerrara o recebimento de associações pelo modelo antigo<sup>449</sup>, (que havia sido suspenso durante a disputa dos jogos eliminatórios da Libertadores de 2006) o qual no final de 2006 contava com 44 mil sócios<sup>450</sup>, enquanto o seu estádio comportava aproximadamente 57 mil pessoas.

Esta nova modalidade tinha custo mensal de R\$ 20,00, e garantia desconto de 50% no preço do ingresso para qualquer localidade do estádio, porém sujeito a disponibilidade, direito a revista mensal do clube, espaço a local restrito no site, participar da Rede Colorada de Descontos, participação em sorteios e promoções direcionadas aos sócios, direito de votar para o Conselho Deliberativo e presidência, e descontos no

---

<sup>445</sup> Visão ainda muito recorrente, principalmente entre os clubes brasileiros, uma vez que o Brasil que dentro de uma divisão internacional do trabalho está colocado como mercado “exportador” de matéria prima.

<sup>446</sup> BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. **Do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de 'atualização'**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, 2016, p.

<sup>447</sup> RODRIGUES, F. X. F.. **O Programa "Sócio-Torcedor" do Sport Club Internacional**. Aurora (PUCSP. Online), v. 9, p. 128-138, 2010, p. 130-131.

<sup>448</sup> BORGES, Fernando. **Amor ao clube ou ao bolso?**. Disponível em: <https://historiadosporte.wordpress.com/2015/11/09/amor-ao-clube-ou-ao-bolso/>

<sup>449</sup> Os quais os valores eram R\$ 30,00 e R\$ 45,00.

<sup>450</sup> Correio do Povo, 29 de dezembro 2006, contracapa.

estacionamento do estádio em dias de jogos, na Academia Beira Rio, e nas aulas de hidroginástica e natação<sup>451</sup>.

Conforme o próprio clube anunciava, este plano tinha o objetivo de atender “a demanda daqueles torcedores cujo objetivo principal não é o de frequentar o estádio em dias de jogos”<sup>452</sup>. Em 2008, o número chegou a “78.655 sócios em números atualizados, dos quais 36.002 na categoria Sócio Contribuinte Campeão do Mundo”<sup>453</sup>, finalmente em julho de 2009, o clube chegou na expressiva marca dos 100 mil sócios<sup>454</sup>.

O Grêmio em janeiro de 2005 possuía 6 mil sócios, número que subiu para 20 mil em abril de 2006<sup>455</sup>. Em janeiro de 2007, o Grêmio lançou a modalidade de sócio torcedor “Quem pagar R\$ 20,00 terá 50% de desconto no ingresso, participará de sorteios, promoções e estará apto a votar nas eleições”<sup>456</sup>. Em janeiro de 2011, o clube tinha aproximadamente 53 mil sócios<sup>457</sup>, quando lançou a modalidade de Sócio Torcedor Ouro que tinha mensalidades de R\$ 18,00, a partir da qual quem aderisse recebia desconto de 10% na compra de ingressos pela internet, e ganha benefícios em outras compras com estabelecimentos parceiros, e visava justamente interpelar os torcedores que morassem fora de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, e que frequentassem pouco o estádio Olímpico. A partir disso, a modalidade antiga de sócio torcedor passou a ser designada de Sócio Torcedor Diamante onde o valor da mensalidade seria de R\$ 36,00, com direito de até 50% de desconto nos ingressos podendo variar conforme a competição. Ambas modalidades davam direito ao associado de participar das eleições do clube, além de outros benefícios relacionados a descontos no consumo de determinados produtos e marcas<sup>458</sup>.

Contudo, é inegável que os modelos de sócio torcedor adotado pela dupla grenal, inspirados no modelo europeu, foram muito bem-sucedidos para obterem novos sócios,

---

<sup>451</sup> INTERNACIONAL. Sucesso: em 18 dias mais de 3.600 novos sócios, 12 de janeiro 2007. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=4364>

<sup>452</sup> INTERNACIONAL. Comunicação ao sócio, 05 de fevereiro 2007. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=4448>

<sup>453</sup> INTERNACIONAL. Inter lidera ranking de sócios divulgado pela Placar. 02 de julho 2007. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=7017>

<sup>454</sup> INTERNACIONAL. Inter ultrapassa marca dos 100 mil sócios, 10 de julho 2009. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=9220>

<sup>455</sup> GRÊMIO. Quadro social comemora marca dos 20 mil sócios, 01 de abril 2007. Disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=85&language=0>

<sup>456</sup> Correio do Povo, 23 de janeiro 2007, p.18

<sup>457</sup> GRÊMIO. Dezembro fecha com recorde de novos sócios. 05 de janeiro 2011. Disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=11860&language=0>

<sup>458</sup> GLOBOESPORTE. Grêmio lança novo plano de sócios com mensalidade de R\$ 18, 31 de janeiro 2011. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2011/01/gremio-lanca-novo-plano-de-socios-com-mensalidade-de-r-18.html>

através de um programa de fidelização do “cliente”. Assim, conseqüentemente aumentando o quadro social e principalmente a renda advinda dali, que é fonte fundamental de recurso para os clubes. Recursos estes que se constituem em entradas fixas. Uma vez que este expediente garante um duplo proveito ao clube que amplia sua receita social e ao mesmo tempo seus ganhos com os ingressos da partida, devido a necessidade que esta categoria de sócio tem de comprar entradas para frequentar o estádio. A dupla grenal apresenta, nesse sentido, uma peculiaridade frente aos clubes europeus, que é o direito de todas as pessoas associadas poderem participar dos pleitos eleitorais do clube.

### 2.5.1. Novos torcedores

Todavia, é possível observar que talvez um dos tipos ou modos de torcer vem sendo obstaculizado em detrimento de outro. Segundo Luís H. Toledo, o mundo globalizado nos aponta para um novo tipo de torcedor, o *torcedor mercadoria e torcedor consumidor*, torcedor de poltrona (literalmente dentro e fora do estádio), um misto que fora legalizado pela lei Pelé, a qual já em 1998 equiparava o torcedor ao consumidor, contanto, claro, que este pudesse pagar pela sua afiliação. Este torcedor alcançou seu ponto mais alto com a sua regulamentação jurídica. Com o próprio Estatuto do Torcedor em 2003. Ao equiparmos a compra de um bem de consumo durável ou não, com a compra de um ingresso de jogo do time de nossa preferência

“ao reduzir o futebol, mesmo o tido como de espetáculo, a algo mensurável na proporção de um equivalente universal, corre-se o risco de transformar os próprios torcedores em mercadorias de si mesmo. A inclusão dos torcedores no rol de direitos do consumidor, por sua vez, frequentemente tende a excluí-los das agendas políticas que ditam e legislam sobre as peças e molduras político-jurídicas que se popularizaram a partir do Código de Defesa do Torcedor”<sup>459</sup>.

Os direitos do consumidor são marcas políticas e simbólicas de nossos tempos e trazem à tona as marcas e contradições de nossa sociedade. Onde o máximo da nossa cidadania é alcançada pela nossa capacidade de consumo<sup>460</sup>. Em suma, talvez o melhor provérbio para os novos tempos seja: *nos tornamos eternamente responsáveis pelos produtos que consumimos*.

---

<sup>459</sup> TOLEDO, L. H.. **Torcedores e o mercado de bens simbólicos**. In: Flávio de Campos; Daniela Alfonsi. (Org.). Futebol objeto das Ciências Humanas. 11ed.São Paulo: Leya, 2014, p. 316.

<sup>460</sup> TOLEDO, L. H., 2014, Op. Cit., p. 314.

Os próprios clubes brasileiros estão incentivando, principalmente a partir da segunda metade da primeira década do século XXI, o aparecimento de uma nova categoria de torcedor, como mencionamos, o “sócio torcedor”. Nas palavras de Toledo, esta é uma figuração canhestra do capital, pois é um tipo híbrido, visto que, sua criação está diretamente ligada por um lado a capacidade do clube auferir uma renda fixa mensal, e por outro lado a possibilidade de garantia de preferência na aquisição de ingressos junto de um “virtual” desconto nos ingressos. Isto rompe a noção do antigo sócio que seria uma acionista do clube que em troca de sua associação garantiria o direito inalienável a frequentar o estádio, podendo inclusive esta presença garantida ser somada a acomodações diferenciadas. Uma vez que, sua forma de associação está baseada em uma lógica diferente das antigas modalidades de associação, não precisa despende uma grande quantidade de capital na compra da chamada “joia”, nem precisa pagar altos valores de mensalidade.

Este sócio torcedor, dentro da lógica ocupacional do estádio, passou a ocupar os espaços menos nobres dos novos estádios, ficando circunscrito sempre aos espaços encarados como da massa, onde é visto como mais um dentro da multidão. O sócio torcedor é uma categoria onde o objetivo não é frequentar todos os jogos, é estar presente em alguns, dentro de uma lógica de consumo de qualquer outro bem cultural.

Conforme Toledo, o aparecimento desta nova categoria produz uma mudança substancial do frequentador do estádio,

“o espetáculo visual vindo das arquibancadas desde então, e até o momento, foi bastante minimizado do ponto de vista da plasticidade e corporalidade que sempre se quis emprestar às emoções de um jogo, acentuando uma postura mais individualizante e “mental” ao ato de torcer. Seria como se torcer estivesse menos compromissado com os movimentos compulsivos do remexer e do se contorcer para se prestar às elaborações mentais e supostamente intelectualistas (baseadas nas estatísticas nutridas pelos programas esportivos) no fruir do jogo, espécie de civilidade que se quer hegemonizar para o comportamento vindo das arquibancadas”<sup>461</sup>.

Esta mudança não está unicamente colocada no aparecimento do sócio torcedor, mas também nos novos modelos de estádio onde o lugar fixo e o sentar são a regra.

### **2.5.2 Dinheiro da televisão**

Coadunado com o impedimento de participação ordinária dos torcedores aos jogos, a partir da exclusão de um determinado perfil em específico de frequentadores ou por causa da distância, ocorre o aparecimento de uma nova categoria de torcedor, que não

---

<sup>461</sup> TOLEDO, L. H., 2010, Op. Cit., p. 179.

está nas arquibancadas pois não frequenta ao estádio. Este tece suas relações através da televisão, seja no sofá da sala ou na mesa do bar.

Este torcedor que para ter acesso ao jogo de seu time precisa pagar para assistir, mesmo não estando dentro do estádio. Ele só consegue assistir ao vivo a partida se contratar o produto, geralmente de um canal esportivo fechado, os famosos *pay-per-view*, em uma tradução literal “pague por exibição”. Aqui temos um ciclo que se auto completa, pois atualmente as rendas advindas da televisão, e principalmente da fatia do canal fechado, são fundamentais para a sobrevivência dos clubes. O que torna o próprio clube parte interessadíssima nesta relação comercial com a mídia, ainda mais que muitas vezes os clubes acabam adiantando o recebimento das receitas televisivas referentes às futuras temporadas. Como resultado do processo de “expulsão” dos estádios, temos “como causa principal o impacto da televisão sobre o futebol. Onde a televisão, literalmente, é a dona da bola”<sup>462</sup>.

O montante pago pela televisão aos clubes pelo direito de transmissão é composto por um valor fixo (serviço aberto, fechado, internet e celular) e um variável (*pay-per-view*) com valor mínimo. Assim a empresa detentora da transmissão tem a exclusividade sobre o futebol, o que na verdade é expresso em termos de um monopólio. Prática esta, que desde 1997, vinha sendo investigada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE), que apontava a existência da aplicação de cartel por parte da União dos Grandes Clubes do Futebol Brasileiro (Clube dos treze), instituição que representava vinte clubes do país, e a Rede Globo de Televisão, empresa detentora dos direitos de transmissão por conduta anticoncorrencial. Em 2010, o processo teve decisão, com resultado na assinatura de dois Termos de Cessação de Conduta (TCC), encerrando treze anos de investigação no Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência<sup>463</sup>. Através do termo, a Rede Globo abriu mão da “cláusula de preferência” no momento de renegociação do contrato, o qual lhe dava opção de cobrir qualquer oferta realizada. O mesmo aconteceu com o Clube dos Treze que se responsabilizou por não incluir mais esta cláusula. Além disso, o acordo do CADE com o Clube dos Treze previa que a partir dali a oferta deveria ser separada em “cinco modalidades” (serviço aberto, fechado, *pay-per-*

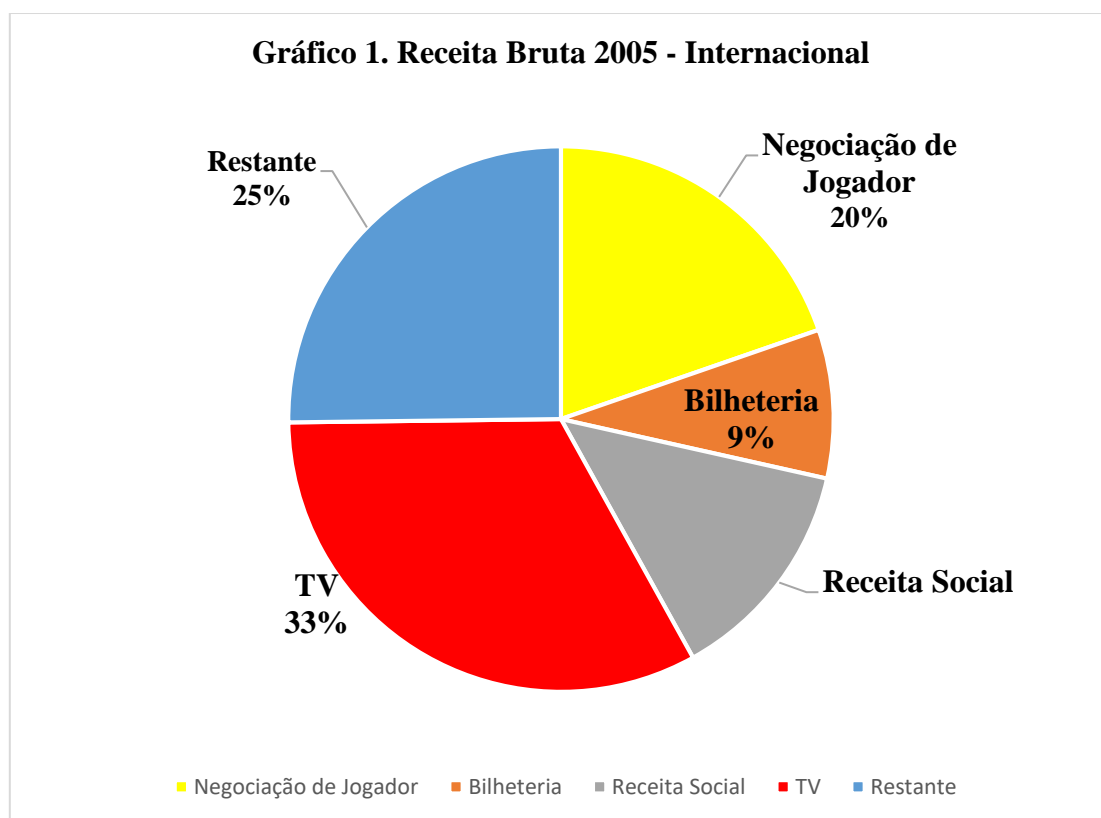
---

<sup>462</sup> ALVITO, Marcos., 2014, Op. Cit., p. 284.

<sup>463</sup> SANTOS, Anderson Gomes dos. 2013b, Op. Cit., p. 207.

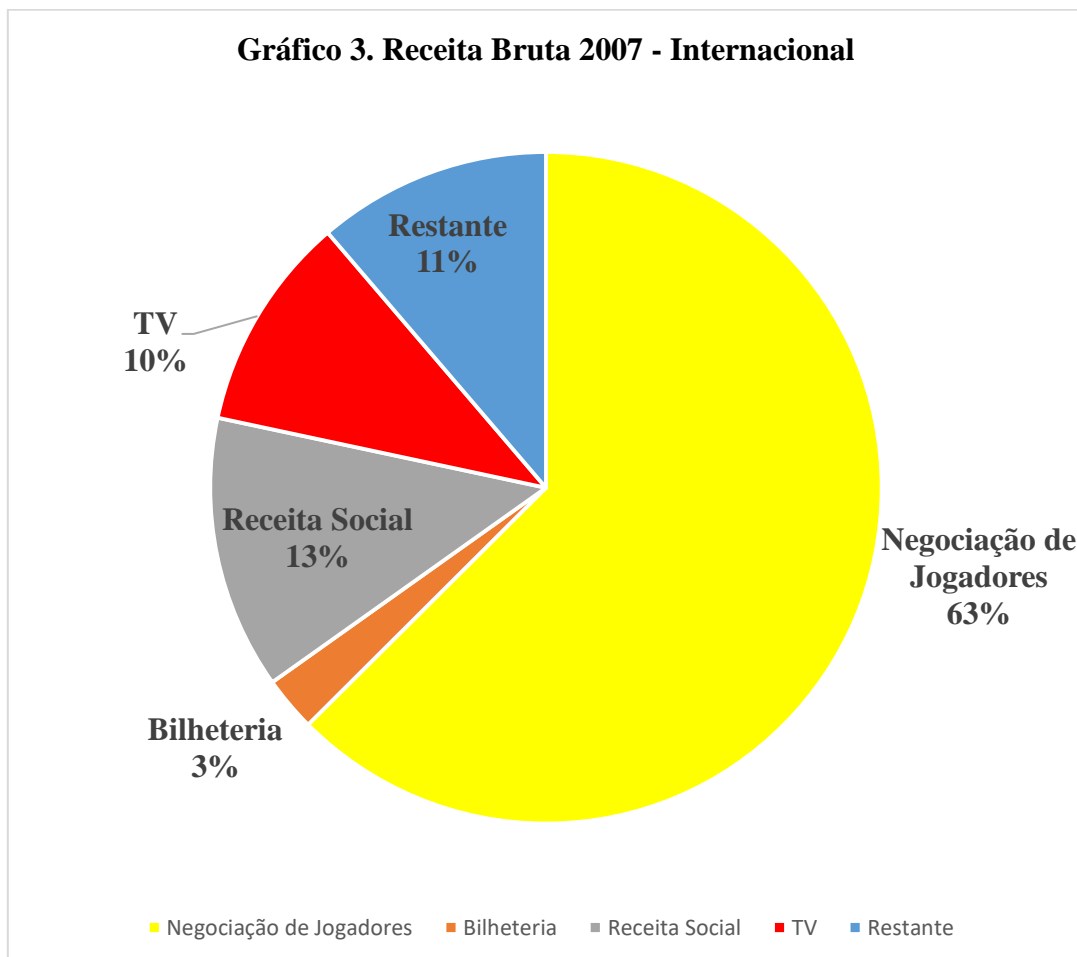
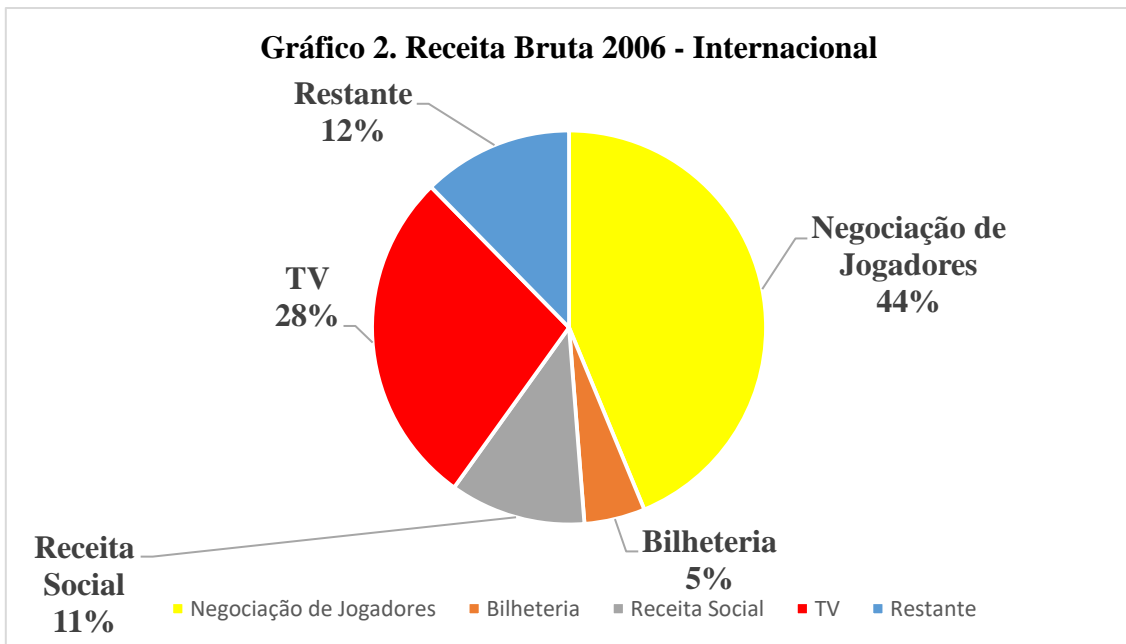
view, internet e celular). Fato que possibilitaria que diferentes empresas contratassem as diferentes mídias, aumentando a “concorrência de mercado”<sup>464</sup>.

Conforme os gráficos apresentados abaixo, elaborados a partir dos balanços disponibilizados pela direção de ambos os clubes, podemos detectar que as receitas advindas das cotas de televisionamento são montantes fundamentais. Elas perfazem remuneração fundamental, uma vez que ao contrário das negociações de atletas e até do quadro social, ela é garantida.



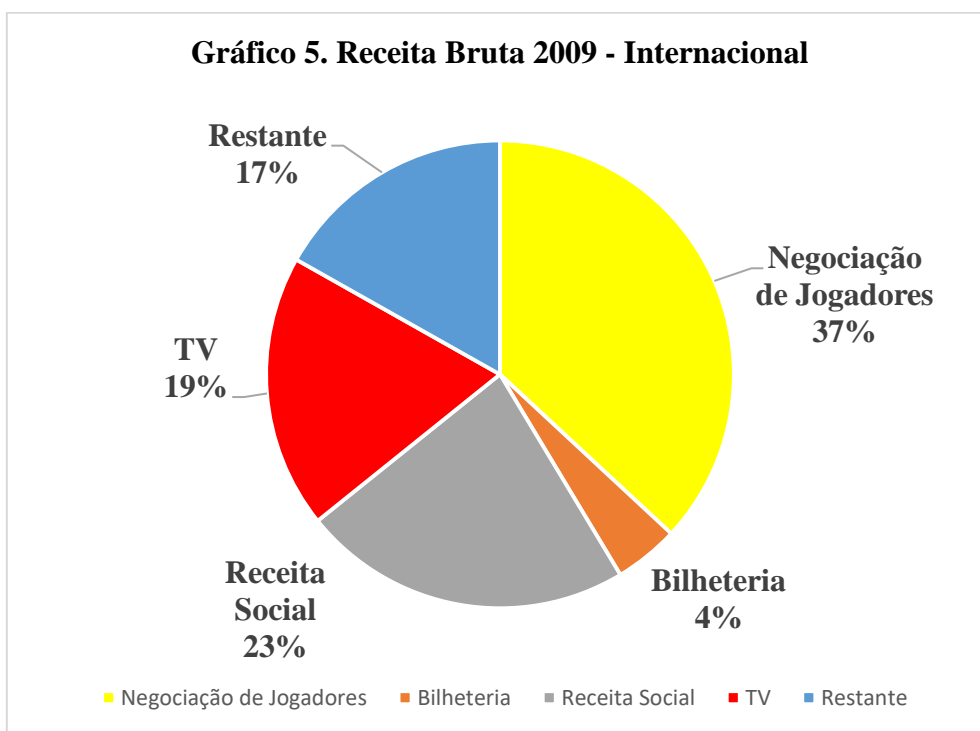
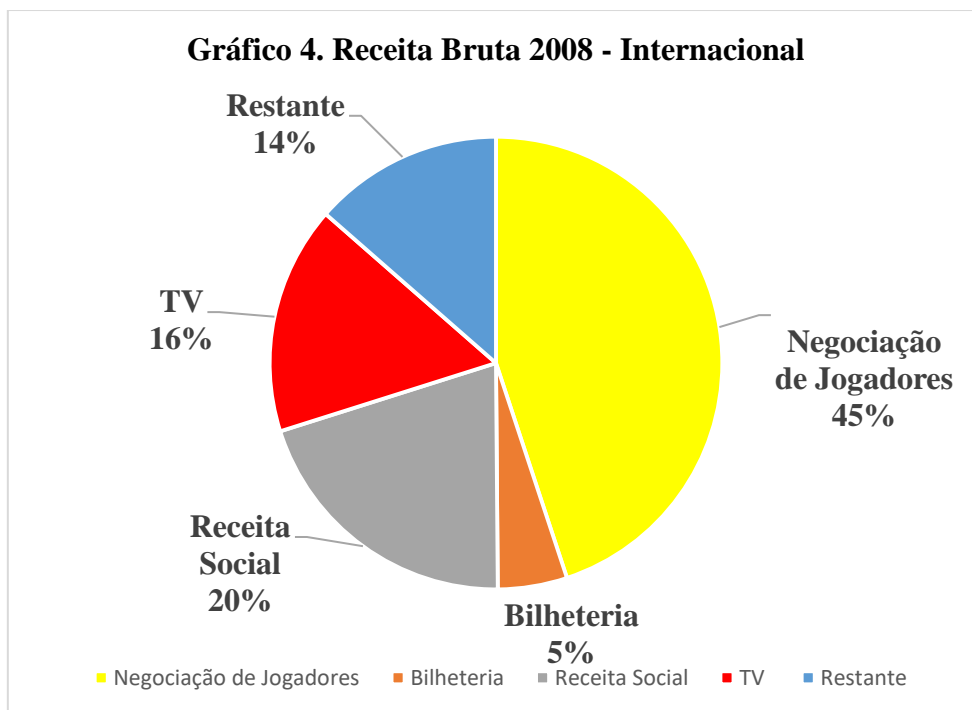
<sup>464</sup> Termo de Compromisso de Cessação. Disponível em: <https://gremio21.files.wordpress.com/2011/02/globo-x-clube-dos-13-cade-tcc.pdf>

<sup>465</sup> INTERNACIONAL. Balanço 2006. Disponível em: [http://www.internacional.com.br/extra/balanco\\_INTER-2006.pdf](http://www.internacional.com.br/extra/balanco_INTER-2006.pdf)



<sup>466</sup> INTERNACIONAL. Balanço 2006. Disponível em: [http://www.internacional.com.br/extra/balanco\\_INTER-2006.pdf](http://www.internacional.com.br/extra/balanco_INTER-2006.pdf)

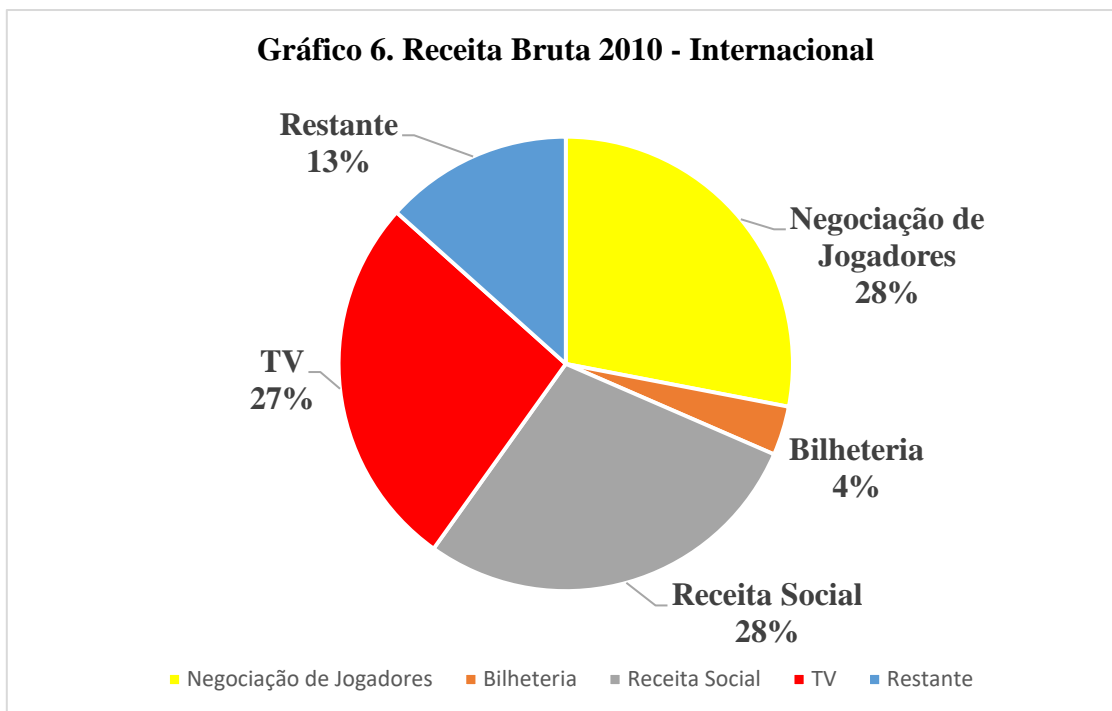
<sup>467</sup> INTERNACIONAL. Balanço 2007. Disponível em: [http://www.internacional.com.br/extra/BALANCO\\_INTER\\_2007.pdf](http://www.internacional.com.br/extra/BALANCO_INTER_2007.pdf)



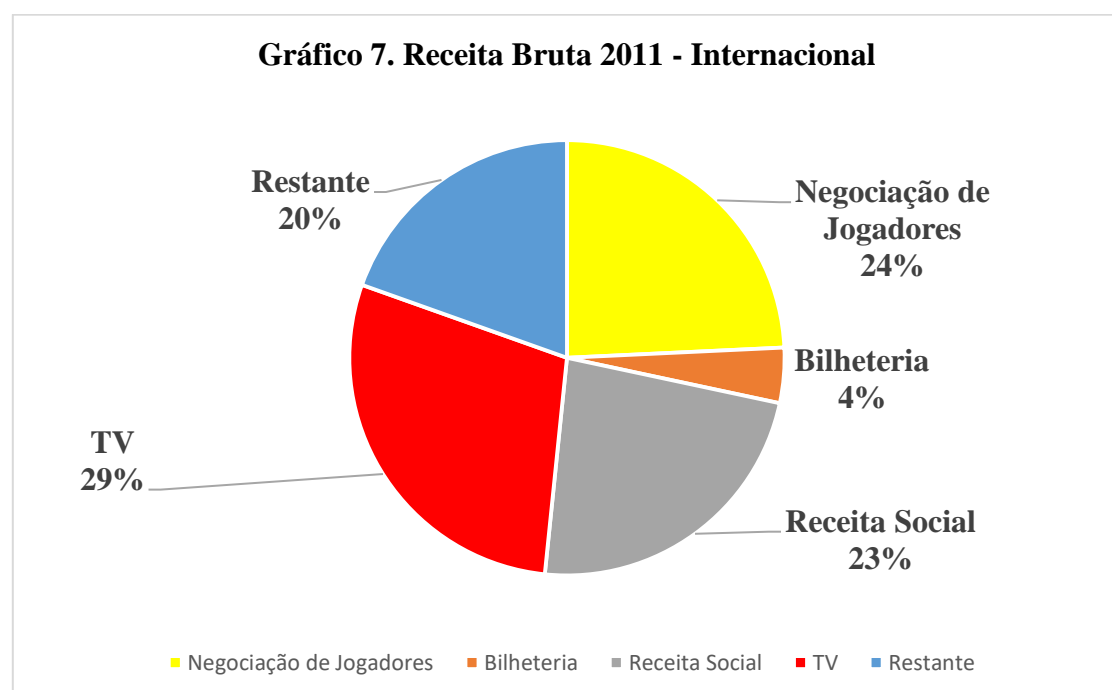
<sup>468</sup> INTERNACIONAL. Balanço 2008. Disponível em: [http://www.internacional.com.br/extra/balanco\\_INTER-2008\\_pg2.pdf](http://www.internacional.com.br/extra/balanco_INTER-2008_pg2.pdf)

<sup>469</sup> INTERNACIONAL. Balanço 2009. Disponível em: [http://www.internacional.com.br/download.php?arquivo=BalancoFinanceiro\\_2009\\_julho.pdf](http://www.internacional.com.br/download.php?arquivo=BalancoFinanceiro_2009_julho.pdf)





Fonte: Balanço Financeiro 2010<sup>470</sup>



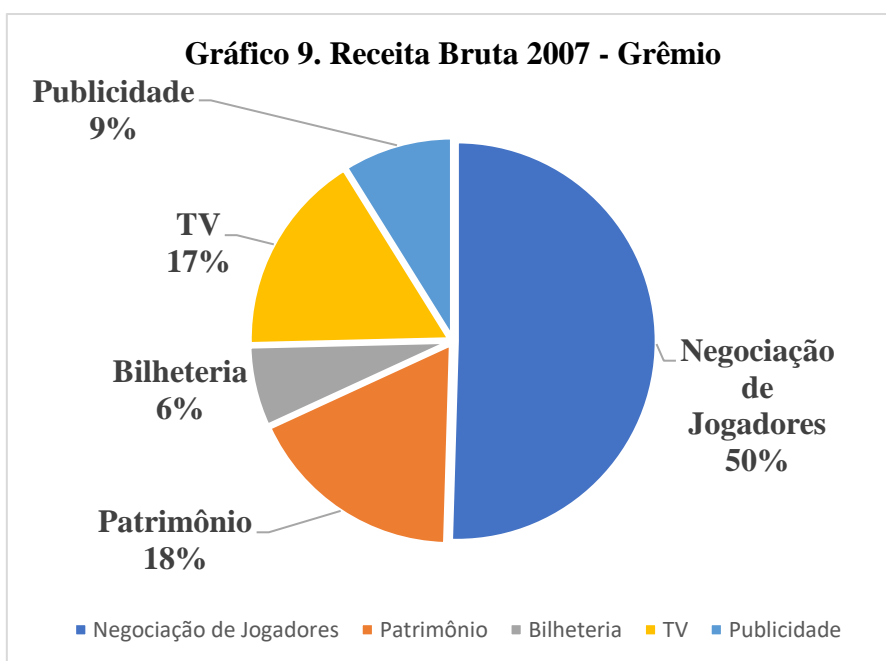
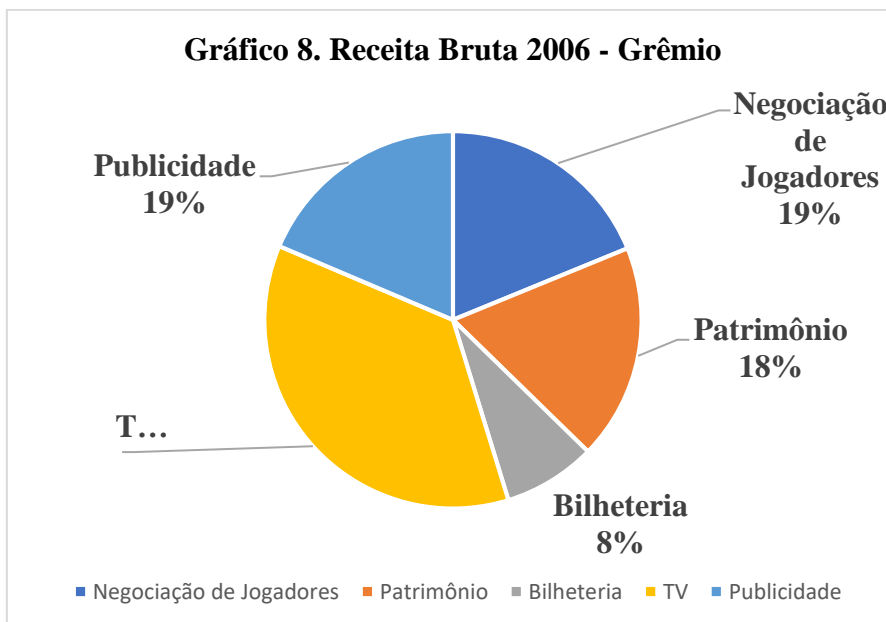
Fonte: Balanço Financeiro 2011<sup>471</sup>

O Internacional, conforme podemos perceber, sempre apresenta as verbas da televisão entre as suas três mais importantes, 2005 com 33%, 2006 com 28%, 2007 com 10%, 2008 com 16%, 2009 com 19%, 2010 com 27% e 2011 com 29%. O clube tem duas

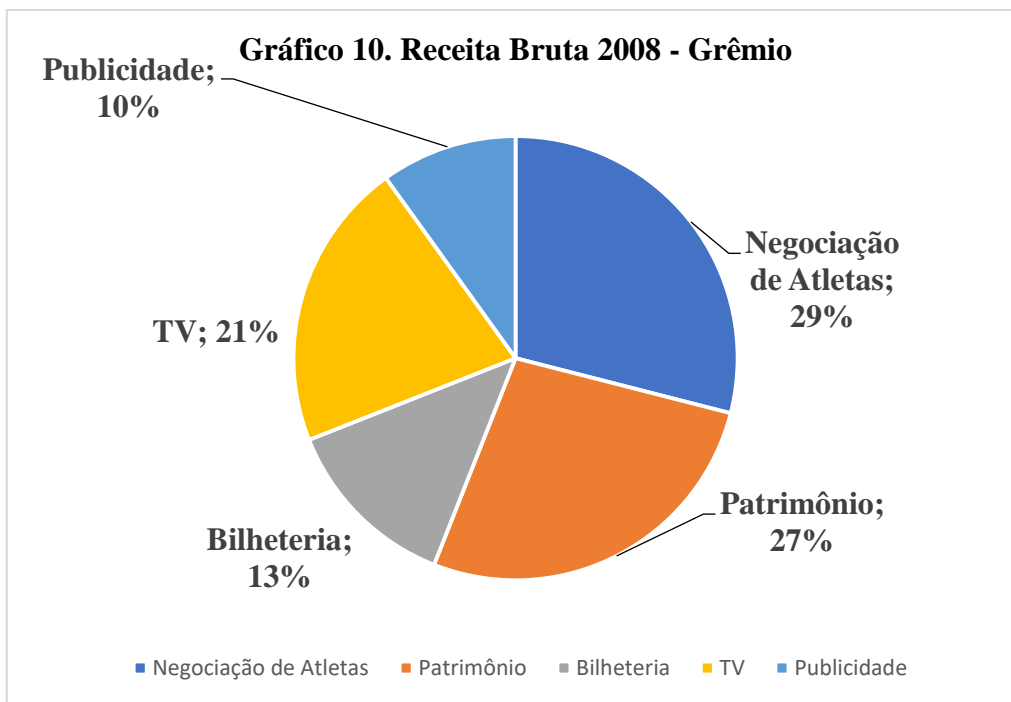
<sup>470</sup> INTERNACIONAL. Balanço 2010. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/download.php?arquivo=BALANCOINTER-2010.pdf>

<sup>471</sup> INTERNACIONAL. Balanço 2011. Disponível em: [http://www.internacional.com.br/download.php?arquivo=balancofinanceiro\\_260412.pdf](http://www.internacional.com.br/download.php?arquivo=balancofinanceiro_260412.pdf).

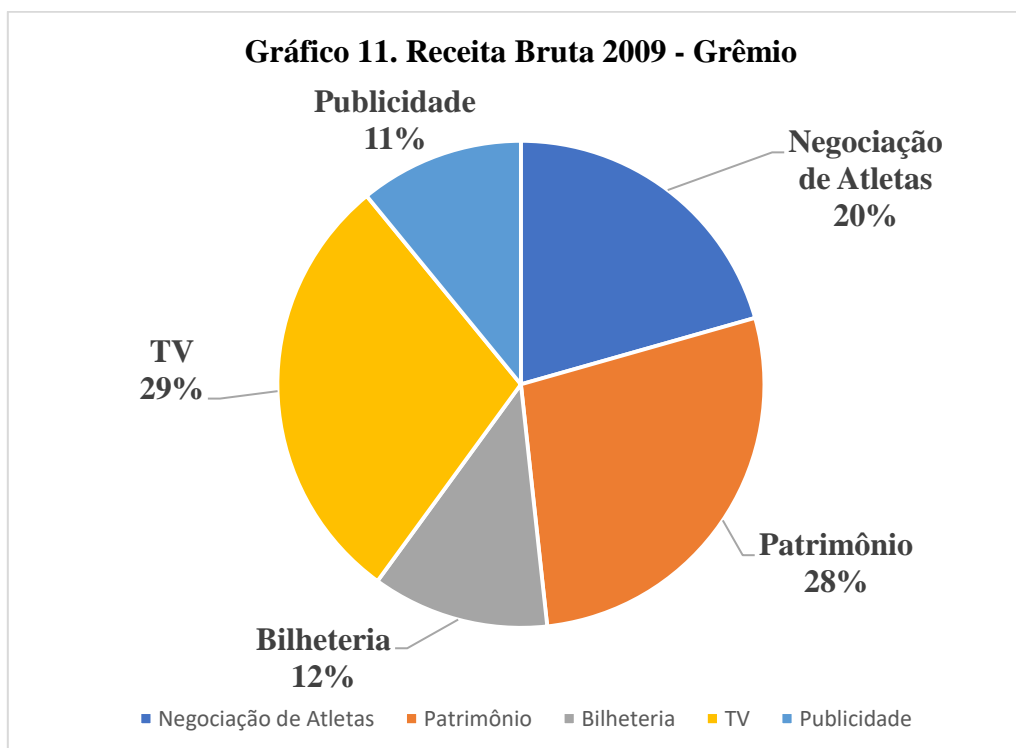
peculiaridades que fazem com que o montante não seja mais expressivo, que são a capacidade de formação de jogadores para o mercado europeu, que se traduz em uma cultura “política” de venda anual de jogadores, e segundo, o pioneirismo no desenvolvimento de políticas associativas que fizeram do clube durante final da primeira década dos anos 2000 o clube brasileiro com maior quadro social.



<sup>472</sup>



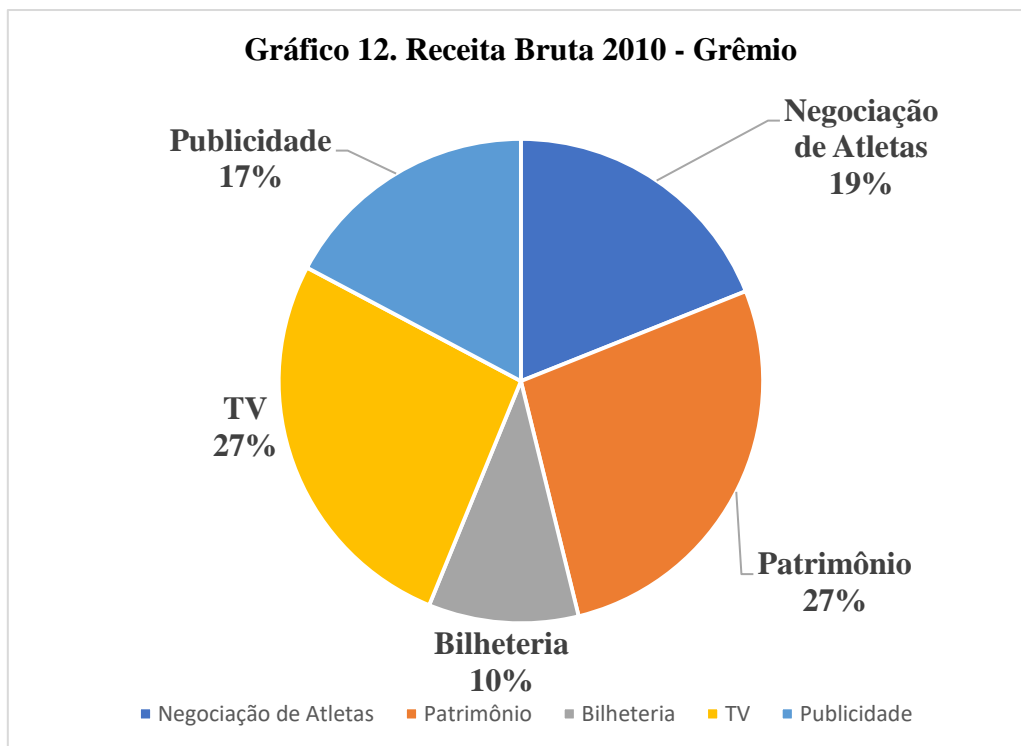
Fonte: Balanço Patrimonial 2008<sup>473</sup>



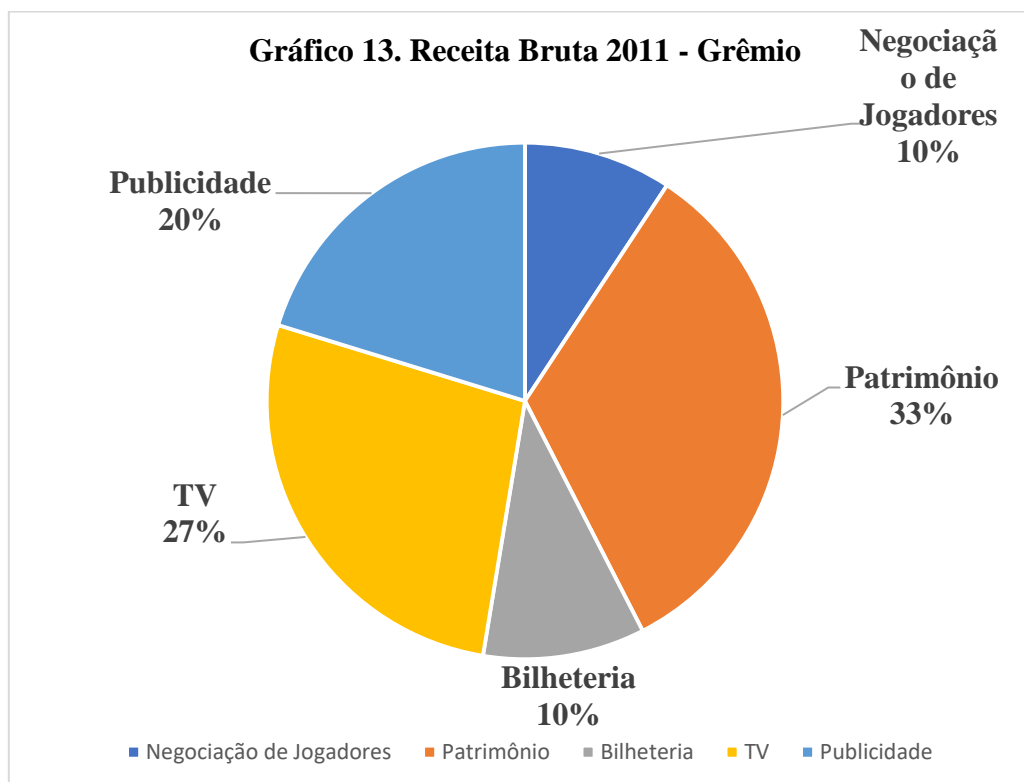
Fonte: Balanço Patrimonial 2009<sup>474</sup>

<sup>473</sup> GRÊMIO. Balanço 2008. Disponível em: <http://www.gremio.net/governanca/documentos/Demo-contabil-2009-GFPA.pdf>

<sup>474</sup> GRÊMIO. Balanço 2009. Disponível em: <http://www.gremio.net/governanca/documentos/Demo-contabil-2010-GFPA.pdf>



Fonte: Balanço Patrimonial 2010<sup>475</sup>



Fonte: Balanço Patrimonial 2011<sup>476</sup>

<sup>475</sup> GRÊMIO. Balanço 2010. Disponível em: <http://www.gremio.net/governanca/documentos/Demo-contabil-2010-GFPA.pdf>

<sup>476</sup> GRÊMIO. Balanço 2011. Disponível em: <http://www.gremio.net/governanca/documentos/Demo-contabil-2011-GFPA.pdf>

O Grêmio, por sua vez, também mantém grande dependência da verba de televisão, onde ela sempre surge como as três fontes mais importantes, sendo em 2006 36%, 2007 17%, 2008 21%, 2009 29%, 2010 27% e 2011 27%. Isso pois a dupla Gre-Nal está em faixa equivalente de importância para o recebimento das verbas negociadas, auferindo sempre a mesma quantidade.

Atualmente o futebol tornou-se um dos principais produtos da televisão, ele é jogado para ela, assistido por ela e patrocinado por ela.

“Não se vê um jogo de futebol pela televisão. Se assiste a um show de televisão que tem como tema um jogo de futebol. Tudo é produzido, tudo é fruto de escolhas: o ângulo das câmeras, a edição das imagens, o microfone captando e ampliando o som das organizadas (tão criticadas pelos apresentadores), para dar uma impressão de uma plateia vibrante. (...) Sem falar nos closes em determinados jogadores, sobretudo as estrelas do espetáculo. O futebol proporciona um drama pronto, sem script fechado, aberto ao acaso e ao inesperado, mas devidamente codificado por milhões de telespectadores apaixonados que pensam ainda serem torcedores. Os jogadores sabem que estão sendo filmados o tempo todo, daí a esmerada produção capilar, as comemorações planejadas, sem falar naqueles que demoram um pouco mais para bater o lateral ou o corner... Boa parte dos seus salários provém dos “direitos de imagem”: não são pagos simplesmente para jogar, são pagos para serem focalizados pela televisão. Até certo ponto, o passe de todos eles pertence à rede que controla os campeonatos”<sup>477</sup>.

O caso brasileiro é ainda mais emblemático uma vez que o grupo que detém os direitos exclusivos de transmissão consegue ainda influenciar na tabela, na data e horário dos jogos, além de interferir nas regras do campeonato<sup>478</sup>. Tudo isso mediado pelo poder do dinheiro por um lado, e por outro pela exclusividade contratante ou monopólio.

### 2.5.2. Televisão Fechada

A partir dos anos 1980, surgiram os primeiros canais fechados exclusivos de esporte nos EUA, com grande destaque para *Entertainment and Sports Programming Network* (ESPN), fundada em 1979. A empresa transmite programas para mais de 150 países, através da ESPN Internacional, sendo o Brasil alvo da primeira investida internacional da empresa em 1994<sup>479</sup>.

---

<sup>477</sup> ALVITO, Marcos. **Sete a zero: A dona da bola e seus studios de futebol. Futebol é bom para pensar.** 04 de setembro de 2015. Disponível: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/sete-zero-dona-da-bola-e-seus-studios-de-futebol/>

<sup>478</sup> Idem

<sup>479</sup> MALAIA, João Manuel . **TV a Cabo e as 24 horas do Mundo Esportivo.** In: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; João Manuel C. Malaia Santos; Luiz Henrique de Toledo; Victor Andrade de Melo. (Org.). *Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão.* 1ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, v. 1, p. 76-94, p. 152.

No Brasil o decreto Nº 95.744<sup>480</sup> de 1988, o Serviço Especial de Televisão por Assinatura-TVA regulamentou a presença de serviços de televisão por assinatura no país. A emissora Canal +, em março de 1989, começou a transmitir de forma experimental a reprodução do conteúdo da ESPN, através do canal 29 do UHF, apenas para a cidade de São Paulo, em específico para uma região da cidade, o perímetro das avenidas Paulista, Rebouças, Brigadeiro Luiz Antônio e Rua Estados Unidos, região dos Jardins, uma das mais ricas da cidade. Após a fase de testes, para acessar os serviços, o consumidor precisaria comprar um decodificador que custava NCz\$ 150 para residências e NCz\$ 1 mil para edifícios, além de uma mensalidade fixa de NCz\$ 15<sup>481</sup>. Quando do lançamento do produto o valor do salário mínimo no país entre os meses de janeiro e maio era NCz\$ 63,90<sup>482</sup>. Ainda em 1989, a fase de testes passou, os serviços passaram a ser cobrados e ocorreu a expansão para região metropolitana de São Paulo e para o Rio de Janeiro<sup>483</sup>.

Em 1991, o Canal + passou a fazer parte dos canais a cabo da operadora TVA com o nome TVA Esportes. Em outubro de 1991 ocorreu a inauguração da *Globosat*, subsidiária das Organizações Globo pertencente à família Marinho<sup>484</sup>. A *Globosat* teria quatro canais com um canal específico de transmissão de esportes, o Top Sport. Este passou a ser transmitido pela operadora Net Brasil transformando-se na principal concorrente da TVA. Uma com a exclusividade de transmissão do conteúdo da Top Sport e a outra da ESPN. Contudo, em 1992 a Top Sport começou a transmitir ao vivo partidas do campeonato brasileiro de futebol enquanto a concorrente transmitia apenas reprises de jogos de certames europeus.

A partir de 1994, enquanto a Top Sport passou a se chamar SportTV, a TVA Esporte incorporou de vez o sinal ESPN. Que neste mesmo ano sofreu intervenção da rede estadunidense e lançou o canal ESPN Brasil em 1995 para se diferenciar da sua concorrente. A ESPN Brasil, ao ser lançada, tinha a exclusividade de transmissão do

---

<sup>480</sup> BRASIL. Decreto 95.744 de 23 de fevereiro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1980-1989/D95744.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D95744.htm)

<sup>481</sup> Gazeta Mercantil 29 de março 1989.

<sup>482</sup> Durante o ano de 1989 o salário mínimo sofreu nove alterações: Janeiro NCz\$ 63,90; Maio NCz\$ 81,40; Junho NCz\$ 120,00; Julho NCz\$ 149,80; Agosto NCz\$ 192,88; Setembro NCz\$ 249,48; Outubro NCz\$ 381,71; Novembro NCz\$ 557,33 e Dezembro NCz\$ 788,18.

<sup>483</sup> MALAIA, Op. Cit., p. 154.

<sup>484</sup> O jornalista Irineu Marinho Coelho de Barros (1876-1925) fundou em julho 1925 o jornal O Globo, no entanto em agosto do mesmo ano ele faleceu e seu filho Roberto Pisani Marinho (1904-2003), assume os negócios da família a partir de 1931, inaugurando em 1944 a Rádio Globo, em 1965 inaugurou a TV Globo. O que o tornou dono da maior empresa de telecomunicação do Brasil que a partir de 2014, Grupo Globo atualmente a segunda maior rede de televisão comercial do mundo.

campeonato Carioca, Paulista, da Copa do Brasil e do Campeonato Brasileiro deixando apenas jogos de menor importância para a concorrência.

Em 1997, o Clube dos Treze rompeu o contrato acordado com a operadora TVA e assinou contrato de exclusividade de direito das partidas com a Rede Globo, subsidiária das Organizações Globo, que ofereceu aproximadamente R\$ 80 milhões para os clubes. Esta repassou a transmissão para a Globosat que teria agora, além do canal SportTV, o canal Premier Esporte, que passaria a funcionar na lógica do sistema *pay-per-view*. Esta foi a primeira vez que o campeonato foi comercializado neste sistema. O contrato previa exclusividade de transmissão para a SportTV, além dos canais aberto da Rede Globo e Bandeirantes. Neste ano, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) havia dado o maior lance para os direitos de transmissão em televisão aberta, contudo foi excluído pois não contemplava em sua proposta os direitos em televisão fechada e *pay-per-view*<sup>485</sup>.

Em 2009, a rede globo faturou 73,5% de toda a receita publicitária em televisão aberta, o que resultou em cerca de R\$ 7 bilhões<sup>486</sup>. Ainda em 2009, ela pagou R\$ 410 milhões pela transmissão do Campeonato Brasileiro, sendo R\$ 300 milhões cota fixa mais R\$ 110 milhões em *pay-per-view*<sup>487</sup>.

Que o futebol interfere no funcionamento da televisão é um fato. Conforme Gastaldo, as transformações tecnológicas nas transmissões audiovisuais tiveram nos eventos esportivos importantes propulsores. Na Olímpia de Tóquio, em 1964, ocorreu a primeira transmissão televisiva que cruzou o Pacífico via satélite, na Copa de 1998 ocorreu a primeira transmissão internacional em alta definição (HDTV), e na Copa de 2010, aconteceu a primeira transmissão de televisão em 3D<sup>488</sup>. Contudo, o contrário também pode ser observado: a interferência da televisão no futebol; ainda mais que é do esporte que advém fatia substancial das rendas de um grande conglomerado midiático, seja através da venda por canal fechado ou da venda dos espaços publicitários. A tabela abaixo é baseada no Projeto Inter-Meios, parceria do grupo Meio & Mensagem (M&M) e a consultoria Price Water House Coopers, que buscava mensurar os investimentos em publicidade no Brasil.

---

<sup>485</sup> MATTOS, César. **Broadcasting Football Rights in Brazil: The Case of Globo and “Club of 13” in the Antitrust Perspective**. Estudos Econômicos, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 337-362, abr.-jun. 2012, p. 350.

<sup>486</sup> ESTADÃO. Globo fatura R\$ 7 bilhões em 2009 <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/globo-fatura-r-7-bilhoes-em-2009,528779>

<sup>487</sup> GLOBOESPORTE. O dinheiro da tv em 2009. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2009/01/25/o-dinheiro-da-tv-em-2009/>

<sup>488</sup> GASTALDO, E. L. . **Comunicação e Esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas**. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 8, p. 39-51, 2011, p.43.

**Tabela 1. Valor da Cota de transmissão do Campeonato Brasileiro**

Ano	Valor da Cota	Patrocinadores
2008	R\$ 108 milhões	Ambev, Casas Bahia, Itaú, Vivo e Volkswagen
2009	R\$ 121 milhões	Ambev, Casas Bahia, Itaú, Vivo e Volkswagen
2010 <sup>489</sup>	R\$ 161 milhões	Ambev, Casas Bahia, Itaú, Vivo e Volkswagen
2011	R\$ 134 milhões	Ambev, Casas Bahia, Coca-Cola, Itaú, Vivo e Volkswagen

Fonte: Meio & Mensagem<sup>490</sup> e Revista Exame<sup>491</sup>

\*\*\*

A partir dos tópicos expostos neste capítulo, procurou-se apresentar um breve histórico da produção dos estádios e de suas construções no Brasil e seus desenvolvimentos, até chegarem ao modelo desejado pela FIFA para as competições. Ademais, foi acentuada a importância social deste espaço para além unicamente de um objeto arquitetônico, apontando a forma como ocorreram as transformações físicas dos estádios, assim como o esforço estatal para modificar a legislação no sentido de cancelar estas transformações e produzir novos tipos de comportamento nestes novos locais. Também buscou-se evidenciar como estas alterações nos equipamentos e na percepção do jogo, como um espetáculo, contribuiu para modificar contundentemente o frequentador, produzindo novos tipos de torcedores, tanto aqueles que frequentam os estádios quanto aqueles que acompanham os jogos pela televisão.

---

<sup>489</sup> Nos anos de Copa do Mundo ocorrem diminuição no valor, pois a Rede Globo cria pacote adicionais especiais para a competição.

<sup>490</sup> MEIO E MENSAGEM. Futebol da Globo valoriza mais de 100% em dez anos, 2017. Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/08/08/futebol-da-globo-valoriza-mais-de-100-em-dez-anos.html>

<sup>491</sup> REVISTA EXAME. Globo fecha sexta cota de patrocínio para Futebol 2011, 2010. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/globo-confirma-sexta-cota-renovacao-futebol-2011-599877/>



### CAPÍTULO 3

## GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE E SPORT CLUB INTERNACIONAL

Neste capítulo serão retomadas algumas partes da história da constituição dos estádios do Grêmio – o campo da Baixada, o Olímpico e a Arena – assim como dos campos do Internacional – os Eucaliptos e o Beira-Rio – com maior preocupação para a narrativa histórica da construção da Arena do Grêmio e processo de reforma e concretização do projeto Gigante para Sempre do estádio Beira-Rio. Numa segunda parte, onde será abordada a evolução dos preços dos ingressos em partidas da dupla Gre-Nal entre 1997 e 2011.

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional são os dois principais clubes da capital e do estado do Rio Grande do Sul, foram fundados ainda no início do século XX, respectivamente em 1903 e 1909, e ambos os clubes estão entre os detentores das maiores torcidas do país. Além disso, possuem uma das maiores rivalidades do futebol, e proporcionam a seus torcedores um dos clássicos mais disputados do país. Provavelmente uma das explicações desta rivalidade seja justamente por estas duas agremiações de relevante importância no cenário futebolístico nacional compartilharem o espaço a mesma cidade.

Estas instituições centenárias, ao invés de unicamente administrarem e gerirem o clube e o seu plantel de jogadores em busca de vitórias, são, além disso, “fundamentalmente, um símbolo que condensa os sentimentos de uma extensa comunidade de pertença”<sup>492</sup>, o que faz homens e mulheres se dirigirem continuamente ao campo sagrado de jogo, geração pós geração, criando uma verdadeira irmandade, ou, para nossos tempos, uma verdadeira nação, que se reconhece através daqueles símbolos, daquelas cores, daquele estádio, e de todo um imenso conjunto de bens. Estes são colocados a prova em cada jogo contra adversários; momento onde os confrontos colocam a unidade do grupo à prova, ocasiões de batalhas intensas que ganham ares mais latentes em clássicos – no caso o Gre-Nal – ou jogos decisivos.<sup>493</sup>

“O clube é uma entidade sagrada: por representar a coletividade; por ser o elo temporal entre passado, presente e futuro; por espelhar pertencimentos extra-futebolísticos e, sobretudo, por ser uma projeção, no indivíduo, dos afetos familiares. O clubismo sela a unidade da parentela masculina, solidária no êxito e no fracasso. O sofrimento é imanente à trajetória de qualquer torcedor dito

---

<sup>492</sup> DAMO, Arlei Sander., 2009, Op. Cit., p. 08.

<sup>493</sup> Idem, p. 10

fanático, pois ele se sente preso ao clube e, como tal, ao time que o representa, arcando com o bônus das vitórias e com o ônus das derrotas. E o que pode ser mais marcante do ponto de vista dos afetos do que partilhar o sofrimento? Latentes na maior parte do tempo, os afetos são manifestos em ocasiões rituais, sobretudo nos estádios. E o que é mais importante: os torcedores experimentam, nessas ocasiões, verdadeiros dramas pessoais, sendo dragados pela tensão e pela expectativa do jogo. Não é, certamente, apenas a performance técnica dos jogadores que suscita a tensão, por vezes uma espécie de transe, mas as emoções primordiais drenadas para o pertencimento clubístico”<sup>494</sup>.

É justamente o local apontado por Damo onde os afetos são explicitados, que os estádios que gostaria de me ater, mais especificamente aos estádios produzidos ao longo da história pelo clube gremista, Fortim da Baixada, Estádio Olímpico e Arena; e pelo clube colorado: Estádio dos Eucaliptos, Estádio Beira e Novo Beira-Rio. Se ambos os clubes

“Apresentam uma trajetória plena de construção de identidades e, por conseguinte, das alteridades, densamente relacionadas a lugares e grupos sociais. Enquanto entidades rivais e de ampla penetração social, convergem para si praticamente todas as tensões e identidades que permeiam a evolução da sociedade gaúcha no transcorrer do século, forças que se expressam no simbolismo da paisagem produzida”<sup>495</sup>.

Sem dúvida nenhuma, ambas as praças esportivas, e principalmente, nos processos de construção destas, coaduna-se outro fundamental aspecto desta formulação: os estádios da dupla Gre-Nal, os maiores do Rio Grande do Sul, apontam para uma particularidade frente aos seus congêneres em tamanho no país, são equipamentos privados, promovidos e financiados a partir do interesse particular dos clubes, porém, isto não quer e não invalida em alguma medida a assistência do poder público em sua construção, sobretudo quando da construção do Olímpico, Beira-Rio e Arena. Provavelmente uma dinâmica estabelecida desde a construção do estádio do Pacaembu em 1940, conforme Mascarenhas, quando o estádio paulistano “inaugurou uma longa tradição de estádios estatais em nosso país, peculiaridade marcante de uma estratégia de regulação social e de controle das massas”<sup>496</sup>.

### **3.1. “ATÉ A PÉ NÓS IREMOS”: ARENA DO GRÊMIO, ARENA OAS**

Desde a fundação do clube em 1903, a sede de jogo passou pelo Fortim da Baixada, localizada na zona norte da cidade, no atual bairro moinhos de vento, depois

---

<sup>494</sup> DAMO, 2009, Op. Cit., p.12.

<sup>495</sup> MASCARENHAS, Gilmar. **O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios**. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 67-85, p.68-69.

<sup>496</sup> MASCARENHAS, Gilmar, 2014, Op. Cit., p.28.

deslocou-se para o bairro da Azenha, assentando-se por último no bairro Humaitá, próximo a saída da cidade.

### 3.1.1. Fortim da Baixada

Em 1904, o clube recém fundado adquiriu uma área no bairro Moinhos de Vento, a *Schützenverein Platz* (Local do Clube de Tiro Alemão), para construção do seu primeiro campo de futebol<sup>497</sup>. O bairro localiza-se na região centro da cidade<sup>498</sup>, teve seu crescimento e desenvolvimento ainda no final do século XIX, a partir de dois importantes fatos<sup>499</sup>, em 1893, com o momento da abertura da linha de bondes “independência”, efetivada pela empresa Carris, e do início do Prado Independência, em 1894 (futuro Hipódromo Moinhos de Vento), um dos quatro hipódromos que existiam simultaneamente na cidade. O Prado da Independência concentrou até 1959 as principais atividades turfísticas de Porto Alegre, além de ser sede da Associação Protetora do Turfe fundada em 1907. O turfe, de fato, contribuiu para o desenvolvimento de bairros da cidade<sup>500</sup>.

Os primeiros estádios brasileiros estavam destinados às elites, uma vez que seus filhos eram os que praticavam o esporte, dentro do ideal do *sportman*, das práticas civilizatórias. Estavam assentados nos bairros mais abonados na cidade. Estes equipamentos muitas vezes reproduziam as lógicas arquitetônicas dos teatros, pequenos espaços com certo nível de conforto, onde os assistentes, na maior parte das vezes eram familiares e amigos destas classes abonadas, ou seja, “o estádio era então um ornamento da onda civilizadora de cunho eurocêntrico, e de acesso muito restrito. Verdadeiro espaço de fruição das elites no contexto da Belle Époque”<sup>501</sup>. O estádio da Baixada, o mais antigo da região sul, é um exemplo crasso, o bairro onde estava situado compunham as zonas mais nobres de Porto Alegre no início do século XX, onde concentravam-se habitações

---

<sup>497</sup> SOARES, Ricardo Santos. **O Foot-Ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903 – 1918**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2014, p. 56.

<sup>498</sup> PORTO ALEGRE. Regiões da Cidade. Disponível em: [http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=17\\_0\\_0](http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=17_0_0)

<sup>499</sup> PORTO ALEGRE. História dos Bairros de Porto Alegre. Moinhos de Vento. [http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/historia\\_dos\\_bairros\\_de\\_porto\\_alegre.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf)

<sup>500</sup> MAZO, J.Z. **A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira**. Tese (Doutorado em Ciência do Desporto) – Faculdade de Ciências do Esporte, Universidade do Porto, Portugal, 2003.

<sup>501</sup> MASCARENHAS, Gilmar, 2014, Op. Cit., p. 27.

de profissionais liberais e da jovem burguesia ligada aos setores urbanos, sobretudo de origem alemã<sup>502</sup>.

Ainda em 1904, foi inaugurado o campo da Baixada, o qual permaneceu como sede do clube até 1954. A Baixada nasce como um espaço amplo e aberto, sem grandes divisões entre os espectadores e os praticantes. Era o característico estádio do final do século XIX, conforme anota Gaffney, quando existia maior facilidade de movimento e os limites não eram tão claros. Todavia, conforme “o esporte tornava-se mais organizado e competitivo, os donos de estádios impuseram divisões arquitetônicas que estabeleciam o controle sobre o espaço”<sup>503</sup>.

Ainda em abril de 1909 acontece a fundação do Sport Club Internacional futuro principal rival,

“Entretanto, se já existiam outros clubes antes de 1909, a partir de então, o que se viu foi uma enorme propagação de outros tantos, os quais não seriam apenas compostos por elementos da alta sociedade, e que tentariam se aproximar, inclusive postulando a entrada na liga de foot-ball. Mantendo a distância destas agremiações sem tanta expressão, os anos de 1910 e 1911 seriam muito importantes para a consolidação de um modelo elitista esportivo, que, por sua vez, levaria muito tempo para acabar. É a partir deste momento que o foot-ball se consolida como a atividade esportiva favorita dos porto-alegrenses”<sup>504</sup>.

Em 1910, o presidente Oswaldo Siebel promoveu o cercamento do terreno e a instalação de dois portões, o que possibilitaria a cobrança de ingressos. Em 1912, sob o mandato de Aurélio de Lima Py foi construído<sup>505</sup> e inaugurado o primeiro pavilhão social da Baixada, com capacidade de abrigar 500 pessoas. Ele era um tipo de arquibancada construída em madeira que abrigava principalmente os sócios e convidados especiais, enquanto ao redor do campo o ambiente era cativo dos outros espectadores. A benfeitoria com fortes traços germânicos foi erguida entre as atuais ruas Dona Laura e Mostardeiro<sup>506</sup>.

---

<sup>502</sup> ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

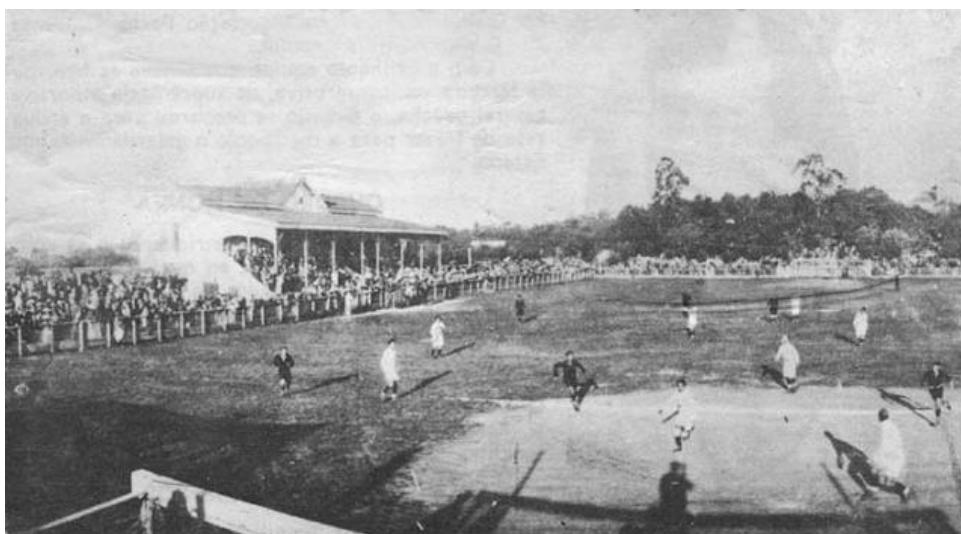
<sup>503</sup> GAFFNEY, Christopher, 2003, Op. Cit.,

<sup>504</sup> SOARES, Ricardo. Op. Cit., p. 68.

<sup>505</sup> A Federação, edição 217, 13 de setembro 1912.

<sup>506</sup> SIRANGELO, Pedro. **Análise da Mudança da Função Social dos Estádios de Futebol a partir do Jornal Correio do Povo: o Grêmio e a re-elitização**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009, p. 43.

## Imagem 1. Campo da Baixada



FONTE: Clicrbs<sup>507</sup>

Um dos primeiros testes do novo pavilhão social foi em novembro do mesmo ano, quando Porto Alegre recebeu excursões de um “*Scratch Carioca*” e um “*Scratch Paulista*”, que jogaram contra o *Grêmio*, o *Fussball* e “*Scratch Local*”. Na partida do dia 20 de novembro, entre o *Scratch Local* e o *Scratch Carioca* (1x1), aproximadamente quatro mil pessoas estavam a assistir o confronto (o alto comércio e as casas de varejo fecharam mais cedo para permitir aos empregados irem ao campo), que como todo evento excepcional contou com todo um cerimonial e aglutinou importantes figuras da sociedade porto alegreense,

“O pavilhão, que apresentava um aspecto deveras encantador, era ocupado por incalculável numero de senhoritas, trajando toilettes multicores, pelo dr. Montaury, operoso intendente desta capital e por inúmeros cavalheiros. O ground, que estava ornamentado com bandeiras, flores e galhardetes, também contribuiu para o bello aspecto que se observava”<sup>508</sup>.

Durante os jogos realizados contra as equipes do sudeste do Brasil, o campo da Baixada passou a contar com uma novidade até então, “um quadro, que marca o número de *goals* para cada *club*, a medida que vão sendo feitos”<sup>509</sup>. Na partida realizada no dia 21 de novembro, *Grêmio 1 x 3 Scratch Paulista*, a nova obra

“O pavilhão apresentava o mesmo aspecto do *macht* anterior. As jovens partidárias do *Grêmio*, acompanhavam com especial interesse o curso do *macht*, havendo momentos em que o seu entusiasmo tocava ás raias do

<sup>507</sup> ZERO HORA. Da baixada a arena. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2008/12/da-baixada-a-arena-gremio-sai-do-olimpico-para-seguir-crescendo-2349327.html>

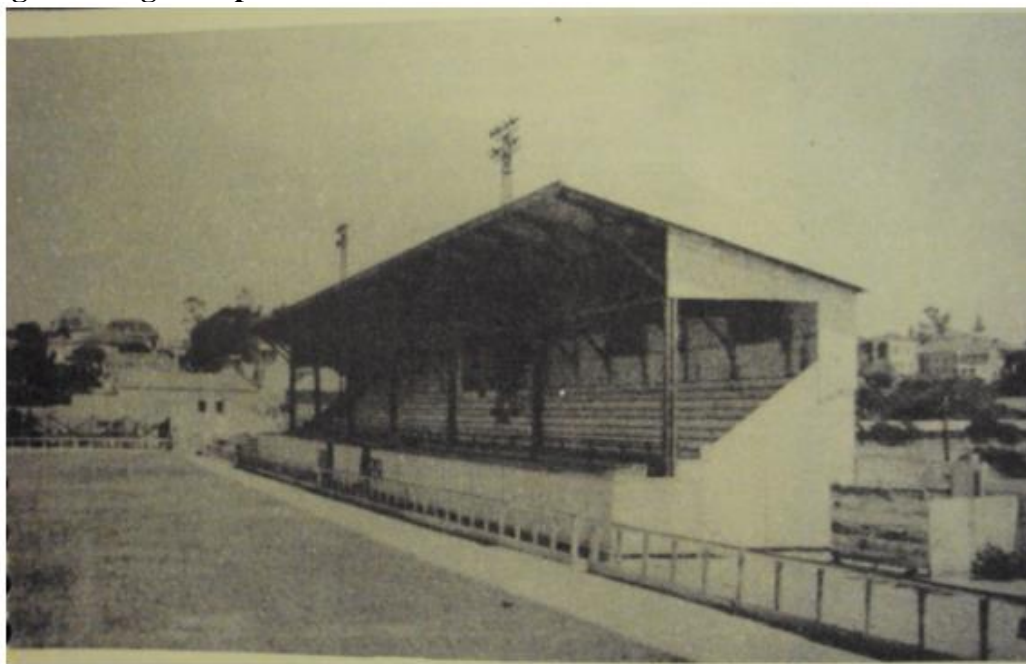
<sup>508</sup> A Federação, edição 271, 21 de novembro 1912.

<sup>509</sup> A Federação, edição 272, 22 de novembro 1912.

delírio, especialmente por ocasião das cerradas cargas ao *goal*. Entre a selecta assistência notamos senhoras: Benito Elejalde, Daudt, Siebel, Koch, H. Sommer, Souza Lobo, Neves, Ulysses Fabricio, Eichemberg, Jacobi, Francisco Bento Junior com suas filhas e sobrinhas, senhoritas Mostardeiros, Hoffmann, Celina e Eduina Godoy, Morgada, Maria e Marieta Py, Angelita Arrieira e Day e os srs. Drs. José Montauray de Aguiar Leitão, Joaquim Ribeiro, Maciel Moreira e Aurelio Py; Ashim, do Sport Club Rio Grande e mais três sócios, dr. Benito Elejade, John, dr. H. Souza Lobo, J. Smart, Mutzberg, major Germano Petersen, Theodor Jacobi, Bruno Escobar, Francisco de Lima Py Guimarães, Almeida, Sylvio Machado, Raison, Paranhos, Pindaro, Amarante, Arnaldo, Raul, todos estes últimos do *scratch* carioca, representantes do *Correio do Povo*, *Diario* e desta folha”<sup>510</sup>.

O primeiro pavilhão construído perdurou até 1918, quando ocorreu uma reforma e a ampliação desta benfeitoria<sup>511</sup>, que resistiu até 1944 quando foi construído um outro pavilhão. Todos foram erguidos utilizando a madeira como material. A partir deste período, acontece também um crescimento esportivo do Grêmio enquanto clube, em decorrência do próprio quadro social do clube que se expande fazendo com que o Fortim da Baixada por vezes não consiga suportar o público dos jogos, e com que a própria diretoria veiculasse nota na imprensa fornecendo as instruções sobre como os sócios deveriam proceder para o próximo jogo, onde os sócios mediante apresentação do carnê teriam entrada franca, porém sem levarem acompanhantes, por causa do tamanho do pavilhão social<sup>512</sup>.

### **Imagem 2. Segundo pavilhão do estádio da Baixada entre 1918-1944**



FONTE: SIRANGELO, Op. Cit., p. 67

<sup>510</sup> A Federação, edição 272, 22 de novembro 1912.

<sup>511</sup> A Federação, edição 163, 12 de julho de 1918.

<sup>512</sup> SIRANGELO, Pedro. Op. Cit., p.45

### 3.1.2. Estádio Olímpico, o Monumental

Em 1940, o Grêmio iniciara as negociações com o poder público para garantir um novo espaço para seu campo, em substituição ao antigo Fortim da Baixada, que já não mais comportava as necessidades espaciais do clube, em um momento de massificação do esporte, e em uma conjuntura de profissionalização iniciada durante a década de 1930, de difusão do esporte entre as classes populares muito influenciada pela atenção dispensada pela imprensa escrita e de radiodifusão<sup>513</sup>. Conforme aponta o historiador Hilário Franco Junior:

“Mas foi a partir do início dos anos 1930, com as coberturas jornalísticas de Mario Filho na imprensa escrita e as locuções pelo rádio, que as massas passaram a se vincular mais fortemente a determinados clubes, dentro e fora dos estádios. Mário Filho [...] As transmissões de rádio, que tiveram forte impulso com as apaixonadas narrações de Ary Barroso a partir de 1936, angariaram muitas dezenas de milhares de torcedores para o Flamengo nas mais diversas regiões brasileiras alcançadas por aqueles veículos de comunicação.”<sup>514</sup>

Em 19 de novembro de 1931 aconteceu a primeira narração de uma partida de futebol no Rio Grande do Sul. O locutor Ernani Ruschel, direto do Fortim da Baixada, relata o confronto entre o Grêmio e a Seleção do Paraná – com vitória de 3 a 1 para os gaúchos - ainda de forma improvisada, sem nem mesmo saber o nome dos jogadores e as regras do jogo, contou também com a ajuda do desportista Ary Lund para descrever os lances, que ia lhe “cantando” o nome dos jogadores no ouvido<sup>515</sup>. Assim, no Rio Grande do Sul o desenvolvimento do rádio vai contar fortemente com o futebol. “A inserção do esporte na programação radiofônica gaúcha acontece quase que paralelamente a sua implantação”<sup>516</sup>.

Neste contexto de difusão do futebol ocorre por consequência o crescimento do clube, fazendo com que a necessidade de uma nova sede para o clube se torne mais latente. Além destes quesitos, alguns outros, talvez ajudem a entender a transição para um novo estádio. Desde 1938, o Brasil, junto à Alemanha, pleiteava ser sede da próxima Copa do Mundo, porém, com a Segunda Guerra Mundial, as disputas foram brecadas,

---

<sup>513</sup> A década de 1930 é considerada a “Era de Ouro” do rádio no Brasil, quando o rádio passou a ser importante instrumento de divulgação. A concessão por parte do Estado de canais para pessoas físicas e jurídicas de cunho privado Rádio Jornal do Brasil (1935), Rádio Tupi (1935) e Rádio Nacional (1936).

<sup>514</sup> FRANCO JR., Op. Cit., p.78-79

<sup>515</sup> FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Editora da Ulbra, 2002, p. 84.

<sup>516</sup> DALPIAZ, Jamile Gamba. **A indústria cultural e o rádio esportivo em Porto Alegre: o caso da Rádio Guaíba**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001.

voltando à baila somente no congresso da FIFA, em 1946, quando a Alemanha destruída pela guerra retira sua candidatura, sobrando para o Brasil sediar o próximo campeonato, que inicialmente seria em 1949, mas depois acabou sendo adiado para 1950, onde foram escolhidas seis sedes: Maracanã (RJ), Pacaembu (São Paulo), Ilha do Retiro (Recife), Independência (Belo Horizonte), Durival de Brito (Curitiba) e Eucaliptos (Porto Alegre).

O novo equipamento localizado na Azenha foi fruto deste momento das décadas de 1940 e 1950 de grande massificação do futebol

“Concomitante com as tecnologias inovadoras que permitiram às cidades latino-americanas construir edifícios públicos monumentais com concreto reforçado, os anos 1940 e 1950 foram um período de construção de estádios sem paralelos na América Latina. Se não foram necessariamente imaginados como monumentos, muitos dos estádios financiados pelo Estado eram de dimensões imensas, criando espaços públicos cavernosos que eram mais produtos de ideologias políticas do que de um projeto urbano funcional. Concebidos e construídos em um momento “modernista”, faltava a esses estádios a intimidade, o caráter e a nuance arquitetônica dos estádios construídos nas primeiras décadas do século XX”<sup>517</sup>.

O presidente Telêmaco Frazão de Lima garantiu a permuta da área da Baixada pelo novo espaço (a área era o dobro daquela do Moinhos de Vento) com o prefeito José Loureiro da Silva<sup>518</sup>, que no final do ano acabou agraciado pelo Conselho Deliberativo do clube, com o título de sócio honorário, assim como Paulo de Aragão Bozano, diretor geral do Diretório de Obras do Município<sup>519</sup>. Ao que parece outro elemento fundamental no negócio foi Aneron Corrêa de Oliveira<sup>520</sup>, tanto que ele foi eleito presidente<sup>521</sup> para o mandato posterior.

“O dr. Aneron Corrêa de Oliveira tem se mostrado um infatigável batalhador. A ele deve o Grêmio a magnífica transação da permuta do campo da “baixada” pelos 10.000 metros quadrados da Avenida Carlos Barbosa. Um trabalho perseverante, silencioso e de grande valor. Reconhecendo estes méritos é que os gremistas decidiram-se pelo nome deste distinto desportista”<sup>522</sup>.

A área alcançada era o bairro do Teresópolis, atualmente Azenha<sup>523</sup>, aproximadamente a 4 km de distância do Moinhos de Vento. Mesmo localizado na região centro o bairro faz divisa com a porção sul da cidade, e possuía um vivo comércio popular durante o dia, além de residências. Mas sem dúvida a região era famosa pela sua vida noturna: por volta de 1950 existia a rua “maldita” de Porto Alegre, Rua Cabo Rocha (atual

---

<sup>517</sup> GAFFNEY, Christopher., Op. Cit.,

<sup>518</sup> Diário de Notícias, edição 262, 03 de dezembro 1940.

<sup>519</sup> Diário de Notícias, edição 281, 23 de dezembro 1940, p. 16

<sup>520</sup> Ocupou a presidência da Federação Gaúcha de Futebol entre 1945-1966.

<sup>521</sup> Diário de Notícias, edição 285, 1940, p. 4

<sup>522</sup> Diário de Notícias, edição 281, 23 de dezembro 1940, p. 16.

<sup>523</sup> O bairro da Azenha foi criado pela Lei 2022 de 7/12/59.



rua Freitas e Castro), onde concentravam-se os prostíbulos, botequins, casas de jogo, tabernas, espeluncas e esconderijos de “delinquentes”<sup>524</sup>. Um vivo ambiente noturno, local frequentado pela boemia porto-alegrense, dentre ela o músico gremista Lupicínio Rodrigues.

Em 1941, durante a presidência de Aneron Correa de Oliveira, foi lançada a pedra fundamental do estádio. A obra que já vinha sendo premeditada por próceres gremistas desde a década passada, demorou para ser realizada. O início da construção se prolongou por bastante tempo, e um dos principais empecilhos do começo das obras foi a necessidade da remoção da Vila Caiu do Céu,

“Em 1940, o levantamento realizado em Porto Alegre não registrava a existência de núcleos ou vilas permanentes. A partir de 1945 e 1946, se convencionou assinalar como ponto de referência o surgimento e a progressão da irregularidade em Porto Alegre, porém, existiam os becos no centro da cidade, onde proliferavam os cortiços. Nestes anos cresceram com grande rapidez a vila Dona Teodora e a Vila Graças a Deus, conhecida posteriormente como Vila Caiu do Céu”<sup>525</sup>.

O local fazia parte do espólio de um português naturalizado brasileiro, o comendador José Baptista Soares da Silveira e Souza. Após seu falecimento, a chácara onde habitava ficou vazia e acabou sendo alvo da ocupação de famílias sem teto. A remoção da população concretizou-se apenas em 1951, quando as últimas famílias foram deslocadas para a Vila Santa Luzia, atual bairro do Partenon, nos altos da Avenida Oscar Pereira. Com a completa retirada, em dezembro de 1951, iniciaram-se os trabalhos de terraplanagem, dragagem e retificação da cascatinha, arroio que passava na região, onde foram movimentado aproximadamente 80 mil m<sup>3</sup> de terra. As obras começaram de fato somente em setembro de 1953, tendo “Os três mosqueteiros” como figuras emblemáticas na construção do estádio: o presidente Saturnino Vanzelotti<sup>526</sup>, o presidente da Comissão de Obras, jornalista Alfredo Miranda Obino, e o engenheiro Sylvio Toigo Filho. O arquiteto era Plínio Oliveira Almeida<sup>527</sup>, que venceu um concurso de anteprojeto do estádio em 1951, sendo que o segundo lugar da concorrência ficou com o engenheiro Armando Batista, que por problemas pessoais do arquiteto no início dos trabalhos, acabou sendo o responsável técnico da execução da obra.

---

<sup>524</sup> TERRA, Eloy. **Freitas e Castro**. In **As Ruas de Porto Alegre**, AGE Editora – MMI, 2001, p. 79-82

<sup>525</sup> PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Plano Municipal de Habitação de Interesse Social. Etapa II – Diagnostico do setor habitacional de Porto Alegre. 2009, p. 25. [http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/demhab/usu\\_doc/diagnostico\\_porto\\_alegre.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/demhab/usu_doc/diagnostico_porto_alegre.pdf)

<sup>526</sup> Presidente durante 1949-1954.

<sup>527</sup> No currículo do arquiteto consta importantes obras na cidade de Porto Alegre, pois foi titular da Secretaria Municipal de Obras e Viação de Porto Alegre e responsável direto por projetos da prefeitura durante o governo de Telmo Thompson Flores (1969-1976)

### Imagem 3. Vila Caiu do Céu ficava no lugar do futuro Olímpico



(Foto: Arquivo do Memorial Hermínio Bittencourt)<sup>528</sup>

Do início da terraplanagem até o jogo inaugural percorreu-se um longo período. Um dos principais motivadores do atraso foi a falta de capital necessário para movimentar a obra. Para tanto, a direção lançou mão dos mais diversos expedientes para arrecadar fundos, dentre eles podem ser citados a venda de cotas de Fundo Social – onde foram vendidos mil títulos que representavam um milésimo do patrimônio do clube, e a venda de aproximadamente 160 cadeiras perpétuas, o que enraizava a ligação de alguns gremistas como o estádio, pois de certa forma tornaram-se donos de uma parte do estádio. Além de rifas, doações e loterias, a grande Tômbola Popular era uma das principais loterias disponibilizadas pelo clube.

Uma das últimas ações foi a campanha de angariamento de novos sócios com o seguinte *slogan*: “Todo gremista deve ser sócio do Grêmio”<sup>529</sup>. Esta campanha aconteceu durante o mês de março de 1954, com o objetivo de aumentar o quadro social – e foi comandada pelo Primeiro vice-presidente Rocco Aloise – onde, ao se associar, não era cobrada a “joia” do torcedor, além de ter como vantagem tanto assistir aos jogos sem precisar comprar ingressos, como também utilizar a piscina, quadra de vôlei, tênis e outras, nas palavras do vice-presidente

“Ademais é preciso que se acentue, será o Grêmio o primeiro clube porto-alegrense a proporcionar efetivamente a seus associados, após concluído o estádio da rua Carlos Barbosa, passatempos, divertimentos e chances de praticar desporto amadorista sem intuito de competição. Possuiremos a melhor praça de desporto do sul do país em se tratando de propriedade de clube, tendo piscinas, canchas especiais para voleibol, basquete e tênis”<sup>530</sup>.

<sup>528</sup> GLOBO ESPORTE. Há 59 anos Grêmio dava início ao Olímpico, que se despede. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2012/04/ha-59-anos-gremio-dava-inicio-ao-olimpico-que-se-despede-em-2012.html>

<sup>529</sup> Diário de Notícias, edição 262, 1º de março de 1954, p.13.

<sup>530</sup> Diário de Notícias, edição 262, 1º de março de 1954, p.13.

O período de transição das décadas de 1940 e 1950 foi emblemático para o clube, pois foi um momento áspero em relação às conquistas futebolísticas, pois de 1940 até 1954 o time venceu apenas dois campeonatos gaúchos (e viu o principal rival ganhar doze títulos, sendo um hexa 1940-45 e um tetra 1950-1953), e fora das quatro linhas, a escolha do estádio dos Eucaliptos como sede das partidas da Copa do Mundo de 1950 em Porto Alegre. As conquistas que houveram foram justamente apenas fora das quatro linhas. Em 1946 foi produzido o mosqueteiro como mascote do clube, em 1952 ocorreu a contratação do jogador Tesourinha, em 1953 ocorreu a composição do atual hino do clube pelo músico Lupicínio Rodrigues e por último a inauguração da nova sede.

Em 19 de setembro de 1954<sup>531</sup>, um ano e cinco meses após o início das obras, foi inaugurado o Estádio Olímpico Grêmio Porto-Alegrense, mesmo tendo apenas a primeira fase do projeto concluído. Como disse o próprio Saturnino Vanzelotti, no discurso de inauguração, “é tocar para frente”<sup>532</sup>. Contudo, o clube deixaria para trás as construções em madeira e entrava na era do concreto. Após cinquenta anos o clube trocava de sede. Além do tamanho outro ponto que marcava o novo equipamento era a sua atualização aos novos tempos e necessidades que o futebol possuía ao se tornar um esporte de massa. Aproximadamente um mês antes da inauguração do estádio, diretores do grêmio receberam cronistas esportivos da região metropolitana para uma espécie de visita oficial, onde seria especialmente apresentada a localização das tribunas de imprensa e as cabines de rádio para que estes colocassem a necessidade de outros requisitos técnicos, além disso, foi proporcionada uma visita completa às obras do estádio. O cronista do jornal Diário de Notícias apresentou do seguinte modo as inovações do Olímpico referente às instalações da imprensa e outras benfeitorias que o estádio passava a apresentar em detrimento do antigo Fortim da Baixada.

“Na ocasião, ficamos sabendo que o novo estádio terá 7 cabines a prova de som, sendo uma para o próprio serviço de alto falantes. O reservado da imprensa, dividido em duas secções, prevê 28 assentos em primeira fila para os jornalistas em serviço, afora outras acomodações para os redatores esportivos que lá forem apenas em caráter de observação. [...] e túnel (com três corredores separados, sendo um para os juízes e outros para os dois quadros), um restaurante, que terá fina instalação, uma sacada a ser decorada com cerâmica, alojamento coletivo para os atletas, salas de leitura e estudo, enfermaria, dormitórios para técnico e massagista, salão de honra, instalações sanitárias, revestidas de azulejos, em diferentes pontos do Estádio, de modo a servir associados e frequentadores gerais; cozinha, almoxarifado, vestiários (bem maiores que os do Maracanã) (só na instalação de água quente para os

---

<sup>531</sup> A inauguração foi em um jogo festivo contra o clube Nacional de Montevideo, vencido pela equipe da casa por dois tentos a zero.

<sup>532</sup> Folha Esportiva, 20 de setembro de 1954.

banheiros, os chuveiros e piscina de água quente, destinada a banhos turcos, serão dispendidos 380 mil cruzeiros) salas para técnicos, juízes capela, ampla dependência coberta para exercícios físicos em dias de chuva”<sup>533</sup>

#### Imagem 4. Inauguração do Olímpico em 1954



(Foto: Arquivo do Memorial Hermínio Bittencourt)<sup>534</sup>

A capacidade de aproximadamente 40 mil lugares (Porto Alegre possuía uma população de pouco mais de 400 mil habitantes) fazia do equipamento o terceiro maior do país, atrás apenas do Maracanã e do Pacaembu e conseqüentemente o maior estádio privado do Brasil, composto por um único anel de arquibancada e um pavilhão coberto.

“Nesta primeira fase, conforme cálculos feitos a frente da reportagem pelos engenheiros especializados, a grande pra de futebol comportará 38.000 pessoas comodamente sentadas, sendo 35.5000 na parte inferior e 2.5000 nas cadeiras cativas ou 60 mil em pé, portanto mais de que o dobro de qualquer outro campo em Porto Alegre. Isto entretanto só refere apenas à primeira etapa das obras, pois o estádio pronto comportará 80.000 sentadas”<sup>535</sup>.

Antes da partida ocorreu o desfile de abertura com presença da banda da Brigada Militar, além de destacadas personalidades gremistas, como ex-jogadores, antigos dirigentes e os responsáveis diretos pela obra. Na partida contra o Nacional do Uruguai, os sete portões do estádio receberam 35.511 espectadores que puderam assistir à vitória dos gremistas por 2 a 0, em um jogo tenso, marcado por confusões entre as equipes, em um dia que até o juiz foi acusado de ser “tricolor” teve a camiseta rasgada. Um público considerável segundo o jornal a folha esportiva

<sup>533</sup> Diário de Notícias, edição 134, 18 de agosto de 1954, p. 11.

<sup>534</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2012/04/ha-59-anos-gremio-dava-inicio-ao-olimpico-que-se-despede-em-2012.html>

<sup>535</sup> Diário de Notícias, edição 64, 19 de maio, p.11

#### “SÓCIOS E CONVIDADOS

Nos portões de sócios e convidados os relógios acusaram 20.238 pessoas, não incluídos os menores. Estão incluídos nesta soma associados, convidados especiais, cronistas esportivos, etc.

#### 10.848 GERAIS

Foram vendidas 10.848 entradas gerais, que renderam Cr\$ 325.440,00. As bilheterias acusaram a venda de 2.222 meias-gerais, num total de Cr\$ 44.440,00. Foram vendidas 1.936 entradas colegiais, somando Cr\$ 19.360.

#### APENAS 267 CADEIRAS VENDIDAS

Talvez devido ao preço altíssimo das cadeiras, que foram postas à venda a razão de 200 cruzeiros cada uma, a renda foi fraca, neste setor. Foram vendidas, apenas 267, que deram uma renda total de Cr\$ 53.400,00.

A renda total foi de Cr\$ 442.640,00, não sendo quebrado o recorde total de assistentes: 35.511

#### SE OS SÓCIOS PAGASSEM

As entradas vendidas, em número de 15.273, acusaram a soma de Cr\$ 442.640,00. Se os sócios do Grêmio houvessem contribuído com gerais, teríamos então quebrado todos os recordes, já que se teria recolhido Cr\$ 1.049.780,00”<sup>536</sup>.

A inauguração do novo campo abriu caminho para um admirável período de conquistas: em um curto espaço de tempo, o clube teve doze campeonatos conquistados em treze disputados: o penta Gaúcho e Metropolitano de futebol profissional, de 1956 a 1960, e o heptacampeonato gaúcho, de 1962 a 1968.

Ainda em 1955 ocorreu a inauguração dos refletores, em 1958 iniciou-se a segunda fase de obras com a ampliação do anel superior ao lado das cadeiras da social que só foram encerradas em 1971, quando também ocorreu a troca do portão em madeira por um pórtico de entrada em homenagem ao lateral esquerdo Everaldo Marques da Silva, tricampeão mundial com a seleção canarinho no México. Em 1974 as grades que cercavam o campo foram retiradas e no seu lugar foi construído o fosso.

A partir de 1976 durante a presidência de Hélio Dourado, foi completada a obra do estádio Olímpico. Convidou-se o arquiteto Plínio Almeida para voltar a trabalhar no estádio. A principal adição foi a construção do anel superior do estádio (com 13 módulos), cobertura das gerais, entre outros procedimentos como a instalação de camarotes. Uma das campanhas que tiveram repercussão no período foi uma campanha de cimento, na qual o presidente percorreu diversas cidades do interior do Rio Grande do Sul e até cidades dos estados vizinhos de Santa Catarina e do Paraná em busca de doações de dinheiro e sacos de cimento. Também foi efetivado o Bolão Tricolor e depois nomeado Bolão do Grêmio em 1979.

---

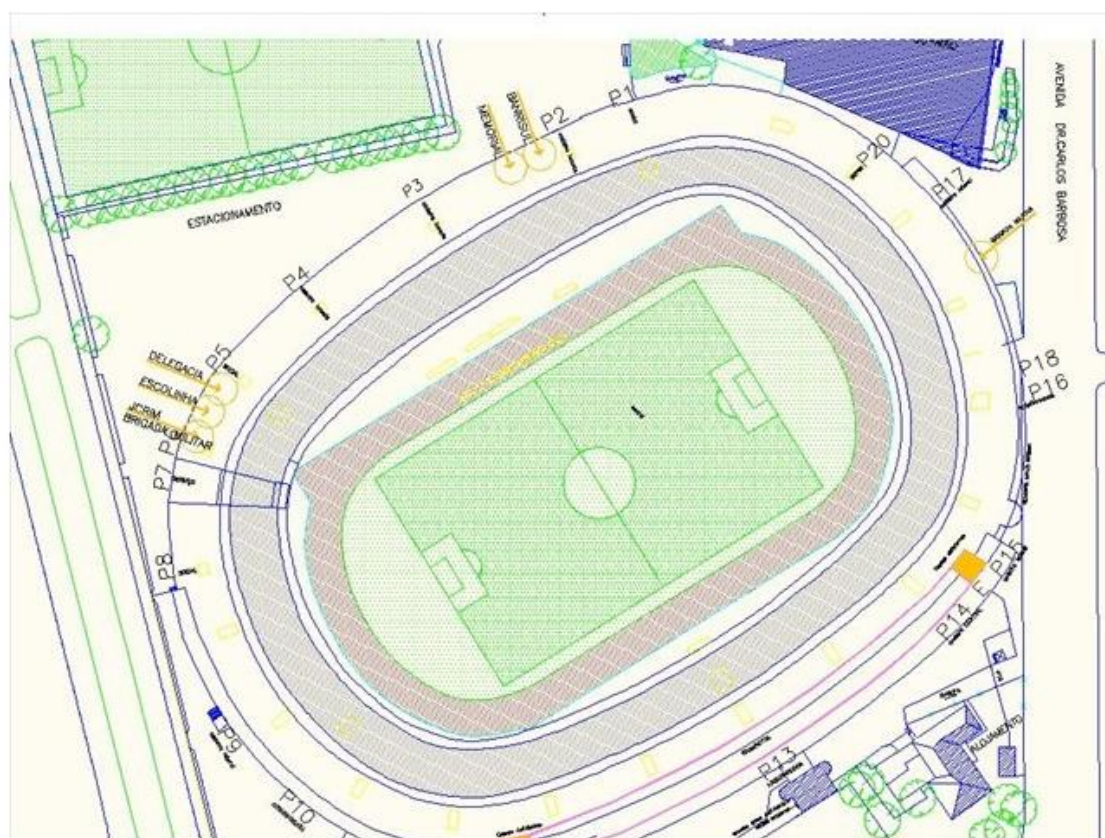
<sup>536</sup> Folha Esportiva, 20 de setembro 1954.



Assim em 21 junho de 1980, mais de vinte anos depois, o estádio teve sua construção finalizada, passando a denominar-se Olímpico Monumental. A conclusão desta última fase significou também a abertura de um período de glórias para o clube com conquistas nacionais e internacionais.

Ao todo foram quase seis décadas de uso<sup>537</sup>. O estádio possuía ainda quarenta camarotes com capacidade de dez lugares e cinco camarotes com vinte lugares, uma tribuna de honra com cento e quarenta lugares, um espaço de reunião, o Salão Nobre do Conselho Deliberativo com duzentos e vinte lugares, e o estacionamento com capacidade de setecentos lugares.

### Imagem 5. Planta Estádio Olímpico



FONTE: Site do Grêmio<sup>538</sup>

<sup>537</sup> Oficialmente o último jogo recebido pelo estádio foi dia 17 de fevereiro de 2013, Grêmio 1 x 0 Veranópolis, válido pelo Campeonato Gaúcho.

<sup>538</sup> GRÊMIO. Estádio Olímpico. Disponível em: <http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=estadio>

### 3.1.3 Arena do Grêmio

Em setembro de 2004, o Conselho Deliberativo do clube votou e aprovou o Plano Estratégico da instituição (2003/2004) nele estavam contidos objetivos específicos. Um deles era “tornar a estrutura patrimonial disponível” com uma série de estratégias para a infraestrutura patrimonial<sup>539</sup>, como “aprovar um Plano Diretor Patrimonial, buscar parcerias de empresas especializadas para otimizar a utilização do patrimônio: Estádio, Ginásio, Suplementar, Cristal, Remo, Ilha, Eldorado, etc. e “tornar o estádio e demais áreas do clube multiuso”<sup>540</sup>. Além da “criação de empresas, pelo Grêmio, para atuação profissional no mercado, com abrangência ampla, sem prejuízo de especialização”<sup>541</sup>. Ou seja, o primeiro abria caminho para a reforma do Olímpico ou construção de um novo estádio e o segundo ponto, facilitava a constituição de uma empresa aos moldes da Grêmio Empreendimentos.

Em dezembro de 2005, o jornalista Hiltor Mombach noticiou em sua coluna, ao que parece, os movimentos iniciais da direção do clube para o processo de modificações no patrimônio do clube,

“Olímpico. Em recente reunião que contou com gente influente e endinheirada, ali também estava importante empresário da área da construção, o Grêmio tratou, agora de forma esmiuçada, do futuro do estádio Olímpico. Há dois planos. O primeiro consiste no melhor aproveitamento da área, com a construção de um shopping e talvez de um hotel, estacionamento, restaurante, passando a ser o complexo Olímpico um local de multiuso e não o que é hoje, quase um elefante branco. O segundo, na implosão do estádio atual e na construção de um novo, possivelmente na zona Sul de Porto Alegre – o Lami aparece como o bairro mais sugerido –, com capacidade para 25 mil pessoas, moderno, enxuto, prático e atraente. O segundo plano contaria com mais adeptos, embora, saiba-se, possa contrariar, num primeiro momento, os gremistas mais sentimentais”<sup>542</sup>.

Em maio de 2006, o presidente do clube na época, Paulo Odone<sup>543</sup>, em consonância com o plano diretor, solicitou ao vice-presidente de patrimônio, Eduardo Antonini, um estudo sobre o Plano Diretor Patrimonial do Grêmio<sup>544</sup>. Neste momento, Antonini elaborou um estudo para viabilizar a construção de um novo estádio para o

---

<sup>539</sup> GRÊMIO. Planejamento Estratégico. Disponível em: [http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=planejam\\_faq](http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=planejam_faq)

<sup>540</sup> WIKLICKY, Maurício. **Análise do planejamento estratégico como modelo de gestão do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense**. 2011. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em MBA em Gestão Empresarial) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, p.50-51.

<sup>541</sup> Entrevista com Adalberto Preis. *Correio do Povo*, 14 de junho, 2009, p.18

<sup>542</sup> *Correio do Povo*, 13 de dezembro 2005, p.26

<sup>543</sup> Paulo Odone Chaves de Araújo Ribeiro (1942), advogado e político, deputado estadual por cinco mandatos e presidente do Grêmio em cinco mandatos.

<sup>544</sup> GRÊMIO. **Projeto Arena**, p.04.

clube<sup>545</sup>. Em outubro de 2006, em reunião do Conselho Deliberativo foram adotadas as estratégias para o biênio 2007/2008, onde mirando cinco pontos, “modernização do patrimônio físico, confiabilidade na gestão financeira, filosofia de trabalho própria no futebol, gestão profissional e relacionamento com todos os públicos”<sup>546</sup>. Onde a modernização do patrimônio físico, seria levada à cabo com as seguintes estratégias: Plano Diretor e Remodelação do Estádio, e recuperação e rentabilização do patrimônio atual.

O grande passo ocorreu em novembro, quando o Conselho Deliberativo aprovou por unanimidade a criação de um projeto visando a construção de um novo equipamento ou a remodelação do estádio Olímpico. Conjuntamente, foi acatado também, o propósito de criação de uma empresa (pessoa jurídica) associada ao clube para conduzir o processo de elaboração dos projetos<sup>547</sup>. Assim, a *Amsterdã Arena Advisory (AAA)*, empresa holandesa, ficaria encarregada de apresentar anteprojetos para três propostas: “a construção de um novo estádio em uma área nova, outro estádio na área da Azenha ou a reforma do Olímpico”<sup>548</sup>. Naquele momento os locais vislumbrados para além do terreno do Olímpico apontavam para a região sul da cidade, nas adjacências do bairro do Lami ou para região norte, próximo ao aeroporto da cidade<sup>549</sup>. O estudo de pré-viabilidade para a construção de um novo estádio pela AAA, apresentou a conclusão de que o estádio Olímpico não mais atendia as expectativas do clube pois tinha “grande tempo de vida, alto custo de manutenção, baixo padrão de conforto, serviços de baixa qualidade, segurança deficiente, estacionamento insuficiente, localização em região estrangulada e total desconformidade com o padrão FIFA”<sup>550</sup>.

Em janeiro de 2007<sup>551</sup>, os dirigentes do clube haviam se encontrado com o poder público local e a empresa holandesa (AAA) para a seleção de possíveis locais para a construção de um novo estádio, sendo a zona norte o local preferido. Contudo, em 27 de fevereiro de 2007, em jogo contra o clube *Cúcuta Deportivo* da Colômbia, válido pela Copa Libertadores, ocorreu um apagão no estádio Olímpico que atrasou o jogo em quase uma hora. Segundo o clube o apagão foi fruto de sobrecarga no sistema elétrico, que

---

<sup>545</sup> Correio do Povo, 16 de dezembro, 2008, contracapa.

<sup>546</sup> Correio do Povo, 15 de outubro, 2006, contracapa.

<sup>547</sup> Correio do Povo, 29 de novembro, 2006, p.27.

<sup>548</sup> Correio do Povo, 30 de novembro, 2006, contracapa.

<sup>549</sup> Idem.

<sup>550</sup> GRÊMIO. Projeto da Arena, p. 07.

<sup>551</sup> Correio do Povo, 9 de janeiro, 2007, contracapa.



somado a um foguete lançado pelos torcedores, sem intenção, na parte externa, atingiu um transformador danificando os dois fusíveis.

Talvez, este tenha sido o estopim para reacender o debate interno no clube sobre a necessidade da construção de um novo estádio. Os dois dirigentes deram declarações insinuantes sobre a construção de um novo estádio: Paulo Odone “Estamos pagando o preço de um estádio de 52 anos não atualizado. É uma pena, depois de quatro anos o Grêmio voltando à Libertadores, o estádio lotado, acontecer isso”<sup>552</sup> e “Para atender todos os requisitos da Fifa, é preciso que tenha gerador próprio e luz de emergência, por exemplo”<sup>553</sup>, disse Antonini.

A partir destes episódios o projeto de construção avançou a passos largos, em março do mesmo ano já estavam definidas as possíveis áreas de construção do novo estádio, duas na zona norte, próximo a saída da cidade e perto do aeroporto, e a terceira seria o próprio local onde estava assentado o Olímpico. Pois uma certeza já estava sedimentada naquele momento: era necessária a construção de um novo estádio, não haveria condições de apenas promover uma reforma para adequar o estádio as exigências da FIFA<sup>554</sup>.

Poucos dias depois, o projeto inicial do novo estádio foi apresentado por duas empresas portuguesas, a Banif (Banco Internacional do Funchal, AS, banco privado português) e TBZ (empresa portuguesa de licenciamento desportivo e de entretenimento). Empresários lusos que já mantinham contato com a direção gremista desde o final de 2006<sup>555</sup>. As entidades exibiram um projeto inicial que, para além do estádio, apresentava também um hotel, um centro de eventos e um shopping center<sup>556</sup>.

O clube propôs em abril de 2007, o primeiro esboço de como seria o novo estádio. Entre as exigências feitas pelo Grêmio às empresas que se candidatassem para executar a obra estava,

“O novo estádio do Grêmio deverá ter três anéis de arquibancadas, capacidade para 52 mil torcedores, cem camarotes e um estacionamento com pelo menos 2,5 mil vagas para torcedores, além de outras 2 mil apenas para profissionais envolvidos nos jogos, incluindo aí dirigentes, jogadores e todos os responsáveis pela cobertura das partidas. [...] O estudo sugere que cada um dos anéis principais tenha capacidade para 20 mil pessoas. Um anel menor seria construído entre os dois e nele seriam construídos cem camarotes, além de uma

---

<sup>552</sup> Correio do Povo, 28 de fevereiro, 2007, página 23.

<sup>553</sup> Correio do Povo, 1º de março, 2007, p.23.

<sup>554</sup> Correio do Povo, 04 de março, 2007, contracapa

<sup>555</sup> Correio do Povo, 09 de dezembro, 2006, p.23.

<sup>556</sup> Correio do Povo, 06 de março, 2007, contracapa

área com 5 mil cadeiras reservados a torcedores VIPs, que teriam benefícios como restaurante com vista para o campo e acesso privilegiado<sup>557</sup>.

Finalmente, em maio de 2007 foi votada e aprovada pelo conselho deliberativo do Grêmio a criação de uma empresa para administrar o projeto do novo estádio<sup>558</sup>, a *Grêmio Empreendimentos*, que veio a ser criada no momento da assinatura do acordo de construção do novo estádio.

A escolha definitiva do local do estádio ocorreu em 27 de março de 2008<sup>559</sup>, quando o Conselho Deliberativo do clube aprovou a construção da Arena no Bairro do Humaitá, as margens da BR 290. A proposta vencedora foi do consórcio português liderado pela TBZ e a empreiteira baiana OAS, que derrotou a oferta da empreiteira Odebrecht. A diferença fundamental entre as propostas era que o primeiro propunha 65% dos lucros para o Grêmio enquanto a Odebrecht ofereceria uma parcela de 50% dos lucros<sup>560</sup>.

A parceria foi rompida em agosto de 2008, quando a empresa portuguesa desistiu do negócio, deixando os encargos do projeto aos cuidados da OAS<sup>561</sup>. Em abril surgiram as primeiras denúncias na imprensa portuguesa de problemas da empresa, que estava sendo investigada pelo Ministério Público por conta da emissão de cheques sem fundos, sustação de cheques sem motivo e falsificação de produtos dos clubes que ela representava. Em dezembro a TBZ entrou em insolvência.

O bairro do Humaitá está localizado na zona norte da capital gaúcha, zona limítrofe com o município vizinho de Canoas. É uma das principais vias de acesso à cidade, por onde passam ao menos duas importantes rodovias federais, a BR 290 e BR 116. Apesar das características dessa localização, o bairro caracteriza-se por uma quantidade significativa de imóveis residenciais. A partir da década 1970 a região começou a ser fruto de investidas do setor imobiliário privado para construção de habitações voltadas aos setores médios da população, uma vez que sua certa distância do centro da cidade diminuía o preço das habitações, fazendo com que no decorrer da década 1980 o bairro se afirmasse como uma opção habitacional com seus blocos de apartamentos. A região compõe o chamado *Corredor de Desenvolvimento* que segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA) é uma área de

---

<sup>557</sup> Correio do Povo, 22 de abril, 2007, contracapa

<sup>558</sup> Correio do Povo, 22 de maio, 2007, p. 23.

<sup>559</sup> Correio do Povo, 28 de março 2008, contracapa.

<sup>560</sup> Correio do Povo, 02 de março 2008, contracapa.

<sup>561</sup> Correio do Povo, 29 de agosto 2008, p.31

interação com a região metropolitana acessível a investimentos autossustentáveis de grande porte com objetivo de consolidação com a região<sup>562</sup>.

Em novembro de 2008<sup>563</sup>, a Assembleia Legislativa do RS aprovou o projeto de construção da Arena no Bairro Humaitá, o que era fundamental para a compra do terreno pela empresa OAS. Contudo, foi apenas no final de 2008, em dezembro, que ocorreu a votação no Conselho Deliberativo, quando foi aprovada a construção da Arena em parceria com a empreiteira OAS<sup>564</sup>. Segundo o contrato firmado, a empresa superficiária teria o direito sobre determinada participação envolvendo o resultado da operação Arena durante os primeiros 20 anos<sup>565</sup>.

Nesta mesma reunião foi escolhida a nominata do conselho administrativo da Grêmio Empreendimentos, que seria responsável por fazer a intermediação entre empresa e clube.

A Grêmio Empreendimento tem o objetivo de participar do Conselho de Administração da empresa superficiária (empresa criada para receber o direito de uso do Humaitá, com construção e exploração da Arena), sendo a minoria no conselho supracitado, com dois representantes. Decisão sedimentada em 19 de dezembro quando houve a assinatura do contrato pelas duas partes interessadas, Grêmio e OAS<sup>566</sup>. Mas não sem que o processo de construção não se tornasse um tanto conturbado entre os grupos políticos que divergiam quanto ao local do novo estádio. Um grupo político defendia a construção de uma Arena Multiuso<sup>567</sup>, enquanto outro grupo político<sup>568</sup> defendia a remodelação do estádio Olímpico Monumental, sem precisar ocorrer a saída do clube do bairro da Azenha.

Com isso, podemos evidenciar que o projeto da construção de um novo estádio fora da Azenha gerava opiniões divergentes. Em 2008, momento da votação do projeto da Arena, foi apresentado também um projeto de remodelação do estádio Olímpico, encabeçado por um grupo de conselheiros. O projeto de autoria do arquiteto Plínio Almeida (mesmo autor do Olímpico)

---

<sup>562</sup> PREFEITURA PORTO ALEGRE. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA), p. 46. Disponível em: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/planodiretortexto.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/planodiretortexto.pdf)

<sup>563</sup> Correio do Povo, 26 de novembro 2011, p. 27.

<sup>564</sup> Correio do Povo, 17 de dezembro 2008, contracapa

<sup>565</sup> GRÊMIO. Instrumento particular de contrato atípico para a adequação de imóveis, assunção de obrigação de construção e outras avenças, com condições precedentes. Artigo 3.4 Disponível em: <https://issuu.com/correiodopovo.ejcj2/docs/contratogremiooas>

<sup>566</sup> Correio do Povo, 20 de dezembro 2008, p.39

<sup>567</sup> Grupo liderado por Paulo Odone Chaves de Araújo Ribeiro.

<sup>568</sup> Grupo liderado principalmente pelo histórico dirigente Hélio Dourado.

“o projeto prevê a remodelação do estádio com a construção na área da Azenha de um centro de eventos, um prédio comercial, um centro comercial, um prédio residencial e um estacionamento com vaga para até 2 mil carros. Tudo interligado. O estudo prevê também o rebaixamento do gramado em 1,5 metro, o que poderia aumentar a capacidade de público entre seis e 16 mil torcedores. A previsão é de que o público total fique em torno de 60 mil pessoas. Almeida também sugere que a atual marquise seja substituída por uma estrutura metálica translúcida que poderia avançar até 8 metros a mais do que atualmente. Dessa forma, se evitaria problemas com infiltração.”<sup>569</sup>

A defesa deste projeto não era feita em aspectos técnicos, mas principalmente na capacidade que o clube teria de autogerir o seu espaço sem precisar contar com a interferência de um ente externo. Contudo, uma vez aprovado o projeto da Arena com a OAS, o projeto de remodelação acabou por nem ser aprovado.

### **Imagem 6. Estudo de revitalização da área do estádio Olímpico**



Fonte: Correio do Povo, 14 de dezembro 2008, contracapa.

Quanto as obras, elas estavam previstas para iniciar no segundo semestre de 2009, porém contratempos envolvendo questões burocráticas do terreno do Humaitá inicialmente empurraram o prazo para 2010<sup>570</sup>. Este era o momento pós crise 2008, a OAS possuía apenas 45% da verba inicial ( $\cong$ 250 milhões) que foi garantido pelo BNDES, os outros 55% do valor (307 milhões) ainda não sido captados junto a investidores em março de 2009<sup>571</sup>.

Em fevereiro de 2010, o então prefeito de Porto Alegre sancionou uma lei que autorizava a doação de dois terrenos ao Grêmio, localizados nas avenidas Carlos Barbosa e Gastão e Haslocher Mazon, que na prática já pertenciam ao Grêmio, contudo não

<sup>569</sup> Correio do Povo, 14 de dezembro 2008, contracapa.

<sup>570</sup> Correio do Povo, 19 de fevereiro 2009, p.27

<sup>571</sup> Correio do Povo, 04 de março, 2009, p. 23.

estavam regularizados. Estes terrenos eram fundamentais nos negócios envolvendo a OAS e o clube<sup>572</sup>. Além disso, em setembro de 2010, a Assembleia Legislativa do RS votou e aprovou por unanimidade o projeto de lei 212/2010 que concedia isenção do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) tanto para as obras de reforma do Beira-Rio quanto para a construção da Arena do Grêmio. Apesar disso, a partir de uma emenda existia um teto de 30 milhões nas isenções.

O início simbólico das obras da Arena aconteceu no feriado do dia 20 de setembro de 2010. Em cerimônia que contou com a presença de aproximadamente cinco mil torcedores foi lançada a pedra fundamental do estádio, com o início das obras no segundo semestre de 2010. O ano de 2011, por sua vez, também não deixou de ter seus sobressaltos. Em fevereiro ocorreu uma greve dos operários da construção, que exigiam melhores salários (o salário para jornada, das 8h até 18h, era de R\$ 827 para um operário e R\$ 626 para um auxiliar)<sup>573</sup>, melhores condições de trabalho e diminuição de quatro para três meses no intervalo para visitar suas famílias (grande parte dos obreiros provinham da região nordeste)<sup>574</sup>.

Dias depois, já em março, A Superintendência Regional do Trabalho e Emprego do Rio Grande do Sul (SRTE/RS), embargou as obras da Arena, por motivos de irregularidades nos registros de trabalho e problemas com a infraestrutura dos canteiros de obras. Segundo a SRTE/RS, existiam instalações provisórias e irregularidades em andaimes. Além dos sanitários serem insuficientes, não existia área de convivência, o refeitório foi interditado por conta das condições precárias e um dos alojamentos também apresentava condições impróprias (um galpão no próprio canteiro de obra). As obras foram reiniciadas no dia 14 de março, após regularização das pendências frente ao MPT e acordo com os trabalhadores, com aumento de salário e novos espaços de moradia. Contudo a obra foi interditada ainda em julho de 2011. Os motivos: jornada excessiva, e falta de segurança para os operários<sup>575</sup>.

Em agosto de 2011, ocorreu a discussão sobre o Aditivo na obra, com a aprovação do Conselho Deliberativo. A obra teve uma majoração de 65 milhões no seu valor, compreendendo o aumento de 4 mil lugares (todos sentados)<sup>576</sup>, elevando de 52 para 56

---

<sup>572</sup> Correio do Povo, 27 de fevereiro, 2010.

<sup>573</sup> O salário mínimo em março de 2011 era equivalente a R\$ 545,00.

<sup>574</sup> Correio do Povo, 04 de março 2011.

<sup>575</sup> Correio do Povo, 07 de julho 2011

<sup>576</sup> Sobre as 4 mil cadeiras que seriam adicionadas conforme o aditivo, duas mil ficariam Grêmio para utilizar e explora-las conforme sua necessidade, as outras seriam geridas pela superficiária. Contudo, estes últimos assentos seriam referentes as “cadeiras gold” de maior valor agregado. Das cadeiras pertencentes

mil lugares, a construção de um centro de treinamento, construção de uma subestação de alta tensão com produção de 69kv e certificação LEED (Liderança em Energia e Design Ambiental), para obter a certificado de estádio autossustentado<sup>577</sup>.

Em outubro de 2011, novamente ocorreram incidentes relativos às condições de trabalho. Dia 2 ocorreu o atropelamento de um trabalhador na rodovia BR-290, que foi seguido de um incêndio nos alojamentos dos operários, que fica às margens da própria rodovia<sup>578</sup>. Episódios que redundaram no pedido de demissão de 150 trabalhadores.

Entre o final de 2011 e início do ano seguinte, com o avançar das obras e a iminência da troca de casa, o Grêmio precisou dar lugar ao projeto de migração dos sócios do estádio Olímpico para a Arena. A grande incerteza era sobre os direitos adquiridos, “Todos os sócios do Grêmio, Proprietários (Fundo Social, Olímpicos e Remidos), Contribuintes (Efetivos e Especiais) e Locatários de Cadeira que hoje têm acesso ao Estádio Olímpico, terão garantido o acesso na Arena sem qualquer acréscimo da mensalidade”.

A inauguração da Arena ocorreu em 08 de dezembro de 2012<sup>579</sup>, em jogo amistoso contra a equipe alemã do Hamburgo SV, com vitória por 2 a 1 para os anfitriões (mesmo adversário e resultado da Copa Intercontinental de 1983 – Copa do Mundo de Clubes).

---

ao Grêmio, 1622 estão localizadas na parte superior da arquibancada e 378 na parte inferior da arquibancada.

<sup>577</sup> Correio do Povo, 31 de agosto 2011.

<sup>578</sup> Correio do Povo, 03 de outubro 2011, capa

<sup>579</sup> O público total foi 51.901 (46.969 pagantes), renda R\$ 8.599.614,00.

## Imagem 7. Setores da Arena



Fonte: <http://blogremio.blogspot.com.br>

Segundo o site de apresentação do novo estádio, a Arena seria:

“o primeiro complexo no Brasil construído a partir do zero para atender aos mais altos índices de exigência da atualidade. O projeto arquitetônico foi concebido por arquitetos europeus que utilizaram conceitos modernos implantados na construção de Arenas por vários países. Será um estádio diferenciado no mercado brasileiro com padrão de segurança e conforto muito acima da média do que estamos acostumados. O estádio atenderá a todos os itens dos cadernos de encargos da FIFA”<sup>580</sup>

O equipamento construído pela OAS e o Grêmio abriu caminho para um novo patamar de equipamentos do país que foi intensificado com a construção das sedes da Copa do Mundo. O estádio possui capacidade de 55.662 torcedores sentados, conforme liberação do Corpo de Bombeiros (projeto inicial 52.398). Com quatro anéis (quatro níveis), são quatorze elevadores para o público em geral, seis acessos de estacionamento, acessos exclusivos para os camarotes (terceiro nível) e Cadeiras Gold (primeiro e segundo nível) com 600 vagas exclusivas no estacionamento. O que compõe estacionamento com total de 5.700 lugares.

<sup>580</sup> ARENA PORTO-ALEGRENSE. A Arena. Disponível em: <https://arenapoa.com.br/a-arena>



Os 122 camarotes com capacidade de 2.416 pessoas, são classificados em seis tipos: 44 Premium (16 lugares e 24,15 m<sup>2</sup>), 4 Plus (40 lugares e 56,43 m<sup>2</sup>), 4 Classic (32 lugares e 40 m<sup>2</sup>), 38 Master (24 lugares e 37,20 m<sup>2</sup>), 24 Silver (16 lugares 21,15 m<sup>2</sup> e 18 m<sup>2</sup>) e 8 Bronze (16 lugares e 13,10 m<sup>2</sup>)<sup>581</sup>. O antigo estádio Olímpico possuía 40 camarotes com 10 lugares e 5 camarotes com 20 lugares. A arena possui 246 banheiros com acessibilidade total contra 68 do olímpico; 34 cabines de imprensa divididas entre a televisão (17) e rádio (17) e uma sala de imprensa com capacidade de 314 pessoas. São 274 assentos para portadores de necessidades especiais (deficientes físicos, mobilidade reduzida e obesos). A Arena é equipada com 239 câmeras de monitoramento e dois centros de Controle de Operação, conforme recomendações do Caderno de Encargos da FIFA.

Um dos pontos cruciais relacionados à inauguração da Arena foi a questão de como garantir espaço dentro do novo equipamento para os associados do clube. Este foi o momento que ficou evidenciado um dos grandes dilemas: o torcedor é sócio do Grêmio ou do estádio? A grande questão é justamente que os sócios possuíam contrato com o clube e não com o estádio. Através desta associação possuíam vantagens ao frequentar os jogos no estádio, que a partir da mudança precisaria ser mediada. A partir daquele momento, os associados continuariam sócios do clube, mas não com o mesmo tipo de vantagens dentro do estádio, uma vez que o equipamento não é de propriedade exclusiva do clube. Tanto é que o clube aponta que o torcedor continuaria dependente do clube e por isso determinadas políticas de acesso seriam introduzidas.

O processo de migração de determinadas modalidades de sócios<sup>582</sup> do Olímpico para a Arena começou a ocorrer a partir de maio de 2012. Os aproximadamente 2000 sócios proprietários divididos entre fundo social, olímpicos e remidos, além dos contribuintes (efetivos e especiais) e locatários de cadeira tiveram seu direito de entrada na arena nos mesmos moldes anterior, onde o pagamento da mensalidade garantia acesso irrestrito aos jogos. Contudo os novos locais a serem ocupados seriam bem diferentes em localização ao anterior, pois a setorização do novo estádio não garantiria os mesmos espaços de posicionamento.

Na Arena, os assentos estão divididos em três níveis de acesso ao público:

---

<sup>581</sup> ARENA PORTO-ALEGRENSE. Camarotes. Disponível em: <https://arenapoa.com.br/camarotes>

<sup>582</sup> Associados de Fundo Social, Locatários de Cadeiras Permanentes, Associados Proprietários Remidos, Atletas Laureados, Beneméritos, Grandes Beneméritos, Olímpicos, Contribuinte Especial, Locatário de Cadeira, Proprietário e Contribuinte Efetivo



- Primeiro Nível – Cadeiras Gramado e Geral. Localizado no primeiro piso, ao nível do campo. Está dividido em setores Geral: N, Cadeiras Gramado Centrais: L, O, Cadeiras Gramado Corner: NO, NE, SO, SE e Cadeiras Gramado Laterais: S.

- Segundo Nível – Cadeiras Gold - Localizado no segundo piso. Está dividido em dois setores: Centrais: L, O e Corners: NO, NE, SO, SE, N, S);

- Quarto Nível – Cadeiras Altas. Localizado no quarto piso. Está dividido em Cadeiras Altas Centrais: L, O, Cadeiras Altas Corner: NO, NE, SO, SE, Cadeiras Altas Laterais: N, S.

Sendo que:

- Cadeira alta lateral (atrás da goleira): terá um valor de R\$ 92,00 por mês;
- Cadeira alta central: R\$ 169 ao mês (é o valor que paga atualmente o sócio das cadeiras centrais do Olímpico);
- Cadeira alta corner (algo que não existe no Olímpico) R\$ 120,00 por mês;
- Geral, atrás da goleira, o valor é de R\$ 92 mensais;
- Cadeira Gramado, variando entre R\$183,00 à R\$ 269,00 por mês;
- A Cadeira Gold – espaço privilegiado - será negociada por R\$ 360,00 por mês. Há ainda Gold lateral por R\$ 330,00 mensais<sup>583</sup>.

No novo local de mando dos jogos do Grêmio, os sócios não teriam espaços exclusivos como outrora, cada associado deveria escolher o setor, conforme preferência e valor. Por exemplo, na antiga social o torcedor tinha o direito de livre movimentação na zona designada. Além, é claro, do fato de que ao terem lugares exclusivos, os sócios possuíam uma série condições favoráveis como maior visibilidade, ficar mais próximos ao centro do campo, estar de costas para os raios de sol, entre outras possibilidades desse tipo.

Os frequentadores da social na arena passam a utilizar o espaço das cadeiras altas laterais (4º nível norte e sul), geral, ou outros setores a partir de suplementação monetário. Já quem frequentava as cadeiras no Olímpico tem direito à cadeira alta (4º nível leste ou oeste) ou cadeira alta corner, além de outros setores também apenas mediante suplementação monetária.

Na Arena do Grêmio, as cadeiras são todas numeradas e individualizadas, sendo de utilização exclusiva. As partes sem individualização ou exclusividade são as partes da Geral (Arquibancada Norte atrás da goleira), Cadeiras Altas Corner e Cadeiras Altas

---

<sup>583</sup> GRÊMIO. Regulamento Arena. Disponível em: <http://srvgremio.com.br/arena/index.php/home/regulamento>

Laterais. Já os sócios torcedores, tanto da modalidade Diamante quanto Ouro, continuariam com desconto e preferência na compra dos ingressos, porém apenas para os bilhetes do quarto anel. Na época do lançamento, o sócio torcedor Diamante pagava R\$ 45,00 por mês, o que lhe garantia 50% de desconto no ingresso das arquibancadas e cadeiras (central e/ou lateral). Enquanto a modalidade Ouro custava R\$ 26,00 e garantia a possibilidade de 10% de desconto nos ingressos das arquibancadas e cadeiras (central e/ou lateral)<sup>584</sup>, o que na prática garantia a possibilidade de aquisição dos ingressos em quase todo estádio.

### **3.2. “LEVAS ÀS PLAGAS DISTANTES, FEITOS RELEVANTES”: O GIGANTE PARA SEMPRE, NOVO GIGANTE DA BEIRA-RIO**

O Sport Club Internacional esteve sediado na região do bairro do Menino Deus desde o começo da década de 1930, para apenas no final da década de 1960 buscar novo espaço, às margens do Rio Guaíba, região da cidade relativamente próxima à antiga localização.

#### **3.2.1. A chácara dos Eucaliptos**

O bairro do Menino Deus<sup>585</sup> está localizado na região centro-sul da cidade, e seus bairros vizinhos são Azenha, Praia de Belas, Cidade Baixa, Medianeira e Santa Teresa. O território ao sul do arroio Dilúvio, fazia parte das terras da Estância São José, pertencentes a Sebastião Francisco Chaves, ainda no século XVIII. A denominação do bairro é devido à grande devoção dos açorianos ao Menino Deus, fato que culminou na construção de uma capela em estilo gótico em 1853, e que perdurou até 1970, quando foi demolida para construção de uma outra em estilo moderno. O bairro ganhou grande visibilidade ainda no final do século XIX, com a instalação do hipódromo Rio-Grandense em 1888, e em 1909 foram erguidos pavilhões para exposição agropecuária. A região era abastecida por linhas de bondes desde 1873. A instalação do estádio dos Eucaliptos em 1931 foi de grande relevância para o desenvolvimento do bairro que sempre possuiu um forte caráter residencial. A região ainda abrigava a sede do clube Grêmio Náutico Gaúcho (1929) e a sede esportiva do Clube do Comércio de Porto Alegre.

---

<sup>584</sup> GRÊMIO. Como ficam o sócio torcedor ouro e diamante na Arena. Disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=14284>

<sup>585</sup> Criado pela Lei 2.022 de 7 de dezembro de 1959.

Ao contrário do Grêmio, o recém fundado Internacional enfrentava problemas materiais, o que repercutiu na espacialidade marginal dos primeiros campos de jogo do clube<sup>586</sup>. O primeiro campo montado foi em um terreno baldio no final da rua Arlindo (atual Barão de Teffé), entre as ruas Saldanha Marinho e a José de Alencar. Logo depois, os jogos do time também começaram a ser realizados em um campo que era dividido com o time de alunos do Colégio Militar (Military Football Club), na Volta do Cordeiro, região próxima a Colônia Africana<sup>587</sup>, atual região do Parque Farroupilha – provavelmente o time utilizava os dois campos concomitantemente, pois o primeiro era atingido com frequência por inundações.

Após algumas divergências com os alunos do Colégio Militar em 1912, em 17 de maio de 1913 o clube inaugurou o seu novo estádio. Alugou a Chácara dos Eucaliptos, uma área com campo de futebol, instalação de sociais, ginástica e outros esportes, localizada no início na rua José de Alencar e Azenha, 286 (atualmente estaria localizado entre as ruas Germano Hasslocher, Afonso Pena e Damasco), área ocupada anteriormente pelo Grêmio Cachoeirense<sup>588</sup>. Ali formou-se um estádio com cercas de tabuas, portões de madeiras, parapeitos, arquibancadas presas aos eucaliptos, vestiários com telhados de zinco para ambos os times e chuveiros. Segundo o jornalista Cláudio Dienstmann, a chácara possuía já em 1925 também algumas tabuletas para propaganda<sup>589</sup>.

Em 1928, o Asilo Providência, proprietário do terreno, vendeu-o para o senhor Ângelo M. La Porta, que pagou 250 contos de réis pela Chácara dos Eucaliptos, “ali há mais de 15 anos, o Sport Club Internacional tem o seu *ground* e cancha de tennis”<sup>590</sup> O novo proprietário comunicou que pretendia vender o terreno para promoção de um loteamento, mas o colorado tinha preferência na compra, desde que despendesse 40 contos de réis, valor que o clube não dispunha<sup>591</sup>. Para uma comparação, em 8 de maio de 1927, o Internacional vencera o Grêmio por 3 a 2, em um jogo que registrou o recorde

---

<sup>586</sup> MASCARENHAS, Gilmar, 2012, Op. Cit. p. 77.

<sup>587</sup> Região que abrangia os atuais bairros Rio Branco, Bom Fim e Mont Serrat, sem contudo corresponder exatamente com eles.

<sup>588</sup> INTERNACIONAL. Agenda Histórica Internacional, maio 2008.

<sup>589</sup> DIENSTMANN, Claudio. **História de uma paixão**. Porto Alegre: LP&M, 2002.

<sup>590</sup> A Federação, edição 266, 21 de novembro de 1928.

<sup>591</sup> Os 40 contos de réis equivaliam, 40.000.000 de réis, uma assinatura anual do jornal A Federação em 1928 custava 40.000, ou seja, seriam 1.000 assinaturas anuais do jornal. Em 1928, o vencimento anual de um juiz federal era de 48 contos. A Federação, edição 09, 10 de janeiro 1928, p. 6. Em 1928, o desembargador do Estado do Rio Grande do Sul foi aposentado com vencimento anual de 45 contos. A Federação, edição 27, 31 de janeiro 1928, p.2. Em 1928, o contínuo do Tesouro do Estado foi aposentado com vencimento anual de 2.626 contos. A Federação, edição 29, 2 de fevereiro de 1928, p.2.

de renda, com arrecadação de 16 contos e 533 réis, valor aproximado do mais simples automóvel Chrysler Touring importado na época<sup>592</sup>.

Assim em 1929, o presidente do clube, o engenheiro Ildo Meneghetti, propôs a construção de um estádio próprio. Para tanto, Meneghetti propôs aos donos do imóvel dois anos de carência para o clube sair do local (em contrapartida ao final do prazo iria fazer a obra de infraestrutura do loteamento), e enquanto isso, a partir de um financiamento junto ao Banco da Província, emitiu 500 títulos que equivaliam o valor do empréstimo, os quais deveriam ser vendidos à 500 pessoas que se tornariam sócios efetivos do clube, cada quota custava 500\$000 réis, e podiam ser quitadas em parcela única ou em parcelas de 25\$000 réis. Se as quinhentas quotas não fossem vendidas, podia uma mesma pessoa comprar outra quota no mesmo valor. Como benefício o sócio efetivo não precisava pagar mais nenhum tipo de contribuição, e em caso de solvência do patrimônio este sócio teria direito 1/500 do espólio<sup>593</sup>. Um ponto interessante a se observar é que na mesma reunião que decidiu pela construção do estádio e criou o quadro de sócio efetivo, foi também deliberado a organização política e administrativa do clube, pois os 500 sócios escolhiam um conselho de 48 membros, os quais escolheriam a diretoria. A partir de então, um terço do conselho e também a diretoria seriam eleitos anualmente.

Assim, Meneghetti conseguiu comprar “a quadra de terreno, situada na antiga Chácara, (...) na rua José de Alencar, compreendida entre as actuaes ruas Dr. Silveiro, Barão do Guahyba, Barao do Cerro Largo e a futura rua Dr. Campos Cartier”<sup>594</sup>. O terreno custou 200 contos de réis, e tinha o tamanho de dois hectares (20.000 m<sup>2</sup>).

A data prevista para inauguração do novo estádio era o dia 8 de março de 1931, um domingo. Porém, “devido ao mau tempo, não foi inaugurado hontem, conforme estava marcado, o “Stadium dos Eucalyptus”<sup>595</sup>. Então, em 15 de março de 1931 o estádio foi inaugurado, em uma partida com vitória do Internacional por 3 a 0 contra o Grêmio. Além da partida de futebol, ocorreu também uma disputa de basquete entre o quadro do Internacional e do Grêmio Tamandaré, vencida por este último.

Na ocasião de inauguração o equipamento tinha capacidade para 7.000 lugares divididos em dois pavilhões de madeira, um destinado aos associados do clube e um

---

<sup>592</sup> INTERNACIONAL. Agenda Histórica Internacional, maio 2008.

<sup>593</sup> INTERNACIONAL. Ata de compra do terreno Eucaliptos. Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com.br/2016/03/inauguracao-do-estadio-dos-eucaliptos.html>

<sup>594</sup> Idem.

<sup>595</sup> A Federação, edição 57, 9 de março de 1931.

segundo, nomeado de pavilhão de pagantes. Havia ainda, ao lado destas gerais, uns poucos degraus que se beneficiavam do declive do solo, e que davam forma a uma arquibancada de alvenaria. Também fora construída de forma provisória uma cobertura de madeira na parte central. Ali existia um coreto de madeira destinado para as autoridades, diretoria e imprensa, sendo possivelmente uma novidade para época uma parte destinada para a imprensa

“Na parte inferior da coberta, num lado, fica a “copa” e o outro é destinado aos jogadores, onde ficam situados os dormitórios, vestiários, fardamentos, banheiros, instalações sanitárias, etc. Junto a esta coberta será construído o pavilhão definitivo que será a sede social e oferecerá todo conforto não só aos associados como aos jogadores e espectadores”<sup>596</sup>.

Alguns destes elementos citados dão algumas pistas sobre o projeto do estádio estar diretamente conectado com as discussões do período. Sendo que gostaríamos de destacar o processo de profissionalização dos atletas, pois para qual finalidade seria preciso construir um estádio possuindo dormitórios? Para abrigar jogadores profissionais vindos de fora da cidade? Ou as futuras categorias de base? O Internacional já possuía, no início da década de 1930, “times de menores”, pois são sucessivas as convocações de jogadores do infantil para comparecerem aos eucaliptos.

Outro elemento é o valor dispendido com a obra. Os custos até o dia da inauguração estavam em 450 contos de réis, sendo 250 contos referentes à compra do terreno e os 200 contos restantes referentes às obras. Os restantes das obras foram concluídos conforme a capacidade financeira do clube permitia. A estimativa naquele momento era a de que o valor total do investimento do novo campo seria de mais de 1.000 contos de réis<sup>597</sup>. Não podemos esquecer que a concepção dos Eucaliptos foi realizada durante a conjuntura de crise econômica propiciada pela Crise de 1929 e os impactos da Grande Depressão.

A inauguração do estádio representou um marco na trajetória do Internacional enquanto clube e sua relação com os torcedores. O seu surgimento está diretamente ligado ao processo de popularização do clube e de aumento da receptividade, pois o Eucaliptos, ao contrário do estádio do rival, localizava-se nos arrabaldes da cidade, em um bairro ocupado pela classe trabalhadora, próximo das partes mais pobres da cidade, e mesmo assim o novo equipamento tinha uma capacidade maior que a do rival<sup>598</sup>. Além de inovar em alguns outros elementos arquitetônicos, acabavam por promover uma ruptura, de certa

---

<sup>596</sup> A Federação, edição 63, 16 de março de 1931.

<sup>597</sup> A Federação, edição 53, 4 de março de 1931.

<sup>598</sup> MASCARENHAS, Gilmar., 2012, Op. Cit., p. 78.

maneira, com o elitismo inerente ao fortim da Baixada e o que representava; assim, abrindo caminho para um período que seria marcado pela aceitação de jogadores negros e pobres em suas fileiras, ainda no final da década de 1930, e sobretudo oriundos da Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense<sup>599</sup>. Além disso, estádio ficava próximo de dois redutos da população negra: a Ilhota e o Areal da Baronesa.

A partir do estabelecimento do Eucaliptos, o Internacional passou por um processo de consolidação enquanto “Clube do Povo”. O período da década de 1940 foi marcado pelas ações de Vicente Lomano Rao (1908-1972). Eminente incentivador do carnaval e sócio, Rao foi criador da primeira torcida organizada do time, organizando em 1940 o *Departamento de Cooperação e Propaganda do Internacional*, dando às arquibancadas um forte tom carnavalesco, e adotando ainda a cabrita “Chica” como mascote<sup>600</sup>.

Em 18 de maio de 1946, pela primeira vez o Colorado foi associado mais diretamente à figura do negro. O chargista Pompeo, do periódico Folha da Tarde, criou uma série intitulada *A Grande Família*, em homenagem aos disputantes do campeonato da cidade, e coube ao Doutor Marmita, um elegante negro, vestido de terno branco, chapéu, gravata com brilhante e polainas, a tarefa de representar um torcedor do Internacional<sup>601</sup>. Além disso, na década de 1950 ocorreu a adoção da figura do “Negrinho”, uma personagem cheia de ironia e malandragem, que aparecerá inicialmente nos jornais Folha Desportiva e A Hora, e que com o tempo se transformaria no Saci<sup>602</sup>.

O Grêmio por sua vez, ainda possuía fortes elementos que o caracterizam enquanto um clube elitista e ligado aos alemães. Desde o seu estádio, passando pelo mosqueteiro (esgrimista da corte do rei francês), e a não aceitação oficial de jogadores negros. Soma-se a isso o contexto das décadas de 1930 e 1940, onde, durante o governo

---

<sup>599</sup> MASCARENHAS, G.. **A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade**; Espaço e Cultura. Espaço e Cultura (UERJ), v. 19-20, 2005, p. 66.

<sup>600</sup> Correio do Povo 04 de abril 1909, p. 26

<sup>601</sup> INTERNACIONAL. Agenda Histórica Internacional, maio 2008.

<sup>602</sup> O Saci-Pererê, personagem do folclore brasileiro, originado das tribos indígenas do sul do Brasil, e com influência da mitologia africana, da qual o personagem adota características com o passar do tempo, como a luta de capoeira (um dos motivos de ter perdido uma das pernas), a sua personalidade intensamente marcada pela travessura, malícia e brasilidade, se contrapondo aos estereótipos do rival. O escritor Monteiro Lobato, em 1917 promove um inquérito sobre o Saci que resulta em um livro denominado: *O Sacy-Pererê – resultado de um inquérito*, e em 1921 foi lançado o livro infantil *O Saci*, que compõe os volumes do Sítio do Pica-Pau Amarelo, veículo pelo qual o personagem se tornaria famoso nacionalmente. Segundo Miriam Blonski, “O pioneirismo de Monteiro Lobato o fez privilegiar o Saci-Pererê como símbolo do espírito nacional, uma espécie de produto da fantasia imaginativa das três raças formadoras do povo brasileiro, importante mito da Cultura Popular e do Folclore”. MASCARENHAS, Gilmar, 2005, Op. Cit., p. 66; BLONSKI, Míriam Stella. “Saci, de Monteiro Lobato: um mito nacionalista”. Em Tese, Belo Horizonte, v. 8: p. 163-171, Dezembro, 2004, p. 164.



de Getúlio Vargas e a luta do Brasil contra os países do Eixo, ocorreu um forte afã nacionalista.

O Estádio dos Eucaliptos, quando iniciou suas atividades, ainda era uma exceção dentre os equipamentos no país. Fez parte dos primogênitos. Na Capital Federal existiam as Laranjeiras (1914) e o São Januário (1927), com capacidade de 21.800, sendo o maior da América do Sul. Na cidade de São Paulo existia o Parque São Jorge - Estádio Alfredo Schürig - (1928) com capacidade de 15.000, e o Estádio Conde Rodolfo Crespi (1929)<sup>603</sup> com capacidade de 3.800, todos privados. De todos os estádios utilizados como sedes da Copa do Mundo de 1950, o equipamento gaúcho era o mais antigo.

### **Imagem 8. Estádio dos Eucaliptos**



FONTE: Memorial do Internacional<sup>604</sup>

---

<sup>603</sup> Pertencente ao Clube Atlético Juventus (1924), clube fundado por funcionários do Cotonifício Rodolfo Crespi.

<sup>604</sup> INTERNACIONAL. Imagem aérea dos Eucaliptos. Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com.br/2016/03/inauguracao-do-estadio-dos-eucaliptos.html>

Em julho de 1946, no Congresso da FIFA, realizado em Luxemburgo, o Brasil foi eleito como sede da primeira Copa do Mundo pós Segunda Guerra mundial. O então presidente brasileiro, Marechal Eurico Gaspar Dutra, expediu o decreto lei 9.912 de setembro de 1946, que dispunha sobre a construção de praças de esporte. O decreto legislava sobre dois pontos centrais: o Presidente da República era autorizado a tomar providencias referentes a desapropriações, permuta e cessão de imóveis, e também cabia ao executivo estabelecer a concessão e reforma de empréstimos, sob as garantias hipotecárias para a construção dos estádios<sup>605</sup>.

O campeonato seria realizado em 1949, sendo que em janeiro de 1947 existiam, conforme a CBD, apenas dois estádios confirmados para a Copa do Mundo: São Januário e Pacaembu<sup>606</sup>. Todavia, após congresso da FIFA em Amsterdam, em setembro de 1947, a Comissão Executiva da entidade sugeriu a CBD o adiamento do campeonato para 1950. O principal motivo elencado pela entidade foi o curto período de tempo após as Olimpíadas de Londres de 1948<sup>607</sup>.

Em virtude da Copa do Mundo de 1950, o estádio dos Eucaliptos entrou na disputa com o Estádio da Montanha do Esporte Clube Cruzeiro para ser sede dos jogos em Porto Alegre, e o Eucaliptos, naquela altura com quase vinte anos de uso, precisou passar por algumas reformas, como a construção de uma arquibancada de concreto de 80 metros de comprimento e com 60 degraus, o que fez a capacidade do estádio aproximar-se dos 35 mil lugares. O pavilhão da rua Silvério, que era de madeira, foi demolido, e em seu lugar foi erguido um em concreto.

Para as obras o clube contou com a ajuda financeira de C\$ 500 mil da prefeitura da capital, governada pelo antigo presidente do clube, o engenheiro Ildo Meneghetti, e que depois fora eleito governador, nas eleições de 1954. Além disso, o clube ainda poderia contar com o montante de 5% sobre a renda bruta dos dois jogos disputados em Porto Alegre.

Em 25 de junho de 1950, o estádio foi reinaugurado em partida válida entre Internacional e Grêmio, com vitória dos tricolores por um a zero. Poucos dias depois foram realizados os dois jogos da Copa do Mundo: Iugoslávia 4 x 1 México (28/06/1950)

---

<sup>605</sup> BRASIL. Decreto 9.912/47. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9912-17-setembro-1946-417224-publicacaooriginal-1-pe.html>

<sup>606</sup> Jornal dos Sports, edição 5345, 21 de janeiro de 1947.

<sup>607</sup> Jornal dos Sports, edição 5551, 21 de setembro de 1947.



e México 1 x 2 Suíça (02/07/1950). Os dois jogos somaram 14.658 ingressos vendidos (Cr\$15.490.000)<sup>608</sup>.

Contudo, ainda na década de 1950, o Eucaliptos ficaria pequeno para a crescente torcida colorada, e principalmente para concorrer com o novo estádio do seu grande rival inaugurado em 1954.

### **3.2.2. O Beira-Rio: a boia cativa**

A década de 1950 marcou intensamente a capital gaúcha quanto ao seu planejamento urbano. Após as reformas urbanísticas baseadas nos ideais *haussmannianos*, de cunho higienista e sanitarista, o poder público começava uma nova fase de planejamento da cidade com a edição do plano diretor de 1959 (o primeiro dentre as capitais brasileiras), elaborado por Edvaldo Pereira Paiva e Demétrio Ribeiro Neto.

Outro passo importante foi dado em 1942, quando Edvaldo Paiva deu início à elaboração do chamado "Expediente Urbano de Porto Alegre", que resultou numa completa radiografia da cidade. Cerca de dez anos mais tarde, Paiva e Demétrio Ribeiro organizaram um anteprojeto de planificação inovador para a época, o qual fixava normas a serem seguidas pelas quatro funções urbanas: habitação, trabalho, lazer e circulação. Pela primeira vez, houve preocupação em sugerir um esquema de zoneamento onde as áreas residenciais eram divididas em unidades de habitação e onde constavam as áreas industriais e comerciais.

O Internacional planejava desde a década de 1950 a construção de um novo estádio de futebol que fosse capaz de o igualar e ultrapassar o estádio Olímpico, um estádio que definitivamente colocasse o clube entre os grandes do país, pois os Eucaliptos, frente aos grandes equipamentos ao redor do país era muito pequeno. O projeto do novo estádio foi apresentado à Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, em setembro de 1956, pelo vereador Ephraim Pinheiro Cabral (presidente do Internacional nos anos de 1951, 1952, 1960, 1966 e 1967). O município, através do legislativo, por meio de lei nº 1.651 de 9 de outubro de 1956<sup>609</sup>, promoveu a doação ao Internacional de uma área de sete hectares às margens do rio Guaíba. Para tanto, seria necessário o aterro de parte considerável do rio Guaíba, daí as palavras jocosas de “boia cativa”, para o futuro estádio.

---

<sup>608</sup> DESPORTOS, Confederação Brasileira de. Relatório oficial da Copa de 1950: IVº Campeonato Mundial de Futebol - Taça Jules Rimet | Brasil 50. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Desportos, 1950.

<sup>609</sup> PREFEITURA PORTO ALEGRE. Lei nº 1.651/56. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/netahtml/sirel/atos/Lei%201651>

Em dezembro de 1968, a lei nº 3.225<sup>610</sup> alterou o artigo 1º da lei anterior, aumentando o tamanho do terreno para 13,1 hectares. Pelo menos mais três leis municipais alteraram o tamanho dos terrenos do Internacional: lei nº 3.921, de 21 de outubro de 1974, lei nº 6.150, de 12 de julho de 1988 e lei nº 511 de 21 de dezembro de 2004<sup>611</sup>, que aumentaram, ao todo, o tamanho do terreno do clube para 15 hectares.

A comissão de obras (Comissão Pró-Estádio Beira-Rio) foi formada e presidida pelo comerciante português e presidente do conselho deliberativo José Pinheiro Borda (falecido em 1965, durante as obras), pelo contador Aldo Dias Rosa (que substituiu Pinheiro Borda), pelos engenheiros Telmo Flores, Ruy Tedesco, Arno Larsen e Eraldo Hermann. A pedra fundamental foi lançada em julho de 1963, em missa campal que contou com a presença de autoridades civis e religiosas, além das bandas marciais dos colégios Assunção e das Dores<sup>612</sup>

Durante das obras, a Campanha do Tijolo, feita a partir de 1962, foi simbolicamente muito importante. Pois através da campanha de arrecadação de materiais de construção, como tijolos, areia, vergalhões de ferro e sacos de cimento o torcedor pode participar ativamente da construção e, mais do que isso, sentir-se como parte integrante da construção do estádio Beira Rio. Mais importante do que a contribuição material efetiva desses torcedores no montante total dos gastos materiais, a campanha propiciou, sem dúvida, o desenvolvimento de uma noção de pertencimento e de integração entre o clube e seus torcedores.

As obras tiveram início apenas em 1959, durando praticamente toda década de 1960. Período que dentro de campo foi um mercado por escassas conquistas para o clube. O Beira-Rio nasce justamente durante o período em que o futebol já estava, podemos dizer, consolidado como o principal esporte nacional. Em 6 de abril de 1969, domingo de Páscoa, realizou-se a inauguração do Beira-Rio, tendo o estádio custado, no total, a soma de NCR\$ 3.428.000 (Cruzeiro novo)<sup>613</sup>. A partida inaugural teve como resultado a vitória do Internacional por 2 a 1 contra o Sport Lisboa e Benfica (liderado pelo atacante português Eusébio, que fora o artilheiro da Copa do Mundo de 1966 e da temporada

---

<sup>610</sup> PREFEITURA PORTO ALEGRE. Lei nº 3.225/68. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/netahtml/sirel/atos/Lei%203225>

<sup>611</sup> PREFEITURA PORTO ALEGRE. Lei nº 511/04. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000027589.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT>

<sup>612</sup> Jornal Última Hora 08/07/1963, p. 23

<sup>613</sup> O salário mínimo em maio de 1969 era NCR\$ 156,00 ou o carro do ano Corcel, NCR\$ 12.985.

européia de 1968). Ainda estavam presentes no festival de inauguração, o Grêmio e o Club Atlético Peñarol.

### **Imagem 9. Construção do estádio Beira-Rio**



Fonte: Arquibancada Colorada<sup>614</sup>

Na época afirmava-se que o estádio tinha a capacidade de 110.000 lugares, apesar de o próprio Ruy Tedesco afirmar posteriormente que o estádio comportaria apenas 89.564 pessoas (baseado no cálculo que o no metro linear coubesse 2,69 pessoas)<sup>615</sup>. Destes 25.000 lugares eram de cadeiras, divididas 14.000 comuns, 4.000 numeradas, 4.000 cativas, 2.000 paraninfos e 1.000 perpetuas.

Contudo, o espaço do estádio que mais obteve destaque foi o setor da popular. Planejado a partir das inspirações do espaço da geral do Maracanã. Existem algumas hipóteses para o espaço popular que existiu por 35 anos ser chamado de coreia. Uma das hipóteses é que foi importado das brigas e do corre-corre que existiam no setor da popular no Maracanã, durante o início dos anos 1950, mesmo período da Guerra da Coreia (1950-53)<sup>616</sup>. O projeto inicialmente de um espaço popular formava uma elipse, com o decorrer do tempo seu eixo foi deixado aumentado, formando um setor que tinha capacidade próxima a 15 mil lugares, e que circundava todo campo de jogo. Segundo, entrevista do

---

<sup>614</sup>ALAMBRADO COLORADO. Disponível em: [http://www.alambrado.net/wp-content/uploads/2015/09/o\\_internacional\\_estadio\\_beira\\_rio-278228.jpg](http://www.alambrado.net/wp-content/uploads/2015/09/o_internacional_estadio_beira_rio-278228.jpg)

<sup>615</sup> Zero Hora 24 de setembro 1969, p.32.

<sup>616</sup> Zero Hora, 22 de maio 2004,

engenheiro Lúcio Regner, que participou das obras do estádio Beira-Rio, o espaço só não foi maior porque o engenheiro Ruy Tedesco, responsável pela obra, defendia a necessidade de o estádio possuir uma pista atlética, assim como o estádio Olímpico do Grêmio.

#### Imagem 10. Charge sobre a Coréia



Fonte: Jornal Zero Hora<sup>617</sup>

Assim, o espaço era composto por nove degraus com oito centímetros de altura e 49 centímetros de comprimento, logo abaixo das arquibancadas inferiores. O espaço mais próximo do campo, era separado por um muro que antecedia o fosso, o qual representava o maior obstáculo físico ao gramado. Todos precisavam assistir ao jogo em pé, uma vez que, o setor estava a baixo do nível do gramado. Conforme Tempass, aquele espaço era frequentado por dois tipos de torcedores: os nativos e os eventuais. Os primeiros são os que frequentam os jogos naquele local de forma mais frequente, guiados por noção de pertencimento, enquanto os segundos estão de forma mais eventual, trazidos sobretudo por dificuldades financeiras.

“a maioria dos “nativos” não possuem problemas financeiros. Alguns deles são sócios do Inter, tendo direito a frequentar a arquibancada social. Eles se associam para ajudar financeiramente o clube e usufruir das dependências do Parque Gigante”. Outros assistem os jogos na “Coréia” enquanto a esposa e os filhos assistem os jogos das cadeiras. [...] Já os torcedores “coreanos eventuais” não gostam da “Coréia”, mas a frequentam porque não possuem recursos econômicos para acessar as outras arquibancadas. Se tivessem melhores

<sup>617</sup> Última Hora, 06 de março 1971, p.21.

condições não frequentariam a “Coréia”. Em todos os jogos tem alguns torcedores “eventuais”<sup>618</sup>.

Além disso, o Beira-Rio possuía sistema de som com doze caixas acústicas, sistema de seis torres de concreto armado com 400 lux de intensidade luminosa (o Maracanã possui 180 lux)<sup>619</sup>, e placar eletrônico (único no período). As cabines de imprensa mediam 75 metros, sendo quatro cabines de televisão, quatro para imprensa escrita e vinte para o rádio<sup>620</sup>. Além de 40 bilheterias, 37 sanitários (masculinos e femininos), vinte bares<sup>621</sup> e 5.000 vagas de estacionamento.

### 3.2.3. “O Gigante Para Sempre”

Desde o início da gestão de Fernando Carvalho<sup>622</sup> na presidência do Internacional (2002-2006), o clube passou a proceder uma série de reformas e reestruturações em seu estádio (como a construção de novos vestiários e suítes). Em 2003 o objetivo maior era entregar um estádio remodelado no ano do centenário do clube (2009), a partir das obras na área voltada para a Avenida Beira-Rio<sup>623</sup>.

Em 21 de julho de 2003, o Conselho Consultivo do Internacional<sup>624</sup> recomendou por unanimidade ao Conselho Deliberativo a aprovação de reformas no estádio Beira-Rio e ginásio Gigantinho. Em reportagem no site oficial do clube, de 22 de julho de 2003, além de anunciar a recomendação do Conselho Consultivo, era apresentada uma matéria em anexo explicando os porquês da reforma e porque seria implementada:

“O futebol brasileiro está entrando em uma nova era. A perspectiva da realização das Olimpíadas de 2012 no Brasil e o surgimento do Estatuto do Torcedor exigem mudanças conceituais e estruturais no nosso esporte. Adequando-se a este novo momento, o Sport Club Internacional elaborou o novo Plano Diretor do Complexo Gigante da Beira-Rio, que será levado à aprovação pelos Conselheiros do Clube nos próximos dias. Neste plano está previsto um grande projeto de modernização do estádio Beira-Rio e do ginásio Gigantinho. A intenção é transformar o complexo colorado em um empreendimento imobiliário de aproveitamento comercial permanente, mas sem nenhuma interferência na atual construção, com exceção do erguimento de quatro torres de acesso privilegiado. A parte externa do Beira-Rio passaria por uma reforma básica de acabamento, onde seriam agregados lojas e serviços

---

<sup>618</sup> TEMPASS, Martin César. **Os Malditos da Coréia: um estudo antropológico sobre os torcedores da arquibancada popular do Estádio Beira Rio – Porto Alegre – RS**. 2003, p. 38-39.

<sup>619</sup> Zero Hora, 05 de abril 1969, p.45.

<sup>620</sup> Zero Hora, 05 de abril 1969, p. 45.

<sup>621</sup> Zero Hora, 05 de abril 1969, p. 48.

<sup>622</sup> Fernando Chagas Carvalho Neto (1952), advogado, primeiro presidente a ser eleito com o voto direto do associado do clube.

<sup>623</sup> Correio do Povo, 16 de outubro 2003, p. 27.

<sup>624</sup> Compunham o Conselho: Fernando Carvalho, Arthur Dallegre, José Asmuz, Manoel Braga Gastal, Eraldo Hermann, Roberto Borba, Pedro Paulo Zachia, Paulo Rogério Amoretty, Luiz Augusto Bastian de Carvalho, Luiz Carlos Carvalho Leite, Aldo Dias Rosa, Waldemar Khun e Adalberto Burlamaqui.

(bancos, farmácias, padarias etc) de funcionamento 24h. No interior do Gigante seriam construídos bares temáticos, três restaurantes, suítes e salões de eventos, todos acessados privilegiadamente pelas quatro torres construídas ao redor do estádio.

No primeiro pavimento (térreo), voltado para Avenida Padre Cacique, o vestiário do time visitante deslocaria-se para outro lado do estádio, atendendo à exigência da FIFA, que prevê saída das duas equipes pelo mesmo túnel. A parte administrativa do Clube também transfere-se para o lado da Avenida Beira-Rio.

A modernização virá ao encontro dos novos padrões de acomodação estipulados pelo Estatuto do Torcedor e pela FIFA, que visa dar segurança e conforto aos torcedores. Os lugares das arquibancadas passariam a ser todos numerados com a colocação de assentos e poltronas, e a “coréia” cederia espaço para a ampliação da arquibancada inferior. “A reforma será necessária mais cedo ou mais tarde. Todos os estádios terão que ser adaptados às novas exigências”, afirma o autor do projeto, o arquiteto Washington Fiuza. Ambos os projetos podem ser executados em módulos, sem a necessidade do interrompimento das atividades do clube. A modernização do complexo está orçada em 50 milhões de reais, e os recursos seriam adquiridos através de patrocínio e de empresas investidoras. O tempo da reforma pode durar de seis meses a dois anos, dependendo do volume de investimento”<sup>625</sup>

A aprovação do projeto foi realizada no dia 11 de agosto de 2003, por ampla maioria do Conselho Deliberativo do Clube. Assim tanto o estádio quanto o ginásio Gigantinho poderiam “se tornar áreas com maior aproveitamento comercial, gerando receitas para o Clube e diminuindo os seus custos de manutenção, além de redução de espaços ociosos”<sup>626</sup>. Deste modo, o projeto apresentava ainda a instalação de lojas, restaurantes e bares temáticos, além de espaço para eventos variados<sup>627</sup>.

Contudo, o projeto de remodelação começou a assumir formas mais nítidas a partir do final de 2006. Pouco antes de assumir como novo presidente, Vitório Píffero<sup>628</sup> expôs sua intenção de transformar o Beira-Rio, em dois âmbitos centrais: tornar o estádio um local para as famílias – o que implicava em tornar o estádio capaz de prover a polícia informações em tempo real sobre conflitos e atos de violência (com melhoramento de câmeras de vigilância); e a continuidade do processo de modernização, que implicava no início das obras de cobertura das arquibancadas, as quais deveriam iniciar ainda no ano vindouro de 2007<sup>629</sup>. Poucos dias depois, ainda em dezembro de 2006<sup>630</sup>, chegaram então à imprensa as primeiras intenções de promover a cobertura do Beira-Rio, que teria sua

---

<sup>625</sup> INTERNACIONAL. Conselho Consultivo recomenda aprovação da reforma do Beira-Rio. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=387>

<sup>626</sup> Internacional. Conselho do clube aprova projeto de modernização do complexo Beira-Rio. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=423>

<sup>627</sup> Idem

<sup>628</sup> Vitório Píffero, engenheiro civil, foi eleito e reeleito para os mandatos de 2007-10, era vice-presidente de Fernando Carvalho.

<sup>629</sup> Correio do Povo, 24 e 25 de dezembro 2006, contracapa.

<sup>630</sup> Correio do Povo, 31 de dezembro 2006 e 1º janeiro de 2007, contracapa



inspiração na cobertura do Estádio da Luz<sup>631</sup> (clube português S.L. Benfica), inaugurado em 2003, tendo sido construído para receber aos jogos da Eurocopa de 2004, e, por conseguinte, conforme o padrão de qualidade exigido pela FIFA.

Em março de 2003, após a FIFA apontar para América do Sul como sede do torneio de 2014, a Confederação Sul-Americana, em reunião com suas dez federações representantes, decidiu por aclamação que o Brasil seria sede do evento<sup>632</sup>. A candidatura oficial do Brasil foi feita em 13 de dezembro de 2006, e o país inicialmente concorreu com a Colômbia, que também tinha interesse em ser sede do campeonato. A delegação do Internacional viria a saber então justamente durante os dias nos quais o estava no Japão, disputando a Copa do Mundo de Clubes da Fifa<sup>633</sup>, que clube que o Brasil havia sido confirmado como candidato à sede da Copa.

Isto abriu caminho para o início da disputa Grenal para o posto de um dos estádios-sede. Cada qual com sua estratégia. Os azuis com ambição de construir uma nova arena, e os vermelhos com o plano de reforma do seu estádio<sup>634</sup>.

Em 2007<sup>635</sup> foi “vazada” pela primeira vez uma imagem do projeto de reforma do Beira-Rio (durante o mesmo período em que o Grêmio encaminhava a intenção da construção de seu novo estádio), onde a intenção verificada era a de instalar uma cobertura no estádio. Na época, a direção colocava o intento da obra como atrelada aos festejos do centenário do clube, que seria em abril de 2009.

Não obstante, pouco tempo depois, em maio, durante uma visita do Ministro do Esporte Orlando Silva, a direção do Internacional apresentou oficialmente o projeto de remodelação do complexo do Beira-Rio. Projeto nomeado de “Gigante para Sempre”, na época a cobertura era o único item principal, todavia aquele incipiente plano apontava para o desejo da edificação de um prédio com estacionamentos, cabines de imprensa, museu, praça de alimentação, hotel, lojas e reforma integral do Gigantinho<sup>636</sup>.

---

<sup>631</sup> Segundo o Jornal Correio do Povo, o modelo surgiu a partir da conjunção de ideias do engenheiro Pedro Affatato (vice-presidente de patrimônio do Internacional 2005-2006) e do engenheiro Emídio Marques Ferreira (vice-presidente de patrimônio do Internacional 2007-2008), onde Emídio Ferreira que é português visitara o Estádio da Luz, percebendo que aquela cobertura poderia ser um exemplo a ser seguido.

<sup>632</sup> Correio do Povo, 18 de março, 2003.

<sup>633</sup> Correio do Povo, 14 de dezembro, 2006, p.34.

<sup>634</sup> Correio do Povo, 22 de dezembro, 2006, contracapa

<sup>635</sup> Correio do Povo, 09 de março, 2007, contracapa.

<sup>636</sup> Correio do Povo, 15 de maio, 2007, contracapa.

### Imagem 11. Primeira imagem do projeto de modernização



Fonte: Correio do Povo, 15 de maio, 2007, contracapa

O projeto de reforma ou modernização do estádio Beira-Rio foi cada vez mais se atrelando a possibilidade de o equipamento receber os jogos do mundial FIFA de 2014. O estádio do Beira-Rio foi, enfim, escolhido pela CBF, em agosto de 2007<sup>637</sup>, como o equipamento de Porto Alegre para receber as partidas da Copa, o qual havia sido visitado por uma Comissão de inspeção da FIFA, acompanhado pelo presidente da CBF, da FGF e outras autoridades governamentais estaduais e municipais<sup>638</sup>.

A escolha do estádio colorado não passou incólume às rivalidades locais, e serviu para acirrar ainda mais as disputas entre vermelhos e azuis. Quando houve a visita da comissão de inspeção da FIFA, o futuro “Gigante para Sempre” ainda era muito incipiente. O projeto apresentado em vídeo pelo clube consistia no aumento da capacidade de 54 mil para 60 mil espectadores, todos sentados em cadeiras numeradas, com cobertura metálica sobre todos assentos, ampliação e modernização dos vestiários, construção de novos camarotes, e reforma nas suítes, cabines e salas de imprensa. Além da construção de novas benfeitorias no complexo do Beira-Rio, com edificação de um shopping center, de edifício garagem e área de lazer. Além de um aeromóvel, uma marina e até um parque temático contíguo ao Marinha do Brasil, bem como duas torres de quinze andares para fins comerciais<sup>639</sup>.

<sup>637</sup> Correio do Povo, 31 de agosto, 2007, contracapa.

<sup>638</sup> Correio do Povo, 31 de agosto, 2007, p. 39.

<sup>639</sup> Correio do Povo, 31 de agosto, 2007, contracapa.



Com o anúncio oficial do Brasil como sede em 30 de outubro de 2007<sup>640</sup>. A capital gaúcha concorria a partir de então com outras 17 capitais (Florianópolis, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Goiânia, Campo Grande, Cuiabá, Rio Branco, Manaus, Belém, Salvador, Recife, Maceió, Natal e Fortaleza) como possíveis cidades sedes<sup>641</sup>.

O ano de 2008, foi marcado pelas negociações do clube com o poder público local, uma vez que o projeto precisava ser aprovado pelo legislativo municipal, visto que a obra impactaria sobremaneira na arquitetura da cidade<sup>642</sup>. Em sessão da Câmara dos Vereadores (29 de dezembro), no mínimo tensionada, ocorreu a aprovação dos projetos da construção da Arena e da reforma do Beira-Rio, que modificavam o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA) da cidade em pelo menos sete áreas nos bairros Menino Deus, Azenha e Humaitá<sup>643</sup>.

O Internacional também foi beneficiado pelo poder público municipal com uma concessão de terreno na avenida Padre Cacique, com área equivalente a 43.228,74m<sup>2</sup>. A concessão para utilização do espaço por parte do clube teria o tempo de vinte anos. A princípio, o espaço estava planejado para uso de estacionamento, em conformidade com a concessão. O Internacional deveria fazer o pagamento mensal de 25 mil reais entre outras contrapartidas<sup>644</sup>.

No final do ano, iniciaram-se os trâmites para a venda do terreno onde localizava-se o antigo estádio dos eucaliptos, um recurso que seria fundamental para a obra naquele momento. O negócio deveria render aproximadamente R\$ 20 milhões aos cofres do clube<sup>645</sup>.

Após a primeira visita ao Beira-Rio, por integrantes da FIFA e do Comitê Organizador Brasileiro, ainda em 2009, estava sentenciado que o estádio do colorado seria a sede de Porto Alegre, caso a capital gaúcha fosse escolhida dentre as candidatas.

---

<sup>640</sup> Correio do Povo, 30 de outubro, 2007, contracapa.

<sup>641</sup> Para concorrer junto das outras cidades, Porto Alegre precisou assinar termo no qual garantiu isenções tributárias a pessoas jurídicas e estabelecimentos comerciais vinculados ao evento. Que na prática garantia renúncia tributária frente a publicidade e a rede de hotelaria. (Correio do Povo, 13 janeiro 2009, p. 19)

<sup>642</sup> Correio do Povo, 16 de março, 2008, p. 18.

<sup>643</sup> Correio do Povo, 30 de dezembro, 2008, p.07.

<sup>644</sup> PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Lei N° 10.400/2008. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000029646.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT>

<sup>645</sup> Correio do Povo, 1º de abril, 2008, p. 19.

A única condição era continuar atendendo as exigências da FIFA dentro dos prazos<sup>646</sup>. É de interesse notar que as obras de fato ainda não haviam sido iniciadas naquele período.

Então, em 31 de maio de 2009, a FIFA anunciou em seu congresso em Bahamas as doze cidades sedes da Copa de 2014 (duas a mais que o pretendido pela entidade). Porto Alegre foi escolhida e por consequência o estádio Beira-Rio<sup>647</sup>. A casa colorada era a principal aposta, contudo não a única, “Com aproximadamente 95% das obras concluídas, o estádio oficial da Copa é o Beira-Rio. Mas isso não impedirá que o Grêmio construa sua arena e coloque à disposição da FIFA. Porto Alegre será a única cidade a ter dois estádios com os padrões exigidos pela Fifa”, destacou Fortunati<sup>648</sup>. Os estádios sedes deveriam ser entregues até dia 31 de dezembro de 2012<sup>649</sup>, o que se traduzia aproximadamente 42 meses.

A partir de junho de 2009, estava estabelecido em definitivo que todos os estádios construídos ou reformados deveriam ser entregues até dia 31 de dezembro de 2012. Assim o Internacional deveria entregar o estádio uma ano e meio antes dos jogos. O objetivo era estar apto a receber as partidas do evento teste, a Copa das Confederações de 2013. Um dos projetos principais era cobrir o estádio (mesmo que a FIFA não exigisse), obra que estava orçada em R\$ 90 milhões, e que com novas exigências da FIFA, passou para R\$ 130 milhões<sup>650</sup>.

A ideia inicial do clube era contar com recursos próprios para a reforma do Beira-Rio, “todos os investimentos serão do próprio Inter. Não receberemos um centavo sequer do poder público”, enfatizou Emídio Ferreira, que estava presente na reunião do Comitê Organizador da Copa de 2014. Segundo ele, o projeto “Gigante para Sempre” foi bastante elogiado, “Porto Alegre e o Beira-Rio estão na frente da maioria das outras sedes. Já temos meio caminho andado”, amenizou o vice de patrimônio<sup>651</sup>. No período, o custo do projeto estava avaliado em 130 milhões de reais, sendo que seriam arrecadados 100 milhões através da venda 100 camarotes e os 30 milhões restantes pela venda da área do antigo Eucaliptos (que inicialmente seria algo próximo 20 milhões).

Em setembro de 2009, o Internacional iniciou as obras de cobertura do estádio<sup>652</sup> com a instalação de cinco pilares de 23 metros que serviriam para fazer toda a sustentação

---

<sup>646</sup> Correio do Povo, 1ª de fevereiro, 2009, contracapa.

<sup>647</sup> Correio do Povo, 01 de junho, 2009, p.20.

<sup>648</sup> Correio do Povo, 02 de junho, 2009, p.22.

<sup>649</sup> Correio do Povo, 10 de junho, 2009, p.26.

<sup>650</sup> Correio do Povo, 09 de junho, 2010, contracapa

<sup>651</sup> Correio do Povo, 10 de junho, 2009, p.26.

<sup>652</sup> Correio do Povo, 09 de setembro, 2009, p.23.

da estrutura que cobriria o estádio<sup>653</sup>. Os pilares foram muito mais implementações simbólicas, pois o clube não tinha capital para dar continuidade na obra. Os trabalhos só continuariam a partir da venda da antiga área do estádio dos Eucaliptos, negociação que estava emperrada por problemas judiciais envolvendo impostos atrasados e um processo por uso capião<sup>654</sup>.

O clube inicialmente se recusava a adquirir empréstimos para tocar as obras, os capitais deveriam advir todos do patrimônio do clube. Até um financiamento inicialmente aventado junto ao BNDES foi recusado. O vice-presidente de patrimônio, Emídio Marques Moreira, após reunião com o BNDES, colocou que as condições não eram vantajosas e que o clube não precisava de um financiamento, apenas a isenção de impostos que havia sido prometida<sup>655</sup>

Em setembro de 2009, o então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, autorizou a abertura de uma linha de crédito através do BNDES (BNDES ProCopa Arenas)<sup>656</sup> com a finalidade de financiar até 75% do valor da construção e reforma dos estádios para a Copa. O valor total do crédito em 400 milhões por equipamento que poderiam ser quitados junto ao BNDES em um período de até 12 anos. Inicialmente a linha de financiamento não iria beneficiar os estádios particulares, fazendo com que o projeto de reforma do Beira-Rio, não pudesse adquirir o auxílio. Foi apenas no dia 27 de outubro de 2009<sup>657</sup>, com posterior decreto do Conselho Monetário Nacional<sup>658</sup>, que a mesma linha de financiamento foi garantida também aos estádios privados, os quais poderiam adquirir empréstimos nos mesmo valores e a partir das mesmas garantias.

Contudo, mesmo após haverem se iniciado em todos os estádios, as obras do Beira-Rio continuavam paradas, e o Internacional negando-se a contratar o empréstimo

---

<sup>653</sup> INTERNACIONAL. Nota oficial do S.C.I. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=9623>

<sup>654</sup> Correio do Povo, 11 de setembro, 2009, p.30.

<sup>655</sup> Correio do Povo, 11 de outubro, 2009,

<sup>656</sup> BNDES. Programa BNDES de Arenas para a Copa do Mundo de 2014 - BNDES ProCopa Arenas. Disponível em: [http://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/patrocinios/patrocinio-ao-esporte/bndes-procopa-arenas!/ut/p/z0/IZDLboMwEEW\\_JQuWlt20IHWJ-khUQJW6qBJv0MQYMm3wGNtE\\_fw1EUWSaos7zzOnTtc8g2XBo7YQUAYcIh6K7O6fCxe1g\\_volx9iDuRp8Vr\\_vlc3K-yIL9xeXkgr9KJsHTVU9VxaSHsGZqW-AaU9p5m4XpQQNdB2Xo5gfBrGGT0pSIT9E\\_gm51ptK\\_R-IBhVPPJidhTrxPx5wAnHomw2nWjCeDr1ulh1BHjE9FAQ561aMAohD5Wo4weSjcYOxci\\_Ld1NdD0uyPYORKzjhRZYOC0AX9r9oiL-2iQ\\_KlgQEx7Sy7EmbM-9lvu0sOxbKuQbvPF4hdUVucL/](http://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/patrocinios/patrocinio-ao-esporte/bndes-procopa-arenas!/ut/p/z0/IZDLboMwEEW_JQuWlt20IHWJ-khUQJW6qBJv0MQYMm3wGNtE_fw1EUWSaos7zzOnTtc8g2XBo7YQUAYcIh6K7O6fCxe1g_volx9iDuRp8Vr_vlc3K-yIL9xeXkgr9KJsHTVU9VxaSHsGZqW-AaU9p5m4XpQQNdB2Xo5gfBrGGT0pSIT9E_gm51ptK_R-IBhVPPJidhTrxPx5wAnHomw2nWjCeDr1ulh1BHjE9FAQ561aMAohD5Wo4weSjcYOxci_Ld1NdD0uyPYORKzjhRZYOC0AX9r9oiL-2iQ_KlgQEx7Sy7EmbM-9lvu0sOxbKuQbvPF4hdUVucL/)

<sup>657</sup> Correio do Povo, 28 de outubro de 2009, contracapa

<sup>658</sup> BANCO CENTRAL DO BRASIL. Resolução Nº 3801 do Conselho Monetário Nacional. Disponível em: [https://www.bcb.gov.br/pre/normativos/busca/downloadNormativo.asp?arquivo=/Lists/Normativos/Attachments/47478/Res\\_3801\\_v1\\_O.pdf](https://www.bcb.gov.br/pre/normativos/busca/downloadNormativo.asp?arquivo=/Lists/Normativos/Attachments/47478/Res_3801_v1_O.pdf)

do BNDES. Em 13 de janeiro foi assinada a Matriz de Responsabilidade<sup>659</sup> entre o governo federal, o Rio Grande do Sul, Porto Alegre e o Internacional. No documento constavam as verbas destinadas a cada obra de mobilidade urbana para a Copa das Confederações de 2013 e Copa do Mundo de 2014, além também do valor de R\$ 130 milhões para as obras referentes à reforma do estádio Beira-Rio<sup>660</sup>, que tinha o dia 31 de março como prazo final estabelecido pela FIFA para o início das obras.

A diretoria do Internacional, na figura de dois de seus dirigentes, deu as seguintes declarações: “não buscamos dinheiro: Nossa intenção continua sendo a de reformar o Beira-Rio com dinheiro próprio”<sup>661</sup>, disse o vice-presidente Mario Sérgio Martins, e ainda “não temos interesse algum nesse dinheiro. Não vamos endividar o clube”<sup>662</sup>, afirmou o vice-presidente de patrimônio Emídio Marques Ferreira, uma vez que não concordava com a taxa de juros da linha de financiamento (a taxa de juros era baseada no montante da Taxa de Juros de Longo Prazo somada de spread bancário restrito a um inteiro e nove décimos por cento ao ano), que por sinal era uma das mais baixas do mercado.

Eram três os entraves para o andamento das obras: a falta de dinheiro (ou a recusa de acionar o financiamento via BNDES), a delonga na aprovação do projeto de isenção de impostos (federais), e o fato da prefeitura Municipal de Porto Alegre não haver aprovado o projeto do novo estádio<sup>663</sup>. Segundo Pedro Affatato, vice-presidente do Internacional, o clube teria “150 milhões para investir nas melhorias necessárias para a Copa do Mundo. Mas queremos baratear o custo das obras por meio de incentivos fiscais. Não há a menor chance de perdemos a Copa”<sup>664</sup>.

A partir do segundo semestre de 2010, os “entraves” começaram a ser resolvidos. Os últimos detalhes que faltavam, referentes a aprovação do projeto da reforma do Beira Rio foram vencidos, com a aprovação por parte da CBF e pelo poder municipal (aprovação dos projetos e licenças ambientais)<sup>665</sup>. Além disso a prefeitura municipal

---

<sup>659</sup> BRASIL. Termo de Compromisso. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/matriz-de-responsabilidades/rs/termoCompromisso.pdf>

<sup>660</sup> BRASIL. Anexo A. Mobilidade Urbana. Disponível: <http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/matriz-de-responsabilidades/rs/anexo.pdf>

<sup>661</sup> Correio do Povo, 15 de janeiro, 2010.

<sup>662</sup> Correio do Povo, 23 de janeiro, 2010.

<sup>663</sup> Correio do Povo, 07 de março, 2010.

<sup>664</sup> Correio do Povo, 07 de maio 2010.

<sup>665</sup> Correio do Povo, 29 de julho 2010.

aprovou a isenção do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN)<sup>666</sup>, alíquota municipal cobrada sobre a prestação de serviços. E o governo federal, a partir de decreto presidencial em 27 de julho, regulamentava a aplicação:

“Art. 1º O Regime Especial de Tributação para construção, ampliação, reforma ou modernização de estádios de futebol - RECOM será aplicado na forma deste Decreto. Parágrafo único. O RECOM destina-se à construção, ampliação, reforma ou modernização de estádios de futebol com utilização prevista nas partidas oficiais da Copa das Confederações FIFA 2013 e da Copa do Mundo FIFA 2014, em consonância com o Convênio ICMS no 108, de 26 de setembro de 2008”<sup>667</sup>.

Em síntese, concedia isenção da contribuição do PIS/PASEP, da contribuição para o financiamento da seguridade social – COFINS, e do IPI, imposto sobre produto industrializado. O detalhe é que inicialmente estes benefícios estavam circunscritos aos estádios que iriam receber os jogos da Copa das Confederações e Copa do Mundo, e não todos que estavam em processo de obras, como o caso do novo estádio do Grêmio.

Nesse ínterim, em dezembro de 2010, a Lei Nº 12.350<sup>668</sup> (o “RECOPA, Regime Especial de Tributação para Construção, Ampliação, Reforma ou Modernização de estádios de futebol), alterou o decreto anterior, sendo regulamentada a partir de uma nova provisão, o Decreto 7.525/2011<sup>669</sup> de 2011. A partir deste momento reiniciaram-se as obras do Beira-Rio. Quando da visita do presidente Lula ao Rio Grande do Sul, foi convidado a dar início às obras de reforma do estádio Beira-Rio de maneira oficial, acionando uma máquina de perfuração<sup>670</sup>.

Outro entrave resolvido diz respeito ao terreno do Eucaliptos, quando o clube conseguiu proceder com a sua venda. Em 28 de agosto, em cerimônia pública, foi anunciada a venda do imóvel para construtora Melnick Even.<sup>671</sup>, os valores não foram divulgados, mas na época especulava-se algo em torno de R\$ 30 milhões.

Contudo, o maior dos entraves ainda não estava ultrapassado, faltava serem resolvidas as pendengas sobre o financiamento da obra.

---

<sup>666</sup> PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Lei Nº 16.796/2010. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000031277.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsire1%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT>

<sup>667</sup> BRASIL. Decreto Nº 7.319/2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7319.htm)

<sup>668</sup> BRASIL. Lei nº 12.350/2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/Lei/L12350.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Lei/L12350.htm)

<sup>669</sup> BRASIL. Decreto 7.525/2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7525.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7525.htm#art1)

<sup>670</sup> Correio do Povo, 30 de julho, 2010, p.02.

<sup>671</sup> Correio do Povo, 29 de agosto, 2010.

Em reunião ocorrida em 13 de outubro no Rio de Janeiro, na sede do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de 2014 (LOC). A FIFA exigiu uma revisão nos valores da obra, além de se contrapor às garantias apresentadas pelo clube<sup>672</sup>. A recomendação era buscar uma carta de crédito para a execução da obra ou buscar parceria com uma empreiteira. As novas imposições (rebaixar nível do gramado em aproximadamente 1.5 metros e eliminar pontos cegos) da FIFA fariam indubitavelmente o custo da obra aumentar, passando dos R\$ 200 milhões, o que demandava apresentar novas garantias para o conseguir o empréstimo, coisa que o Internacional não possuía. Além de tudo isso, o clube recebeu um ultimato: o início das obras deveria ocorrer até 31 de dezembro 2010. Do contrário perderia o direito aos jogos. O que iria jogar prontamente o papel de sede no colo do seu rival que recém havia iniciado as obras.

Neste momento começava-se a insinuar um plano B, que colocava o clube em parceria com a empresa mineira Andrade Gutierrez<sup>673</sup>, gigante do ramo da construção civil. Onde o clube entraria com aproximadamente 40 milhões e a empreiteira com o restante, o que ocasionaria o aumento do custo da obra, e principalmente uma participação da AG nos lucros do entorno do estádio<sup>674</sup>.

Em meio as indecisões referentes a realização do projeto “Gigante para Sempre”, o Internacional enfrentou durante o segundo semestre de 2010 uma de suas eleições mais conturbadas internamente. Menos pelo acirramento político entre a situação e uma virtual oposição, e mais por indecisões dentro do próprio bloco político que estava no poder desde a eleição de 1º de janeiro 2003. A disputa se deu entre dois importantes nomes da situação Pedro Affatato<sup>675</sup> (Chapa 1) e Giovanni Luigi<sup>676</sup> (Chapa 3), causando um turbilhão na política do clube. As eleições de 2010 deram vitória ao candidato Giovanni Luigi, recebendo o apoio de última hora do então presidente Vitório Píffero.

O clima do final de 2010 foi altamente tensionado tanto no âmbito da política como no do futebol<sup>677</sup>, e assim permaneceu no início de 2011. Chegava-se ao fatídico

---

<sup>672</sup> O clube havia apresentado quatro alternativas de garantias para a FIFA: executar as obras com recursos próprios, buscar financiamento junto ao BNDES, buscar uma carta de crédito em um banco ou a parceria com uma empreiteira.

<sup>673</sup> Empresa fundada em 1948, uma das maiores empreiteiras da América Latina, forma o grupo denominado de “As Quatro Irmãs”, junto da Odebrecht, OAS, Camargo Corrêa.

<sup>674</sup> Correio do Povo, 13 de outubro, 2010.

<sup>675</sup> Pedro Affatato, engenheiro civil e empresário, sócio da empresa Sinarodo (empresa de sinalização de trânsito).

<sup>676</sup> Giovanni Luigi Calvário, formado em administração de empresas, executivo da VEPPPO & CIA LTDA empresa concessionária da Estação Rodoviária de Porto Alegre.

<sup>677</sup> O Internacional foi derrotado na semifinal do Mundial de Clubes da FIFA para o T.P. Mazembe (República Democrática do Congo)

momento de escolha do modelo pelo qual o clube conseguiria efetivar a tão esperada reforma. Conforme o cronograma da FIFA, as obras estavam atrasadas e o estádio precisava impreterivelmente ser entregue dia 31 de dezembro de 2012. Ainda em final de dezembro as máquinas começaram a derrubar as arquibancadas inferiores, mesmo não tendo se decidido por nada.

A partir de março a discussão foi levada ao Conselho Deliberativo do clube que ficou encarregado de definir qual o modelo a ser utilizado: realizar parceria com uma construtora<sup>678</sup>, tentar financiamento via BNDES, ou seguir o modelo de contar apenas com recursos próprios do clube (capital referente a venda do terreno dos Eucaliptos e a venda de 100 camarote no novo estádio). A então diretoria do clube defendia a proposta da parceria com uma empreiteira, como sendo o único modo de garantir a remodelação em tempo hábil e sem comprometer as finanças do clube<sup>679</sup>. O antigo presidente Vitório Piffero defendia, dentro do conselho, o modelo de contar apenas com recursos próprios.

Em 21 de março, o Conselho Deliberativo do clube votou pelo modelo de parceria com alguma empresa do ramo da construção civil. Apesar de não definir prontamente a Andrade Gutierrez (ocorreu o lançamento de edital), foi o que de fato ocorreu<sup>680</sup>.

A empreiteira Engevix também apresentou uma proposta de obra, na qual ela pegaria o financiamento junto do BNDES, porém o Internacional ficava com o encargo de pagar pelo empréstimo. Nesta proposta o Inter teria também maior poder de decisão, como escolha de fornecedores e condições de pagamento. Onde a empreiteira teria o direito por dez anos de explorar, as suítes e camarotes e cadeiras VIPs (2.000) voltariam ao controle do clube.<sup>681</sup>

Em 13 de maio, o Internacional confirmou a proposta da empresa Andrade Gutierrez como vencedora do edital de reforma do estádio<sup>682</sup>. Porém, isso não garantiu o prosseguimento e agilidade da obra, que estava parada desde junho, quando terminaram os últimos contratos, ainda feitos na gestão anterior<sup>683</sup>.

O que emperrou a negociação a partir daí foram as modificações no contrato inicial. A minuta do contrato (exigências da construtora frete ao Inter) precisava ser

---

<sup>678</sup> Em síntese as principais mudanças arquitetônicas previstas com a escolha desta alternativa seria a construção de um edifício garagem e de um centro de treinamentos.

<sup>679</sup> Correio do Povo, 04 de março 2011.

<sup>680</sup> Correio do Povo, 21 de março 2011.

<sup>681</sup> Correio do Povo, 14 de março 2011.

<sup>682</sup> Correio do Povo, 14 de maio 2011.

<sup>683</sup> Correio do Povo, 04 de outubro 2011.

chancelada Conselho Deliberativo. Ao que parece eram cinco pontos que mobilizavam grande atenção

- “1. o preço: O Inter estaria pagando demais pela obra. O clube aportará R\$ 48 milhões na reforma, assim distribuído: R\$ 26 milhões em dinheiro – R\$ 8 milhões de reembolso à AG pelos camarotes e suítes já comercializados – R\$ 14 milhões referentes às fundações da cobertura, bancada pelo clube enquanto realizava sozinho a obra.
2. o risco: A Andrade Gutierrez (via Sociedade de Propósito Específico) pode rescindir o contrato em até 100 dias, caso não obtenha financiamento do BNDES ou se não concordar com os termos do banco.
3. o foro: O foro para possível discussão jurídica entre as partes é São Paulo, e não Porto Alegre.
4. o CT: A AG não construirá o Centro de treinamentos. Inter e AG captarão recursos junto à Lei de Incentivo ao Esporte, em troca de desconto no Imposto de Renda das empresas<sup>684</sup>.
5. o uso do estádio: Após a prioridade dos jogos oficiais do Inter no Beira-Rio, a AG terá diversas datas para realizar eventos, deixando a equipe com poucas datas para treinar no estádio”<sup>685</sup>.

O acesso dos conselheiros a minuta do contrato foi envolto a controvérsias, uma vez que a leitura e consulta precisou seguir um rígido sistema de segurança. A presidência de Giovanni Luigi, através do Ato Normativo nº 01<sup>686</sup>, criou toda uma série de normas que deveriam ser seguidas pelos conselheiros que teriam contato com a minuta, esta ficaria restrita a sala de reunião da direção equipada com câmera de vídeo. Além disso, existiu restrição também de dia e horário da consulta. O conselheiro precisava assinar um termo de confidencialidade antes do ingresso individual a sala, sendo acompanhado por um funcionário do clube, e não poderia portar objetos eletrônicos que pudessem efetuar fotos ou reproduções da minuta, nem a efetuação de reprodução manual.

Ainda durante a consulta e conseqüente deliberação existiu importante oposição, menos pelo barulho e mais por seus representantes. No dia 15 de dezembro, o movimento suprapartidário interno do clube distribuiu panfletos intitulados “O Beira-Rio é nosso”<sup>687</sup>, que reivindicavam a não associação com a Andrade Gutierrez, fazendo a defesa da construção com recursos próprios. Os principais articuladores eram os ex-presidentes Vitório Píffero, José Asmuz e Ibsen Pinheiro, os quais condenavam veementemente a parceria.

---

<sup>684</sup> O Centro de Treinamento Parque Gigante foi inaugurado em julho de 2012, localizado entre o Beira-Rio e o Guaíba.

<sup>685</sup> Zero Hora, 14 de dezembro, 2011.

<sup>686</sup> INTERNACIONAL. Ato Normativo nº 01. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach/wp-content/uploads/2011/12/ai5.jpg>

<sup>687</sup> O mais Inter vota não!. Disponível em: <http://maisinter.blogspot.com.br/2011/12/o-mais-inter-vota-nao.html>



A aprovação foi concretizada após longo período de debates internos. Em uma reunião deliberativa de 282 conselheiros, em dezembro de 2011, através de um resultado de 229 votos a favor, 47 contrários e 7 abstenções, foi aprovada a parceria com a Andrade Gutierrez<sup>688</sup>, após sete meses de obras paradas.

Mesmo o acordo com a empreiteira tendo sido autorizado pelo Conselho Deliberativo, o ano de 2012 iniciou a passos lentos. Em fevereiro ainda com a obras emperradas, a empreiteira Andrade Gutierrez emitiu uma nota justificando a demora para o início da obra. No documento a empreiteira afirmava que o Banrisul, o agente repassador do financiamento dos recursos do BNDES via ProCopa, estava retardando o processo de avalizar as garantias apresentadas pelos investidores que compunham a Sociedade de Propósito Específico<sup>689</sup>.

“Sem a aprovação dessas garantias financeiras, que contam inclusive com intenção de participação do S.C. Internacional, não é possível obter a linha de financiamento ao projeto e estabelecer a sociedade que viabilizará a reforma, lembrando que o andamento deste processo tem decisões, fóruns e prazos alheios à vontade da empresa.

Uma vez formada a SPE, o contrato será assinado e o cronograma de obras, divulgado. Até lá, a Andrade Gutierrez segue envidando todos os esforços para que o modelo para reforma e modernização do estádio Gigante da Beira-Rio, tendo como objetivo a Copa do Mundo de 2014, seja viabilizado”<sup>690</sup>

O que foi negado pelo presidente do Banrisul, o qual afirmou justamente que a Andrade Gutierrez não apresentou as garantias mínimas necessárias para a concessão do empréstimo. Pois ela apresentou as garantias referentes apenas a 20% do valor, “recebemos informações adicionais, mas a conclusão é de que a proposta continua absolutamente insuficiente”<sup>691</sup>, conforme Túlio Zamin.

As negociações estenderam-se por mais alguns dias. O contrato só foi assinado em 19 de março. A Sociedade de Propósito Específico teve como atores Andrade Gutierrez (com 50% do capital mais uma ação) e o grupo do Banco BTG Pactual (com o restante dos 49%), e com anuência do Internacional. A partir do dia 28 de março as partes formaram a SPE Holding Beira-Rio S/A (Brio S/A), que iria administrar o Beira-Rio após a conclusão da reforma<sup>692</sup>. A administradora foi dirigida inicialmente por Marcelo

---

<sup>688</sup> Correio do Povo, 15 de dezembro 2011.

<sup>689</sup> Sociedade de Propósito Específico (SPE): é uma sociedade empresarial cuja atividade é excepcionalmente restrita, podendo em alguns casos ter prazo de existência determinado, geralmente utilizada para isolar o risco financeiro da atividade desenvolvida entre as partes envolvidas.

<sup>690</sup> ANDRADE GUTIERREZ. Nota da Empreiteira Andrade Gutierrez, 24 de fevereiro 2012.

<sup>691</sup> Correio do Povo, 29 de fevereiro 2012.

<sup>692</sup> Correio do Povo, 29 de março 2012.

Roberto Flores. A Brio S/A foi uma empresa superficiária criada pela Andrade Gutierrez S.A. (holding do grupo Andrade Gutierrez) para administrar e explorar o complexo do “Gigante para Sempre” pelo período de 20 anos.

Conforme o acordo, a reforma do estádio seguiria as normas técnicas exigidas pela FIFA, com a manutenção da estrutura central, a modernização de todos os setores das arquibancadas (com assento e maior espaço), a troca do sistema elétrico, o melhoramento do sistema de informação do estádio, a modernização do gramado com substituição da grama e remodelamento do sistema de drenagem, e a edificação de um estacionamento. Basicamente seguindo o que estava planejado no projeto “Gigante para sempre”.

O Internacional propôs como pagamento à construtora, o benefício de explorar por vinte anos os rendimentos de 66 camarotes e 55 Sky Boxes<sup>693</sup>, 5.000 cadeiras VIP’s no anel inferior, 4.573m<sup>2</sup> de área para exploração comercial, denominada Beira-Rio Street Mall, com shopping de conveniência, lazer e serviços; 1.003m<sup>2</sup> com destinação para restaurantes, no Nível 3 do estádio; Shows e espetáculos, Naming/Sector Rights (se houver), espaços publicitários no denominado Complexo Beira-Rio, 3000 vagas de automóveis em 3 andares do prédio garagem, e uma esplanada com 5000m<sup>2</sup> de área, destinada a eventos e gastronomia, exploração de alimentos e bebidas no Complexo Beira-Rio, o repasse de R\$ 26 milhões advindos da venda do Estádio do Eucaliptos, adicionados mais R\$ 8,4 milhões, além de o direito da empresa sobre os recebíveis dos camarotes que já havia vendido antes da contratação<sup>694</sup>. O orçamento inicial era de R\$ 330 milhões, que seriam financiados na maior parte através da linha do ProCopa.<sup>695</sup>

Assim no dia 20 de março de 2012, as obras de modernização recomeçaram, após 270 dias de trabalhos parados. Sem embargo, o processo que começou com significativo atraso passou ainda por outros obstáculos. A reinauguração do Beira-Rio aconteceu em 05 de abril de 2014, com uma cerimônia que buscou homenagear antigos ídolos e memorar importantes títulos. No dia seguinte ocorreu um jogo festivo entre Internacional e Club Atlético Peñarol, com vitória do time da casa por dois a um.

---

<sup>693</sup> Espaço localizado na cobertura do estádio, com capacidade para 24 pessoas, conta com sala de estar climatizada, sanitário exclusivo, elevador exclusivo e 4 vagas de estacionamento.

<sup>694</sup> INTERNACIONAL. Brio. Disponível em: [http://transparencia.internacional.com.br/views/informativos\\_financeiros/brio.phtml](http://transparencia.internacional.com.br/views/informativos_financeiros/brio.phtml)

<sup>695</sup> INTERNACIONAL. Parceria firmada entre Inter e Andrade Gutierrez. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=17148>

O empreendimento tinha previsão inicial de investimento de R\$ 130 milhões, em 2010. Acabou recebendo investimentos totais de R\$ 366.329.817,30 para seu custeio<sup>696</sup>. A maior parcela deste capital, R\$ 275 milhões<sup>697</sup>, foi alcançada a partir de financiamento, com três parcelas iguais de R\$ 91.7 milhões, via BNDES, sendo que Banco do Brasil e Banrisul, serviram como repassadores do financiamento. As garantias foram apresentadas em nome da Andrade Gutierrez S.A. e do BTG Pactual Holding.

Ao finalizar a remodelação o Beira-Rio, dentro das mais recentes exigências e padrões internacionais do futebol, com o intuito de estar apto a receber aos jogos da Copa do Mundo, ocorrerá a diminuição de sua capacidade para aproximadamente 51.300 pessoas (durante a Copa do Mundo foi de 50.000). A denominada zona livre é composta por aproximadamente 28 mil lugares sem demarcação para uso dos sócios (mais de 55% do estádio)

“Haverá também uma mudança no conceito do evento que irá impactar positivamente na relação com os sócios e os torcedores. Maior conforto. Melhoria da acessibilidade. Ganho em termos de serviços disponíveis. Maior segurança. Possibilidade de desenvolver novos empreendimentos dentro e no entorno do estádio. A aproximação da arquibancada ao gramado possibilitará maior sinergia com o time, mas também sugere um código de conduta com maior responsabilidade das partes, seja por quem desfruta, seja por quem gerencia o evento.”<sup>698</sup>

Os espaços nobres (VIPs) dentro do estádio são três: os Skyboxes, os camarotes e as cadeiras VIPs. Ao todo são 55 Skyboxes, localizadas no nível mais alto (acima da antiga marquise do estádio), 24 metros do nível do campo (a altura da cobertura é aproximadamente de 34 metros), com capacidade individual de 24 pessoas, o que totaliza 1320 lugares (além de 6 vagas no estacionamento por espaço).

O número atual de camarotes é de 70 (36 no lado este e 34 no lado leste) comparado aos 33 anteriores, variam entre 14 e 18 lugares, e estão localizados no espaço de transição entre a arquibancada inferior e superior. Cada camarote tem direito ao mínimo de 3 vagas na garagem. As cadeiras VIPs, são 5.000 assentos acolchoados e numerados, localizados na arquibancada inferior na lateral do campo, no antigo setor da social (Avenida Edvaldo Pereira Passos), e possui passarela com ligação direta ao edifício

---

<sup>696</sup> BRASIL. Valor da execução financeira com aditivos (R\$). Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/copa2014/cidades/previsao.seam?empreendimento=147>

<sup>697</sup> BRASIL. Financiamentos. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/copa2014/cidades/financiamentos.seam?empreendimento=147>

<sup>698</sup> INTERNACIONAL. Projeto Gigante para Sempre. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/giganteparasempre/>

garagem. A compra de quatro cadeiras com o mesmo CPF concede direito a uma vaga na garagem.

Estes três espaços VIPs compõem o Beira-Rio Premier Club, um clube de vantagens que garante “um novo tipo de experiência com o futebol”<sup>699</sup>, onde o espectador tem o direito a um acesso independente, Lounge VIP com **Espaço Kids**, bares, DJ, buffet de snacks e soft drinks, além de benefícios na compra de ingressos de outros tipos de eventos no estádio. Ao todo são aproximadamente 7580 lugares VIPs, o que equivale a 14% da capacidade.

Ao mesmo nível dos camarotes, só que localizados atrás do gol, estão os “reservados”, 1149 lugares que são comercializados a cada jogo.

### Imagem 12. Arquibancadas do Projeto Gigante Para Sempre



Fonte: [https://i.ytimg.com/vi/q\\_9CvPRleRY/maxresdefault.jpg](https://i.ytimg.com/vi/q_9CvPRleRY/maxresdefault.jpg)

A nova infraestrutura suporta ainda sala de imprensa com 150 lugares, além de 4 cabines para televisão, 10 cabines para estações de rádio e 60 colocações para a imprensa escrita. Os sanitários também receberam incremento: são 88 banheiros, 30 banheiros masculinos, 30 banheiros femininos, 15 banheiros infantis e 13 banheiros para pessoas com necessidades especiais PNE (pessoas com necessidades especiais)<sup>700</sup>.

<sup>699</sup> INTERNACIONAL. Beira-Rio Premier Club. Disponível em: <http://www.beirariopremierclub.com.br/beira-rio-premier-club/>

<sup>700</sup> INTERNACIONAL. Gigante Para Sempre. A modernização do Beira-Rio. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=1&setor=279&secao=294&subsecao=102>



O novo Beira-Rio concentra também um “Centro de Controle e Comando”, que está localizado no nível 6 do estádio, ao nível das *Skyboxes* (ponto mais alto). Ele tem o objetivo principal de promover o gerenciamento integrado de todos os eventos abrigados pelo estádio. Este espaço une comando, controle, comunicações, computação, inteligência, vigilância e reconhecimento, num local que controla toda a parte interna e o entorno do estádio utilizando dados, imagens e voz.

**Imagem 13. Mapa da setorização do Beira-Rio**



**SÓCIOS EM DIA ATÉ 03/12/2013**

ZONA COM LUGAR MARCADO	ZONA COM LUGAR MARCADO	ÁREA VIP	ZONA COM LUGAR MARCADO	ZONA COM LUGAR MARCADO	ZONA COM LUGAR MARCADO	PERPÉTUAS	ZONA LIVRE	SÓCIO CAMPEÃO DO MUNDO*
MENSALIDADE R\$ 180,00	MENSALIDADE R\$ 200,00		MENSALIDADE R\$ 140	MENSALIDADE R\$ 160	MENSALIDADE R\$ 180		MENSALIDADE R\$ 85,00	MENSALIDADE R\$ 35,00

**SÓCIOS QUE NÃO FICARAM EM DIA ATÉ 03/12/2013**

ZONA COM LUGAR MARCADO	ZONA COM LUGAR MARCADO	ÁREA VIP	ZONA COM LUGAR MARCADO	ZONA COM LUGAR MARCADO	ZONA COM LUGAR MARCADO	PERPÉTUAS	ZONA LIVRE	SÓCIO CAMPEÃO DO MUNDO*
MENSALIDADE R\$ 195,00	MENSALIDADE R\$ 215,00		MENSALIDADE R\$ 155	MENSALIDADE R\$ 175	MENSALIDADE R\$ 195		MENSALIDADE R\$ 100,00	MENSALIDADE R\$ 40,00

\*Precisa adquirir ingresso

Fonte<sup>701</sup>

<sup>701</sup> INTERNACIONAL. Mapa Setorização do estádio Beira-Rio. Gigante Para Sempre. Disponível em: <http://s2.glbimg.com/>-

### **3.3. PREÇOS DOS INGRESSOS: A Dupla Gre-Nal**

No presente capítulo será apresentada a evolução dos valores dos ingressos para os jogos da dupla Gre-Nal no Campeonato Brasileiro entre 1997 e 2011. Onde são apresentados os valores mais altos e mais baixos de cada jogo. Os ingressos mais baratos servirão de comparação com o valor do salário mínimo oficial.

#### **3.3.1. A expansão da base: alguns apontamentos sobre a pirâmide social brasileira durante décadas de 1990 e 2000**

Conforme o economista Márcio Pochmann, a política salarial do Brasil na primeira década dos anos 2000 foi marcada por uma expansão do trabalho formal, ou com carteira assinada. De cada quatro postos de trabalho três deles eram com carteira assinada. A cada dez postos de trabalho abertos para os trabalhadores de salário base, sete foram formais. Enquanto os anos 1990 foram marcados pela redução de 260 mil postos de trabalho formal, apenas na base da pirâmide<sup>702</sup>.

Com um aumento substancial na base da pirâmide dos rendimentos, entre 2000 e 2009, ocorreu um acréscimo 34,3% para 47,8% da população ocupando a faixa de remuneração de até 1,5 salários mínimos, onde se concentravam 24,5% do total da remuneração<sup>703</sup>. Dos quais destes postos de trabalho localizados na base, 77,2% são ocupados por pessoas não brancas. Outra característica importante é que 49% destes trabalhadores possuem mais de 35 anos<sup>704</sup>.

Na década de 1990 os trabalhadores sem remuneração foram os que mais cresceram. Na média de 7,8% e em um ritmo 4,6 vezes maior que o verificado para outras remunerações. Enquanto na década de 2000, os postos de trabalho que mais cresceram foram os de remuneração de até 1,5 salários mínimos. Em uma média de 6,2% ao ano, e em ritmo 2,4% superior que o restante das remunerações.<sup>705</sup>

---

[EodWwL3X8JtCKoy5JVyPqTT7E4=/0x0:630x725/630x726/s.glbimg.com/es/ge/f/original/2013/12/18/mapa\\_setorizacao\\_041213.jpg](http://EodWwL3X8JtCKoy5JVyPqTT7E4=/0x0:630x725/630x726/s.glbimg.com/es/ge/f/original/2013/12/18/mapa_setorizacao_041213.jpg)

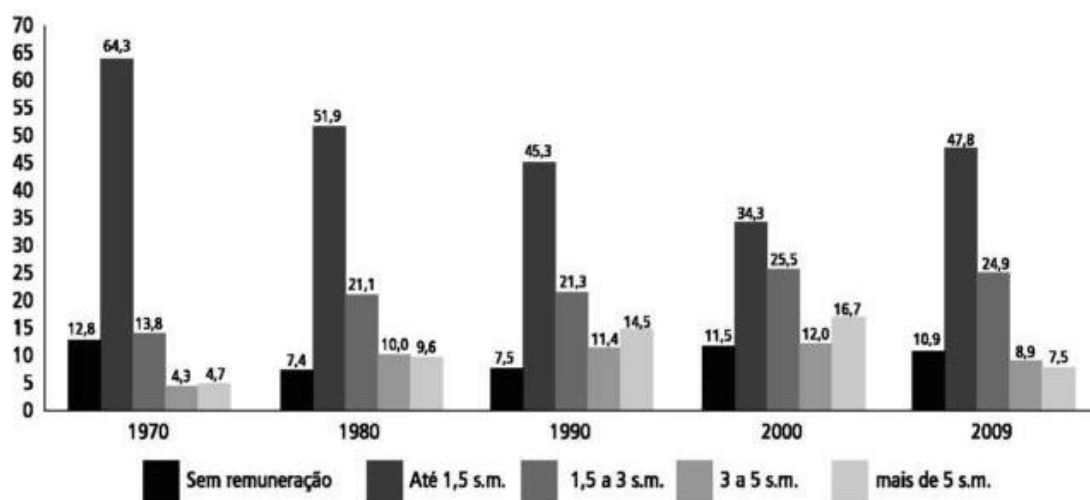
<sup>702</sup> POCHMANN, M.. *Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. 1. ed. São Paulo: São Paulo, 2012.

<sup>703</sup> Idem, p.28.

<sup>704</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>705</sup> POCHMANN, M.. Op. Cit., p.31-32

**Gráfico 14. Distribuição de rendimentos médios**



Fonte: IBGE/PNAD<sup>706</sup>

Aqui cabe um rápido contraponto, estes dados levam em conta apenas o salário mínimo nominal, ou oficial. No Brasil existe um parâmetro para medir de forma mais equilibrada o valor da força de trabalho: o salário mínimo necessário (SMN). Argumento produzido pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), produzido em séries históricas desde 1940,

“representa uma estimativa de quanto deveria ser o salário mínimo para atender à determinação constitucional. Pela Constituição em vigor, além de abranger trabalhadores urbanos e rurais e ter seu valor preservado, sem servir de indexador para outros, o SM deve: a) ser único no país; b) atender às necessidades dos trabalhadores e de suas famílias; e c) cobrir os gastos com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social”<sup>707</sup>.

**Tabela 2. Brasil. Salário mínimo nominal e necessário.**

Ano	Salário Mínimo Vigente (R\$)	Salário Mínimo Necessário (R\$)
1994	64,79	590,33
1995	100,00	773,18
1996	112,00	801,95
1997	120,00	820,86
1998	130,00	942,00
1999	136,00	882,53

<sup>706</sup> Ibidem, p.28

<sup>707</sup> DIEESE, **Salário mínimo: instrumento de combate à desigualdade**. São Paulo: DIEESE, 2009, p. 118.

<b>2000</b>	151,00	973,84
<b>2001</b>	180,00	1.092,97
<b>2002</b>	200,00	1.143,29
<b>2003</b>	240,00	1.557,55
<b>2004</b>	260,00	1.522,01
<b>2005</b>	300,00	1.588,80
<b>2006</b>	350,00	1.536,96
<b>2007</b>	380,00	1.672,56
<b>2008</b>	415,00	1.881,32
<b>2009</b>	465,00	2.075,55
<b>2010</b>	510,00	1.987,26
<b>2011</b>	540,00	2.194,76

Fonte: DIEESE<sup>708</sup>

Assim, levando em conta não apenas o valor do salário mínimo legal em comparação a acumulada inflação no período, expressa também a importância necessária para cobrir os custos, ou ainda, conforme Luce, pode expressar o conjunto “de valores de uso necessários para a força de trabalho se reproduzir em condições normais”<sup>709</sup>. Contudo, os melhores índices de aumento nominal do valor do salário mínimo percebendo apenas a superação frente aos índices de inflação, foram praticados apenas a partir dos anos 2000.

### 3.3.2. Quanto custa o jogo

A geral do Maracanã foi conhecida como o espaço mais democrático do futebol. No Rio Grande do Sul poderíamos afirmar o mesmo da Coréia, setor popular do antigo Beira-Rio. Vários estádios guardaram em sua arquitetura um espaço para aqueles que não tinham grandes valores disponíveis para assistir seus times, fossem os *geraldinos* ou os *malditos da coreia*. A partir da década de 1990, o futebol passou a sofrer mais

<sup>708</sup> DIEESE. Pesquisa nacional da Cesta Básica de Alimentos. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasicasalarioMinimo.html>

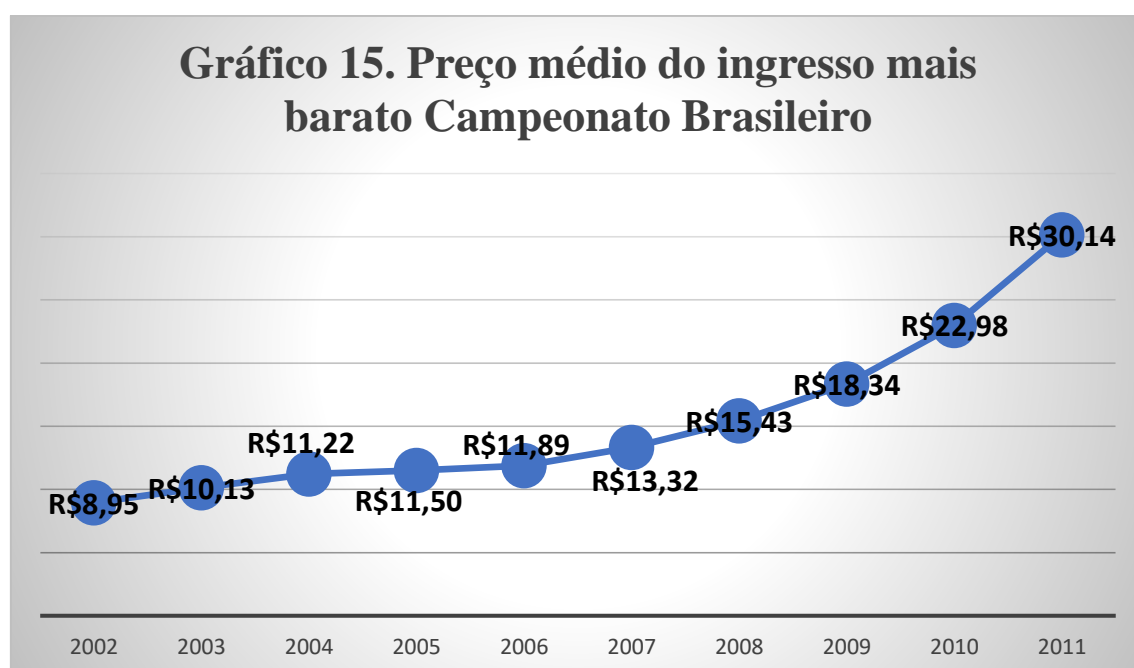
<sup>709</sup> LUCE, Mathias Seibel. **Brasil: nova classe média ou novas formas de superexploração da classe trabalhadora?**. Trabalho, Educação e Saúde (Online), v. 11, p. 145-166, 2013, p.173



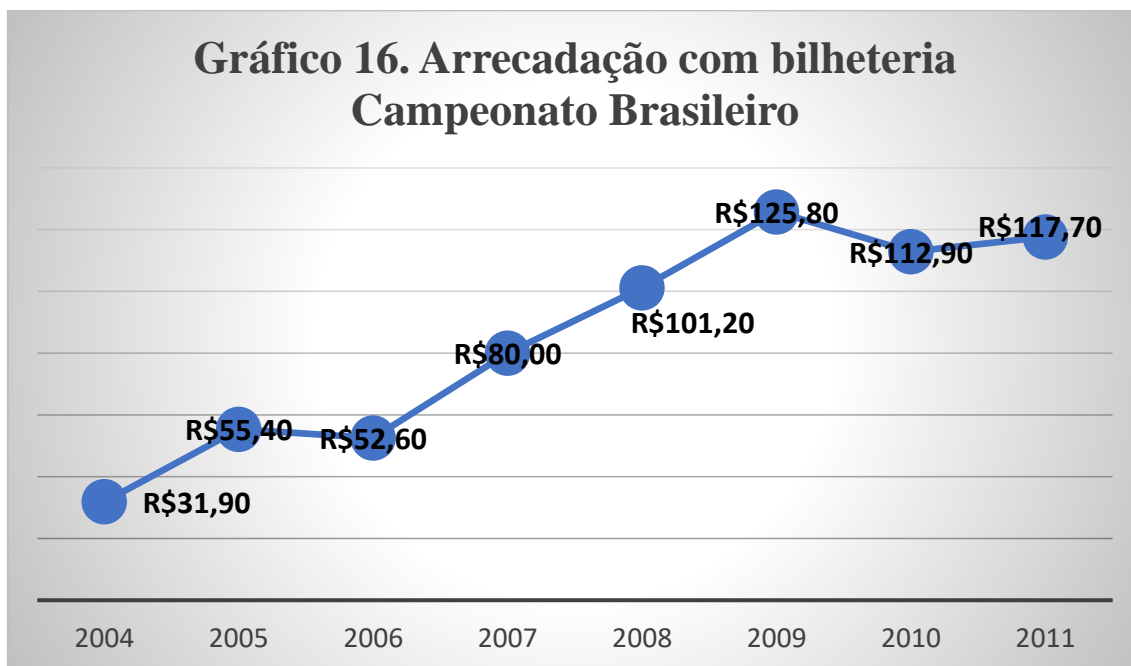
intensamente por uma lógica mercantil, a qual, mediante o torcedor de arquibancada, refletiu especialmente no aumento dos preços dos ingressos e no da fim arquibancada de concreto. Talvez nunca tenha feito tanto sentido a frase “futebol não é coisa para pobre”<sup>710</sup>, proferida por Alexandre Kalil, presidente do Clube Atlético Mineiro entre 2009 e 2014.

Na tabela abaixo podemos perceber que o preço médio do ingresso de valor barato seguiu uma constante elevação desde os anos 2000. A mesma afirmação serve para os anos 1990, se tivermos a base dos ingressos da dupla Grenal, com destaque para o período a partir de 2007, quando começou a apresentar um padrão de elevação maior.

Os preços dos ingressos estão sujeitos a muitas variáveis. Uma das fundamentais, sem dúvida nenhuma, é o desempenho do time dentro de campo. Em momento de bom desempenho os preços ficam estáveis (com tendências a elevação), já em momentos de queda do desempenho do time, ou próximos a momentos de definição do campeonato, principalmente relativos ao descenso, quando a equipe está precisando do “12º jogador”, a tendência é a diretoria do clube diminuir o preço dos ingressos, como na emblemática partida entre Internacional e Ponte Preta no Brasileirão de 1999, quando o valor do ingresso foi de R\$ 1,00.



<sup>710</sup> EL PAIS. Alexandre Kalil: “Futebol não é coisa para pobre” Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/14/deportes/1500068233\\_300420.html?id\\_externo\\_rsoc=TW\\_BR\\_CM](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/14/deportes/1500068233_300420.html?id_externo_rsoc=TW_BR_CM)



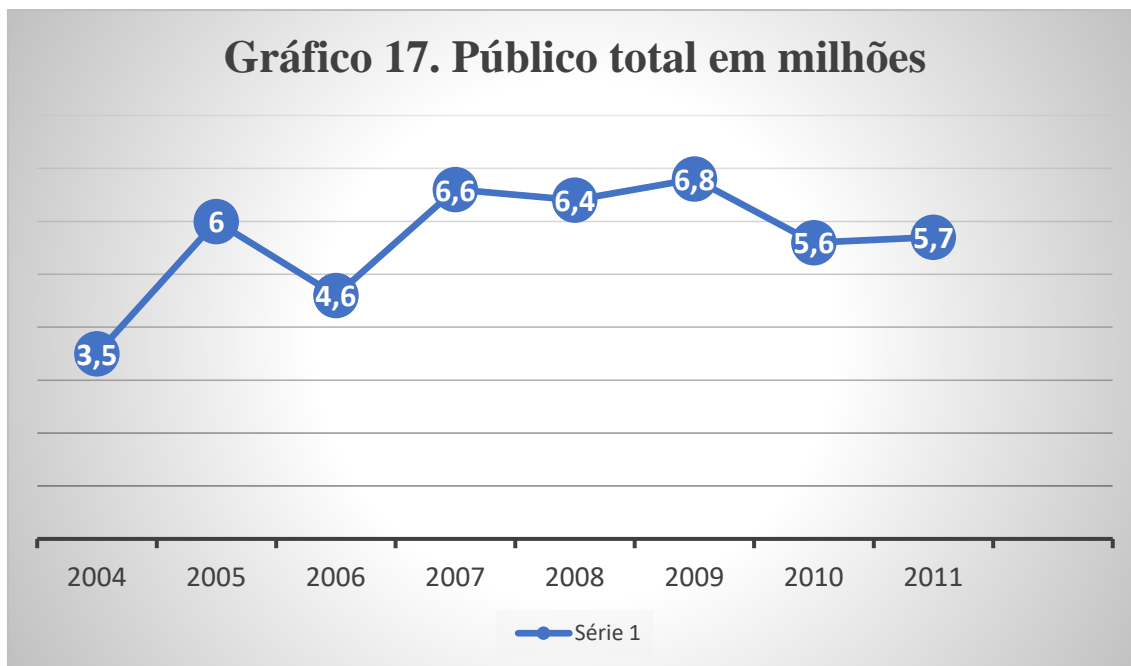
Fonte: BDO Brazil<sup>712</sup>

Conforme dados apresentados pela BDO Brazil, a arrecadação total dos clubes da série A do Campeonato Brasileiro com as bilheterias apresentou uma variação quase constante de aumento. O período mais interessante é o que vai de 2006 a 2010, temporadas que foram marcadas por suscetivos aumentos de receita, fato que acaba sendo balizado pelo aumento do público total. Em 2006, o público total foi de 4,6 milhões e em 2009 de 6,8 milhões, contudo percentualmente o aumento de arrecadação foi muito superior ao do público. Enquanto o público aumentou neste período aproximadamente em 47%, o valor em arrecadação teve acréscimo de mais de 130%.

O público total em 2007 e 2008 são muito parecidos, com ligeira superioridade para 2007 (vale lembrar que em 2008 o Corinthians esteve na Série B). Contudo, se comparado com 2006, o aumento é significativo: diferença de aproximadamente 40% no público, enquanto o aumento de arrecadação chegou a aproximadamente 90%.

<sup>711</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2014/01/08/o-oficial-e-o-real-as-diferencas-entre-preco-e-valor-pago-para-ver-o-futebol/>

<sup>712</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/12/18/renda-recorde-publico-nem-tanto-o-brasileirao-2013/>



Fonte: BDO Brazil<sup>713</sup>

A seguir serão apresentados tabelas e gráficos sobre a variação no valor do ingresso dos jogos do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e do Sport Clube Internacional entre os anos de 1997 e 2011 em partidas válidas pelos respectivos anos do Campeonato Brasileiro.

**Tabela 3. Grêmio: valores dos ingressos Campeonato Brasileiro**

Ano	Partida	Cadeira Central	Cadeira Lateral	Arquibancada	Geral
2011	Grêmio x Corinthians	60.00	50.00	40.00	
2010	Grêmio x Santos	60.00	50.00	40.00	
2009	Grêmio x Santos	60.00	50.00	40.00	
2008	Grêmio x Flamengo	50.00	40.00	30.00	
2007	Grêmio x Fluminense	60.00	40.00	30.00	
2006	Grêmio x Náutico	50.00	30.00	15.00	
2005	Grêmio x Vitória	20.00	15.00	10.00	
2004	Grêmio x Botafogo	25.00	20.00	15.00	

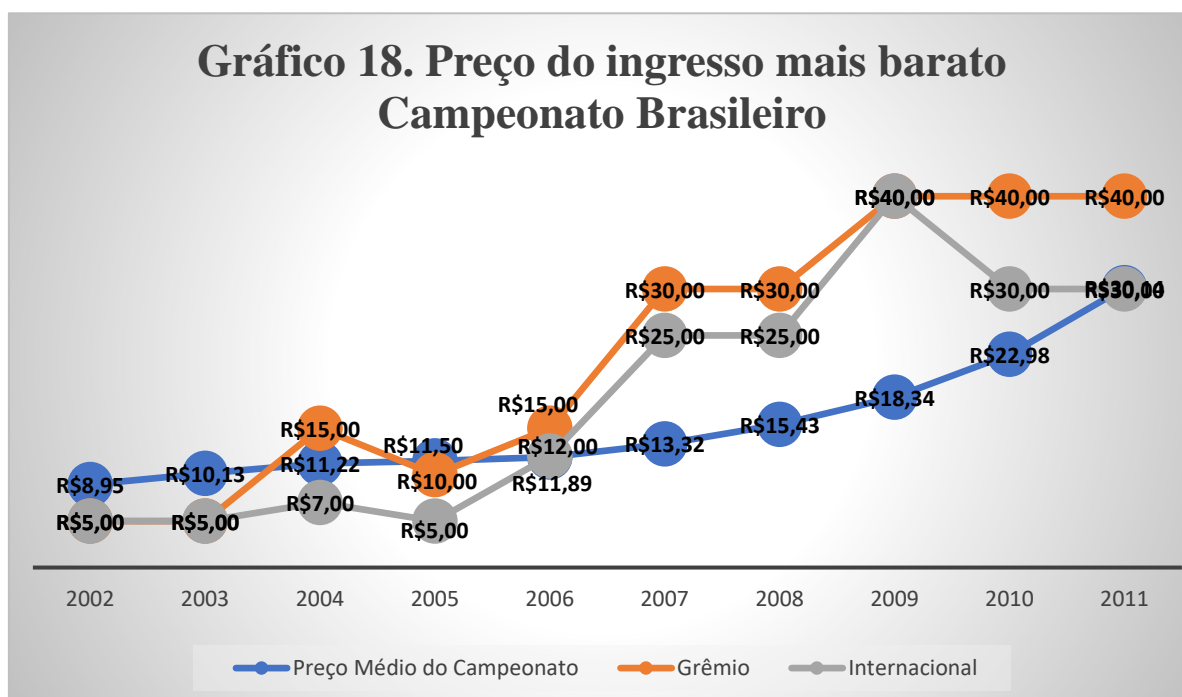
<sup>713</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/12/18/renda-recorde-publico-nem-tanto-o-brasileirao-2013/>

<b>2003</b>	Grêmio x Fluminense	20.00	10.00	10.00	5.00
<b>2002</b>	Grêmio x Gama	20.00	15.00	10.00	5.00
<b>2001</b>	Grêmio x Inter	25.00	20.00	15.00	5.00
<b>2000</b>	Grêmio x Ponte Preta	15.00	10.00	10.00	5.00
<b>1999</b>	Grêmio x Inter	25.00	20.00	10.00	5.00
<b>1998</b>	Grêmio x Santos	15.00	15.00	10.00	
<b>1997</b>	Grêmio x Criciúma	10.00	10.00	5.00	

**Tabela 4. Internacional: valores dos ingressos Campeonato Brasileiro**

<b>Ano</b>	<b>Jogo</b>	<b>Cadeira</b>	<b>Superior</b>	<b>Inferior</b>	<b>Popular</b>	<b>Coréia</b>
<b>2011</b>	Internacional x Coritiba	100.00	50.00	30.00		
<b>2010</b>	Internacional x Atlético-GO	80.00	50.00	30.00		
<b>2009</b>	Internacional x Atlético-PR	80.00	50.00	40.00		
<b>2008</b>	Internacional x Cruzeiro	60.00	40.00	25.00		
<b>2007</b>	Internacional x São Paulo	60.00	40.00	25.00		
<b>2006</b>	Internacional x Paraná	45.00	25.00	18.00	12.00	
<b>2005</b>	Internacional x Vasco	30.00	15.00	10.00	5.00	
<b>2004</b>	Internacional x Vasco	30.00	15.00	10.00	7.00	
<b>2003</b>	Internacional x Bahia	20.00	15.00	10.00	5.00	
<b>2002</b>	Internacional x Flamengo	20.00	15.00	10.00		5,00
<b>2001</b>	Internacional x Gama	20.00	15.00	10.00	5.00	3.00
<b>2000</b>	Internacional x Atlético-PR	20.00	10.00	5.00		3.00
<b>1999</b>	Internacional x Ponte Preta	10.00	5.00	5.00		2.00
<b>1998</b>	Internacional x Cruzeiro	15.00	10.00	10.00		3.00
<b>1997</b>	Internacional x América	20.00	15.00	12.00		3.00

Ao compararmos os preços médios dos ingressos do campeonato de todos times da Série A, com os ingressos mais baratos cobrados pela dupla Grenal, podemos apreender que justamente o ano de 2007 apresenta um corte fundamental. Se antes os valores eram muito similares, incluindo momentos em que os valores dos ingressos mais baratos eram menores que o preço médio, os períodos de ligeiras elevações, a partir de 2007, mesmo com elevação mais contundente dos preços médios, o preço do ingresso mais barato ficou muito superior: com aumento nos ingressos do Grêmio em 85% e do Internacional em mais de 120%.



Em 2001, o Clube dos Treze já havia condicionado no regulamento a obrigatoriedade da cobrança de um valor mínimo de ingresso para qualquer parte do estádio em R\$ 10,00. Contudo, tanto Internacional quanto Grêmio recorrentemente infringiam a regra<sup>714</sup>, assim como outros clubes da primeira divisão, como o América Mineiro que fixou em R\$ 2,00 seu ingresso<sup>715</sup>. Em 2004, conforme Regulamento do Campeonato Brasileiro Serie A desse ano, da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no Capítulo V - Art. 20: "Nenhum tipo de ingresso poderá ser inferior a R\$ 15,00 (quinze reais) com exceção das meias entradas para estudantes (no valor de R\$ 7,00), ou outras situações, conforme a legislação definir, e dos ingressos especiais para associados,

<sup>714</sup> Correio do Povo, 05 de agosto, 2001, contracapa.

<sup>715</sup> Correio do Povo, 29 de agosto, 2001, p. 26.

limitados ao valor mínimo de R\$ 7,00 (sete reais) ”<sup>716</sup>, o que levou o Internacional a adequar seus preços a partir do jogo contra o Palmeiras em 25 de abril daquele ano. É interessante notar que anteriormente já existira uma tentativa de controle dos preços via regulamento, mas que era constantemente quebrada. Em 2004 é que ela foi aceita.

Já em 19 de abril de 2004, após vistoria do Ministério Público e da Brigada Militar, foi recomendado a suspensão da venda de ingressos em setores onde os torcedores ficassem em pé. Assim o clube transformou o espaço das arquibancadas inferiores atrás das goleiras, denominando as de popular placar, (embaixo do placar eletrônico) e popular gigantinho (a qual ficava na direção do mesmo).

Mesmo com a demarcação em lugar individual, aquele continuou sendo um espaço de resistência à lógica do “Padrão FIFA”, que aos poucos começava a ingressar no futebol brasileiro. O ingresso daquele local passou a ser cobrado no valor de exatos R\$ 7,00. A estreia do novo espaço foi no dia 22 de maio em jogo contra o Goiás Esporte Clube.

#### **Imagem 14. Visão do setor Popular Gigantinho**



Fonte: S.C.I.<sup>717</sup>

---

<sup>716</sup> Regulamento do Campeonato Brasileiro Série A de 2004.

<sup>717</sup> INTERNACIONAL. Populares estreiam sábado.  
<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=889>

Disponível em:

### Imagem 15. Visão do setor Popular Placar



Fonte: S.C.I.<sup>718</sup>

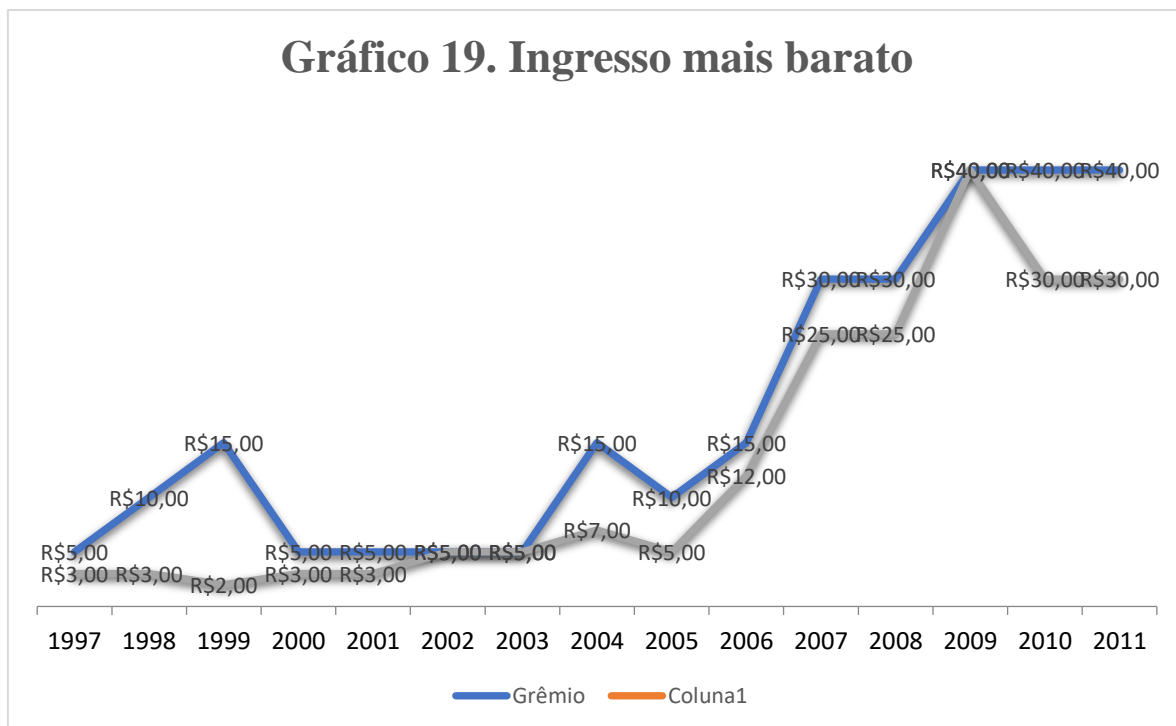
Este aumento para o valor mínimo de R\$ 15,00 representava que o torcedor que comparecesse em média aos quatro jogos, teria um gasto equivalente a 23% de um salário mínimo, unicamente em ingressos. O ano de 2004 concentrou as menores médias históricas de público em campeonatos Brasileiro desde 1971.

O internacional ofereceu a seu público o plano de compra antecipada de ingressos para os 23 jogos do campeonato: R\$ 170 para arquibancada inferior, R\$ 250 para a superior e R\$ 500 para a cadeira. Sem os descontos, o torcedor colorado teria que desembolsar R\$ 345, R\$ 460 e R\$ 690, que podiam ser parcelados em apenas duas vezes. Já o grêmio oferecia o seguinte pacote: arquibancada R\$ 345, cadeira lateral R\$ 460, acompanhante de sócio R\$ 460 e cadeira central R\$ 575, podendo ser parcelado em até seis vezes no cartão de crédito<sup>719</sup>. Apesar dos descontos, o prazo de pagamento acabava tornando quase inviável o a presença dos assalariados.

<sup>718</sup> Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=889>

<sup>719</sup> Correio do Povo, 20 de abril 2004, p. 23.





No estádio Beira-Rio, o valor dos ingressos do setor popular, a “coreia”, era fundamental para baixar o custo dos ingressos. Esta zona do estádio passava por constantes percalços, como em 1997, quando foi parcialmente interditada para passar por reformas, que consistiam na colocação de uma tela reforçada, para evitar o arremesso de objetos no gramado<sup>720</sup>.

O setor da Coreia chegou ao fim em 2004, a partir da assinatura de um acordo entre o Ministério Público e a direção do clube. Além disso, as palavras do então presidente do clube Fernando Carvalho apontam para um outro elemento desencadeador para tal acontecimento: “A proximidade com o campo, a facilidade para arremessar coisas, acabou motivando o fechamento. Aquele espaço tornava a segurança vulnerável. Para não haver mais o arremesso desses objetos, nós tivemos que abrir mão de ter a Coreia. Toda a decisão foi em cima de muitos fatores. Houve o acordo com o Ministério Público, por questão de segurança dos torcedores também”<sup>721</sup>.

A partir de 2007, os ingressos mais baratos de Grêmio e Internacional acabaram por abarcar uma maior fatia do salário mínimo e isso pode ser explicado pelo início das políticas de sócio torcedor, que foram desenvolvidas pelos dois clubes entre final de 2006

<sup>720</sup> Correio do Povo, 09 de agosto 1997.

<sup>721</sup> Correio do Povo



e começo de 2007. Provavelmente este aumento no ingresso mais barato está vinculado a uma tentativa do clube de “pressionar” os torcedores a associação.

No Internacional, as propostas para o sócio contribuinte apareceram em uma conjuntura que, dentro de campo era vitoriosa, durante a libertadores de 2006, e a partir do momento em que o clube parou de aceitar novas associações que garantiam direito a acesso direto aos jogos. Então entre dezembro de 2006 e janeiro de 2007 foi anunciado o programa Sócio Campeão do Mundo, onde o valor mensal era de R\$ 20,00, com direito a aquisição de ingresso (com 50% de desconto). Mesmo ano que os valores de associação tradicional foram majorados em 50%, passando a custar R\$ 45,00 e R\$ 53,00 para sócios do Parque Gigante, com direito a ingressos<sup>722</sup>.

O sócio contribuinte em 2007 desembolsava R\$ 20,00 de mensalidade, mais R\$ 12,50 por jogo, gastando R\$32,50, o que equivalia a 8,55% do salário mínimo. Ou, não sendo sócio, comprava o ingresso por R\$ 25,00 e tinha 6,5% do seu salário comprometido, o único “porém” é a possibilidade de não acessar os ingressos em partidas decisivas. Na final do campeonato estadual de 2008, os ingressos foram todos vendidos para sócios, fazendo com que torcedores que não participassem do quadro social também não tivessem acesso ao jogo.<sup>723</sup> Para “compensar”, o torcedor contribuinte precisaria assistir a dois jogos no mês o que equivaleria R\$ 45,00, ou 11,8% do salário mínimo.

O Grêmio lançou também, entre 2006 e 2007, o programa sócio torcedor. O valor da mensalidade era os mesmos R\$ 20,00, que somados ao ingresso mais barato correspondiam a R\$ 35,00, ou 9,2% do salário mínimo. Para obter alguma vantagem frente a associação precisaria ser um torcedor que comprava dois ingressos, assim gastando R\$ 50,00, ou 13,1% do salário mínimo. Isso ou corria o risco de não alcançar ingressos para os jogos mais importantes, como nas oitavas de finais da Copa Libertadores de 2007.<sup>724</sup>

---

<sup>722</sup> INTERNACIONAL. Comunicação ao sócio, 2007. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=4448>

<sup>723</sup> INTERNACIONAL. Esclarecimento sobre venda de ingressos, 2008. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=6743>

<sup>724</sup> GRÊMIO. Esclarecimento ao sócio torcedor, 2007. Disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=2190&language=0>

**Tabela 5. Grêmio: Relação salário mínimo com ingresso mais barato**

ANO	Salário mínimo	Grêmio	Porcentagem do Salário
1997	R\$ 120,00	R\$ 5,00	4,1%
1998	R\$ 130,00	R\$ 10,00	7,6%
1999	R\$ 136,00	R\$ 15,00	11,0%
2000	R\$ 151,00	R\$ 5,00	3,3%
2001	R\$ 180,00	R\$ 5,00	2,7%
2002	R\$ 200,00	R\$ 5,00	2,5%
2003	R\$ 240,00	R\$ 5,00	2,0%
2004	R\$ 260,00	R\$ 15,00	5,7%
2005	R\$ 300,00	R\$ 10,00	3,3%
2006	R\$ 350,00	R\$ 15,00	4,2%
2007	R\$ 380,00	R\$ 30,00	7,8%
2008	R\$ 415,00	R\$ 30,00	7,2%
2009	R\$ 465,00	R\$ 40,00	8,6%
2010	R\$ 510,00	R\$ 40,00	7,8%
2011	R\$ 540,00	R\$ 40,00	7,4%

Ao tentar estabelecer um critério de comparação do preço dos ingressos, o que nos parece mais viável e mais significativo é pensar o custo sobre o salário mínimo vigente no período. O salário mínimo aqui escolhido é, desde o plano real, o que acaba também auxiliando no entendimento da grandeza. À primeira vista é possível perceber, que levando em conta o ingresso mais barato, os jogos no Beira-Rio se mostravam mais acessíveis aos torcedores.

**Tabela 6. Internacional: Relação salário mínimo com ingresso mais barato**

<b>Ano</b>	<b>Salário mínimo</b>	<b>Internacional</b>	<b>Porcentagem do Salário</b>
<b>1997</b>	R\$ 120,00	R\$ 5,00	4,1%
<b>1998</b>	R\$ 130,00	R\$ 3,00	2,3%
<b>1999</b>	R\$ 136,00	R\$ 2,00	1,4%
<b>2000</b>	R\$ 151,00	R\$ 3,00	1,9%
<b>2001</b>	R\$ 180,00	R\$ 3,00	1,6%
<b>2002</b>	R\$ 200,00	R\$ 5,00	2,5%
<b>2003</b>	R\$ 240,00	R\$ 5,00	2,0%
<b>2004</b>	R\$ 260,00	R\$ 7,00	2,6%
<b>2005</b>	R\$ 300,00	R\$ 5,00	1,6%
<b>2006</b>	R\$ 350,00	R\$ 12,00	3,4%
<b>2007</b>	R\$ 380,00	R\$ 25,00	6,5%
<b>2008</b>	R\$ 415,00	R\$ 25,00	6,0%
<b>2009</b>	R\$ 465,00	R\$ 40,00	8,6%
<b>2010</b>	R\$ 510,00	R\$ 30,00	5,8%
<b>2011</b>	R\$ 540,00	R\$ 30,00	5,5%

\*\*\*

Neste último capítulo, foram apresentados alguns pontos mais relevantes sobre a história de construção dos estádios da dupla Gre-Nal, desde o surgimento dos clubes até os atuais campos de jogos. Dentro desta perspectiva, procurou-se apresentar um pouco dos procedimentos de construção, mas também os percursos realizados dentro da cidade por estes equipamentos. Em que pese, os processos de discussão e consequente construção da Arena do Grêmio, assim como a discussão sobre o modelo de reforma do estádio Beira-Rio adotado pelo Internacional, demandaram maior atenção e detalhamento. No último subcapítulo, apresentou-se uma breve discussão sobre a evolução do preço dos ingressos para partidas dos dois clubes em Campeonato Brasileiro entre 1997 e 2011.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar como ocorreu o processo de modernização dos estádios de futebol no Brasil a partir do estudo dos estádios da dupla Gre-Nal, tanto a partir de reforma ou reformulação (caso do Beira-Rio), quanto a partir da construção de um novo equipamento (caso da Arena), compreendendo que estes processos impõem um conjunto de alterações, seja no jogo, no estádio e principalmente no público frequentador.

Alicerçado em um movimento mais amplo de transformação das relações do futebol a partir da década de 1980, esta transformação do futebol refletiu na alteração da estruturação dos estádios e deve ser compreendida segundo modificações estruturais e conjunturais, tanto de níveis internacionais quanto de níveis nacionais, como os novos posicionamentos pelos quais a FIFA passou a adotar como entidade, a partir da chegada de João Havelange a presidência da entidade, que resultou na mudança no seu modo de compreender e lidar com o futebol. É quando o jogo começa a ser percebido como um “espetáculo midiático”, sendo fundamental monopolizar as regras do jogo e competições, promovendo uma imensa capitalização do seu produto.

Neste mesmo período, com as mudanças ocorridas na Inglaterra, onde houve movimentos de privatização e mercantilização mais amplos no bojo da sociedade, vindo a atingir o futebol, principalmente a partir dos eventos ocorridos no Desastre de Hillsborough com uma forte ação governamental, ocorreu um processo de transformação dos estádios e elitização do acesso aos torcedores.

No Brasil, o neoliberalismo no futebol, ou a percepção do futebol como um produto que poderia apresentar lucros, ocorre principalmente a partir da criação do Clube dos Treze em julho de 1987, com o objetivo principal de defender os interesses políticos e comerciais dos clubes, Naquele mesmo ano resultou na organização da Copa União, disputa entre os clubes que substituiu o campeonato nacional. Mesmo não promovendo o campeonato do ano seguinte, o Clube dos Treze, como fruto da gestão inovadora para o período, tornou-se porta voz dos clubes nas negociações dos direitos de transmissão dos jogos.

Por outro lado, ocorreu um movimento imposto por questões legais aplicado com as Lei nº 8.672/93 (Lei Zico) e a Lei nº 9.615/98 (Lei Pelé), a primeira impunha a transformação dos clubes em empresas, a segunda o fim da lei do passe, provocando uma nova necessidade de organização dos clubes. A segunda questão, muito mais do que a

primeira, fez com que os clubes mudassem seus planejamentos e práticas referentes a obtenção de receitas.

A partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000, o Brasil foi impactado pelas primeiras transformações e modificação arquitetônicas dos estádios. Um dos marcos fundamentais no país foi a construção da “Arena” da Baixada, estádio do Atlético-PR construído em 1999. Contudo, foi no início dos anos 2000, com os processos de candidaturas do país aos megaeventos esportivos, como os jogos Pan Americanos de 2007, Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016, ocorreu um movimento mais intenso de uma série de intervenções do Estado no intuito de regular o esporte e o torcedor, onde foram aplicados legalmente o Estatuto de Defesa do Torcedor (2003), em consonância com o Código de Defesa do Consumidor de 1990, equiparando os “direitos” dos torcedores aos dos consumidores; em 2004 ocorreu, por parte do Ministério do Esporte, a formação de uma Comissão pela Paz no Esporte que resultou no Relatório da Paz.

A partir de 2008, com a concretização da escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, ocorreu a instalação dos Juizados Especiais Criminais (JECrim), com o objetivo de julgar e penalizar pequenas infrações ocorridas nas praças esportivas em dias de jogos. Adicionado a isso, houve a restrição do consumo de bebidas alcoólicas dentro dos estádios durante os jogos de futebol, dentro de uma perspectiva de diminuição da violência, principalmente associada aos membros das torcidas organizadas.

Uma das características dos novos estádios é a diminuição de sua capacidade, conjuntamente com uma “balcanização” ou “hipersetorização”, onde proporcionalmente dentro do estádio há uma diminuição de espaços populares e aumento de espaços diferenciados. Na atualidade, os novos nomes fazem alusão a termos em inglês que estão associados a uma diferenciação e distinção na esfera do consumo: a cadeira não é mais apenas “cadeira”, é a “cadeira Gold”, “cadeira diamante”; há o espaço VIP, os camarotes Skybox. A própria FIFA utiliza os termos de diferenciação para determinados frequentadores, além do VIP, VVIP (*very very important person* ou, em uma tradução literal a pessoa muito muito importante). As diferentes alocações em diferenciados espaços dentro do estádio, seja a partir do nome, da localização e do conforto, representam uma tentativa deliberada de individualizar, classificar e hierarquizar as pessoas conforme seu posicionamento socioeconômico e capacidade de consumo fora do estádio.

Esta nova configuração sempre é apoiada em justificativas de maior segurança e conforto. Contudo, cabe observar qual o entendimento sobre esse conforto, uma vez que está implícito impor novas práticas de sociabilidade dentro daquele espaço, ao mesmo tempo em que procura suprimir as antigas, utilizando-se de forte disciplinarização dos torcedores. Com isso, os novos equipamentos acabam sendo transformados em intensos locais de consumo, fazendo a transição do torcedor de um assistente do espetáculo para um consumidor<sup>725</sup>. Destarte, o frequentador do estádio passa a tecer uma relação de compra do serviço, utilizando-se do estádio e do produto, a partida futebol.

Este exemplo nos ajuda a entender as transformações ocorridas nos estádios de futebol do Grêmio e do Internacional, os dois principais clubes do Rio Grande do Sul, que, ao passarem por remodelações arquitetônicas de seus estádios, acabaram por resultar em uma nova disposição do perfil, tanto econômico quanto comportamental, de seus torcedores.

É perceptível que a própria arquitetura do estádio sofre fundamental alteração. Para além da diminuição de sua capacidade, os setores mais acessíveis aos torcedores mais pobres são transformados, quando não excluídos, transformações estas que servem como justificativa para o aumento do preço dos ingressos. Conjuntamente, é apresentada toda uma carta de novidades de bens e como estes podem e devem ser consumidos neste novo espaço, o que vai ao encontro do pensamento de mercantilização do espetáculo, onde o desejável é alcançar maiores lucros, não pela quantidade de torcedores, mas pela sua qualidade em capacidade de consumo, ou seja, “o lucro não depende mais do número de espectadores presentes em uma praça esportiva, mas da capacidade e versatilidade de cada um desses, de maneira individual, consumir produtos esportivos durante o espetáculo de futebol”<sup>726</sup>. Neste sentido, não é interessante um ingresso com baixo preço, pois o preço do ingresso serve como amostra da capacidade de consumo daquele cliente. Logo, o torcedor entendido como um consumidor passa a ser fortemente fomentado pelos clubes, que através dos modernos equipamentos já se preparam arquitetonicamente para esperar e agradar seus novos clientes.

---

<sup>725</sup> CAMPOS, Flavio. **Arquitetura da exclusão: Apontamentos para a inquietação com o confronto**. In. CAMPOS, F.; ALFONSI, D. A. (Org.) . **Futebol Objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014, p. 358.

<sup>726</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O fim do Estádio-nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014**. In: Flávio de Campos; Daniela do Amaral Alfonsi. (Org.). **Futebol - objeto das ciências humanas**. 1ed.Sao Paulo: Leya, 2014b, 323-24.

Como o comportamento de todos os frequentadores dos estádios de futebol não é natural e inerente, muito pelo contrário, os códigos corporais, vocais e outras expressões estão colocados dentro de parâmetros que são entendidos enquanto permitidos ou tolerados, as novas configurações arquitetônicas buscam moldar novos códigos e práticas.

A mercantilização da cultura do futebol passa por transmutar um sentimento comunitário e coletivo em uma mercadoria esterilizada de sentimentos, odores, cores, e gosto, individualizada. Esta transformação passa por criminalizar determinadas formas de torcer, principalmente as organizadas e coletivas, que não sejam enquadradas dentro da categoria padrão de consumo, onde o frequentador possa usufruir de seu produto. Não temos como saber o que vai ser da arquibancada no futuro, contudo podemos, a partir de determinadas ações, vislumbrar um modelo, onde o novo frequentador do estádio assume um papel de consumidor com capacidade de sustentar gastos para além unicamente do ingresso, de preferência que imbuja no estádio com sua família, aumentando a possibilidade de gastos, consumindo uma maior quantidade de comidas e bebidas, comprando diferentes produtos licenciados pelo clube. Se for família com criança pequena, o *espaço kids* garante tranquilidade enquanto desfruta o espetáculo. Em troca, recebe um produto e serviços pasteurizado e livre de qualquer infortúnio ou imprevisto.

Norbert Elias, ao exemplificar as transformações dos hábitos corporais, ocorridos a partir do que define processo civilizador, utiliza-se de exemplos referentes ao modo de comer, como utilizar as mãos ou a introdução do garfo; a privatização na execução de funções corpóreas, como se portar com as excreções corporais; o uso apropriado das mãos à mesa durante as refeições.<sup>727</sup> O conceito de “processo civilizador” não é utilizado de forma moralista ou avaliatória, um exemplo disso é que toma o cuidado de utilizar os termos que o circundam como “civilização”, “civilizado” e “civilizador” sempre entre aspas.<sup>728</sup>

O futebol como esporte moderno teria a função de originar uma excitação que permitiria às pessoas ao mesmo tempo em que extravasassem seus sentimentos, exercer as capacidades de autocontrole. O conceito de autocontrole expõe como o incremento da capacidade da autoconsciência como disciplinadora do comportamento, atuando para controlar impulsos, ânsias e pulsões humanas, em orientação a adaptabilidade aos padrões

---

<sup>727</sup> ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro. Zahar. 1994 p. 101.

<sup>728</sup> REIS, H. H. B.; Dunning, E. (Org.). **Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios**. 1a. ed. São Paulo: Annablume, 2014. v. 1. 263p., p.70.

sociais predeterminados de comportamento,<sup>729</sup> onde uma das principais características do processo civilizador seria justamente uma diminuição sensível da tolerância frente aos atos reconhecidos como violentos.

Estas transformações ficam evidentes quando analisados os novos estádios da dupla Gre-Nal, que procuraram basear suas construções dentro dos “requisitos mais modernos” de construção de seus equipamentos, dentro de uma conjuntura do final da primeira década e início da segunda década dos anos 2000, que a foi a de escolha e consequente realização dos jogos da Copa do Mundo de 2014. Conjuntamente, pode-se observar que, entre o decorrer da década de 1990 e 2000, ocorreu um movimento de majoração dos ingressos, que, somado a novas políticas associativas, acabam por dificultar o acesso ao estádio, principalmente dos grupos sociais de menor renda, que dispendo de menor capacidade de consumo, acabam também sendo preteridos nesses espaços.

Neste sentido, a pesquisa buscou demonstrar, através da análise das fontes selecionadas, compostas por leis e documentos oficiais do Estado e de entidades próprias do futebol, projetos arquitetônicos, preços de ingressos e matérias da imprensa escrita, somadas e apoiadas em bibliografia específica, como que, a partir de uma mercantilização e consequente capitalização do futebol em um produto, ocorreu uma transformação no modo de lidar com o jogo, transformando-o em um espetáculo de milhões, sobretudo de espectadores capazes de consumir. Foi possível perceber que, acompanhada dessa mercantilização, ocorre uma reconfiguração e modernização dos equipamentos esportivos, sobretudo os chancelados com as insígnias de “padrão FIFA”, onde busca-se, para além da disciplinarização dos corpos, definir qual o modo de acompanhar ao espetáculo e como o frequentador ou assistente do jogo deve se portar em relação aos demais. É possível fazer um paralelo do estádio com uma sociedade com intensos níveis de pacificação: quanto mais o equipamento apresentar níveis de “pacificação” ou de silenciamentos, mais os torcedores precisarão reforçar e se esforçar para exercerem um maior autocontrole de suas funções.

---

<sup>729</sup> ELIAS, N.& DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Difel, Lisboa. 1992.



## FONTES

ABCD, Secretário Nacional – Marco Aurélio Klein. Disponível em: <http://www.abcd.gov.br/acesso-a-informacao/69-quem-e-quem/149-marco-aurelio-klein>

Acesso em 24/09/2017.

AJURIS, Jecrim faz balanço da atuação nos estádios em 2011. Disponível em: <http://www.ajuris.org.br/2012/01/13/jecrim-faz-balanco-da-atuacao-nos-estadios-em-2011/>

Acesso em 24/09/2017.

ALAMBRADO COLORADO. Disponível em: [http://www.alambrado.net/wp-content/uploads/2015/09/o\\_internacional\\_estadio\\_beira\\_rio-278228.jpg](http://www.alambrado.net/wp-content/uploads/2015/09/o_internacional_estadio_beira_rio-278228.jpg) Acesso em 24/09/2017.

ANDRADE GUTIERREZ. Nota da Empreiteira Andrade Gutierrez, 24 de fevereiro 2012. Acesso em 24/09/2017.

ARENA PORTO-ALEGRENSE. A Arena. Disponível em: <https://arenapoa.com.br/arena>. Acesso em 24/09/2017

ARENA PORTO-ALEGRENSE. Camarotes. Disponível em: <https://arenapoa.com.br/camarotes> Acesso em 24/09/2017

BBC. Hillsborough papers: Cameron apology over 'double injustice'. 2012. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/uk-england-merseyside-19543964>. Acesso em 24/09/2017

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Resolução Nº 3801 do Conselho Monetário Nacional. Disponível em: [https://www.bcb.gov.br/pre/normativos/busca/downloadNormativo.asp?arquivo=/Lists/Normativos/Attachments/47478/Res\\_3801\\_v1\\_O.pdf](https://www.bcb.gov.br/pre/normativos/busca/downloadNormativo.asp?arquivo=/Lists/Normativos/Attachments/47478/Res_3801_v1_O.pdf) Acesso em 24/09/2017

BNDES. Programa BNDES de Arenas para a Copa do Mundo de 2014 - BNDES ProCopa Arenas. Disponível em:

[http://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/patrocinios/patrocinio-ao-esporte/bndes-procopa-arenas!/ut/p/z0/IZDLboMwEEW\\_JQuWlt20IHWJ-khUQJW6qBJv0MQYm3wGNtE\\_fwalEUWSaos7zzOnTtc8g2XBo7YQUAycIh6K7O6fCxe1g\\_volx9iDuRp8Vr\\_vlc3K-ylL9xeXkgr9KJsHTVU9VxaSHsGZqW-AaU9p5m4XpQQNdB2Xo5gfBrGGTOpSIT9E\\_gm51ptK\\_R-IBhVPPJidhTrxPx5wAnHomw2nWjCeDr1ulh1BHjE9FAQ561aMAohD5Wo4weSjcYOxci\\_Ld1NdD0uvPYORKzjhRZYOC0AX9r9oiL-2iQ\\_KlgQEx7Sy7EmbM-9lvu0sOxbKuQbvPF4hdUVucL/](http://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/patrocinios/patrocinio-ao-esporte/bndes-procopa-arenas!/ut/p/z0/IZDLboMwEEW_JQuWlt20IHWJ-khUQJW6qBJv0MQYm3wGNtE_fwalEUWSaos7zzOnTtc8g2XBo7YQUAycIh6K7O6fCxe1g_volx9iDuRp8Vr_vlc3K-ylL9xeXkgr9KJsHTVU9VxaSHsGZqW-AaU9p5m4XpQQNdB2Xo5gfBrGGTOpSIT9E_gm51ptK_R-IBhVPPJidhTrxPx5wAnHomw2nWjCeDr1ulh1BHjE9FAQ561aMAohD5Wo4weSjcYOxci_Ld1NdD0uvPYORKzjhRZYOC0AX9r9oiL-2iQ_KlgQEx7Sy7EmbM-9lvu0sOxbKuQbvPF4hdUVucL/) Acesso em 24/09/2017.

BRASIL. Anexo A. Mobilidade Urbana. Disponível: <http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/matriz-de-esponsabilidades/rs/anexo.pdf> Acesso em 24/09/2017.

BRASIL. Decreto 9.912/47. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9912-17-setembro-1946-417224-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 24/09/2017.

BRASIL. Decreto 95.744 de 23 de fevereiro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1980-1989/D95744.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D95744.htm) Acesso em 24/09/2017.

BRASIL, Decreto Nº 6.795, DE 16 DE MARÇO DE 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6795.htm) Acesso em 24/09/2017.

BRASIL. Decreto 7.525/2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7525.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7525.htm#art1) Acesso em 24/09/2017.

BRASIL. Decreto Nº 7.319/2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7319.htm) Acesso em 24/09/2017.

BRASIL. Financiamentos. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/copa2014/cidades/financiamentos.seam?empreendimento=147> Acesso em 24/09/2017.

BRASIL. Lei 8.078 de 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18078.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18078.htm) Acesso em 24/09/2017.

BRASIL. Lei 9.616 de 1º de abril de 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9616.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9616.htm) . Acesso em 24/09/2017.

BRASIL. Relatório da Paz no Esporte. Brasília: Ministérios do Esporte e da Justiça, 2006. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/institucional/relatorioFinalPazEsporte.pdf>

BRASIL. Lei 10.671 de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.671.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.671.htm). Acesso 24/09/2017

BRASIL. Lei nº 12.350/2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/Lei/L12350.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Lei/L12350.htm) Acesso 24/09/2017

BRASIL. Lei 12.462 de agosto de 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/Lei/L12462.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/Lei/L12462.htm). Acesso 24/09/2017

BRASIL. Termo de Compromisso. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/matriz-de-responsabilidades/rs/termoCompromisso.pdf> Acesso 24/09/2017

BRASIL. Valor da execução financeira com aditivos (R\$). Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/copa2014/cidades/previsao.seam?empreendimento=147> Acesso 24/09/2017

BRICS. **Acordo de Reservas e o Novo Banco de Desenvolvimento: rumo à institucionalização do bloco.** Nota Técnica: Dieese, número 139, Agosto 2014. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/notatecnica/2014/notaTec139Brics.pdf> Acesso 24/09/2017

CBF. Resolução nº 01 de 2008. Disponível em: [http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/resolucao\\_cbf.pdf](http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/resolucao_cbf.pdf) Acesso 24/09/2017

CBF. CNEF. Disponível em: [http://cdn.cbf.com.br/content/201410/20141024155740\\_0.pdf](http://cdn.cbf.com.br/content/201410/20141024155740_0.pdf) Acesso 24/09/2017

CNPG. Protocolo de Intenções entre CNPG e CBF. Rio de Janeiro, 31 ago. 2007. Disponível em: [http://www.cnpg.org.br/arquivos/ProtocoloIntencoes\\_CBF\\_Assinado.pdf](http://www.cnpg.org.br/arquivos/ProtocoloIntencoes_CBF_Assinado.pdf) Acesso 24/09/2017

CNPG. Termo de adendo ao protocolo de intenções celebrado Entre o conselho nacional dos procuradores-gerais do Ministério público dos estados e da união e a confederação Brasileira de futebol, 2008. Disponível em: <http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/cnpg- minuta - proibicao bebida alcoolica-1.pdf> Acesso 24/09/2017

CNPG. Histórico, 2013. Disponível em: <http://www.cnpg.org.br/index.php/prevencao-e-combate-a-violencia-nos-estadios/3327-historico>. Acesso 24/09/2017.

DIAS, Mauricio. Globo em crise. Observatório da Imprensa. Novembro 2002. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0611200292.htm> Acesso 24/09/2017.

DIEESE. Pesquisa nacional da Cesta Básica de Alimentos. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso 24/09/2017.

EL PAIS. Alexandre Kalil: “Futebol não é coisa para pobre” Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/14/deportes/1500068233\\_300420.html?id\\_externo\\_rsoc=TW\\_BR\\_CM](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/14/deportes/1500068233_300420.html?id_externo_rsoc=TW_BR_CM) Acesso 24/09/2017.

ESTADÃO. Globo fatura R\$ 7 bilhões em 2009 <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,globo-fatura-r-7-bilhoes-em-2009,528779> Acesso 24/09/2017.

FIFA. Estádios de Futebol Recomendações e requisitos técnicos, 5ª edição, 2011

FIFA. Informe de finanças da FIFA 2010. Zurique: 2011.

FIFA. Informe de finanças da FIFA 2014. Zurique: 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. CBF afirma que calendário quadrienal não foi rasgado, 27 de julho 2002. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2707200215.htm> Acesso em: 24/09/2017

FOLHA DE SÃO PAULO. TV quer tornar Brasileiro mais interessante, 27 de julho 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2707200216.htm> . Acesso em: 24/09/2017.

GLOBO ESPORTE. Há 59 anos Grêmio dava início ao Olímpico, que se despede. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2012/04/ha-59-anos-gremio-dava-inicio-ao-olimpico-que-se-despede-em-2012.html>

GLOBOESPORTE. O dinheiro da tv em 2009. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2009/01/25/o-dinheiro-da-tv-em-2009/> Acesso em: 24/09/2017.

GLOBOESPORTE. Grêmio lança novo plano de sócios com mensalidade de R\$ 18, 31 de janeiro 2011. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2011/01/gremio-lanca-novo-plano-de-socios-com-mensalidade-de-r-18.html> Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Balanço 2007. Disponível em: <https://gremio1983.files.wordpress.com/2009/05/balanco2.jpg>. Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Balanço 2008. Disponível em: <http://www.gremio.net/governanca/documentos/Demo-contabil-2009-GFPA.pdf> Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Balanço 2009. Disponível em: <http://www.gremio.net/governanca/documentos/Demo-contabil-2010-GFPA.pdf> . Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Balanço 2010. Disponível em: <http://www.gremio.net/governanca/documentos/Demo-contabil-2010-GFPA.pdf> Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Balanço 2011. Disponível em: <http://www.gremio.net/governanca/documentos/Demo-contabil-2011-GFPA.pdf> Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Como ficam o sócio torcedor ouro e diamante na Arena. Disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=14284> Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Dezembro fecha com recorde de novos sócios. 05 de janeiro 2011. Disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=11860&language=0> Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Esclarecimento ao sócio torcedor, 2007. Disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=2190&language=0> Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Estádio Olímpico. Disponível em: <http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=estadio> Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Instrumento particular de contrato atípico para a adequação de imóveis, assunção de obrigação de construção e outras avenças, com condições precedentes. Artigo 3.4 Disponível em: <https://issuu.com/correiodopovo.ej2/docs/contratogremioas> Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Planejamento Estratégico. Disponível em: [http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=planejam\\_faq](http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=planejam_faq) Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Quadro social comemora marca dos 20 mil sócios, 01 de abril 2007. Disponível em: <http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=85&language=0> Acesso em: 24/09/2017

GRÊMIO. Regulamento Arena. Disponível em: <http://srvgremio.com.br/arena/index.php/home/regulamento>. Acesso em 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Agenda Histórica Internacional, maio 2008.

INTERNACIONAL. Ata de compra do terreno Eucaliptos. Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com.br/2016/03/inauguracao-do-estadio-dos-eucaliptos.html> Acesso em: 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Ato Normativo nº 01. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach/wp-content/uploads/2011/12/ai5.jpg> Acesso em: 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Balanço 2006. Disponível em:  
[http://www.internacional.com.br/extra/balanco\\_INTER-2006.pdf](http://www.internacional.com.br/extra/balanco_INTER-2006.pdf) Acesso em:  
24/09/2017.

INTERNACIONAL. Balanço 2007. Disponível em:  
[http://www.internacional.com.br/extra/BALANCO\\_INTER\\_2007.pdf](http://www.internacional.com.br/extra/BALANCO_INTER_2007.pdf) Acesso em:  
24/09/2017.

INTERNACIONAL. Balanço 2008. Disponível em:  
[http://www.internacional.com.br/extra/balanco\\_INTER-2008\\_pg2.pdf](http://www.internacional.com.br/extra/balanco_INTER-2008_pg2.pdf) Acesso em:  
24/09/2017.

INTERNACIONAL. Balanço 2009. Disponível em:  
[http://www.internacional.com.br/download.php?arquivo=BalancoFinanceiro\\_2009\\_julho.pdf](http://www.internacional.com.br/download.php?arquivo=BalancoFinanceiro_2009_julho.pdf) Acesso em: 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Balanço 2010. Disponível em:  
<http://www.internacional.com.br/download.php?arquivo=BALANCOINTER-2010.pdf>  
Acesso em: 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Balanço 2011 Disponível em:  
[http://www.internacional.com.br/download.php?arquivo=balancofinanceiro\\_260412.pdf](http://www.internacional.com.br/download.php?arquivo=balancofinanceiro_260412.pdf)  
. Acesso em: 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Beira-Rio Premier Club. Disponível em:  
<http://www.beirariopremierclub.com.br/beira-rio-premier-club/> Acesso em: 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Brio. Disponível em:  
[http://transparencia.internacional.com.br/views/informativos\\_financeiros/brio.phtml](http://transparencia.internacional.com.br/views/informativos_financeiros/brio.phtml)  
Acesso em: 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Comunicação ao sócio, 05 de fevereiro 2007. Disponível em:  
<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=4448> Acesso  
em: 24/09/2017

INTERNACIONAL. Conselho Consultivo recomenda aprovação da reforma do Beira-  
Rio. Disponível em:  
<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=387> Acesso  
em 24/09/2017

Internacional. Conselho do clube aprova projeto de modernização do complexo Beira-  
Rio. Disponível em:  
<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=423> Acesso  
em 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Esclarecimento sobre venda de ingressos, 2008. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=6743> Acesso em 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Gigante Para Sempre. A modernização do Beira-Rio Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=1&setor=279&secao=294&subsecao=102> Acesso em 24/09/2017.

INTERNACIONAL. Imagem aérea dos Eucaliptos. Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com.br/2016/03/inauguracao-do-estadio-dos-eucaliptos.html> Acesso em 24/09/2017

INTERNACIONAL. Inter lidera ranking de sócios divulgado pela Placar. 02 de julho 2007. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=7017> Acesso em: 24/09/2017

INTERNACIONAL. Inter ultrapassa marca dos 100 mil sócios, 10 de julho 2009. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=9220> Acesso em: 24/09/2017

INTERNACIONAL. Mapa Setorização do estádio Beira-Rio. Gigante Para Sempre. Disponível em: [http://s2.glbimg.com/-EodWwL3X8JtCKoy5JVyPqTT7E4=/0x0:630x725/630x726/s.glbimg.com/es/ge/f/original/2013/12/18/mapa\\_setorizacao\\_041213.jpg](http://s2.glbimg.com/-EodWwL3X8JtCKoy5JVyPqTT7E4=/0x0:630x725/630x726/s.glbimg.com/es/ge/f/original/2013/12/18/mapa_setorizacao_041213.jpg) Acesso em: 24/09/2017

INTERNACIONAL. Nota oficial do S.C.I. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=9623> Acesso em: 24/09/2017

INTERNACIONAL. Parceria firmada entre Inter e Andrade Gutierrez. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=17148> Acesso em: 24/09/2017

INTERNACIONAL. Populares estreiam sábado. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=889> Acesso em: 24/09/2017

INTERNACIONAL. Projeto Gigante para Sempre. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/giganteparasempre/> Acesso em: 24/09/2017

INTERNACIONAL. Sucesso: em 18 dias mais de 3.600 novos sócios, 12 de janeiro 2007.

Disponível em:

<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=4364>. Acesso em: 24/09/2017

Jornal A Federação

Jornal Correio do Povo

Jornal Diário de Notícias

Jornal Zero Hora

**JRWP. O futebol de união. Entrevista com João Havelange. Revista da ESPM.**

Maio/Junho, 2009. Disponível em: [http://acervo-digital.espm.br/revista\\_da\\_espm/2009/maio\\_jun/6\\_Havelange.pdf](http://acervo-digital.espm.br/revista_da_espm/2009/maio_jun/6_Havelange.pdf)

KFOURI, Juca. Nascimento e agonia do Clube dos 13. 01/03/2011. Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2011/03/nascimento-e-agonia-do-clube-dos-13/> . Acesso em: 24/09/2017.

MEIO E MENSAGEM. Futebol da Globo valoriza mais de 100% em dez anos, 2017.

Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/08/08/futebol-da-globo-valoriza-mais-de-100-em-dez-anos.html> Acesso em: 24/09/2017.

SEIXAS, Fabio. Clubes devem bancar polícia, defende xerife anti hooligan. Entrevista Folha de São Paulo, 31 de outubro de 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3110200518.htm> Acesso em: 24/09/2017.

Sporting Events (Control os Alcohol etc.) Act 1985. Disponível em: <http://hillsborough.independent.gov.uk/repository/docs/LJT000000190001.pdf> Acesso em 24/09/2017

O mais Inter vota não!. Disponível em: <http://maisinter.blogspot.com.br/2011/12/o-mais-inter-vota-nao.html> Acesso em 24/09/2017

OLIVEIRA, Lilian. **O atletismo perante 2014 e 2016.** Disponível em: <http://www.portal2014.org.br/blog/arquibancada/index.php/2009/10/10/o-atletismo-perante-2014-e-2016/> Acesso em 24/09/2017.

PREFEITURA PORTO ALEGRE. Lei nº 1.651/56. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/netahtml/sirel/atos/Lei%201651> Acesso em 24/09/2017

PREFEITURA PORTO ALEGRE. Lei nº 3.225/68. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/netahtml/sirel/atos/Lei%203225> Acesso em 24/09/2017



PREFEITURA PORTO ALEGRE. Lei nº 511/04. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000027589.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT> Acesso em 24/09/2017

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Lei nº 10.400/2008. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000029646.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT> Acesso em 24/09/2017

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Lei Nº 16.796/2010. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000031277.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT>

PREFEITURA PORTO ALEGRE. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA), p. 46. Disponível em: [http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/planodiretortexto.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/planodiretortexto.pdf)

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Plano Municipal de Habitação de Interesse Social. Etapa II – Diagnostico do setor habitacional de Porto Alegre. 2009, p. 25. [http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/demhab/usu\\_doc/diagnstico\\_porto\\_alegre.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/demhab/usu_doc/diagnstico_porto_alegre.pdf) Acesso em 24/09/2017.

REVISTA EXAME. Globo fecha sexta cota de patrocínio para Futebol 2011, 2010. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/globo-confirma-sexta-cota-renovacao-futebol-2011-599877/> Acesso em 24/09/2017.

Revista Placar. Edição nº 25, 1982.

Revista Placar, Edição nº 902, 14 de setembro 1987.

Revista Placar. Edição nº1265, dezembro 2003.

Termo de Compromisso de Cessação. Disponível em: <https://gremio21.files.wordpress.com/2011/02/globo-x-clube-dos-13-cade-tcc.pdf>. Acesso em 24/09/2017

ZERO HORA. Da baixada a arena. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2008/12/da-baixada-a-arena-gremio-sai-do-olimpico-para-seguir-crescendo-2349327.html> Acesso em 24/09/2017

## BIBLIOGRAFIA

- AFFINI, Leticia e USHINOHAMA, Tatiana. **Futebol: Mega-evento esportivo e a transmissão televisiva.** XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.
- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional.** Rio de Janeiro: FAPERJ, MAUAD, 2002
- AGUIAR, Leonel e PROCHNIK, Luísa. **Quanto vale uma partida de futebol? A relação entre televisão e futebol no cenário midiático contemporâneo.** Logos 33, Comunicação e Esporte. Vol.17, Nº02, 2º semestre 2010.
- AHMAD, Aijaz. **Pós-Modernismo e Movimentos Populares: Problemas de classe e cultura.** In. WOOD, Ellen e FOSTER, John Bellamy. Em defesa da história. Marxismo e pós-modernismo. Jorge Zahar Editor, 2000.
- ALMEIDA, M. A. B.. Discussão sobre as mudanças na legislação desportiva brasileira: caso do futebol e a Lei do Passe. Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - Nº 111 - agosto de 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd111/legislacao-desportiva-brasileira-caso-do-futebol-e-a-lei-do-passe.htm> Acesso em 24/09/2017.
- ALVITO, Marcos. **A parte que te cabe nesse latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização.** Análise Social. Lisboa, v. XLI, 2º trimestre de 2006.
- ALVITO, Marcos. **A rainha de chuteiras: um ano de futebol na Inglaterra.** 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.
- ALVITO, Marcos. **Sete a zero: A dona da bola e seus studios de futebol. Futebol é bom para pensar.** 04 de setembro de 2015. Disponível: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/sete-zero-dona-da-bola-e-seus-studios-de-futebol/> 24/09/2017.
- ALVITO, Marcos. **Norbert Elias, quem diria, explica o futebol parte I – O processo civilizador.** Novembro de 2015. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/norbert-elias-quem-diria-explica-o-futebol-parte-i-o-processo-civilizador/> Acesso em 24/09/2017
- ALABARCES, Pablo, ZUCAL, Jose Garriga e MOREIRA, María Verónica. **El “aguante” y las hinchadas argentinas: Una relación violenta.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 113-136, jul./dez. 2008.
- AMARAL, Cacilda Mendes dos Santos; BASTOS, Flávia da Cunha. **Processo de modernização dos estádios de futebol.** Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos

Aires), v. 15, p. 1, 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd154/processo-de-modernizacao-dos-estadios-de-futebol.htm> Acesso em 24/09/2017

AMARAL, Thiago Trindade. **A Violência Entre as Torcidas da Dupla Gre-Nal**. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do RS; 2008.

AMIN, Samir. **Mundialização, crise e transição**. In. Revista Novos Rumos, v. 30, p. 73-85, 1999.

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo, in: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Orgs.). **Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

ARAÚJO, R. **Arenas esportivas: do Conceito Básico ao Estado da Arte**. In: RODRIGUES, R. P. (Org.). Legados de Megaeventos esportivos. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

BALE, John. **Sport, space and the city**. London: Routledge, 1993.

BANCHETTI, L. Deppa; MACHADO, F. M. . **O futebol rouba cena! O "estádio-monumento" enquanto palco de tensões sociais: o caso do Pacaembu**. Projeto História (PUCSP), v. 40, p. 447-459, 2010.

BANDEIRA, G. A.; BECK, M. P.. **As novas arenas e as emoções dos torcedores dos velhos estádios**. Esporte e Sociedade, v. 23, p. 1-12, 2014.

BARRETO, Túlio Velho; NASCIMENTO, C. F. B. do . **Os espaços físicos e o habitus dos torcedores brasileiros em estádios de futebol**. In: 35º Encontro Anual da Anpocs, 2011. Anais do 35º Encontro Anual da Anpocs, 2011.

BARROS, Ciro e AFIUNE, Giulia. **Estádio só pra rico?**. Disponível em: <http://apublica.org/2013/08/ingressos-disparam-nos-ultimos-dez-anos-brasil-novas-arenas-tem-precos-maiores-os-estadios-antigos-afastando-os-torcedores-tradicionais/> Acesso em 24/09/2017.

BECK, Matheus. **Estádios pós-modernos para um futebol hiper-real: análise comparativa das arenas para a copa do mundo de 2014**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Especialização em Jornalismo Esportivo, 2012.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

BLONSKI, Míriam Stella. **“Saci, de Monteiro Lobato: um mito nacionalista”**. Em Tese, Belo Horizonte, v. 8: p. 163-171, Dezembro, 2004.

BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. **Do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de 'atualização'**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, 2016.

BORGES, Fernando. **Amor ao clube ou ao bolso?**. Disponível em: <https://historiadosporte.wordpress.com/2015/11/09/amor-ao-clube-ou-ao-bolso/> Acesso em 24/09/2017.

BOURG, Jean-François e GOUGUET, Jean-Jacques. **Economia do Esporte**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

BROMBERGER, Christian. **Las multitudes deportivas: analogía entre rituales deportivos y religiosos**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 6 - N° 29 - Enero de 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd29/ritual.htm> Acesso em: 24/09/2017.

CAMARA, Mamadou e SALAMA, Pierre. **A inserção diferenciada – com efeitos paradoxais – dos países em desenvolvimento na mundialização financeira**. Boitempo Editorial, 2005.

CAMPOS, Flavio. **Arquitetura da exclusão: Apontamentos para a inquietação com o confronto**. In. CAMPOS, F.; ALFONSI, D. A. (Org.) . **Futebol Objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. **Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias**. p. 9, sd., p.09.

CARVALHO, José Eduardo de. **150 anos de futebol: Dinheiro**. Sesi-SP Editora, São Paulo, 2013.

CARVALHO, M. DE; SCHEERDER, J.; BOEN, F.; SARMENTO, J. P. **What brings people into the soccer stadium? (Part 1) The case of Belgium from a marketing perspective**. Leuven: Policy in Sports & Physical Activity Research Group, Department of Kinesiology, KU Leuven, 2013. IN. ROCCO JR., Ary José e MAZZEI, Leandro Carlos. **Os novos estádios e arenas do futebol brasileiro, o padrão Fifa e o consumidor do esporte: o legado da Copa do Mundo 2014 e suas aproximações com o entretenimento**.

CASTILHO, Denis. **Os sentidos da modernização**. Boletim goiano de geografia. Goiânia, v. 30, n. 2, p. 125-140, julho/dezembro, 2010.

CERETO, M. P.. **Arquitetura de Massas: o caso dos estádios brasileiros**. Porto Alegre, RS, 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CHESNAIS, François. **Mundialização: o capital financeiro no comando**. Revista Outubro, número 5, 2005a.

CHESNAIS, F. **O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos**. In: CHESNAIS, F. (Org). A finança mundializada. São Paulo: Boitempo, 2005b.

CONSTANTINO, José Manuel - **Dentro e fora do estádio: o espetáculo, a globalização e o seu significado social**. Revista USP: São Paulo, n. 99, p. 31-44, setembro/outubro/novembro 2013.

COUTINHO, Carlos Nelson. **A época neoliberal: revolução passiva ou contra-reforma?**. (In) Novos Rumos. Marília, v. 9, Nº 1, P: 117 a 126, Jan-Jun, 2012.

CRUZ, Antônio Holzmeister Oswaldo. **A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005,

CRUZ, Antônio Holzmeister Oswaldo. **A virada econômica do futebol**. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

CURI, M.; et. al. . **Observatório do Torcedor: o Estatuto**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, p. 25-40, 2008.

CURI, Martin. Espaços da emoção: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública. 2012. 317 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

DALPIAZ, Jamile Gamba. **A indústria cultural e o rádio esportivo em Porto Alegre: o caso da Rádio Guaíba**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.

DAMO, Arlei. **O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica.** Razón y Palabra, v. 69, p. 1-25, 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DIEESE, **Salário mínimo: instrumento de combate à desigualdade.** São Paulo: DIEESE, 2009.

DIENSTMANN, Claudio. **História de uma paixão.** Porto Alegre: LP&M, 2002.

DIETSCHY, Paul. **¿Globalizando el fútbol? La fifa, Europa y el mundo del fútbol no europeo, 1912-1974.** Revista ISTOR, ano XV, número 57, verão 2014.

DUMENIL, Gerard e LEVY, Dominique. **Neoliberalismo – Neo-imperialismo.** Economia e Sociedade, Campinas, v.16, n.(1). p. 1-19, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ecos/v16n1/a01v16n1.pdf> . Acesso em 24/09/2017.

ELIAS, Norbert. Introduccion. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio em El proceso de La civilizacion.** Fondo de Cultura Económica. México. 1992a.

ELIAS, N.& DUNNING, E. **A Busca da Excitação.** Difel, Lisboa. 1992b.

Elias, Norbert. **O Processo Civilizador – Uma História dos Costumes (vol. 1).** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAORO, Raymundo. Estudos avançados, 6 (14), 1992, p. 8

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol.** São Paulo. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais.** Canoas: Editora da Ulbra, 2002.

FERREIRA, João Sette Whitaker. **Apresentação, um teatro milionário.** In. Brasil jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas. Boitempo e Carta Maior, 2014.

FRAGA, Gerson Wasen. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950.** Porto Alegre: Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2009.

FRANCO JR., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

GAFFNEY, Christopher. **Temples of the Earthbound Gods: Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires.** USA: University of Texas Press, 2003

- GAFFNEY, Christopher ; MASCARENHAS, G. . **O estádio de futebol como espaço disciplinar**. In: Hollanda, B.B.B.; BURLAMAQUI, L. (Org.). Desvendando o jogo: nova luz sobre o futebol. 1ed.Niterói: Editora da UFF, 2014.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2004
- GASTAL, Delene de Souza. **Clubes, estádios e torcidas: a elite e o “povão” na história do Sport Club Internacional**. Porto Alegre. Monografia (Graduação) – Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- GASTALDO, E. L. . **Uma Arquibancada Eletrônica: reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil**. Campos (UFPR), Curitiba, PR, v. 6, p. 113-123, 2005.
- GASTALDO, E. L. . **Comunicação e Esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas**. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 8, p. 39-51, 2011.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GIGLIO, Sérgio Settani. **COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. 2013. 518 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GIGLIO, Sérgio Settani ; RUBIO, Katia . **As relações entre o COI e a FIFA e a formação da Copa do Mundo de futebol**. In: Sérgio Settani Giglio; Diana Mendes Machado da Silva. (Org.). O Brasil e as Copas do Mundo: Futebol, História e Política. 1ed.São Paulo: Zagodoni Editora, 2014.
- GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. **A produção das Ciências Humanas sobre futebol: um panorama (1990-2009)**. Revista de História (USP), v. 163, p. 293-350, 2010.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo, Nova Alexandria, 1999.
- GUAZZELLI, Cesar A. B. **500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “Província de Chuteiras”**. Anos 90, revista do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, 11, p.21–50, julho de 1999.
- HAGG, Fernanda. **Futebol e o giro neoliberal: apontamentos e o caso brasileiro**. PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 57-80, jan./jun. 2013.
- HARVEY, David. **O Neoliberalismo história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2005b.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O Breve Século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. O presente como história. In: HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Torcidas, hooligans e ultras: paralelos da problemática torcedora no Brasil e na França**. In: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Heloisa Helena Baldy dos Reis. (Org.). Hooliganismo e Copa de 2014. 1ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O fim do Estádio-nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014**. In: Flávio de Campos; Daniela do Amaral Alfonsi. (Org.). Futebol - objeto das ciências humanas. 1ed. São Paulo: Leya, 2014b.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980)**. *Brasiliana*, v. 5, p. 367-404, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; TEIXEIRA, R. C. . **Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo**. *ESPORTE E SOCIEDADE*, v. 11, p. 1-26, 2017.

JENNINGS, Andrew - **A máfia dos esportes e o capitalismo global**. In. *Brasil jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas*. Boitempo e Carta Maior, 2014.

LAGEMANN, Frederico. **Análise do sentimento de segurança dos torcedores no estádio de futebol : um estudo a partir da instituição do JECrim no Estádio Olímpico Monumental**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Ciências Sociais: Bacharelado. 2010.

LANFREDI, Luís Geraldo Sant´Ana. **Justiça desportiva no Brasil os juizados especiais criminais dos estádios de futebol exemplos de ação coordenada na busca da intangibilidade do fenômeno esportivo**. *Revista do Ministério Público do RS Porto Alegre* n. 66 maio 2010 – ago. 2010.



LOURENÇO, M. A. D. **Entre estádios e arenas: as Copas do Mundo no Brasil**. In.: GIGLIO, Sérgio Settani (Org.) ; SILVA, Diana M. M. (Org.) . O Brasil e as Copas do Mundo: Futebol, História e Política. 1. ed. São Paulo: Zagodoni Editora, 2014.

LUCE, Mathias Seibel. **Brasil: nova classe média ou novas formas de superexploração da classe trabalhadora?**. Trabalho, Educação e Saúde (Online), v. 11, p. 145-166, 2013.

MALAIÁ, João Manuel . **TV a Cabo e as 24 horas do Mundo Esportivo**. In: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; João Manuel C. Malaia Santos; Luiz Henrique de Toledo; Victor Andrade de Melo. (Org.). Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão. 1ed.Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, v. 1, p. 76-94.

MANZENREITER, Wolfram. **The business of sports and the manufacturing of global social inequality**. Esporte e Sociedade ano 2, n.6, Jul.2007/Out.2007. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es603.pdf> . Acesso em: 24/09/2017

MARCOS, Ruth. **Impacto de las grandes construcciones deportivas en las ciudades**. In: [http://www.ub.edu/escult/Water/waterf\\_06/W06\\_05.pdf](http://www.ub.edu/escult/Water/waterf_06/W06_05.pdf) n. 6, setembro 2004. p. 386-425. Acessado em 11/11/2013.

MARICATO, Emilia - **A Copa do Mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana**. In. Brasil jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas. Boitempo e Carta Maior, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. **A cidade e os grandes eventos olímpicos: uma geografia para quem?** . Lecturas Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. Año 8, n.78, 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd78/geo.htm> . Acesso em 24/09/2017.

MASCARENHAS, Gilmar. **A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade**; Espaço e Cultura. Espaço e Cultura (UERJ), v. 19-20, 2005.

MASCARENHAS, Gilmar. Cultura, globalização e futebol: comentários a partir do filme A copa. In: MELO, Victor Andrade de; ALVITO, Marcos. (orgs.). **Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. **Do Campinho ao grande estádio: lugares e expressões na cultura do futebol**. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares (Impresso), v. 4, p. 57-68, 2007.

MASCARENHAS, Gilmar. **Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje**. in: DEL PRIORI, Mary e MELO, Victor Andrade de. (orgs) **Historia do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MASCARENHAS, Gilmar. **Desenvolvimento urbano e os grandes eventos esportivos: o legado olímpico nas cidades**. In: MASCARENHAS, G.; BIENENSTEIN, G.; SÁNCHEZ, F. (Org.). **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: Eduerj - Faperj, 2011, v. 1, p. 27-39.

MASCARENHAS, Gilmar. **O ideário urbanístico em torno do olimpismo: Barcelona (1992) e Rio de Janeiro (2007)**. In: MASCARENHAS, G.; BIENENSTEIN, G.; SÁNCHEZ, F. (Org.). **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: Eduerj - Faperj, 2011, v. 1, p. 41-55.

MASCARENHAS, Gilmar. **O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios**. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 67-85, p.68-69.

MASCARENHAS, Gilmar. **Não vai ter arena?: Futebol e Direito à Cidade**. *Advir (ASDUERJ)*, v. 32, p. 24-38, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. **O direito ao estádio**, 2015. Disponível em: <https://medium.com/puntero-izquierdo/o-direito-ao-est%C3%A1dio-ae73eb43848f#.3afvkocgp> Acesso em: 24/09/2017.

MASCARENHAS, Gilmar, BIENENSTEIN, Glauco e SANCHEZ, Fernanda (org). **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: ed. Uerj, 2011.

MATTOS, César. **Broadcasting Football Rights in Brazil: The Case of Globo and “Club of 13” in the Antitrust Perspective**. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 337-362, abr.-jun. 2012.

MAZO, J.Z. **A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira**. Tese (Doutorado em Ciência do Desporto) – Faculdade de Ciências do Esporte, Universidade do Porto, Portugal, 2003.

MELO, M. P.. **A finança mundializada e a consolidação da hegemonia burguesa na fase atual do capitalismo**. *Emancipação (UEPG)*, v. 9, p. 09-25, 2009.

MELO, V. A.; COSTA, M. S. D. ; Fortes, Rafael ; SANTOS, J. M. C. M. **Pesquisa Histórica e história do esporte**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo, 2009.

MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça. Elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

OLIVEIRA, Eduardo Minossi de. **Do campo à arena: a transformação do papel dos estádios de futebol na dinâmica urbana em Porto Alegre, dos anos 50 aos dias de hoje**. Porto Alegre. Monografia (Graduação) – Bacharelado em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Nelma Gusmão. **Jogo espetáculo, jogo negócio**. In. Brasil jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas. Boitempo e Carta Maior, 2014.

OLIVEN, R. G.. **A Ideologia da Modernização**. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Ufrgs, Porto Alegre, v. 5, p. 157-161, 1977.

OURIQUES, Nilso. **O gol contra do rei: a Lei Pele e suas consequências**. Motrivivência. Florianópolis, v.11, n.12, 1999.

PADRÓS, Enrique Serra. **Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente**. Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 190-223, jan./dez. 2004.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

PEARSON & SALE "'On the Lash': revisiting the effectiveness of alcohol controls at football matches" in: Policing & Society, Vol. 21, No. 2, June 2011.

PIRES, Marcos Cordeiro. **A nova ordem mundial e o "Consenso de Washington"**. Revista Novos Rumos, São Paulo, v. 1, p. 20-29, 2006.

POCHMANN, M.. **Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. 1. ed. São Paulo: São Paulo, 2012.

PORTO ALEGRE. História dos Bairros de Porto Alegre. Moinhos de Vento. [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/historia\\_dos\\_bairros\\_de\\_porto\\_alegre.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf) Acesso em 24/09/2017

PORTO ALEGRE. Regiões da Cidade. Disponível em: [http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=17\\_0\\_0](http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=17_0_0) Acesso em 24/09/2017

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa**. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

PRONI, M. W. . **Economia do esporte: um campo em expansão**. In: Turtelli, S. R.. (Org.). Esporte em Foco. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

REIS, H. H. B.. **Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. 17, n.2, p. 85-92, 2003.

REIS, Heloisa. **O espetáculo futebolístico e o Estatuto de Defesa do Torcedor**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, n. 3, p. 111-130, maio 2010.

REIS, H. H. B.. **Lei Geral da Copa e o processo de criação da legislação sobre violência**. Movimento (UFRGS. Impresso), v. 18, p. 69-99, 2012.

Reis, Heloisa Helena Baldy; LOPES, F. T. P. ; MARTINS, M. Z. . **As explicações de Eric Dunning sobre o hooliganismo à luz do contexto brasileiro: uma reflexão crítica**. Movimento (Porto Alegre. Online), v. 21, p. 617-632, 2015.

RIBEIRO, L. C. **O futebol no campo afetivo da história**. Movimento (UFRGS), Porto Alegre, v. 10, p. 99-111, 2004.

RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. **Capítulos sobre a história do século XX**. Porto Alegre: Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2013.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

RODRIGUES, F. X. F.. **O Programa "Sócio-Torcedor" do Sport Club Internacional**. Aurora (PUCSP. Online), v. 9, p. 128-138, 2010.

RODRIGUES, A.L. ; SARRIERA, Jorge . **Padrões de Consumo de Álcool e Drogas em Jovens Torcedores de Futebol**. Psicologia: Teoria e Prática (Impresso), v. 17, p. 52-65, 2015.

RUFINO, Andressa. **Arena Multiuso: um novo campo de negócios**. São Paulo: Trevisan Editora Universitária, 2010.

SADER, Emir. **A trama do neoliberalismo, mercado, crise e exclusão social**. In. SADER, E. S. (Org.) ; GENTILLI, Pablo (Org.) . Pós-neoliberalismo. As políticas sociais e o Estado democrático. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. **A consolidação de um monopólio de decisões: A Rede Globo e a transmissão do Campeonato Brasileiro de futebol**. Dissertação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2013a.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. **A Rede Globo e a transmissão do Campeonato Brasileiro**. Revista EPTIC Online, São Paulo, v.15, n.3, p. 205-215, set.-dez. 2013b.

SANTOS, Daniel de Araujo dos. **Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol**. 148 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. 2012.

- SANTOS, I. S. C. . **For the love, not the money: futebol, produção do comum e direito à cidade.** Lugar Comum (UFRJ) , v. 48, p. 120-144, 2016.
- SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Tensões na consolidação do futebol nacional.** In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- SANTOS, T. C. **Globalização, mundialização e esporte: o futebol como megaevento.** In: ALABARCES, P. Peligro de gol. Estudios sobre deporte y sociedad em America Latina. Buenos Aires: Clacso, 2000.
- SARMENTO, C. E. B.. **A Regra do jogo: uma história institucional da CBF.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2007, p. 139.
- SCHWARTZMAN, S. **Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo.** São Paulo: Augurium, 2004.
- SEABRA, Daniel e RODRIGUES, Joana. **Futebol como um Ritual.** Revista Antropologias, nº 2, 1998.
- SILVA, Sílvia Ricardo da (et al). **As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo.** In Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 30, n.1, p. 9-24, set. 2008.
- SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **Megaeventos esportivos e o urbano: a copa do mundo de 2014 e seus impactos nas cidades brasileiras.** Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho), v. 10, p. 195-214, 2013.
- SOARES, Ricardo Santos. **O Foot-Ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903 – 1918.** Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2014, p. 56.
- SOUTTO MAYOR, S. T.; SOUZA NETO, G. J.; SILVA, S. R. **Dos novos e velhos territórios no futebol: interstícios reflexivos do torcer na transição estádio/arena.** Espaço Plural (Unioeste), v. XIV, p. 193-218, 2013.
- TEMPASS, Martin César. **Os Malditos da Coréia: um estudo antropológico sobre os torcedores da arquibancada popular do Estádio Beira Rio – Porto Alegre – RS.** 2003.

- TERRA, Eloy. **Freitas e Castro**. In **As Ruas de Porto Alegre**, AGE Editora – MMI, 2001,
- TOLEDO, L. H.. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.
- TOLEDO, L. H.. **Torcer: metafísica do homem comum**. Revista de História (USP), v. 163, p. 175-189, 2010.
- TOLEDO, L. H. . **Ritual sem dono, evento sem nome. Os segredos da transformação da Copa do mundo em um Mega Evento**. Revista Coletiva, Recife - PE, 11 set. 2012.
- TOLEDO, L. H.. **Torcedores e o mercado de bens simbólicos**. In: Flávio de Campos; Daniela Alfonsi. (Org.). **Futebol objeto das Ciências Humanas**. 11ed.São Paulo: Leya, 2014.
- WIKLICKY, Maurício. **Análise do planejamento estratégico como modelo de gestão do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense**. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em MBA em Gestão Empresarial) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.